





ANO 2009

VOL. 198

ANAIS  
DA  
ACADEMIA BRASILEIRA  
DE  
LETRAS

JULHO A DEZEMBRO DE 2009  
RIO DE JANEIRO

# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

## DIRETORIA DE 2009

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Diretor-Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*

Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*

Diretor dos Anais da ABL: *Eduardo Portella*

Diretor da Revista Brasileira: *João de Scantimburgo*

Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

---

Produção editorial: *Monique Mendes*

Organização dos Anais da ABL: *Monique Mendes e Jane Rodrigues dos Santos*

---

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar  
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (0xx21) 3974-2525 / Fax.: (0xx21) 2220-6695  
Correio eletrônico: [publicacoes@academia.org.br](mailto:publicacoes@academia.org.br)

(Este volume foi editado no primeiro semestre de 2011)

**ISSN 1677-7255**

---

Capa

*Victor Burton*

Editoração eletrônica

*ABL*

Revisão

*Jane Rodrigues dos Santos*

---

A Academia Brasileira de Letras não se responsabiliza pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

## SUMÁRIO

- Sessão do dia 2 de julho de 2009.....09
  - Parecer da Comissão do quadro de Sócio Correspondente
  - Professor Goffredo – *Artigo do Acadêmico Celso Lafer*
  - Rocha Pombo – *Estudo do Acadêmico Marco Maciel*
  
- Sessão do dia 9 de julho de 2009.....28
  - Monteiro Lobato e a ABL – *Estudo da Acadêmica Ana Maria Machado*
  - Nélida Piñon – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
  
- Sessão do dia 16 de julho de 2009 .....43
  - Concessão da Medalha João Ribeiro – *Parecer apresentado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier*
  - Luís Edmundo – *Estudo do Acadêmico Moacyr Scliar*
  
- Sessão do dia 23 de julho de 2009 .....55
  - Academia Brasileira de Letras – 112 Anos de fundação – *Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha*
  - Salim Miguel – *Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo*
  - Prêmio Machado de Assis na Casa de Machado de Assis – *Discurso do Sr. Salim Miguel*
  
- Sessão do dia 30 de julho de 2009 .....75
  - Doação – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*

- Sessão do dia 06 de agosto de 2009.....84  
Cadeira I – Sócio Correspondente – *Discurso proferido pelo Sr. Didier Lamaison*  
Recepção de Didier Lamaison – *Palavras do Acadêmico Ivan Junqueira*
- Sessão do dia 13 de agosto de 2009.....97
- Sessão do dia 20 de agosto de 2009..... 102  
José Murilo de Carvalho – *Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva*
- Sessão do dia 27 de agosto de 2009..... 107  
Abgar Renault – poeta-educador – *Estudo do Acadêmico Carlos Nejar*  
Academia Mineira de Letras – *Discurso do Acadêmico Domício Proença Filho*
- Sessão do dia 03 de setembro de 2009..... 125  
*O quadrado amarelo*, de Alberto da Costa e Silva – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*  
Alcides Maya ou alma bárbara – *Estudo do Acadêmico Carlos Nejar*
- Sessão do dia 10 de setembro de 2009..... 138
- Sessão do dia 17 de setembro de 2009..... 146  
Sessão de Saudade dedicada à memória do Acadêmico Antonio Olinto
- Sessão do dia 24 de setembro de 2009..... 172  
*Discurso do Sócio Correspondente Arnaldo Saraiva*  
Arnaldo Saraiva – *Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin*
- Sessão do dia 1 de outubro de 2009 ..... 195  
Oscar Dias Corrêa – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*  
Herculano Marques Inglês de Sousa – *Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho*
- Sessão do dia 8 de outubro de 2009 ..... 206  
Sr. jornalista Nelson Coelho da Silva – *Palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier*  
Medalha João Ribeiro – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*  
*Discurso do Senhor Nelson Coelho da Silva – Proferido em agradecimento à Medalha João Ribeiro*  
Alberto Faria – *Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier*

– Sessão do dia 15 de outubro de 2009.....	226
Prêmio Euclides da Cunha – <i>Parecer da Comissão</i>	
Aniversário de Antonio Houaiss – <i>Estudo do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco</i>	
– Sessão do dia 22 de outubro de 2009.....	245
Assembleia Legislativa de Minas Gerais – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	
I Encontro de Escritoras Brasileiras – <i>Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado Alcântara Machado</i> – <i>Estudo do Acadêmico Ivan Junqueira</i>	
– Sessão do dia 29 de outubro de 2009.....	260
– Sessão do dia 05 de novembro de 2009 .....	265
– Sessão do dia 12 de novembro de 2009 .....	276
<i>Marcos Vilaça, Singular e Plural</i> , de Marcos Vinícios Vilaça – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	
– Sessão do dia 19 de novembro de 2009 .....	287
Sobre a biblioteca Rodolfo Garcia – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	
Pessimismo e Esperança em Pereira da Silva – <i>Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier</i>	
– Sessão do dia 26 de novembro de 2009 .....	299
Manuel Antônio de Almeida – <i>Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho</i>	
– Sessão do dia 03 de dezembro de 2009 .....	310
Discurso em comemoração ao centenário da Academia Paulista de Letras – <i>Proferido pela Acadêmica Lygia Fagundes Telles</i>	
Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	
– Sessão do dia 10 de dezembro de 2009 .....	322
– Sessão do dia 16 de dezembro de 2009 .....	326

- Sessão do dia 17 de dezembro de 2009 ..... 329
  - Relatório das atividades da ABL em 2009 – *Lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira*
  - Discurso de despedida do Presidente Cícero Sandroni – *Proferido na sessão do dia 17 de dezembro de 2009*
  - Discurso do Presidente Marcos Vinícios Vilaça – *Proferido na sessão do dia 17 de dezembro de 2009*
- BOLETINS DE INFORMAÇÃO..... 355

## SESSÃO DO DIA 2 DE JULHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Hélio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário as versões resumidas das Atas das reuniões dos dias 18 e 25 de junho, que foram aprovadas. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que aniversaria no próximo dia 5 do corrente, e outra para o Acadêmico Ivo Pitanguy, que aniversaria no mesmo dia. Congratulou-se, em seu nome e no da Academia, com a Acadêmica Nélide Piñon, que foi eleita para o Quadro dos Sócios Correspondentes da Real Academia Espanhola no último dia 25 de junho passado. Disse tratar-se do primeiro brasileiro eleito para o Quadro de Sócios Correspondentes dessa importante Academia. Comunicou que, finalmente, depois de dois anos na burocracia estatal, o nome e o símbolo ABL receberam o registro do certificado de marca. O processo teve início em 2006, mas só agora foi concluído. A partir deste

certificado, a Academia tem o seu nome e o seu símbolo, e estes não podem ser utilizados por ninguém. Falou da necessidade desse registro, porque a Academia tem sido procurada por editoras que querem fazer livros na área da lexicografia e da gramática usando o símbolo da ABL. A Academia só permite a utilização desse logo quando o trabalho é da Academia ou tem uma significação muito importante para a Casa, como é o caso do *Vocabulário Ortográfico da ABL*, que detém todos os direitos autorais. Comunicou, a seguir, que recebeu uma carta do escritor Didier Lamaison agradecendo honrado a sua eleição para Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes da ABL. Será feita uma cópia desta carta para que os Acadêmicos tenham conhecimento do seu teor. Passou a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira para ler o parecer da comissão por ele nomeada para opinar sobre o nome apresentado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva para concorrer à Cadeira I6 do Quadro dos Sócios Correspondentes da ABL, na vaga deixada pelo escritor francês Maurice Druon.

- O Acadêmico Ivan Junqueira, relator da Comissão composta por ele e pelos Acadêmicos Sábato Magaldi e Evanildo Cavalcante Bechara, leu o parecer que ratifica o nome apresentado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente submeteu ao plenário o parecer sobre o nome apresentado. Não havendo nenhuma objeção, declarou-o aprovado e informou que os Acadêmicos serão informados sobre a data da eleição para a Cadeira I6 do Quadro dos Sócios Correspondentes. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs um voto de pesar pelo falecimento do Prof. Goffredo da Silva Telles Júnior, eminente professor da Faculdade de Direito de São Paulo, homem da maior importância no Direito e na Sociologia e que foi agraciado com o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes de 2001. Disse que quem esteve presente à sessão pode se lembrar da figura imponente de Goffredo da Silva Telles, com sua oratória brilhante e seus méritos de intelectual. Declarou que, mais do que possa dizer, prefere

pedir a transcrição em ata do artigo do Acadêmico Celso Lafer, publicado na *Folha de São Paulo* da última segunda-feira.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a lembrança desse voto de pesar pelo falecimento do Prof. Goffredo da Silva Telles Júnior e declarou que o artigo do Acadêmico Celso Lafer será não só incorporado à Ata, mas também aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Passou a palavra ao Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho comunicou que encerrou neste semestre sua carreira de docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disse que durante vários anos, com início bem anterior à sua eleição para a ABL, ensinou três disciplinas: História do Brasil no século XIX, História e Literatura e, a que mais lhe agradava, Pensamento social e político brasileiro, que ia da Independência até o ISEB. Afirmou que, olhando para trás e examinando a lista dos autores com que trabalhou na disciplina de Pensamento social e político, verificou que 28 deles pertenceram ou pertencem à Academia Brasileira de Letras. Concluiu que não se pode entender o Brasil através de suas representações sem que se conheça a obra de boa parte dos Acadêmicos, patronos e efetivos. Exemplificou que só no tema “escravidão” recorreu a Bernardo Guimarães, patrono da sua Cadeira, a Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, José de Alencar, José do Patrocínio e a um patrono que infelizmente não foi indicado por Sócio Efetivo, mas pelo Sócio Correspondente, Giosuè Carducci, que é José Bonifácio de Andrada Silva. Entre os intérpretes do Brasil, trabalhou Tavares Bastos, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Eduardo Prado, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Oliveira Viana, Raimundo Faoro, Celso Furtado, Vianna Moog, Affonso Arinos de Melo Franco, José Guilherme Merquior. Sobre outros temas da disciplina, teve a ajuda de João Francisco Lisboa, José Veríssimo, Rui Barbosa, Sílvio Romero, Olavo Bilac, Gilberto Amado, Roquette Pinto, Candido Motta Filho, Hélio Jaguaribe, Evaristo de Moraes. Lamentou que alguns nomes, poucos, mas importantes, de sua bibliografia não pertenceram a esta Casa, ou porque não foram escolhidos como patronos, ou porque não pleitearam a entrada, ou porque não foram eleitos. Entre os quais salienta o visconde do Uruguai, Justiniano José da Rocha, Manuel Bonfim

e Alberto Torres, que não foi eleito, apesar de terem pleiteado sua entrada: Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre. Disse ainda que concluiu sua disciplina discutindo o ISEB, sobretudo seus pensadores mais destacados, como Helio Jaguaribe e Cândido Mendes de Almeida, que felizmente estão aqui conosco, e ainda Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré. Declarou que, não podendo homenagear a todos os isebianos nesta tarde, nem mesmo aos que pertencem a esta Casa, se concentraria em Helio Jaguaribe em virtude da importância de sua obra para seu próprio trabalho, sem que isso implique qualquer desconsideração pela obra dos outros. Mesmo no caso de Helio Jaguaribe, limitar-se-ia à sua obra da época do ISEB. Quando aluno da Faculdade de Ciências Econômicas em Belo Horizonte, na década de 1960, os autores do ISEB eram leitura obrigatória. Em seu primeiro trabalho, publicado por Orlando de Carvalho na *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, já utilizou o conceito de Estado Cartorial, desenvolvido por Helio Jaguaribe. A obra de Helio que teve maior repercussão na época foi, sem dúvida, *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, de 1958, complementada, quatro anos depois, por *Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político*. Assinalou que *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira* causou grande impacto e provocou grande polêmica dentro do próprio ISEB, com sérias consequências para o futuro da instituição. Lendo-o hoje, longe das paixões da época, vê como seus grandes méritos: 1) O livro destaca-se em primeiro lugar por sua postura corajosa. Remava contra a corrente, adotando uma visão racional e pragmática do nacionalismo num momento em que o emocionalismo dominava o debate. 2) Também adotava uma premissa corajosa. Nacionalismo, segundo Helio, não era um fim em si mesmo, mas um meio, uma estratégia de desenvolvimento econômico. 3) O livro apresentava ainda uma visão histórica do Brasil. O país se encontraria numa encruzilhada em que se colocava uma opção entre a modernização capitalista impulsionada pelo Estado e o socialismo baseado no capitalismo do Estado. 4) Incluía também uma fecunda sociologia, uma visão da sociedade brasileira dividida não horizontalmente, em termos de classes sociais, mas verticalmente, ao longo de uma escala de modernidade. O nacionalismo, como estratégia desenvolvimentista, teria como portadores políticos os setores modernos da burguesia, do proletariado e da classe

média, em oposição aos setores arcaicos dessas mesmas classes. 5) Por fim, o livro continha uma proposta de ação política. Propunha a adoção de uma política racional e pragmática – sobretudo no que se referia ao petróleo, ao capital estrangeiro e às relações internacionais – voltada para o objetivo da modernização capitalista do Brasil, visando à eliminação das desigualdades internas e à redução da dependência externa. Salientou, concluindo, que as análises feitas na época por Helio Jaguaribe surpreendem, ainda hoje, por sua profundidade e lucidez, características responsáveis por sua vitalidade.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe pediu a palavra para agradecer as generosas considerações do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre o seu trabalho, que foram ditadas pela estima e pela amizade, e não por uma apreciação efetiva da sua obra.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet afirmou que o tema do ISEB é um tema fundamental como extraordinária máquina de pensar, fator tão decisivo no desenvolvimento político e ideológico do Brasil. Acha que a ABL deve aprofundar, com uma mesa-redonda sobre o ISEB, este debate que foi iniciado, aproveitando a presença de dois ilustres membros daquele Instituto, Helio Jaguaribe e Candido Mendes de Almeida, além de outros membros, como Oscar Lourenço Fernandes. Lembrou que, na mesma época em que o Acadêmico Helio Jaguaribe escrevia sobre o nacionalismo, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida escreveu o livro *Nacionalismo e Desenvolvimento*, um livro seminal recordado no período das comemorações da Livraria Leonardo Da Vinci. Naquela época, houve uma série de eventos e debates, e um deles foi uma mesa-redonda intitulada “Nacionalismo e Desenvolvimento”, em que os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Eduardo Portella e ele próprio tentaram fazer um balanço do que está vivo no pensamento isebiano sobre nacionalismo e o que já foi ultrapassado e que poderia ser transformado na realidade contemporânea, em suma, para mostrar que a problemática aberta pelo ISEB continua viva e quem sabe se a Academia poderia associar-se a essas comemorações.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e disse que acatará a sua sugestão de uma mesa-redonda para comemoração do ISEB.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida associou-se ao que foi dito sobre o Acadêmico Helio Jaguaribe e lembrou que Álvaro Vieira Pinto também é uma figura fundamental dentro deste quadro, sobretudo no que tange à noção de consciência crítica e de consciência ingênua. Tem a impressão de que, desde que o Acadêmico José Murilo de Carvalho mostrou a relevância dessa temática, todo o momento do pensamento brasileiro aí está. Por fim agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet ter lembrado o seu nome.
- O Presidente Cícero Sandroni lamentou, em nome de seus alunos, a aposentadoria na carreira docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro do Acadêmico José Murilo de Carvalho. Entretanto, fica satisfeito porque o Acadêmico terá mais tempo para ajudar a ABL. Lembrou que Barbosa Lima Sobrinho, em seu discurso de posse, disse que, se alguém quisesse estudar a História da Literatura Brasileira e das Ciências Sociais, teria que ler os discursos Acadêmicos. Acrescentou que o último livro da *Revista Fapesp* publicou uma excelente matéria sobre o Acadêmico Helio Jaguaribe, pois se ocupou não só de um perfil, mas também de sua rica biografia. Finalizando, disse que acompanhou Helio Jaguaribe antes do ISEB, no IBESP, e antes no grupo de Itatiaia, que se reunia para debater sobre o pensamento social e político brasileiro.
- O Acadêmico Evanildo Bechara trouxe três aspectos que resultaram da publicação do *VOLP*, principalmente pelo fato de, pela primeira vez, dentro desta reforma, a obra sair por uma editora. Várias editoras se consideraram prejudicadas economicamente porque a publicação do *VOLP* foi incontavelmente um sucesso da Casa e da Editora Global. Três pontos têm sido muito apresentados como crítica à elaboração do Acordo. O primeiro deles diz respeito à resistência portuguesa, que é apenas uma resistência a toda publicação em matéria de reforma ortográfica. Há pouco tempo, um jornalista publicou no jornal *O Globo* um artigo com o título “Portugal reage”, mostrando que corre em Portugal um documento que será assinado por

numerosas pessoas, da área e fora da área, contra a publicação do *Acordo Ortográfico*, e nesse artigo o articulista cita como grandes autoridades Carolina Michäelis de Vasconcelos e José Leite Vasconcelos. Mostrou o Acadêmico ao Presidente que o hábito de assinar documentos contra reforma ortográfica é antigo; em 1911, Carolina Michäelis fazia parte do grupo que propôs a reforma iniciada por Gonçalves Viana. Ela foi entrevistada e uma das perguntas do articulista foi qual teria sido a opinião do público sobre a reforma. Ela respondeu da seguinte maneira: “Naturalmente, as opiniões estão divididas, houve e há entusiastas, críticos, indiferentes e adversários. Reacionários rombos avessos a todo e qualquer progresso aos quais as quarenta e tantas regras mostraram, pela primeira vez, quantas e quais são as dificuldades da ortografia nacional, entendem que fomos nós que as inventamos, baralhando e complicando tudo. Constou mesmo que esses descontentes iam angariar assinaturas a fim de reclamar a revogação da portaria de 1 de setembro.” Isso em 1911, de modo que brigas desse tipo os portugueses têm procurado levar avante nas reformas de 1930, 1943, no Brasil, 1945, em Portugal, e agora de 1990 entre nós. A outra questão que tem sido trazida à baila é que a ABL, no tocante à implantação da reforma, procurou substanciar o *Acordo Ortográfico* naqueles pontos em que o *Acordo* ou cochilou, por erro de revisão, ou então se esqueceu de determinados fatos ortográficos. Entre os cochilos está a exemplificação **co-herdeiro**. Desde o tempo de Gonçalves Viana, **co-herdeiro**, como **co-herdar**, se escrevem sempre aglutinadamente no seu *Vocabulário Ortográfico e Remissivo*, publicado em 1912. Diz ele no prefácio que o *Vocabulário* foi preparado rigorosamente de acordo com as normas da reforma de 1911. Em 1940, com a participação do grande ortógrafo português Rebelo Gonçalves, procurou-se fazer uma diferença semântica do **co** significando “a par” e o **co** sem esta significação; mas esta distinção semântica é muito precária, porque o prefixo **co** significa, na essência, a “copresença”, de modo que essa copresença existe tanto em **co-herdeiro**, que é “herdar com”, como também em **co-habitação**. No entanto, a palavra **co-herdeiro** está separada por hífen com *h* inicial e a palavra **coabitação** está junta sem *h* medial. Salientou que o *Acordo* de 1990 está assentado em três bases fundamentais que lhe garantem o sucesso: a primeira base é a tradição ortográfica, a segunda base é a simplificação e a terceira base é a coerência, e, dentro desses três princí-

pios, que não estão expostos explicitamente no *Acordo*, mas estão tacitamente compreensíveis e estudados, podem-se resolver os problemas. Lembrou que há pouco tempo recebeu a ABL, no Setor de Lexicografia, a indagação de um consulente dizendo que a ABL tinha desrespeitado o texto do *Acordo* que está publicado no *Diário do Congresso* e iria fazer uma representação judicial contra a ABL. Escreveu-lhe o Acadêmico um longo artigo mostrando o seguinte: primeiro, que o texto do *Acordo* publicado no *Diário do Congresso* não está isento de erros e omissões; em segundo lugar, que a tradição ortográfica, desde 1911, é escrever **coerdeiro** e **coerdar** juntos; terceiro, se o **co** teria que levar hífen em **co-herdeiro** e **co-herdar**, o próprio Acordo de 1990 aceita o não emprego do hífen em **coabitar**. Se em **coabitar** tira-se o *b* e se juntam os dois elementos, como deixar **co-herdeiro** separado por hífen? Finalizando, mostrou que a ABL, em todas as suas manifestações, tem tentado resolver, dentro de critérios científicos, algumas falhas e algumas omissões do *Acordo*. Todavia, há um artigo que foi publicado no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em que um professor de português e doutor em Letras escreve dois artigos com o título “Não comprem o novo *VOLP*.” A fundamentação dos dois artigos se baseia no fato de que a ABL desrespeitou o *Acordo*, porque publicou a 5.<sup>a</sup> edição do seu *Vocabulário* antes que os países lusófonos publicassem um vocabulário ortográfico comum. Ele cita o art. 2.<sup>o</sup>, mas cita até o trecho que interessa às suas considerações. Ressaltou que as denominações geográficas precisam ser normalizadas, assim como as da botânica, física, química, medicina etc. O professor chega a dizer o seguinte, provocando a instituição: “Nossa Academia ou por estultice ou por esperteza, tanto faz, pois a vergonha que sinto é a mesma, respondeu que o vocabulário comum já estava pronto, só faltava o vocabulário de nomes próprios.” Diante da falta de veracidade dos dois títulos e porque se esperava de um doutor em Letras que entrasse ou com uma crítica honesta do Acordo de 1990 ou das soluções que a ABL apontou por intermédio de seus representantes no Setor de Lexicografia e Lexicologia, disse que queria dar uma satisfação ao Plenário pelo fato de não ter respondido a este último critério.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier pediu um voto de pesar pelo falecimento do Deputado José Aristodemo Pinotti. Expressou a grande honra de ter sido

seu amigo, frequentando juntos em São Paulo muitas reuniões do Instituto Metropolitano de Altos Estudos, por ele presidido. Aprendeu a admirar o caráter, a sensibilidade e a competência do Prof. Pinotti, que era membro da Academia Nacional de Medicina. Ficou profundamente chocado com o seu falecimento, não só como amigo, mas pelas circunstâncias em que se deu. Lembrou sua trajetória profissional como Professor Catedrático da Universidade de São Paulo, Reitor da Unicamp, Secretário de Estado de Educação de São Paulo, Secretário de Estado de Saúde e grande incentivador do Hospital Pérola Byington - Centro de Referência da Saúde da Mulher, que é considerado um modelo da América Latina. Um homem que salvou dezenas de vidas, porque era cirurgião e especialista em câncer de mama. Este homem acabou vítima do mal que ele curava, teve um câncer de pulmão e, de três meses para cá, quando isto aconteceu, o acompanhou de perto. Houve a metástase e, lamentavelmente, faleceu ontem, sendo enterrado no Cemitério da Consolação. Finalizando, disse que José Aristodemo Pinotti escreveu 54 livros, teve uma vida pública muito bonita, inclusive como Deputado Federal. Era um homem que o Brasil admirava profundamente. Considero-o um verdadeiro intelectual. Em homenagem à memória dele e ao que fez pelo país, num terreno delicado como é o da Oncologia, propôs que a ABL enviasse à família e à Academia Nacional de Medicina um voto de pesar por essa perda que entristece o País. Disse, emocionado, que ficaria contente se a sua proposta fosse acolhida.

- O Acadêmico Marco Maciel subscreveu as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier, pois teve o prazer de conhecer o Deputado José Aristodemo Pinotti na época em que foi Ministro da Educação e ele, Reitor da Unicamp. Via no Professor Pinotti um grande médico que desenvolveu técnicas modernas no tratamento do câncer, especialmente no câncer de mama, e que também citava, de forma muito discreta, um exercício da profissão voltado para os pobres, como ocorre no Hospital Pérola Byington.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu aos Acadêmicos Marco Maciel e Arnaldo Niskier pelo que disseram sobre o Deputado José Aristodemo Pinotti, um homem voltado para a política e com um trabalho muito bonito no campo da Medicina.

- O Acadêmico Moacyr Scliar deu o testemunho de que o professor José Aristodemo Pinotti, na área da saúde pública, foi também muito importante.
- O Acadêmico Marco Maciel falou, no Capítulo das Efemérides, sobre Rocha Pombo. Ressaltou o humanista e o escritor cuja atividade pervadiu quase todos os campos da literatura – poeta, contista, jornalista, romancista, professor e dicionarista, uma vez que ele nos legou um *Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa*, além de uma coleção de obras em múltiplos campos do fazer literário, o que o qualifica, enfim, como um polígrafo. Versou predominantemente sobre história, inclusive da América, do Brasil, da sua província natal – o Paraná – e dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Norte. (Por determinação do presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico Evanildo Bechara parabenizou a apresentação do Acadêmico Marco Maciel e lembrou que, por uma injustiça da vida, porque os livros têm o seu destino, o *Dicionário de Sinônimos* de Rocha Pombo é dos primeiros a estabelecer o equilíbrio semântico de cada sinônimo. De um modo geral, os dicionários apenas arrolam a sequência de palavras consideradas sinônimos daquela. O dicionário de Rocha Pombo, que só teve uma edição, procura estabelecer diferenças de franjas semânticas de cada palavra que está arrolada no grupo geral de seus sinônimos. Mais recentemente, o último que faz isso é o dicionário de sinônimos de Antenor Nascentes. Sugeriu que a Academia, numa das oportunidades, providenciasse uma nova edição do *Dicionário de Sinônimos* de Rocha Pombo.
- O Presidente Cícero Sandroni aceitou a sugestão do Acadêmico Evanildo Bechara e encareceu ao Diretor de Publicações, Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que tomasse providências para a publicação da 2.<sup>a</sup> edição do *Dicionário de Sinônimos* de Rocha Pombo.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que o *Dicionário de Sinônimos*, de Rocha Pombo, distinguia os sinônimos imperfeitos e deu o exemplo de que ele estabelecia a diferença entre túmulo, sepulcro, tumba, jazigo e mausoléu.

- O Acadêmico Evanildo Bechara disse que, apesar de diferentes, têm eles o mesmo conteúdo.
- Agradecendo as presenças, o Presidente discorreu sobre a programação das próximas semanas e deu por encerrada a sessão.

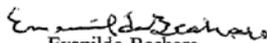


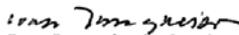
PARECER

Esta Comissão ratifica o nome do escritor português José Saramago para o quadro de sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras na vaga aberta com o falecimento do escritor e acadêmico francês Maurice Druon, que ocupava a cadeira nº 16.

Prêmio Nobel de Literatura em 1998 e romancista já traduzido em dezenas de idiomas, José Saramago é hoje um dos escritores mais lidos do Ocidente, tendo publicadas no Brasil nada menos que 24 de suas obras, a última das quais, *A Viagem do Elefante*, lançada nesta Academia em novembro de 2008. Reconhecido no mundo inteiro como um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa no século XX, José Saramago dispensaria, em rigor, quaisquer apresentações ou justificativas que o credenciassem à disputa de uma das vagas no quadro de sócios correspondentes. Sua vasta obra de romancista e o reconhecimento internacional de que hoje desfruta seriam o bastante para que sua indicação mereça plena acolhida por parte desta Casa.

  
Sábio Magaldi (Presidente)

  
Evanildo Bechara

  
Ivan Junqueira (Relator)

Rio de Janeiro, 2 de julho de 2009

## PROFESSOR GOFFREDO

*Artigo do Acadêmico Celso Lafer\**

O professor Goffredo, que acaba de nos deixar, foi ontem velado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que, para ele, representou, como disse no seu livro *A Folha Dobrada*, a sede mobilizadora do perfazer da sua vida. Nada mais pertinente que ele tenha sido velado nas Arcadas, pois a faculdade foi a sua alma *mater* e por ela ele velou. Velou pelas suas tradições, velou pelo sentido histórico do seu papel libertário na vida brasileira, velou pela formação de incontáveis gerações de alunos que seguiram os seus cursos, durante 45 anos de magistério.

O professor Goffredo foi o professor de Introdução ao Direito, mas, mais do que um grande professor desta matéria, foi o responsável pela iniciação à beleza do direito. Destacava o sentido do direito como a disciplina da convivência humana animada pela liberdade e pela justiça, que são os valores que explicam o que é o direito, ou seja, o certo. Por isso dizia que o direito, o bom direito, como o amor, brota no coração dos homens.

Dá um amor *mundi*, que explica a sua devoção aos direitos humanos e o seu amor a um Brasil democraticamente regido pelo Estado de Direito, que é a lição profunda da sua “Carta aos Brasileiros” lida no pátio da faculdade, em 11 de agosto de 1977, no sesquicentenário da fundação dos cursos jurídicos em nosso país e que foi um marco histórico e político da redemocratização brasileira.

---

\* Publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, de 29 de junho de 2009.

O professor Goffredo tinha o gosto e o dom da palavra associados ao rigor do pensamento e à clareza da exposição. As suas aulas tinham a beleza da obra de arte, pois combinavam uma eloquência desataviada provida do sal da emoção. Eram proferidas por um ser humano de rara elegância e perfeita civilidade. Tinham o lastro da exemplaridade de sua constante preocupação com a conduta ética. São estas dimensões que também foram a marca identificadora da sua presença e da firmeza das suas posições como intelectual público no espaço público da palavra e da ação em nosso país.

O professor Goffredo foi o paraninfo da minha turma na faculdade, a turma que se formou no final do turbulento ano de 1964. Assistimos, como seus alunos, à grande oração que proferiu em homenagem à memória de Spencer Vampré, o seu antecessor na disciplina de Introdução. Nesta oração, disse que Vampré se dedicou a plantar rosas no pátio de pedra da faculdade. Foi o que igualmente fez com amor, devoção e sabedoria o professor Goffredo. Daí a sua aura e por isso ele é o mais emérito dos professores eméritos das nossas Arcadas.

## ROCHA POMBO

*Estudo do Acadêmico Marco Maciel\**

*A história – observara, com propriedade, Jacques Maritain – não esgota o homem. O tempo histórico, afinal de contas, é apenas tempo. Mas o papel do historiador pode ser considerado fundamental para a formação da consciência nacional de um povo.*

O Acadêmico José Murilo de Carvalho, em artigo intitulado “Lembrança de outro Carnaval”, publicado na *Folha de S. Paulo*, edição de 5 de janeiro de 2003, afirma que:

Um historiador não observa os acontecimentos com microscópio. Ele os vê através das lentes de um binóculo, assestado ao mesmo tempo para o presente e o passado. Talvez por vício de formação, desconfia de profecias sobre mudanças radicais, sobre rupturas drásticas. Continuidades existiram.

Diz Mestre José Murilo: “Existiram até nas grandes revoluções, como a francesa e a russa”. Aliás, assim também entendeu Gilberto Freire, ao reconhecer ser o tempo tríplice, pois há, enfim, uma interposição entre presente, passado e futuro.

O primeiro brasileiro, como sabemos, a perquirir e escrever sobre a história de nosso país foi Frei Vicente do Salvador, no século XVII. A sua *História do Brasil* somente foi publicada muitos anos após nos *Anais* da Biblioteca Nacional,

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 2 de julho de 2009.

em 1888, depois comentada por Capistrano de Abreu. Antes de Frei Vicente do Salvador, foi a época de cronistas, entre eles Gabriel Soares, Pero de Magalhães Gândavo, os jesuítas e outros.

Faço tais considerações para registrar a passagem da efeméride alusiva ao professor José Francisco da Rocha Pombo, nascido na cidade de Morretes, no Paraná, em 1857, e morto no Rio de Janeiro, em 1933.

Humanista, Rocha Pombo foi um escritor cuja atividade pervadiu quase todos os campos da literatura – poeta, contista, jornalista, romancista, professor e dicionarista, uma vez que ele nos legou um *Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa*, além de coleção de obras em múltiplos campos do fazer literário; enfim, um polígrafo. Versou predominantemente sobre história, inclusive da América, do Brasil, da sua província natal – o Paraná –, e dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Norte.

Ao transferir-se de Curitiba para o Rio de Janeiro, em 1897, tratou de produzir livros como *Notas de Viagem ao Norte do Brasil* e obras sobre a história de diversos Estados. *Nossa Pátria*, literatura infantil, por outro lado, com mais de 60 edições, consagrou-o perante as novas gerações.

Habilita-se a lecionar no Colégio Pedro II e na Escola Normal, ambos os educandários estabelecidos no Rio de Janeiro.

Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, este escritor deixou-nos, entre dezenas de publicações, *No Hospício* que, para alguns, aproximava-se da literatura fantástica, e *Nossa Pátria*.

No primeiro ano do século XX, em 1900, publicou o livro *O Paraná no Cinquentenário*, versando a respeito da autonomia de sua terra.

No Paraná, buscou fundar uma universidade privada, contudo sem alcançar êxito, senão após a Proclamação da República.

Nas suas incursões na política, era um vigoroso adepto das propostas abolicionistas e republicanas. Criou com esse objetivo, no Estado natal, um jornal semanal em que propagava tais postulados, afinal vitoriosos no fim do século XIX.

Rocha Pombo escreveu a *História do Brasil*, sua obra de maior relevo. No Colégio Nóbrega, dirigido pelos jesuítas, no Recife, no qual fiz os cursos secundário e o clássico, o livro era objeto de leitura e reflexões.

Seu primeiro estudo sobre a instrução pública, datado de 1879, mereceu publicação na revista fluminense *A Escola* e foi transcrito na *Revista del Plata* de Buenos Aires. Seu interesse volta-se, igualmente, para tratar de questões culturais diversas, tais como, as intituladas *Supremacia do Ideal* e *Religião do Belo*, de permeio com preocupações sociais expressas especialmente no romance *No Hospício*.

Rocha Pombo continua a ilustrar a galeria dos historiadores brasileiros, inclusive nesses férteis tempos em que a nossa historiografia se enriquece com expressiva relação de autores como: Oliveira Lima, José Honório Rodrigues, Pedro Calmon, José Murilo de Carvalho, Helio Jaguaribe, Evaldo Cabral de Melo, Candido Mendes e Affonso Arinos, ao lado de tantos outros que alcançaram destacada projeção na análise e interpretação do processo de formação da nacionalidade brasileira e de seu travejamento institucional.

O interesse de Rocha Pombo pela historiografia não foi uma vocação temporã: ocorreu-lhe aos 32 anos de idade, inicialmente com a sua *História da América*, publicada coincidentemente no ano da Proclamação da República, por ele tão almejada.

Rocha Pombo, como sabemos, faleceu antes de empossar-se na Academia Brasileira de Letras. Sucedeu-o Rodolfo Garcia, reputado historiador, antigo Diretor do Museu Histórico Nacional – substituindo Gustavo Barroso, que fora demitido do cargo por motivos políticos – e da Biblioteca Nacional.

Ao falar, Rodolfo Garcia, no momento de assumir sua Cadeira na ABL, afirmou que Rocha Pombo fizera o que estava a seu alcance:

Por impossibilidade de recorrer aos arquivos da Europa e por escassez de tempo compensada para frequentar os Arquivos Nacionais, ficou reduzido na elaboração de sua *História do Brasil* à contingência de aproveitar o que os outros preparavam, conforme honestamente declarou.

Afonso Taunay, autor da monumental *História Geral das Bandeiras Paulistas*, em II volumes, assim se refere a Rocha Pombo na recepção a Rodolfo Garcia: “Como historiador, realizou o que lhe era possível fazer, dentro da contingência dos fatos”. Ressalte-se, também, frase atribuída a Dom Pedro II: “É história do Brasil modesta, porém honesta”.

Não se deve menosprezar o extraordinário esforço de Rocha Pombo ao dedicar-se durante mais de uma década, de 1905 a 1917, para culminar sua *História do Brasil*, em dez volumes. É livro bem documentado e concatenado.

Rocha Pombo não pode deixar de merecer nossos louvores por sua dedicação e honestidade de toda uma vida, tornando-se um dos que trouxeram sua contribuição à historiografia brasileira.

Rodolfo Garcia deixou-nos um breve e denso depoimento sobre o ilustre paranaense:

... não há como desconhecer o extraordinário mérito da obra de Rocha Pombo, sua utilidade provada, os serviços prestados aos estudiosos, que a estimam entre todas congêneres. Se conferidas as estatísticas das Bibliotecas, verifica-se que sua *História do Brasil* é, nessa classe, o livro mais consultado e mais lido de todos da sua obra, o que significa popularidade e vale pela mais legítima das consagrações.

E acrescentou Rodolfo Garcia: “No gênero, a *História do Brasil* é a mais vasta, a mais considerável de nossa literatura, pela superfície imensa que cobre, das origens do Brasil aos dias presentes”.

Se, por um lado, se pretende acoimar de faltar rigor metodológico à *História do Brasil* do ilustre paranaense, não se deve deixar de exaltar o empenho com que se dedicou à tarefa de escrevê-la. Daí o prestígio de que o seu nome desfruta, mormente no Sul do País, especialmente no seu Estado – o Paraná.

Com respeito à Cadeira 39, ostenta – a partir de seu patrono Francisco Adolfo de Varnhagen e de seu fundador Manuel de Oliveira Lima, meu conterrâneo – uma característica: a de acolher historiadores como Alberto Faria, Rocha Pombo e Rodolfo Garcia, sem esquecer-se de mencionar igualmente o

fato de que a integraram os jornalistas Elmano Cardim, Otto Lara Resende e Roberto Marinho, pois o exercício da atividade dos profissionais de imprensa não pode deixar de ser entendida como uma forma de, ao analisar os fatos, por via de consequência, fazer história.

Rocha Pombo foi eleito em 1933 para a Cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras, em decorrência do passamento de Alberto de Faria. Não chegou, todavia, a empossar-se, uma vez que faleceu em 26 de julho daquele ano.

Evocar o transcurso dos 76 anos da morte de José Francisco da Rocha Pombo é ocasião para fazer memória da vida e, sobretudo de sua obra, por se tratar de notável contributo para a compreensão do processo de afirmação cultural do país e a indispensável vertebração de suas instituições.

## *SESSÃO DO DIA 9 DE JULHO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 2 de julho de 2009, que, após reparo feito pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, foi aprovada. O Presidente assegurou que a correção será feita. O Presidente em seu nome, da Diretoria e de todo plenário disse à Acadêmica Ana Maria Machado do grande pesar de toda esta Casa pelo falecimento do seu irmão, Nilo Martins, no último sábado. Na oportunidade, comunicou ao plenário que a Missa de 7.º dia de Nilo Martins será amanhã, dia 10, às 18 horas, na Paróquia São José, na Av. Borges de Medeiros, 2735, na Lagoa. Lembrou que, no dia 14 de julho, às 11 horas, sob a coordenação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, o Prof. Edgar Morin fará conferência na Sala José de Alencar sobre “O pensamento do Sul”. Informou também que na próxima quinta-feira, dia 16, às 15 horas, será feita a aposição do retrato do Acadêmico Marcos Vinícios Viçosa na Sala dos Presidentes, no 4.º andar do Centro Cultural da ABL. Pediu

aos Acadêmicos para chegarem um pouco mais cedo, a fim de que se possa prestar uma homenagem ao ex-Presidente desta Casa, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que até então resistia à aposição do seu retrato na Galeria dos Presidentes. No mesmo dia depois da sessão plenária, às 17h30min, haverá a inauguração da exposição comemorativa dos seus 70 anos. Informou, ainda, que entre os dias 20 e 23 de julho realizar-se-á, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o ciclo “A França volta ao *Petit Trianon*”, com duas sessões por dia: a primeira às 10h e a segunda às 11h 20min. Assinalou que, entre os oito conferencistas que vêm da França, encontra-se o escritor e tradutor Didier Lamaison, recentemente eleito para o Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia. Disse que, para esse ciclo, houve muita demanda, pois se inscreveram mais de oitenta pessoas. Comunicou, também, que no dia 24 de setembro realizar-se-á a posse do Sócio Correspondente Arnaldo Saraiva, na Cadeira 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes, sucedendo à Luciana Stegagno Picchio. Receberá o novo Sócio Correspondente o Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Prosseguindo, o Presidente deu início à eleição para a Cadeira 16 do Quadro dos Sócios Correspondentes na vaga do escritor Maurice Druon. O candidato apresentado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva é o escritor José Saramago. Nomeou para escrutinadores os Acadêmicos Moacyr Scliar e Antonio Carlos Secchin. Votaram por carta 27 Acadêmicos e dos presentes apenas 5 votaram pessoalmente, num total de 32 votantes. Procedeu-se a apuração que teve o seguinte resultado:

I.º escrutínio:

José Saramago .....28 votos

Em branco ..... 4 votos.

- O Presidente declarou eleito, com 28 votos, para a Cadeira 16 do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia o escritor José Saramago. O Presidente agradeceu o trabalho dos escrutinadores.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fez uma observação importante diante do fato de se ter Edgar Morin na ABL, seguido de François

L'Yvonnet. Informou que Edgar Morin receberá este ano um prêmio que a UNESCO só outorga de cinco em cinco anos, intitulado Prêmio Minerva. Trata-se de um prêmio sobre o pensamento de quem está essencialmente voltado ao seu tempo, e ele, com seus 88 anos, é um exemplo do que representa esta visão e esta perspectiva. Ao lado dele estará presente também François L'Yvonnet, que é o principal intérprete de Jean Baudrillard e Secretário-Geral da Academia da Latinidade. Finalizando, congratulou-se com o fato de que, falando sobre Laudelino Freire o Acadêmico Lêdo Ivo e sobre Rocha Pombo o Acadêmico Marco Maciel, a Academia Brasileira de Letras está começando uma política de memória, tirando do sepulcro alguns dos mais resignados escritores que pertenceram a esta Casa. Lembrou que há mais de 16 anos não ouvia falar de Laudelino Freire.

- O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que, pela primeira vez em 23 anos, falou sobre João do Rio.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin parabenizou a Diretoria pelo resgate das cores originais do *Petit Trianon* e esse esplêndido trabalho que vem muito a calhar, pois coincide com a vinda dos franceses ao seu polo de origem.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet parabenizou também a Diretoria pelo belo trabalho de restauro do *Petit Trianon*. Lembrou que a iluminação estava precária e as ferragens, oxidadas, por tudo isso deu os parabéns ao arquiteto Jayme Zettel e, sobretudo, ao Presidente, que tomou a iniciativa do trabalho.
- O Presidente lembrou que o trabalho foi planejado na gestão do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. A Diretoria atual resolveu contratar uma empresa especializada em restauração de prédios antigos para fazer o trabalho. Informou que, no subsolo do *Petit Trianon*, há um grande cofre que será também restaurado para abrigar as obras raras da Casa.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho associou-se aos elogios pela obra feita no *Petit Trianon*.
- A Acadêmica Ana Maria Machado, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Monteiro Lobato e a ABL. Em 1919, em plena campanha para a presidência da República, “a voz possante de Rui Barbosa retoma a imagem do

caipira de cócoras” – o Jeca Tatu que Monteiro Lobato criara anos antes em *Vélha Praga*, uma carta ao jornal *O Estado de São Paulo*. O texto de Lobato, da noite para o dia, fizera seu autor famoso e lhe abria as portas para outro artigo igualmente raivoso e impiedoso, *Urupês*, título que depois dará a seu primeiro livro de contos. Mas o destaque que lhe dá Rui Barbosa, em seu discurso de 1919 no Teatro Lírico, garante-lhe a projeção nacional e transforma Jeca Tatu em símbolo. O anti-herói subnutrido e anquilosado revive depois nas campanhas sanitaristas de Miguel Pereira e Belisário Pena, passando mais tarde, em revisões do próprio Lobato, de caboclo incendiário a vítima de verminoses e abandono, atingido pela perversidade econômica da estrutura agrária brasileira. E, para um olhar moderno, a condenação das queimadas como prática agrícola, feita por Lobato, há quase cem anos, na sua primeira versão do Jeca Tatu, tão elogiada por Rui Barbosa, aparece-nos também como profeticamente ciosa do Meio-ambiente e precursora das preocupações ecológicas. Os 90 anos, decorridos desde esse encontro entre o Acadêmico Rui Barbosa e o não acadêmico Monteiro Lobato, nos sugerem a oportunidade de evocar a relação do criador de Narizinho com a ABL. Há muitos equívocos nessa área. No esforço de desfazê-los, agradeço ao nosso querido Alberto Venâncio Filho por mostrar o caminho dos fatos, com elegância e delicadeza, somando-se ao zelo ímpar que sempre tem com tudo o que se refere à história de nossa Casa. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Moacyr Scliar parabenizou a Acadêmica Ana Maria Machado pela obra-prima que acabou de proferir e disse que, para os escritores da sua geração, que se formaram lendo Monteiro Lobato, fica patente a diferença entre o Lobato ficcionista infantojuvenil e o Lobato pensador da cultura brasileira. Como pensador da cultura brasileira, ele cometeu muitos enganos. Ressaltou que Ana Maria Machado começou a falar referindo-se a um personagem de Lobato que mostra a ambiguidade do escritor. Quando criou Jeca Tatu, ele o desprezava porque era o protótipo do preguiçoso sem iniciativa. O escritor tinha um desprezo aristocrático em relação ao próprio personagem que criara. Lembrou a época em que foi criada a Liga Brasileira do Saneamento, que marcou a história da saúde pública brasileira e

que reuniu técnicos e pensadores muito importantes, revelando, entre outras coisas, que o problema brasileiro é a doença. Foi quando Lobato mudou por completo a atitude dele em relação ao Jeca Tatu. Simultaneamente, ele se associou ao Laboratório Fontoura, e então milhares de opúsculos com a história de Jeca Tatu foram publicados. Era um homem que mudava de ideia, e não é impossível que a avaliação dele em relação à ABL seja prejudicada por essa incontinência verbal.

- O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que, quando trabalhava no jornal *A Manhã*, dirigido pelo Acadêmico Cassiano Ricardo, liderou a campanha para a eleição de Monteiro Lobato à Academia Brasileira de Letras. Monteiro Lobato já tinha aceitado a sugestão de Cassiano Ricardo quando, num encontro com Júlio de Mesquita, cujo jornal *Estado de S. Paulo* tinha sido desapropriado por Getúlio Vargas, perguntou-lhe: “Então você vai se sentar ao lado do homem que mandou prendê-lo?” Foi quando Monteiro Lobato mudou de atitude e rejeitou a ABL.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a Acadêmica Ana Maria Machado por trazer essa página bonita sobre Monteiro Lobato. Foi um grande homem, um grande escritor que não tinha medo de mudar de ideias. Toda literatura de Lobato faz dele um grande escritor brasileiro. Lembrou que a sua infância foi marcada pelas histórias desse escritor.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez um registro especial sobre o novo livro da Acadêmica Nélide Piñon, *Coração Andarilho*. Trata-se da magistral autora de vários livros de contos e de romances, além do volume de crônicas *O Presumível Coração da América*, quase todos eles *best-sellers*, de grande repercussão, traduzidos para o inglês, francês, italiano, espanhol e polonês. Nessas memórias, desfila a história de uma criança nascida no bairro carioca de Vila Isabel, do Carnaval de rua, da primeira viagem à Galícia – terra dos seus pais – quando percebeu ser o planeta muito maior do que aquelas terras que ela conheceria depois, numa vida sem fronteiras, como escritora independente e como cidadã do mundo. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que o Acadêmico Murilo Melo Filho deu muita importância à condição feminina da Acadêmica Nélida Piñon, como uma grande romancista, uma das seis maiores escritoras do Brasil. Ressaltou que a Acadêmica Nélida Piñon é um grande escritor, um escritor sem este selo do sexo. Não se pode limitar Nélida Piñon à sua condição feminina.
- A Acadêmica Nélida Piñon agradeceu o carinho dos Acadêmicos Murilo Melo Filho e Lêdo Ivo e à presidência do Acadêmico Cícero Sandroni.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva informou que comunicou ao Sócio Correspondente José Saramago, em Portugal, a notícia de que foi eleito nesta data, e este lhe pediu que transmitisse sua gratidão a cada um dos Acadêmicos e à Academia como um todo.
- O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou os Acadêmicos para a mesa-redonda em homenagem ao escritor uruguaio Mario Benedetti, no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h30min, da qual participam o Acadêmico Moacyr Scliar, os Srs. Eric Nepomuceno e Mário Pontes e o Cônsul do Uruguai, Alberto Guani.

## MONTEIRO LOBATO E A ABL

*Estudo da Acadêmica Ana Maria Machado\**

Em 1919, em plena campanha para a presidência da República, “a voz possante de Rui Barbosa retoma a imagem do caipira de cócoras”\*\* – o Jeca Tatu que Monteiro Lobato criara anos antes em *Vélba Praga*, uma carta ao jornal *O Estado de São Paulo*. O texto de Lobato, da noite para o dia, fizera seu autor famoso e lhe abria as portas para outro artigo igualmente raivoso e impiedoso, *Urupês* – título que depois dará a seu primeiro livro de contos. Mas o destaque que lhe dá Rui Barbosa, em seu discurso de 1919 no teatro lírico, garante-lhe a projeção nacional e transforma Jeca Tatu em símbolo. O anti-herói subnutrido e anquilosado revive depois nas campanhas sanitaristas de Miguel Pereira e Belisário Pena, passando mais tarde, em revisões do próprio Lobato, de caboclo incendiário a vítima de verminoses e abandono, atingido pela perversidade econômica da estrutura agrária brasileira. E para um olhar moderno, a condenação das queimadas como prática agrícola, feita por Lobato há quase cem anos na sua primeira versão do Jeca Tatu, tão elogiada por Rui Barbosa, aparece-nos também como profeticamente ciosa do Meio-ambiente e precursora das preocupações ecológicas.

Os 90 anos decorridos desde esse encontro entre o Acadêmico Rui Barbosa e o não acadêmico Monteiro Lobato nos sugerem a oportunidade de evocar a relação do criador de Narizinho com a ABL.

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 9 de julho de 2009.

\*\* LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*, São Paulo: Editora Moderna, 2000.

Há muitos equívocos nessa área. No esforço de desfazê-los agradeço a nosso querido Alberto Venancio Filho por me mostrar o caminho dos fatos, com elegância e delicadeza, somando-se ao zelo ímpar que sempre tem com tudo o que se refere à história de nossa casa.

Peço desculpas, se serei obrigada a fazer citações em que o escritor se refere a nós e ao que é nosso, com a demolidora irreverência emiliana que todos aprendemos a amar no contexto do Picapau Amarelo. No entanto, outro de seus personagens queridos, Tia Nastácia, com sua sabedoria popular paralela ao do camoniano Velho do Restelo, um saber só de experiência feito, talvez pudesse vir em nosso socorro com a lembrança do provérbio tradicional: “Quem desdenha quer comprar”. Um exame das relações de Monteiro Lobato com a Academia forçosamente deverá ter em mente esse lembrete.

Quando fui eleita para esta casa, uma afirmação se repetiu na imprensa. Disseram que a ABL rejeitou Monteiro Lobato e recusou sua presença entre nós. Não foi bem assim.

Em 1926, quando Lobato mal iniciava a obra infantil que iria consagrá-lo e era apenas um contista – ainda que muito bem sucedido nas vendas – candidatou-se à Academia na vaga de João Luiz Alves. Já vinha pensando nisso havia algum tempo. Numa carta a Godofredo Rangel em fevereiro desse ano, diz que essa era sua segunda aventura na Academia:

“Da primeira vez me apresentei e logo depois me arrependi e retirei a apresentação”.

Essa tentativa fora em 1922, quando ele tinha 40 anos. Mas o assunto devia continuar na pauta dos amigos porque alguns meses antes, em novembro de 1925, ele escrevera cheio de dúvidas, em outra carta a Rangel:

E a Academia? Perguntas. Não sei, Rangel. Tenho medo de academias. Toda academia é algemante, e não possuo o “feitio acadêmico”, já o disse o Vicente de Carvalho. A Academia é bonita de longe, como as montanhas. Azulzinha. De perto... que intrigalhada, meu Deus! Que pavões! Quanta gralha com penas de pavão lá dentro!... E depois, aquela farda! Já figuraste o grotesco do fardão? Eu, metido naquilo! Você, metido

naquilo! O Ricardo, metido naquilo, com o espadim de cortar papel à cintura... Não sei porque um acadêmico fardado me lembra caixão de defunto. Os galões, talvez.\*

Passou o Natal, passou o Ano Novo, vieram às férias de verão, com aquela modorra que fazia Pedrinho ter vontade de sair caçando saci em redemoinho, e Lobato novamente trata do assunto em carta a Godofredo Rangel, datada de 26 de janeiro de 1926:

Pois é. A vadiação forçada em que me encontro fez-me pensar em suicídio, não à moda do Ricardo, mas por meio da “imortalidade” acadêmica. Aquilo está se transformando em matadouro. Nossos “imortais” morrem como formigas. Há tantas vagas agora e tantas “quase vagas”, que num momento de desespero inscrevi-me. Visitas não faço, mas mandarei uma carta a cada um fazendo um gentil rapapezinho. Serão 37 cartas – e fazer mais que isso repugna-me. Quanto à farda, não visto. E nem tomo posse. Pronunciar um “discursão”, de casaca ou farda – nunca! Sei que está assentada a eleição de Ademar Tavares, mas quero ver. Estou com alguma curiosidade.

Foi quando, realmente, se candidatou. Confirmando o prognóstico, Ademar Tavares foi eleito com 23 votos. Mas foi uma disputa difícil, só decidida no terceiro escrutínio. Lobato partiu com 9 votos na primeira rodada, mas em seguida os votos se dispersaram e eram muitos candidatos. Entre eles, o futuro Acadêmico Carneiro Leão, que insistiu e posteriormente foi recebido pela casa. Lobato não conseguiu se eleger dessa vez. Não se sabe exatamente a causa: se porque não se empenhou mesmo, como dizia, ou se porque havia chegado a externar a seus eleitores as opiniões já citadas ou outras observações, como as feitas na já citada carta a Rangel, de fevereiro de 1926:

Desta vez foi o Leonídio Ribeiro, grande amigo daqui, quem me empurrou. Inscrevi-me, e cheguei mesmo a fazer duas ou três visitas. Mas a velha vergonha voltou. Larguei mão. Um dos meus competidores está se revelando prodigioso na cabala. Faz tudo quanto eu não tenho ânimo de fazer.

---

\* *A Barca de Gleyre*, p. 458.

Prossegue, com deliciosa ironia:

A força dele, porém, estava no ineditismo. Como não possuísse nenhuma obra que o exteriorizasse sobre forma gráfica, dele diziam os seus cabos eleitorais maravilhas: que era um gênio todo latências e, pois, merecia entrar como entraram Afrânio e Graça Aranha, esses dois que se “imortalizaram” inéditos, mas depois produziram coisas excelentes e desse modo perderam as aspas. Ora, você compreende que é difícil lutar com um homem assim, armado com armas em que eu não pego e tão tremendo de latências.

Essa derrota foi o bastante. Jamais quis se candidatar de novo. Não tendo entrado por aclamação, como talvez esperasse, consolidou sua atitude crítica, num misto de zombaria e desprezo. Fez como a raposa da fábula, diante das uvas que não alcançava com seus saltos, a desdenhar: “Estão verdes...”

Mas também tinha muitas outras coisas com que se preocupar. Sua campanha frustrada à Academia coincidira com uma temporada em que morou no Rio, escrevendo para a imprensa, criticando o governo de Artur Bernardes – entre outras coisas, por isentar de impostos os livros impressos em Portugal enquanto taxava a importação de máquinas gráficas e papel para livros a serem impressos no Brasil.

No meio de tudo isso, tinha de arcar com um compromisso pesadíssimo: conseguir pagar as dívidas da falência de seus empreendimentos editoriais – segundo Marisa Lajolo\*, em consequência da revolução de 1924, que paralisou São Paulo, de prolongada estiagem que trouxe um racionamento de energia elétrica e da política econômica que impôs restrições ao crédito. Diante dessas duas derrotas, Lobato fez sua escolha. Insistiu no projeto editorial, fundando a Companhia Editora Nacional em 1925, a pioneira das grandes editoras modernas do país. Mas desistiu do projeto acadêmico e não se candidatou mais.

Muitos anos depois, já em 1942, quando morreu Alcântara Machado, a Academia fez uma reforma em seu Regimento Interno. Seguiu a moda. Pelo mundo afora, regimes totalitários jogavam fora suas leis e as substituíam por

---

\* LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*, São Paulo: Editora Moderna, 2000.

outras. Seguiu o momento do país, no Estado Novo, que fizera sucessivas reformas constitucionais para implantar a ditadura de Vargas. E foi para eleger o ditador que se previu nesse novo regimento que 10 Acadêmicos poderiam apresentar um candidato sem que ele se inscrevesse e pleiteasse a Cadeira. Como homenagem, Vargas foi eleito, evidentemente. Em seguida, para dar legitimidade a esse processo espúrio, pretenderam apresentar o nome de Lobato em 1944, indicando-o para se eleger da mesma forma em outra vaga, numa espécie de “lavagem” eleitoral, avalizando o novo método de preenchimento das cadeiras. Os leitores, que conhecem os princípios éticos de Dona Benta e a radicalidade libertária de todos os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, bem podem imaginar a veemência com que o autor recusou a sugestão.

Ao comentar esses episódios, Alberto Venâncio conclui que, na verdade, não foi a Academia que rejeitou Lobato, mas Lobato que rejeitou a Academia. Em definitivo.

Isso não significa, porém, que não tenha mais pensado nela. Num de seus livros póstumos, *Histórias Diversas*, inclui-se uma história previamente publicada em Buenos Aires, *O Centaurinho* – mais um personagem que Monteiro Lobato acrescenta a seu elenco, num procedimento costumeiro dentro do universo do autor. Da ida ao país das Fábulas em *Reinações de Narizinho*, veio o Conselheiro, o inesquecível Burro Falante. Das aventuras que compõem as *Caçadas de Pedrinho*, ficou para sempre o rinoceronte Quindim no pasto do Picapau Amarelo. Agora, da mesma forma que *Memórias da Emília* reintroduzira, entre a turminha do sítio, um personagem encontrado de passagem em uma obra anterior – no caso, *Flor das Alturas* –, o anjinho de asa quebrada de *Viagens ao Céu*, em *O Centaurinho*, esse texto então inédito, Lobato traz mais um personagem para a sua galeria. Trata-se de Meioameio, o potro de centauro com quem Pedrinho, Emília e o Visconde fizeram amizade em *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

Talvez por influência do ambiente clássico da Grécia, será graças a ele que a ABL entrará na obra infantil de Lobato, associada a algumas deliciosas reflexões sobre a linguagem. Vale a pena ler o trecho, nas próprias palavras do autor:

Apesar da estranheza que era a presença de um centauro no sítio de Dona Benta, uma semana depois já estavam tão familiarizados com ele como se ali tivesse nascido e vivido a vida inteira.

– E em que língua se entendiam?

– Ora na “língua da Emília”, que era a “língua geral” de todos ali — o rinoceronte, a Vaca Mocha. A “língua da Emília” era uma mistura de português, castelhano, gíria, expressões inglesas como *all right*, *okay* e *mind your business* (cuide do seu nariz), tudo misturado com caretas, micagens e gestos de todos os tipos, pinotes, botamentos de língua, espirros e até pontapés. A palavra “atenção”, por exemplo, fora substituída por um pontapé na canela. Era tão expressiva a “língua da Emília” que um filósofo inglês, que pousou uma noite no Picapau Amarelo, disse mais tarde a Bernard Shaw: “A língua universal, com que há tanto tempo a humanidade sonha, não é em nenhuma universidade que se está formando, e sim no maravilhoso sítio de Dona Benta” – e consta que Bernard Shaw tomou a seguinte nota em sua carteira: “Descobrir Emília e conversar com ela”.

O que foi a vida de Meioameio no sítio de Dona Benta requer para ser contado um livro de trezentas páginas, e talvez um dia apareça com o título: “Um centauro no mundo moderno”; hoje vamos apenas narrar um casinho interessante que aconteceu:

Havendo o Visconde de Sabugosa entrado para a Academia Brasileira de Letras, Dona Benta fez questão de ir ao Rio, com todo o pessoal do sítio, a fim de assistir à cerimônia da posse. A eleição do Visconde correria muito barulhenta graças à oposição dos “imortais” que não tinham em casa filhos crianças e, portanto, ignoravam quem fosse o tal “sabugo científico”. Emília, empenhadíssima na vitória do Visconde, teve de desenvolver uma atividade prodigiosa na remessa de leitões assados, cestas de jabuticabas, linguiças de lombo, farinha de milho de beijuzinho, quartos de paca, pencas de codornas e perdizes – e até de cambadas de lambaris-do-rabo-vermelho (com algumas pirapitingas entremeadas), a fim de conseguir votos. “É pela boca que se pega o ‘imortal’”, dizia ela.

E é pela palavra que se pega o leitor, como sabemos todos nós que tivemos a felicidade de ler Lobato em criança. Com ou sem Academia.

## NÉLIDA PIÑON

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente.

Senhoras e senhores Acadêmicos.

Vou aproveitar este resto da nossa reunião para fazer um especial registro sobre o novo livro da Acadêmica Nélide Piñon que tive a oportunidade de ler, todinho, da primeira à última página, neste último fim de semana, em Teresópolis.

Trata-se da magistral autora de vários livros de contos e de romances, além do livro de ensaios *O Presumível Coração da América*, quase todos eles *best-sellers*, de grande repercussão, traduzidos, entre outros, para o inglês, francês, italiano, espanhol e polonês.

Nélide volve-nos agora, com o livro *O Coração Andarilho*, primeira incursão sua na memorialística e que serão continuadas em futuras edições.

Nessas memórias – minhas Senhoras e meus Senhores – desfila a história de uma criança nascida no bairro carioca de Vila Isabel, no Carnaval de rua, com a primeira viagem à Galícia – terra dos seus pais – quando percebeu ser o planeta muito maior do que aquelas terras, que ela conheceria depois, numa vida sem fronteiras, como escritora independente e como cidadã do mundo.

---

\* Proferidas na sessão do dia 9 de julho de 2009.

E ela prossegue nas citações de Kant, de Sêneca, de Baudelaire, nas lembranças do avô Daniel – cujo nome é um anagrama do seu, Nélida – e dos novos desafios que vão sendo vencidos.

Com este novo livro de memórias, aí está de volta a nossa Nélida, que, juntamente com Rachel de Queiroz, Dinah Silveira, Lygia Fagundes Telles, Zélia Gattai e Ana Maria Machado, constitui o grupo das seis maiores escritoras brasileiras.

Trata-se também de uma experimentada artista no uso da palavra e do idioma, que ela maneja com rara magia, e de uma admirável maestrina, à frente de uma orquestra de vernáculos, de metáforas e de expressões, conduzidos com invulgar competência.

Toda esta sua obra romanesca, desde o começo, assumiu uma posição de vanguarda e de renovação, no modelo do romance de ideias, com um texto e um estilo bem trabalhados, irônicos e mordazes, oscilando entre o encantador e o imaginário, na visão do homem presente e na antevisão do homem futuro.

Trata-se ainda da detentora de importantes prêmios literários, desde o “Mário de Andrade”, recebido em 1972, do “Golfinho de Ouro” e do “Jabuti”, até os consagradores prêmios internacionais “Juan Rulfo”, do México; “Gabriela Mistral”, do Chile; “Jorge Isaacs”, da Colômbia; “Rosalia de Castro” e “Mendez Pelajo”, da Espanha, além do importante “Príncipe de Asturias”, pelo conjunto de sua obra.

Trata-se também de uma catedrática da Universidade de Miami; escritora visitante das Universidades de Harvard, de Colúmbia, de Georgetown e John Hopkins; Doutora *Honoris Causa* da *Florida Atlantic University*, nos Estados Unidos; da *Université de Poitiers*, na França; das Universidades de Compostela, na Espanha e de Montreal, no Canadá.

Trata-se por último, da quarta escritora a ingressar nesta Academia Brasileira de Letras e da primeira a presidir-la, com brilho e correção, justamente no ano do seu Primeiro Centenário.

Cuidando de suas origens, senhor presidente, senhoras e senhores Acadêmicos, Nélida confessa que, “para sorte minha, fomos visigodos, celtas, gregos, romanos e árabes, antes de sermos iberoamericanos, mas sou, antes de tudo, uma escritora brasileira. Carrego nas costas o sentir arcaico de quem aspira a brisa vinda do litoral brasileiro, herdeira de todos os que nos cederam seus fundamentos civilizadores”.

Descendente de galegos, muito querida na Galícia, mas autenticamente carioca, Nélida é uma legítima legatária da herança, no plano brasileiro, de Cecília Meirelles, de Clarice Lispector e de Dinah Silveira de Queiroz e, no plano internacional, de Harriet Beecher Stower, das irmãs Ane, Emily e Charlotte Brontë, de Elizabeth Barret Browning, de Françoise Sagan e de Simone de Beauvoir.

Mas Nélida, igualmente, é digna de todas essas consagrações, pela sua maravilhosa existência como pessoa humana, agradável, jovial, simpática e otimista, merecedora de todo o nosso afeto, que, como pródiga e como perdulária, esbanja o seu imenso arsenal de cortesia, doçura, alegria e carinho.

E acontece que essa montanha de sentimentos está aqui bem perto de nós, em nossa Casa, ao nosso lado e à nossa disposição.

Dela e de sua extraordinária figura como escritora, como romancista e como intelectual, esta nossa atual geração de brasileiros tem justos e redobrados motivos de muita honra e de muito orgulho.

## SESSÃO DO DIA 16 DE JULHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 9 de julho de 2009, que foi aprovada. Pediu a seguir uma salva de palmas para o Acadêmico Marco Maciel, que aniversaria no dia 21, próxima terça-feira. Para os Acadêmicos que não puderam comparecer, deu notícias do sucesso que foi a conferência do Prof. Edgar Morin sobre “O pensamento do Sul”. Declarou ter sido um momento raro na Academia, com o Teatro R. Magalhães Jr. repleto e a Sala José de Alencar também. Assinalou que o Prof. Edgar Morin, que havia completado, na segunda-feira anterior, 88 anos, encontra-se em plena forma e fez uma brilhantíssima conferência. Lembrou, ainda, que do dia 20 a 23 de julho realizar-se-á, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o ciclo “A França volta ao *Petit Trianon*”, com duas sessões por dia: a primeira às 10h e a segunda às 11h20min. Os Acadêmicos

já receberam o programa, na sessão passada, mas qualquer dúvida poderá ser esclarecida no Departamento Cultural ou na Secretaria. Agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier o artigo do escritor José Saramago que recebeu por intermédio do escritor Antônio Valdemar, publicado no *Diário de Notícias* de Lisboa e que passou a ler: “Que se me perdoe a vaidade de o vir anunciar aqui: sou acadêmico correspondente da Academia Brasileira de Letras na vaga deixada pelo falecimento do escritor francês Maurice Druon, de quem recorde haver lido, há incontáveis anos, em edição portuguesa da Arcádia, se a memória não me falha, um romance intitulado *As grandes famílias*, na tradição da melhor ficção novecentista. Deu-me a agradável notícia Alberto da Costa e Silva, poeta de excelência, também embaixador, que o foi em vários países, entre os quais Portugal, historiador competente de temas africanos, leia, quem o ignore, por exemplo, essa obra notabilíssima que é *A Enxada e a Lança: a África antes dos Portugueses*. Eis-me portanto acadêmico no país que mais amo depois do meu, o Brasil. É como estar em casa, com a diferença, nada desprecienda, do afeto de que nos rodeiam, sentimento que a pátria às vezes se esquece de manifestar, como se ter-nos feito nascer em Lisboa ou na Azinhaga já fosse honra suficiente. Em Outubro lá irei, a apresentar um novo livro e a sentar-me à sombra da estátua de Machado de Assis. E ainda dizem que a vida não tem coisas boas...” Disse aos Acadêmicos que se desejarem poderão obter uma cópia do artigo na Secretaria. Lembrou ter sido distribuído aos Acadêmicos a correspondência da Sra. Jacqueline Penjon, membro da Diretoria do *Centre de Recherches sur les Pays Lusophones*, a propósito da esplêndida conferência do Acadêmico Alfredo Bosi intitulada “Um nó ideológico – reflexões sobre o romance de Machado de Assis”, proferida no dia 19 de junho na Universidade Paris III, na Sorbonne Nouvelle. Essa senhora é uma das convidadas para o encontro que vai se realizar no *Petit Trianon* a partir do dia 20 do corrente.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia o *Guia da Reforma Ortográfica*, que a seu ver trata-se de uma iniciativa merecedora de um elogio desta Casa. Disse que as Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), em colaboração com o Governo do Estado de São Paulo e o Museu da Língua Portuguesa, promoveram a edição desse Guia, que teve uma tira-

gem inicial de trinta mil exemplares, distribuídos pela rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Assinalou que o Prof. Edevaldo Alves da Silva, Presidente do Conselho da FMU, teve a delicadeza de enviar um exemplar desse Guia para a Biblioteca da ABL. Ao fazer esta apresentação, pediu que fosse considerada a possibilidade de felicitá-lo. Prosseguindo, contou que ontem, até a madrugada, ele e o Acadêmico Murilo Melo Filho estiveram em João Pessoa participando das comemorações do sexagésimo aniversário do *Correio das Artes*, suplemento literário, encartado semanalmente no jornal *A União*, que é o terceiro diário mais antigo do Brasil. Só perde para o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Discorreu sobre a simpática sessão que contou com a presença do Governador José Maranhão, todo o Secretariado e trezentas pessoas na casa onde morou o Acadêmico José Américo de Almeida. Disse ter sido uma reunião em que se viu o mais autêntico da cultura brasileira e a premiação daqueles que colaboram com o Suplemento. Logo após esse registro, encaminhou ao Presidente, e depois ao plenário, a proposta para a concessão da Medalha João Ribeiro ao professor, escritor e jornalista paraibano Nelson Coelho, superintendente do jornal *A União* e responsável pela ampla cobertura de atividades da ABL (O texto lido deverá ser incorporado aos *Anais*).

- O Presidente disse que a Diretoria acolhe a sugestão com relação ao livro e tem certeza de que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, na sua generosidade, em nada obstará ao fato de a Academia cumprimentar os editores deste *Guia da Reforma Ortográfica*. O Presidente, prosseguindo, manifestou a sua curiosidade em relação ao périplo dele e do Acadêmico Murilo Melo Filho em João Pessoa.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier declarou que o Acadêmico Murilo Melo Filho é um antigo aficionado pela vida paraibana e, ao mesmo tempo, muito querido na Paraíba. Partiram do Rio de Janeiro ontem, dia 15, às 9h, para o Recife, onde trocaram de avião e seguiram para João Pessoa. Hospedaram-se no Hotel Tambaú e, logo a seguir, participaram da solenidade. Finda a solenidade, o Governador os convidou para jantar com ele e a esposa. O jantar terminou por volta de 1h30min da madrugada de hoje. Dormiram de uma forma tranquila de 2h às 3h da madrugada. Às 3 horas acordaram, mas o

Acadêmico Murilo Melo Filho quis ainda comprar sorvetes com frutas da estação. Às 5h, pegaram o avião de volta e às 10h30min da manhã estavam chegando no Rio, lépidos e fagueiros, porque não podiam perder esta sessão, sobretudo por causa das homenagens ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- O Presidente lembrou ao Acadêmico Arnaldo Niskier que esta história de imortais é brincadeira, não pode ser levada a sério. Pediu ao Acadêmico Murilo Melo Filho que não fizesse mais uma extravagância dessa natureza.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que estava feliz porque voltou ao normal.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Arnaldo Niskier que, com relação à proposta da Medalha João Ribeiro, apresentasse à Diretoria uma proposta fundamentada.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier comunicou que a proposta está feita e foi entregue neste momento à Secretaria, que a encaminhará ao Presidente.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça falou sobre sua viagem à Espanha, informando ter duas vinculações dessa viagem com a Academia que muito lhe agradam. A primeira foi de trazer para a Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro do Acadêmico Lêdo Ivo, *La Aldea de Sal*, seleção de Guadalupe Grande e Juan Carlos Mestre, que encontrou em lugar destacado das livrarias de Barcelona. Este livro está apresentado como uma antologia e uma aproximação da ética emocional e do complexo mundo imaginário da poética de Lêdo Ivo. Tem uma edição caprichada que se insere numa política de editoras, meios acadêmicos e universitários da Espanha de editar autores de língua portuguesa que tenham relevo. Foi-lhe dito, e está escrito, que Lêdo Ivo é uma ponte de palavras por onde cruzam seres que nenhuma vez, até então, tinham sido nomeados. Teve esse prazer enorme de adquirir exemplares para a Biblioteca Lúcio de Mendonça da ABL e cumprimentou o Acadêmico Lêdo Ivo por esta conquista fora de portas. Outra notícia que divulga a ABL envolve o Embaixador Marco Cesar Naslausky, que teve a iniciativa de organizar, no Consulado do Brasil em Barcelona, um espaço que recupera e recorda João Cabral de Melo Neto, com poemas nas paredes, em apresentação

de alta qualidade, a mesa em que ele trabalhava, a máquina de datilografia e alguns dos livros que produziu; algo de muito bom gosto e que dignifica o Itamaraty. Trouxe para a Academia um CD-ROM com as fotos da sala e um livro, em edição trilingue, dedicado à Academia Brasileira de Letras, que é o *Ensaio* de João Cabral de Melo Neto sobre Joan Miró. O Embaixador Naslauský trabalhou com o Museu de Arte Moderna de Barcelona, que sempre preservou a figura de João Cabral aliada ao que produziram conjuntamente. Essa presença brasileira em Barcelona está acrescida agora pela expectativa da chegada do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que irá ao Instituto Miró para fazer conferências. Finalizando, pediu que se registrasse um voto de pesar pelo desaparecimento da Senhora Maria do Carmo Cavalcante de Albuquerque, mãe do escritor e professor Roberto Cavalcante de Albuquerque, premiado por esta Casa.

- O Presidente Cícero Sandroni recebe com pesar a notícia do falecimento da senhora Maria do Carmo Cavalcante de Albuquerque e providenciará manifestação da Casa. Ressaltou que o Acadêmico Lêdo Ivo expande no idioma espanhol a posição da literatura brasileira em expressões tão importantes como é a de sua obra literária.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lembrou que o Consulado Geral do Brasil em Barcelona é dos mais letrados do serviço diplomático brasileiro porque, além da presença marcante do Acadêmico João Cabral como Cônsul Geral, teve o Cônsul Francisco Alvim, poeta importante e um grande diplomata. Sugeriu ao Presidente entrar em contato com o Embaixador Jerônimo Moscardo, um homem de grandes iniciativas, para desenvolver um projeto de alcance um pouco maior e que lembre todos os lugares onde membros da ABL estiveram, na qualidade de representantes do serviço exterior brasileiro, estabelecendo uma parceria com o Ministério das Relações Exteriores e tentando, de alguma maneira, dar realce ao fato de que os membros do serviço diplomático brasileiro foram também membros da Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e disse que iria entrar em contato com o Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores. Informou que esteve com o Embaixador

Adhemar Bahadrian na ABL, e logo depois do almoço entrou em contato com esse departamento, que demonstrou interesse em colaborar com a ABL. Mencionou ainda que recebeu correspondência do Embaixador Viegas na qual relata que a Embaixada da Itália realizou trabalhos de traduções de obras brasileiras.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin lembrou o trabalho coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, *O Itamaraty na Cultura Brasileira*, um volume que reuniu ensaios nessa direção, e sugeriu que a ABL fizesse dele uma segunda edição.
- O Presidente Cícero Sandroni pediu ao Acadêmico Marco Maciel que falasse sobre o Ano Joaquim Nabuco.
- O Acadêmico Marco Maciel ressaltou que a Comissão do Centenário da Morte de Joaquim Nabuco seguiu o perfil adotado com relação ao Ano Machado de Assis. Propôs que, na primeira quinta-feira de agosto, a comissão fizesse uma reunião e encareceu algumas propostas e sugestões para que a efeméride não passe despercebida. Sugeriu que a Comissão entre em contato com a Fundação Joaquim Nabuco e a Casa de Rui Barbosa, porque grande parte do acervo da obra desse Acadêmico se encontra nessas instituições.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta sugeriu a reedição do livro *Pensées détachées et souvenirs*, escrito em francês por Joaquim Nabuco e publicado em Paris. Um livro absolutamente extraordinário que mostra o filósofo que ele foi e a sua preocupação metafísica e religiosa.
- O Acadêmico Lêdo Ivo também propôs que a Academia publicasse um pequeno livro do jornalista pernambucano Aníbal Fernandes sobre Joaquim Nabuco, produto de uma palestra feita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1946 e que, na sua opinião, é um dos melhores trabalhos já escritos sobre Joaquim Nabuco.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou que há dois anos, quando a ABL estava preparando o Centenário de Machado de Assis, o Acadêmico Ivo Pitanguy fez um discurso lembrando que Nabuco iria comemorar o centenário logo em seguida, portanto acha a inclusão do nome do Acadêmico nessa Comissão uma questão de justiça.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony e pediu a todos os Acadêmicos que enviem sugestões para a Comissão Joaquim Nabuco.
- O Acadêmico Moacyr Scliar, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Luís Edmundo. Jornalista, poeta, cronista, memorialista, teatrólogo e orador, nasceu no Rio de Janeiro, a 26 de junho de 1878, e faleceu na mesma cidade em 8 de dezembro de 1961. Eleito em 18 de maio de 1944, para a Cadeira 33, na sucessão de Fernando Magalhães, foi recebido, em 2 de agosto de 1944, pelo Acadêmico Viriato Correia. A visão de Luís Edmundo acerca do Rio de Janeiro era fundamentalmente realista, como o mostra este pequeno trecho de *A Corte de João VI no Rio de Janeiro*: “No quadro maravilhoso da natureza, a cidade é um contraste. É uma mancha brutal na paisagem radiosa. A casa é feia. A rua é suja. O conjunto exaspera. Tudo conspira contra o povoado infeliz: o clima, clima abrasador e ardente, as montanhas que o cercam e o encantonomam e o sufocam, o chão úmido e verde, o paul onde ele se assenta, o desasseio gerado pelo próprio homem.” E em seu discurso de posse: “O Rio de Janeiro, pela aurora do século que corre, ainda conservava o mofo dos velhos tempos coloniais. É o Rio do Presidente Campos Salles, do quiosque, do bigode, dos elegantes de sobrecasaca cortada em pano inglês, cartola e botinas de verniz que, sob o fogo cruel de estios apavorantes, bem como salamandras, cruzam, tranquilamente, a Rua do Ouvidor. Tempo em que as mulheres vestem compridas e rodadas saias e usam cinturas de marimbondo, leque, e uns trágicos chapéus que não lhes entram, nunca, na cabeça, todos em pluma e fita, de forma e de tamanho sobrenaturais. Tempo em que o progresso ronda a entrada da barra, mas não entra, da casa feia e sem conforto, da rua estreita ou desarborizada, do bonde de tração animal, dos saraus em família obrigados à ceia com porco assado, líricos discursos e assembleias em salas de visita que se ornamentam com flores de papel pelas paredes, se iluminam a querosene ou a gás, salas onde os namorados, com dramaticidade e piegas ternura, recitam, de mão ao peito e olho de carneiro morto, versos de Castro Alves, de Fagundes Varela e Casimiro de Abreu. Vive o povo esperando o Carnaval, os balões e as fogueiras de Santo Antônio e São João, enquanto que a bubônica, a amarela e outras epidemias dão trágicos festins

pela cidade. Vivem os moços, porém, felizes e contentes. Quando se tem 20 anos, a vida, de qualquer forma e em qualquer parte, é sempre uma delícia. O bom tempo! A saudade dos velhos...” (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da ABL*).

- Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar a lembrança do Acadêmico Luís Edmundo, que às vezes a historiografia brasileira relega a um segundo plano, mas, na verdade, deixou em seus textos informações preciosas da história da vida cotidiana no Rio de Janeiro. Lembrou que esteve no Café Lamas com o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, um café famoso no Rio de Janeiro, frequentado por intelectuais e por Oscar Niemeyer. Assinalou que, em seus livros, Luís Edmundo conta tudo desta cidade, numa época inteiramente diferente da de hoje, com uma forma de narrar que o agrada muitíssimo.
- O Acadêmico Moacyr Scliar disse que, quando leu o livro, achou um pouco ofensivo para a cidade do Rio de Janeiro, mas isso explica a reforma de Pereira Passos, porque provavelmente a cidade era assim mesmo.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar por ter evocado essa figura tão simpática que foi Luís Edmundo e lembrou que o trecho que Moacyr Scliar citou ilustra muito bem a visão que se tinha da reforma urbana, da necessidade de se embelezar o Rio de Janeiro. A visão de Luís Edmundo era a de uma cidade horrível, irregular, pouco higiênica e ele via aquela idealização da modernidade – tentativa de transformar o Rio numa espécie de Paris que se traduziu numa *haussmanização* no Brasil.
- O Presidente convidou os presentes para a inauguração da exposição comemorativa dos 70 anos do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça no I.º andar do Centro Cultural da Academia e declarou encerrada a sessão.



Rio de Janeiro, 16 de julho de 2009

Prezado Presidente Cícero Sandroni

Louvado no Regimento da ABL e por um dever de justiça, encareço a V. Exa. encaminhar ao plenário a sugestão que ora faço, no sentido de ser concedido a Medalha João Ribeiro ao escritor paraibano Nelson Coelho.

Como superintendente do jornal *A União*, um dos mais antigos do país, tem dado ampla cobertura às atividades acadêmicas, no seu bem elaborado *Correio das Artes*, suplemento que está comemorando 60 anos de existência.

Em João Pessoa, esta semana, a Academia foi homenageada na pessoa dos imortais Arnaldo Niskier e Murilo Mello Filho, depois de terem sido exaltadas as medidas de apoio à cultura do Governo José Targino Maranhão. Um dos concursos lançados envolve a vida e a obra de três dos nossos grandes Acadêmicos: Ariano Suassuna, José Lins do Rego e José de Almeida. Outra iniciativa é um concurso nacional de contos e poesias (já lançado).

Pelas razões expostas, submetemos a sugestão à aprovação do Plenário.

Acadêmico Arnaldo Niskier

## LUÍS EDMUNDO

*Estudo do Acadêmico Moacyr Scliar\**

Luís Edmundo (L. E. de Melo Pereira da Costa), jornalista, poeta, cronista, memorialista, teatrólogo e orador, nasceu no Rio de Janeiro, a 26 de junho de 1878, e faleceu na mesma cidade em 8 de dezembro de 1961. Eleito, em 18 de maio de 1944, para a Cadeira n. 33, na sucessão de Fernando Magalhães, foi recebido, em 2 de agosto de 1944, pelo acadêmico Viriato Correia.

Sua carreira literária começou cedo. Já aos 20 anos integrava o grupo de poetas simbolistas do Rio de Janeiro, e era diretor da *Revista Contemporânea*, publicada pelo movimento. Foi também jornalista: trabalhou na *Imprensa*, de Alcindo Guanabara, e depois no *Correio da Manhã*, recém-fundado por Edmundo Bittencourt. Para ganhar a vida foi também, durante muitos anos, corretor de companhias francesas de navegação, o que lhe oportunizou visitar a Europa várias vezes.

Publicou seu primeiro livro de versos, *Nimbus*, em 1899, seguido de *Turíbulos*, em 1900, e *Turris Eburnea*, em 1902. Era um poeta muito popular. O soneto “Olhos tristes” (“Olhos tristes, vós sois com dois sóis num poente/ cansados de luzir, cansados de girar/ olhos de quem andou na vida alegremente/ para depois sofrer, para depois chorar”) era muito declamado nos salões literários. Nos seus poemas misturavam-se parnasianismo e simbolismo.

Mas certamente o que mais o consagrou foram seus escritos sobre o Rio de Janeiro do passado. Apaixonado pela cidade, foi dela um dos grandes cronis-

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 16 de julho de 2009.

tas e também um incansável pesquisador da História, frequentando arquivos e bibliotecas não só em nosso país como também na Europa. Evocou o período do vice-reinado nos três volumes de *Crônica e Memórias: o Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis*, (1938). Escreveu também *A corte de D. João VI no Rio de Janeiro*, igualmente em três volumes (1940); *O Rio de Janeiro do meu Tempo* (1940); *Recordações do Rio Antigo* (1950), além de publicar, em cinco volumes, suas *Memórias* (1958, 1962 e 1968). Proferiu numerosas conferências de caráter histórico e usou seu conhecimento na elaboração de peças de teatro, como *Marquesa de Santos* (1924), *Dom João VI* (1924) e *Independência* (1925).

A visão de Luís Edmundo acerca do Rio de Janeiro era fundamentalmente realista, como mostra este pequeno trecho de *A Corte de João VI no Rio de Janeiro*: “No quadro maravilhoso da natureza, a cidade é um contraste. É uma mancha brutal na paisagem radiosa. A casa é feia. A rua é suja. O conjunto exaspera. Tudo conspira contra o povoado infeliz: o clima, clima abrasador e ardente, as montanhas que o cercam e o encantonam e o sufocam, o chão úmido e verde, o paul onde ele se assenta, o desasseio gerado pelo próprio homem.” E em seu discurso de posse: “O Rio de Janeiro, pela aurora do século que corre, ainda conservava o mofó dos velhos tempos coloniais. É o Rio do Presidente Campos Salles, do quiosque, do bigode, dos elegantes de sobrecasaca cortada em pano inglês, cartola e botinas de verniz que, sob o fogo cruel de estios apavorantes, bem como salamandras, cruzam, tranquilamente, a Rua do Ouvidor. Tempo em que as mulheres vestem compridas e rodadas saias e usam cinturas de marimbondo, leque, e uns trágicos chapéus que não lhes entram, nunca, na cabeça, todos em pluma e fita, de forma e de tamanho sobrenaturais. Tempo em que o progresso ronda a entrada da barra, mas não entra, da casa feia e sem conforto, da rua estreita ou desarborizada, do bonde de tração animal, dos saraus em família obrigados à ceia com porco assado, líricos discursos e assembleias em salas de visita que se ornamentam com flores de papel pelas paredes, se iluminam a querosene ou a gás, salas onde os namorados, com dramaticidade e piegas ternura, recitam, de mão ao peito e olho de carneiro morto, versos de Castro Alves, de Fagundes Varela e Casimiro de Abreu. Vive o povo esperando o Carnaval, os balões e as fogueiras de Santo Antonio e São João, enquanto que a bubônica, a amarela e outras epidemias dão trágicos festins pela cidade.

Vivem os moços, porém, felizes e contentes. Quando se tem vinte anos, a vida de qualquer forma e em qualquer parte, é sempre uma delícia. O bom tempo! A saudade dos velhos...”

## SESSÃO DO DIA 23 DE JULHO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão solene comemorativa do centésimo décimo segundo aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras e à entrega dos Prêmios Literários da ABL, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, passou, em seguida, a compor a mesa, que ficou assim constituída: Governador da Paraíba, Dr. José Targino Maranhão; Acadêmico Tarcísio Padilha, Orador oficial da Solenidade; Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira; Primeiro-Secretário, Acadêmico Alberto da Costa e Silva; Segundo-Secretário, Acadêmico Nelson Pereira dos Santos e Tesoureiro, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.
- Seguindo a tradição da Casa, passou a ler o discurso pronunciado por Machado de Assis na sessão inaugural de 20 de julho de 1897. Prosseguindo,

deu a palavra ao Acadêmico Tarcísio Padilha, que falou em nome da Academia. Com a palavra, o Acadêmico Tarcísio Padilha proferiu um brilhante discurso no qual voltou os olhos a um passado longínquo, deparando-se com o Jardim de Academus, onde se implantou a primeira academia da história da cultura em 387 a.C.. Atravessou o tempo e chegou ao mundo luso-brasileiro, no século XVIII, e, finalmente, ao Brasil onde a 20 de julho de 1897 se fundou a Academia Brasileira de Letras, sugerida por Lúcio de Mendonça e tendo Machado de Assis como seu primeiro Presidente. Concluindo, disse que, ao se festejar mais um aniversário, avultam as responsabilidades de levar adiante o patrimônio cultural aqui densamente construído, na certeza de que esta Casa, fundada por escritores, muitos dos quais bem jovens, sinaliza para um futuro cintilante de fortes tintas de uma criatividade que todos sonham atingir com pertinácia e talento. (O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente deu início à entrega dos prêmios e convidou o Acadêmico Lêdo Ivo para saudar o escritor Salim Miguel, que este ano recebe o Prêmio Machado de Assis para conjunto de obra. O Acadêmico Lêdo Ivo falou do imigrante libanês cuja família encontrou no Brasil — e precisamente em Santa Catarina — a sua nova pátria. Ao referir-se à obra de Salim Miguel deu ênfase ao vigor do estilo e à felicidade de criar personagens nítidos e evocar o passado familiar que exprimem a graça de uma vocação a que um aprimoramento ininterrupto esteve sempre presente, permitindo-lhe converter a experiência pessoal na ficção convincente e consistente a que esta Academia ora confere o maior e o mais ambicionado dos seus Prêmios. (Por determinação do Presidente, a íntegra do texto dessa saudação será incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- A seguir, o Presidente pediu ao Acadêmico Lêdo Ivo para entregar ao escritor Salim Miguel o diploma do referido prêmio.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para fazer a leitura do parecer da comissão do Prêmio ABL de Ficção e proceder à entrega do mesmo ao escritor Silviano Santiago, pelo seu romance *Heranças*. Prosseguindo, o Presidente passou a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira,

relator da comissão, para ler o parecer do Prêmio ABL de Poesia, que foi outorgado a Denise Emmer, pelo livro *Lampadário*, e entregar à poeta o Prêmio de Poesia de 2009.

- O Presidente pediu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para ler o parecer do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais e fazer a entrega do mesmo a Gisele Sanglard, pelo seu livro *Entre os Salões e o Laboratório: Guilberme Guinle, a Saúde e a Ciência no Rio de Janeiro, 1920 – 1940*.
- O parecer da comissão do Prêmio ABL de Literatura Infantojuvenil, conferido este ano ao escritor Francisco Salles Araújo, autor do livro *Cordelinho*, e ao ilustrador da mesma obra, Ciro Fernandes, foi lido pelo Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Presidente convidou o Governador José Targino Maranhão para fazer a entrega do Prêmio de Literatura Infantojuvenil ao escritor Francisco Salles de Araújo e ao ilustrador Ciro Fernandes.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet para ler o parecer do Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária e fazer a entrega do mesmo ao escritor José Maurício Gomes de Almeida, pelo seu livro *Machado, Rosa e Cia.*, e da Menção Honrosa, na mesma categoria, a Maria Janaína Botelho Correia, pela obra *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX, Práticas e Representação Social*.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Sábado Magaldi para ler o parecer do Prêmio ABL de Tradução e fazer a entrega do mesmo a Paulo Bezerra, pela tradução de *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoievski. Para entregar o Prêmio ABL de Cinema, conferido a Rafael Conde pelo roteiro do filme “Fronteiras”, o Presidente pediu ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos a leitura do parecer.
- O Presidente convidou o cineasta e Presidente da Academia Brasileira de Cinema, Roberto Farias, para entregar o referido prêmio a Rafael Conde.
- O Presidente passa a palavra ao escritor Salim Miguel para falar em seu nome e dos demais premiados. O escritor Salim Miguel, ao agradecer a

outorga do Prêmio Machado de Assis, tomado pela emoção, falou de sua infância no Grupo Escolar de Biguaçu. Ressaltou que a fome de leitura o fez sair em busca de velhos jornais e revistas, almanaques e até bulas de remédio, nas casas de vizinhos e parentes. E foi num desses almanaques que leu pela primeira vez o nome do escritor Machado de Assis, no soneto “A Carolina”, do qual sua memória preserva até hoje o primeiro quarteto. Preso durante o golpe de 1964, sua vida e a de sua família sofreram uma reviravolta brusca, pois foi obrigado a se transferir para o Rio, onde enfrentou tempos muito duros. Trabalhando para uma empresa jornalística, viajou por todo o Brasil, podendo constatar as discrepâncias entre os poucos que têm mais do que tudo e a grande maioria que não tem quase nada, o que reforçou a sua inconformidade com as injustiças e desigualdades de um País de riqueza potencialmente incomensurável. Disse da sua grande satisfação ao ver nesta noite laureados valores como Silviano Santiago (romance), Denise Emmer (poesia), Chico Salles e Ciro Fernandes (literatura infantojuvenil), Paulo Bezerra (tradução), José Maurício Gomes de Almeida (ensaio), Gisele Sanglard (história) e Rafael Conde (cinema). Reiterou seus agradecimentos aos que lhe proporcionaram este inesquecível momento, bem como a amigos e parentes que aqui se encontram. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*)

- O Presidente agradeceu a presença de todas as autoridades e ao Governador da Paraíba, José Targino Maranhão. Salientou a noite maravilhosa onde estiveram presentes um grande número de Acadêmicos. Informou que a Academia entra em seu centésimo décimo segundo ano de vida e assim continuará *Ad Immortalitatem*. Convidou a todos para o lançamento do livro *Melhores Contos*, do escritor Salim Miguel, no primeiro andar do Centro Cultural do Brasil.

## ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS 112 ANOS DE FUNDAÇÃO

*Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha\**

“Eis que o sementeiro saiu para semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos, ouça!”

Há certa similitude entre a parábola e a evolução cultural no mundo luso-brasileiro na aurora fugaz das academias, pois as letras são alimento para o espírito e a cultura viceja onde a criatividade eclode e então a humanidade secreta os seus anseios, desejos e fins mais profundos.

Volvendo os olhos a um passado longínquo nos deparamos com o Jardim de Academus, onde se implantou a primeira academia da história da cultura em 387 A.C. Platão, seu fundador, não quis cingir-se a elaborar uma filosofia de largo espectro, em que a especulação filosófica e uma perfeita estilística se dessem as mãos, o que gerou poderoso influxo até os nossos dias. Pesquisa realizada nos idos de 1950 nos aponta Platão como o filósofo mais lido do mundo.

---

\* Discurso proferido na sessão do dia 23 de julho de 2009. Sessão solene comemorativa do centésimo décimo segundo aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras.

O vinco de seu recado imprimiu selo inconcusso ao Ocidente, levando Whitehead a sustentar que “a filosofia ocidental não é senão um desdobramento da metafísica de Platão”. E Lavelle afiançava: “*quand on philosophe on platonise toujours*”.

O espírito universal do mestre da Academia timbrou em refletir na ação o seu ideário político. Assim, empreendeu o filósofo grego seguidas viagens a Siracusa, visando a nela ver realizado o seu sonho de uma polis totalmente impregnada de sua filosofia. Os tiranos da cidade-estado, Dionísio, o velho e Dionísio, o jovem, acorreram pressurosos às aulas do genial filósofo da Hélade. Cedo ponderaram que melhor seria abrir mão de seu concurso. Daí à prisão, à expulsão e à venda como escravo, fatos que constituíram um conseqüência natural ao regime tirânico imperante na região.

Platão é enviado à ilha de Egina, quando ocorre um milagre. Um rico empreendedor, Aniceris, resgata Platão, restituindo-lhe a liberdade. O filósofo intenta retribuir financeiramente ao seu benfeitor, mas a recusa é peremptória. É quando Platão decide adquirir o famoso Jardim de Academus, aí instalando a primeira Academia da cultura, modelo de estudo e pesquisa, venerada pelos séculos afora.

Ao longo da história, a “academia”, havendo emergido soberanamente na Renascença, vem constituindo palavra crescentemente acolhida no domínio das letras e das ciências e na esfera universitária.

Cingindo-nos apenas ao mundo luso-brasileiro, Portugal, no século XVIII, será visualizado literariamente como o século das academias depois de longa fase de obscurantismo. Isto porque o fastígio do século XVI, com a presença fulgurante de Gil Vicente, Frei Heitor Pinto, Sá de Miranda e outros, cedeu ante o peso prioritário das descobertas e das navegações que a elas conduziram, configurando o arrojo e a visão profética dos portugueses. A decadência das letras se tornou patente, submissa ao domínio castelhano, mesmo após 1640.

Historiando o período, nosso confrade Celso Vieira se refere às academias dominadas pela frivolidade e o preciosismo dos cultos. Inicialmente emergem a Academia dos Anônimos, a dos Insignes, menciona-se a dos Generosos, dos Singulares. Outras surgiram, como a dos Aplicados, a Instantânea, a dos Sagra-

dos Concílios, a Litúrgica Pontifícia. Sem falar nas Academias Problemáticas, de Guimarães e de Setúbal, efêmeras iniciativas, como a dos Laureados e Unidos, Aquilinos e Obsequiosos, Fleugmáticos e Infecundos. Conclui Celso Vieira que “as academias literárias não deixaram de ser funestas à boa literatura”. Eram os vagidos de um ser *in fieri* e que, bem mais adiante, haveria de revelar sua pujança no cenário da lusofonia.

Antes que nascesse uma academia destinada a primar sobre todas, há que realçar a Academia Real da História Portuguesa e, sobretudo, atentar para a fundação, em 1779, da Academia de Ciências de Lisboa, que tanto honra a cultura lusitana.

No Brasil, à época, principiava o anseio de estudar o país em instituições culturais que buscassem penetrar num mundo ainda por construir. Havia como que um apelo telúrico para compreender uma pátria ainda bem distante de sua inteireza ontológica, a ser configurada lentamente em páginas impregnadas do forte desejo de uma vida em comum como nação. As tentativas que precederam o advento da Casa de Machado de Assis bem revelavam uma singeleza que não se compadecia com as aspirações que se foram adensando na mente de escritores que pensavam o Brasil e intentavam dar-lhe sentido histórico. Silvio Romero, não raro muito severo, entreabre um sorriso de indulgência ao assinalar que “a criação de academias literárias no século XVIII na Bahia e no Rio de Janeiro, fenômeno tão mal apreciado por alguns críticos, é, entretanto, um fator altamente significativo. Indica só por si a grande coesão de que já gozava o país, o lazer que tinham as altas classes para o cultivo das letras, o gosto reinante para a poesia e as coisas do espírito”.

A sessão de hoje nos lembra um instante privilegiado em que um pugilo de escritores, após debates cultos e maduros, entendeu de erguer um edifício literário destinado a durar. Isto porque a história nos registra uma sucessão de tentativas fugazes que principiou com a Academia dos Esquecidos, cujo intento precípua foi o de sinalizar para a Metrópole que, se não tínhamos acesso às academias da sede lusitana, aqui principiávamos a fincar as bandeiras de nossas letras. Apenas um ano seria a duração da louvável iniciativa. O vazio viria a ser preenchido pela Academia dos Renascidos, com caráter nitidamente religioso.

Havia no Brasil-Colônia trinta academias a pedir espaço para a afirmação das letras, marcadas pela transitoriedade de sua vigência, havendo casos em que a sessão de abertura selou também o término de suas atividades, como foi o caso da Academia dos Seletos. Pululavam iniciativas de formato assemelhado, como a Sociedade Literária, a Arcádia Ultramarina, cuja existência como sociedade organizada, foi negada por José Veríssimo.

Em 1838, sobreveio a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sólida e consistente entidade que vem cinzelando o seu perfil com realizações de elevado corte, especialmente no campo das pesquisas. É referência nacional obrigatória para quantos se debruçam sobre o nosso passado, visando a mais bem compreender o futuro do país. Manuel Bandeira nos recorda que o laureado Instituto “representou, até a fundação da Academia Brasileira de Letras, o alto cenáculo literário do país”.

Ainda no Império, Afonso Celso Júnior propôs a criação de uma Academia Nacional. No início da República, a primeira proposta da criação de uma Academia Brasileira promanou de Medeiros e Albuquerque. O então Ministro do Interior, Aristides Lobo, acolheu a sugestão do futuro acadêmico, mas não aceitou a inclusão de verba orçamentária indispensável ao funcionamento da Academia. Com a saída do ministro e de Medeiros e Albuquerque que ocupava cargo na Secretaria do Interior, o projeto caiu em total olvido.

Fundada em 1895, sob a orientação de José Veríssimo, a *Revista Brasileira*, que constitui até hoje o órgão oficial da ABL, reunia o grupo de futuros acadêmicos, que debatiam temas literários e, numa dessas tertúlias, Lucio de Mendonça se aventurou em sugerir a fundação da Academia. Ocorreram objeções. Veríssimo se opôs à ideia. Os monarquistas Nabuco, Laet, Taunay e Afonso Celso rejeitaram inicialmente qualquer vínculo com o mundo oficial. No entanto, prevaleceu um acordo geral, mediante o qual se elegeu a primeira diretoria em 15 de dezembro de 1896, confiando-se a presidência a Machado de Assis, que fizera algumas objeções ao projeto inicial.

Em quase tudo se pode observar o quanto a ABL se inspirou na Academia Francesa. No entanto algumas divergências separaram as duas instituições, dentre as quais se destaca a dependência da Academia Francesa ao governo de

seu país, o que sempre se pretendeu evitar entre nós. Acresce ademais salientar que Nabuco inaugurou outro procedimento: o que o ocupante de cada cadeira homenageasse um escritor do passado, conforme o declarou Machado de Assis na solenidade de inauguração da ABL, em 20 de julho de 1897, no *Pedagogium*. Assim nasceram os 40 patronos não previstos pelos fundadores da Academia Francesa.

A instituição vivia em regime de absoluta penúria, como soe acontecer com numerosas instituições hoje reluzentes de presença cultural nos cinco continentes. Faltava até mesmo uma morada. As sessões tinham lugar, ora no *Pedagogium*, ora no Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II), ora no Gabinete Português de Leitura. Somente em 1905, pela lei Eduardo Ramos, recebeu a ABL o direito de se sediar no Silogeu Brasileiro e de fazer publicar livros pela Imprensa Nacional e ainda lhe foi assegurada franquia postal. A Casa antecipara de muito a legião dos hoje sem-teto.

O país vivia à época uma tensão dialética entre a nostalgia dos monarquistas e a euforia dos republicanos. A ABL sorveu a conjuntura e acomodou as duas facções, inaugurando um traço marcante da Casa: a boa convivência. O que não afasta as divergências de ideias entre os imortais que, por vezes, dissentem de maneira enfática e ardorosa. Neste sentido, a paixão política, os fundamentalismos de cunho religioso ou ideológico se mantêm na soleira da porta, o que explica a saudável aragem que se respira na Casa de Machado de Assis em que o respeito à plena liberdade de pensar é prioridade absoluta. Bem distante de qualquer forma de xenofobia, a ABL respira e cria à sua volta uma aragem de cordial acolhida, uma genuína filoxenia. Este era o pensamento robusto de Joaquim Nabuco: “Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em discordar; essa desinteligência inicial é a condição de nossa utilidade, o que nos preservará da uniformidade acadêmica”.

São quarenta as cadeiras, aqui como em Paris. O cardeal d’Estrées, membro da Academia Francesa, compareceu para votar em uma eleição, quando se recusou a se sentar nos bancos disponíveis para os acadêmicos. Luis XIV ordenou então “deem-se quarenta poltronas aos senhores acadêmicos”. Daí foram entronizadas as *fauteuils*, mais condizentes com os dignitários da insigne institui-

ção! As poltronas especiais elevaram o patamar dos imortais ao dos reinantes e nobres da Corte francesa. Símbolo de poder, traduziu uma resposta satisfatória aos ilustres membros da Academia Francesa. Nós importamos o modelo e dispomos de nossas confortáveis cadeiras azuis. Sabemos que “somos quarenta, mas não aspiramos a ser os Quarenta”, na sábia ponderação de Nabuco.

A ABL prosseguia em seu percurso entrecortado de dificuldades financeiras, quando sobreveio o falecimento de Francisco Alves. Em 1917, o livreiro português, sem herdeiros, legou todo o seu patrimônio à Academia. Desde então, a nossa Casa pôde respirar a atmosfera suave de sua libertação das agruras de sobreviver graças à coleta de recursos dentre os próprios acadêmicos.

Fato de capital importância ocorreu logo após a celebração do centenário de nossa independência. Houve exposições de diversos países e a França fez construir o seu pavilhão, cópia do *Petit Trianon* de Maria Antonieta. O presidente da Casa, Afrânio Peixoto, em entendimentos com o embaixador da França, Alexandre Conty, logrou a doação deste prédio à ABL, em 1923. O governo brasileiro fez a sua parte, com a doação do respectivo terreno. Foi um marco em nossa história, a que se seguiu um empreendimento de vulto, capitaneado pelo sempre presidente Austregésilo de Athayde que, com energia incomum e raro talento, obteve a doação dos terrenos vizinhos ao *Petit Trianon* e a subsequente construção de dois prédios; um dos quais abriga a administração e setores culturais como o Arquivo, o Centro de Memória, o Espaço Machado de Assis, os dois auditórios e a moderna Biblioteca Rodolfo Garcia. Do aluguel das salas do Palácio Austregésilo de Athayde aufera a ABL os recursos financeiros para a sua opulenta e variada programação.

Havia ainda uma questão relevante a ser sopesada. Concerne à tese de que a ABL deveria abrigar escritores, assim compreendidos apenas os literatos. Machado, com o recato que lhe era conatural, parecia não concordar com Nabuco, conquanto não se deixasse levar ao extremo de tentar impor seu ponto de vista aos futuros confrades. Nabuco logrou vencer resistências ao sustentar a necessidade de incorporar à Casa o que chamou as superioridades do país, personalidades de instituições respeitáveis da República, mesmo fora do estrito formato do mundo literário. E a Academia está hoje bem convicta do acerto da opinião

de Nabuco que, com Machado, formava a dupla fundamental para orientar os destinos da *novel* entidade cultural. Romancistas, contistas, poetas, críticos literários, teatrólogos, cronistas, cultores das mais diversas ciências passaram a conviver com juristas, jornalistas, diplomatas, historiadores, sociólogos, antropólogos, filólogos, educadores, filósofos, cultores de múltiplas artes e teólogos, formando um faustoso colar cujo brilho se espargiu por nossa cultura e firmou o mito em que se transformou a Casa de Machado de Assis.

Casa de escritores, a ABL se devotou, desde cedo, à publicação de livros. Valiosas edições de obras, algumas desaparecidas e merecedoras de melhor destino, foram reeditadas pela ABL e se contam às centenas, ao lado da produção dos Acadêmicos, em coleções voltadas para as letras, para a língua portuguesa, e os mais diversos ramos do saber. Distribuídas aos milhares para bibliotecas públicas e universitárias, tais obras ficam ao alcance do pesquisador muitas vezes sem recursos para a sua aquisição. Daí promanam dissertações e teses que se somam a miríades de estudos que moldam a fartura de fontes de consulta aos interessados. Adicione-se o papel de singular relevo da biblioteca da Casa, em sua bifurcação: de um lado a vertente das coleções acadêmicas e, de outro, a acolhida a múltiplos campos de conhecimentos, ambas consentâneas com a finalidade da Academia: o cultivo da língua portuguesa e da literatura nacional, ressaltando-se a exuberância bibliográfica no amplo estuário das ciências humanas.

Some-se a tal acervo riquíssimo toda a correspondência e as notícias de jornais, que ao longo do tempo registraram os passos dos imortais, e teremos visualizado adequadamente esta instituição como a Casa da Memória. Sem falar nos vídeos, DVDs, filmes, CDs, na correspondência dos Acadêmicos, de ontem e de hoje, assegurada a atualidade da informatização do acervo e do estreito vínculo com a comunidade, mercê da ligação *on line* de suas cerimônias de maior expressão cultural.

Literatos e personalidades provindas de outras áreas do saber ou representantes de segmentos significativos da vida cultural e social passaram a conviver em tertúlias de elevado nível a enriquecer os *Anais* da Casa e a traduzir um recorte geográfico e cultural do país. É certo que não integraram a ABL alguns nomes de grande expressão de nossa cultura, por não desejarem aceitar as

honras inerentes à condição de Acadêmicos. Capistrano de Abreu, ao recusar convite para ingressar nesta Casa, considerou que lhe bastava pertencer à espécie humana, para a qual entrara sem ser convidado, na citação de Manuel Bandeira.

A Academia Brasileira de Letras impulsionou a cultura brasileira e conferiu status à figura do escritor. Valorizou-o ao lhe assegurar o reconhecimento, com a atribuição dos prêmios que foi conferindo em sua história centenária. É fundamental que o sublinhemos, pois os escritores vivem, na maior parte dos casos, longe dos holofotes que lhes permitam um lugar ao sol diante da multidão de colegas de ofício que ocupam pressurosamente os poucos espaços concedidos ao profissional da pena. Daí porque a Casa sempre que possível se abalçou à tarefa de acolher os mais valorosos a merecer o galardão de prêmios, a estimular sobremaneira os heróicos escritores que trouxeram genuína contribuição às letras e a outras áreas do saber, bem assim aos tradutores que disponibilizaram ao povo-leitor textos de clássicos do país e do exterior, ampliando o espectro e a visão onímoda da complexa realidade que nos circunda.

Ao conferir, hoje, numerosos prêmios, na celebração dos seus 112 anos de profícua existência, a ABL estende seu manto sobre os jovens valores que nasceram para as letras e mesmo outros que nela madrugaram na produção exemplar de obras que, amanhã, poderão se tornar os futuros clássicos a inspirar as novas gerações de brasileiros. Tal missão só merece o aplauso de quantos atribuem significação à cultura, sem a qual nenhum país consegue firmar-se no cenário mundial.

Eis que o semeador saiu para semear... E, de fato, metaforicamente tal missão foi inicialmente representada pelas numerosas academias fugazes que cruzaram os céus de nossas letras. Sucederam-se sem se consolidarem, mas aplainaram as arestas para o fôlego maior que, por assim dizer, as absorveria todas numa grande afirmação de nossa literatura ou, melhor dizendo, de nossa cultura.

Academia é palavra corrente entre nós para se referir a esta Casa. Os brasileiros a reconhecem. Pesquisa de nossa imprensa registrou, há mais de uma década, que 98% dos nossos patrícios haviam ouvido falar da Academia e 86% a apontaram como a maior instituição cultural do país.

No momento em que lhe festejamos mais um aniversário, avultam nossas responsabilidades de levar adiante o patrimônio cultural aqui densamente construído, na certeza de que esta Casa, fundada por escritores, muitos dos quais bem jovens, sinaliza para um futuro cintilante de ainda mais fortes tintas de criatividade com que todos sonhamos e haveremos de atingir, com pertinácia e talento.

## SALIM MIGUEL

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo\**

Imigrante libanês cuja família encontrou no Brasil – e precisamente em Santa Catarina – a sua nova pátria, Salim Miguel não pode aspirar a sentar-se conosco, como um dos integrantes da Academia Brasileira de Letras. O nosso Estatuto o proíbe.

Ao ser fundada, em 1897, esta Casa estabeleceu, numa das chamadas cláusulas petreas, que só os brasileiros natos podem ser nela admitidos. Uma interpretação redutora do estatuto proibiu até a entrada de mulheres. Só em 1977 a gloriosa Rachel de Queiroz quebrou a interdição formidável, abrindo esta instituição às escritoras. Por isso, hoje, três congreiras – Lygia Fagundes Teles, Nélida Piñon e Ana Maria Machado – nos honram com as suas obras admiráveis e ornamentam a nossa atmosfera com as suas serenas belezas estacionadas.

Cuido que haverá um tempo em que esta Academia será um exemplo de bom-senso e equilíbrio, com 20 integrantes do sexo masculino e 20 do sábio e encantador sexo feminino.

No caso da proibição a escritores brasileiros nascidos em outras plagas, cabe ponderar que o Brasil se tornou um grande país de imigrantes, que tanto têm concorrido para a nossa riqueza material e espiritual e hoje vivemos num mundo plurinacional e mundializado.

---

\* Proferidas na sessão do dia 23 de julho de 2009.

A Academia Francesa, modelo e inspiração da nossa, elege, com frequência, escritores que nem mesmo se naturalizam franceses. O estreito critério da nacionalidade foi enxotado pela expressão linguística. E, na casa fundada pelo cardeal Richelieu, se aplicou numa produção literária, que ostenta o selo da permanência. Nos seus romances, o vigor do estilo e a felicidade de criar personagens nítidos – que evocam o passado familiar – exprimem a graça de uma vocação a que um aprimoramento ininterrupto esteve sempre presente, permitindo-lhe converter a experiência pessoal na lição convincente e consistente a que esta Academia ora confere o maior e o mais ambicionado dos seus Prêmios.

Seus romances, que tanto avultam em cima obra tão diversa constituem uma lição de romance, neles fremem a observação e o conhecimento da vida e dos homens.

Senhor Salim Miguel,

Nesta tarde que ousou chamar de gloriosa, em que a Casa de Machado de Assis e de Euclides da Cunha distribui os seus prêmios anuais, os companheiros de vossa temporada jornalística no Rio de Janeiro e de jornadas acadêmicas estão aqui presentes, compartilhando de vossa alegria. São eles Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho, Carlos Heitor Cony, o Presidente Cícero Sandroni e aquele que, nos comícios políticos e nas festas de aniversários, se autodenomina “o orador que vos fala”.

Como não nascestes no Brasil, embora aqui tenhais chegado menino, estais proibido de usufruir de um convívio semanal a que teríeis pleno direito, por força de vossa notável obra ora premiada, e de vossa nobre qualificação afetiva e humana. Todos os seus amigos desta Casa vos dão as “boas vindas” e lamentam, que a saudação se limite a uma tarde.

Mas um dia, estou certo, virá em que ter nascido no Líbano não será empecilho para que um escritor brasileiro seja um membro da nossa e não vossa Academia. O Estatuto desta Casa estabelece que a sua finalidade é “a cultura da língua e da literatura nacional”. Vós, senhor Salim Miguel, com a vossa obra cultuais a nossa língua e enriqueceis a nossa literatura. Que mais quer a Academia Brasileira de Letras?

O respeito a essa expressão – à língua francesa e à sua universalidade – tem elegido até chinês.

Entre nós, o reconhecimento a um escritor do relevo de Salim Miguel se esgota na concessão do Prêmio Machado de Assis, mas espero e desejo que um dia a nossa instituição suprima a norma restritiva e que vige ao arrepio do nosso tempo.

Senhor Presidente,

Na sua província, nessa insular Florianópolis que ostentas o nome de um taciturno caudilho alagoano, e tanto lembra, com os seus frutos do mar e o rumor do Oceano entre penhascos, a minha querida e tão caluniada terra natal – na sua província, Salim Miguel.

## PRÊMIO MACHADO DE ASSIS NA CASA DE MACHADO DE ASSIS

*Discurso do Sr. Salim Miguel\**

Creio ser este Prêmio consequência de meu trato com a palavra há quase 80 anos; sempre tive como ofício ler e escrever. Esta honraria, que me é conferida pelos acadêmicos, torna-me orgulhoso companheiro de Paulo Rónai, Sábado Magaldi, Fausto Cunha, Antonio Cândido, Carlos Heitor Cony, J.J. Veiga, Joel Silveira, Fernando Sabino, Antonio Torres, Ferreira Gullar, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Autran Dourado, entre tantos outros de igual mérito, e reforça minha disposição de continuar trabalhando mais e melhor. É também uma grande satisfação ver nesta noite laureados valores como Silviano Santiago (romance), Denise Emmer (poesia), Francisco Ciro Fernandes (literatura infantojuvenil), Paulo Bezerra (tradução), Maurício Gomes de Almeida (ensaio), Gisele Sanglard (história) e Rafael Conde (cinema).

Tornado pela emoção, recupero minha infância. Estou chegando aos nove anos, completei tardiamente o primeiro ano do primário no Grupo Escolar de Biguaçu, já consigo unir os miúdos signos mágicos que me fascinam, e não dependo só de minha imaginação e inventividade para re-criar os incidentes do dia a dia. Posso rabiscá-los no papel, prenúncio do jornalista e do ficcionista. A fome de leitura me faz sair em busca de velhos jornais e revistas, almanaques e até bulas de remédio, nas casas de vizinhos e parentes. Em um desses almanaques li pela primeira vez o nome de um escritor, exatamente Machado de Assis,

---

\* Proferido na sessão do dia 23 de julho de 2009.

no soneto “A Carolina”, do qual minha memória preserva até hoje o primeiro quarteto. Logo me deparei com o poema “Litania dos Pobres”, de Cruz e Souza, do qual sei de cor também os primeiros versos. Dois escritores vindos das camadas mais pobres da população e que releio e redescubro até hoje.

Ainda do Bruxo do Cosme Velho encontrei em Biguaçu (1936), na *Selela* (ou *Selecta*, como se escrevia e pronunciava então) “Um apólogo”, o diálogo entre a agulha e a linha, tão ou mais atual hoje do que quando foi escrito.

Nós somos basicamente o que a infância e a adolescência nos fez e eu sou um líbano-biguaçuense, filho da perdida Kfarsourun, no Líbano, e da real e mítica Biguaçu, microcosmo que reflete o macrocosmo. As crianças podem ser por igual extremamente solidárias e extremamente cruéis, e isso me marcou para sempre. Ao mesmo tempo em que os camaradinhos me apoiavam, quando tive malária, me faziam sofrer por meu falar arrevesado, misto de português com árabe e alemão, pelo estranho nome, por me chamarem de turco e por gostar de livros, o que provocava risadas escarninhas e por vezes um sussurrado marica.

Minha insaciável fome de leitura só foi mitigada ao ler em voz alta um pouco de tudo para o livreiro, poeta e cego João Mendes. Eu era ouvinte atento dos poemas de sua lavra, porém jamais tive coragem de lhe falar de meus rabiscos.

Devo muito também ao preto velho Ti Adão, beirando os cem anos, curandeiro, esperto em plantas medicinais e inesgotável contador de causos, freguês da vendinha de meu pai em Biguaçu; ele costumava repetir uma frase paradigmática: “sei o que sei, sei o que não sei, e o que não sei é mais do que aquilo que sei”.

Tive uma escolarização fragmentada, só até o clássico, meu aprendizado se fez com a vida e os livros, com gente de carne e osso e gente de papel.

A guerra (1939-45) fez com que meus pais, sem nenhuma vocação para o comércio, mas precisando dele para viver, fossem tentar melhor sorte em Florianópolis. Desde logo uma grande descoberta: a biblioteca pública do Estado, uma das três mais antigas do Brasil; um certo faro para o que é válido permitiu que eu selecionasse minhas leituras, não demora estava colaborando em jornais da terra.

Na ficção, sou lento para concluir um texto, reescrevo e reescrevo, rasgo mais do que publico, porém devo muito ao jornalista, que precisa ser ágil, atento aos fatos, saber recolher o máximo e reduzi-lo ao essencial.

Em 1946, jovens passaram a se reunir na capital, discutindo livros e aquele famoso “lê o meu que eu leio o teu”. Era pouco. Insatisfeitos, queriam provocar a bela e adormecida Florianópolis, e resolveram, a exemplo de jovens de várias partes do país e do mundo, criar um movimento, o Círculo de Arte Moderna, depois conhecido como Grupo Sul devido à revista de mesmo nome. A gente aprende a fazer fazendo; atuamos em vários campos: editora, teatro, artes plásticas, música, cineclube, ciclos de palestras e realizamos o primeiro filme longa-metragem de Santa Catarina.

Preso durante o golpe de 1964, nossas vidas sofreram uma reviravolta brusca, fui obrigado a me transferir para o Rio, e de início enfrentamos tempos muito duros; aos poucos nos equilibramos. Trabalhando para uma empresa jornalística, viajei por todo o Brasil, podendo constatar as discrepâncias entre os poucos que têm mais do que tudo e a grande maioria que não tem quase nada, reforçando minha inconformidade com as injustiças e desigualdades de um País potencialmente de riqueza incomensurável. Outra experiência que me marcaria foi a aventura da *Revista Ficção*, da qual fui um dos editores, e que, além do convívio altamente estimulante, ajudou a divulgar centenas de escritores de todas as regiões e até do exterior.

Quase não creio, ou nem creio em inspiração, contudo acredito e muito em vocação, talento, persistência. Alguma vocação todos temos, talento é preciso cuidar e preservar, e aí entra a persistência.

Minha literatura é marcada pela velhice e pela morte, pelo tempo e pela memória. Quando nos dispomos a escrever, estamos sozinhos; aos poucos nossa solidão vai se povoando, seja com gentes de carne e osso, seja com gentes de papel; também o ler é um ato solitário, que vai sendo povoado por essas mesmas gentes, com a diferença de que o leitor pode – mais que aceitar o que lhe é entregue – mexer, modificar, cortar, acrescentar.

Os temas com que o escritor trabalha são poucos e os mesmos desde o início dos tempos. A maneira de abordá-los é o que identifica um criador. No meu caso, não sou eu que saio em busca de situações, de personagens: eles é que me atropelam e pedem que trabalhemos juntos. Às vezes dá certo, se não dá, peço-lhes desculpas, que procurem alguém com o qual estejam mais afinados.

Mesmo que a literatura sozinha não melhore este mundo complexo, injusto, desigual em que vivemos, um livro pode mexer com a cabeça das pessoas. Cabe ao escritor provocar e deixar um retrato de seu meio e sua época.

Devo muito a muita gente, em várias fases da minha vida, vou resumi-las em uma única pessoa: Eglê, companheira há mais de sessenta anos, com uma visão de mundo e dos problemas sociais bem mais abrangente que a minha, sem ela eu não seria quem sou.

Reitero meus agradecimentos aos que me proporcionaram este inesquecível momento, e a amigos e parentes que aqui se encontram. A minha filha, filhos, noras, netas e netos o meu carinho. Ao concluir, quero confidenciar que vejo, ali ao fundo, um casal de mãos dadas, ela está dizendo: “José (quando feliz ou preocupada, ela não conseguia chamá-lo de Yussef, ou José), José, não é que o vosso menino conseguiu? E ele: Tamina, mulher (era assim que a tratava), eu não te disse? Se persistir, conseguirão”.

Persisti.

*Maktub.*

## *SESSÃO DO DIA 30 DE JULHO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário as Atas das sessões dos dias 16 e 23 de julho de 2009, que foram aprovadas. Recebeu, a seguir, a Sra. Eleonora Bret de Menezes, acompanhada de familiares, que doou à Academia a biblioteca de seu marido, Prof. Maurício Bret de Menezes. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, para falar sobre essa doação. O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre a doação da Biblioteca do Prof. Maurício Bret de Menezes feita por sua viúva, a Sra. Eleonora Bret de Menezes, com a concordância de filhos e netos, que assinaram um documento em cartório concordando com a mesma. Discorreu sobre a biblioteca ora doada, que foi construída durante os mais de cinquenta anos de casamento do Prof. Maurício com a Sra. Eleonora, bibliotecária que muito se dedicou à organização da mesma. Aludiu à importância e à quantidade dos livros catalogados e muito bem cuidados.

Em nome da Academia, agradeceu essa preciosa doação. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da ABL*.)

- Em nome da família Bret de Menezes, falou a Sra. Maria Eduarda, filha do Prof. Maurício, que enfatizou o quanto foi prazeroso e emocionante para todos doar a biblioteca que era a vida dos seus pais, porque aos livros eles davam grande valor, e a doação a esta Casa assegura-lhes que aqui essa biblioteca vai perdurar para sempre. Agradeceu, também, as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho. O Presidente disse à D. Eleonora que o Acadêmico Murilo Melo Filho falou como Diretor das Bibliotecas da Casa, mas também em nome da Diretoria e de todos os Acadêmicos presentes. Gostaria de reinterar os profundos agradecimentos pela doação de tão preciosa coleção, que significa mais ou menos 10% de todos os livros disponíveis nas Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia. Afirmou tratar-se de uma biblioteca excepcional de oito mil volumes em vários idiomas, com livros de Acadêmicos do passado e do presente, além de raridades bibliográficas, construída na base de um casamento de mais de cinquenta anos, e, como todos sabem, com imenso sacrifício. Acentuou a dedicação do Prof. Maurício e de D. Eleonora na formação dessa biblioteca que não só tem muito valor intelectual, mas também foi tratada com muito carinho por D. Eleonora e seu marido, que toda a Casa pranteia nesse momento. Declarou que a Academia agradece muito essa doação, tendo a certeza de que estes livros serão bem guardados. A Academia está preparando um nicho para guardar as obras mais valiosas, que ficarão aqui *Ad immortalitatem*, e o nome do Prof. Maurício Bret Menezes e de D. Eleonora ficarão guardados na história da Academia Brasileira de Letras. O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que D. Eleonora entregou-lhe quatro termos de doação de seu filho Pedro Luiz, sua filha Maria Eduarda, seu neto Bruno e sua neta Tatiana, por todos eles assinados, com firma reconhecida em Cartório.
- O Presidente Cícero Sandroni tem em mãos o termo de doação da D. Eleonora Bret Pereira e gostaria que fosse assinado aqui no plenário da Academia Brasileira de Letras. Passou o termo de doação à D. Eleonora Bret Pereira, que o assinou.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho sugeriu que, diante da importância da doação, fosse colocada uma placa na Biblioteca Rodolfo Garcia registrando esse fato. Recebida com aplausos, a sugestão do Acadêmico José Murilo de Carvalho foi considerada aprovada, e o Presidente anunciou que será colocada a placa “Coleção Maurício Bret de Menezes”, dentro da Biblioteca Rodolfo Garcia e também da Lúcio de Mendonça. Agradeceu mais uma vez a presença da família Bret de Menezes e anunciou um breve intervalo para as despedidas.
- O Presidente, ao reiniciar a sessão, comunicou que a próxima reunião da ABL, no dia 6 de agosto, será solene, no *Petit Trianon*, às 16 horas, para a posse do escritor, tradutor e ensaísta Didier Lemaison na Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes. Ele será recebido pelo Acadêmico Ivan Junqueira, e, como essa sessão será pública, pediu antecipadamente uma salva de palmas para o Acadêmico Celso Lafer, que aniversaria no dia 7 de agosto.
- Deu a seguir boas notícias da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que se encontra em plena recuperação, e também do Acadêmico Antonio Olinto, que passa bem. Comunicou ter recebido carta de Dom Emanuel d’Able do Amaral, Arquiabade do Mosteiro de São Bento da Bahia, agradecendo a doação de publicações da ABL. Disse serem muitas as instituições que recebem doações da ABL, mas são poucas as que agradecem. Recebeu também carta do prof. Roger Chartier agradecendo o convite e a acolhida da Academia, e, ainda, o agradecimento do Sr. Doc Comparato, que realizou um evento em instalações do Centro Cultural da ABL. Passou a palavra ao Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira.
- O Acadêmico Ivan Junqueira leu a proposta de concessão da Medalha João Ribeiro ao escritor paraibano Nelson Coelho, apresentada pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, na sessão do dia 16 de julho.
- O Presidente declarou que essa proposta foi examinada pela Diretoria que a aprovou. Submeteu-a, a seguir, ao plenário que também a aprovou.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que a ABL é a Casa dos jornalistas, o que sabidamente se reconhece, e proclama como título de honra da

Academia. Fazendo essa referência ao jornalismo, trouxe o livro de Leonor Xavier, *Casas Contadas*, para entregá-lo à Biblioteca Rodolfo Garcia. São as 13 casas em que viveu. Nesse *hall*, estão as casas brasileiras: na Rua Homem de Melo e na Rua Geórgia, em São Paulo; no Rio de Janeiro, nas ruas Redentor e Conde de Irajá; e em Búzios, na Praia do Canto. Além de diversos livros publicados, Leonor Xavier morou no Brasil por muito tempo – afastada de Portugal pelos movimentos políticos – tornando-se também conhecida de muitos Acadêmicos. Em *Casas Contadas* há uma referência à Academia Brasileira de Letras, na qual ela faz um louvor de demonstração clara de grande simpatia à Casa. Finalizando, declarou sua satisfação pela vitória da imprensa brasileira quando foi outorgado um dos maiores prêmios do jornalismo do mundo, o Maria Moors Cabot, a Merval Pereira, de *O Globo*.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o seu comentário sobre o livro da jornalista Leonor Xavier e o registro do Prêmio Maria Moors Cabot, da Universidade de Columbia, ao jornalista Merval Pereira, por todos os títulos merecedor do referido prêmio. Lembrou também que os Acadêmicos Roberto Marinho, Austregésilo de Athayde, Carlos Castelo Branco e Assis Chateaubriand também receberam este prêmio.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin consignou o alto nível das palestras apresentadas e louvou o empenho da Diretoria em promover este evento do Ano da França no Brasil, que incluiu também as intervenções realizadas por convite do Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin e disse que a Diretoria apenas cumpriu o seu dever de trabalhar pela literatura e língua nacionais.
- O Acadêmico Ivan Junqueira associou-se ao que disse o Acadêmico Antonio Carlos Secchin e ressaltou ter sido uma semana extraordinária, com uma repercussão flagrante na imprensa brasileira. Louvou a iniciativa do Acadêmico Candido Mendes de Almeida que possibilitou a vinda do Secretário Administrativo da Academia da Latinidade, François L'Yvonnet, que brindou a ABL com uma conferência notável sobre um assunto do qual pouco

se fala no Brasil, ou seja, o conceito de latinidade. E é curioso porque em sua conferência ele se valeu de um estratagema da literatura grega, a litotes, pois definiu a latinidade a partir de sucessivas negações. Lembrou que, nesse ponto, ele foi particularmente machadiano. Lembrando a propósito um estupendo ensaio de Hércio Martins sobre o uso da negação na literatura do autor.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu ao Acadêmico Ivan Junqueira e disse que isso é um processo, e a ABL terá um papel fundamental no terceiro momento do Programa das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, que, após Madri e Istambul, vai se realizar na última semana de maio do ano que vem. Na ocasião o Presidente Jorge Sampaio vai se comunicar com o Presidente Cícero Sandroni sobre uma conferência inédita no Rio de Janeiro, reunindo autores da língua portuguesa.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que encaminhará esse processo ao próximo Presidente da ABL, porque será um encontro muito importante.
- O Acadêmico Carlos Nejar participou desta ideia comum de parabenizar a Diretoria por essa semana com autores franceses do mais alto nível, e ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida por ter trazido François L'Yvonnet e Edgar Morin. Salientou ter sido um momento grandioso para a comunidade cultural do Rio de Janeiro.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou que na próxima sessão se realizará a posse do escritor Didier Lamaison, na Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes, que será recebido pelo Acadêmico Ivan Junqueira. O Acadêmico José Murilo de Carvalho acrescentou algumas palavras ao que a Acadêmica Ana Maria Machado disse na sessão passada sobre Monteiro Lobato. Não falou na ocasião porque suas palavras ficariam esmaecidas diante do brilho da intervenção de Ana Maria Machado. Em sessão anterior, tinha registrado a grande presença de Acadêmicos na bibliografia sobre o pensamento social e político do Brasil por ele usada em sala de aula e lamentara a ausência de alguns desses pensadores na Casa: Alberto Torres, Manuel Bonfim, Sergio Buarque de Holanda, Paulo e Caio Prado, Gilberto Freyre. Não mencionara Monteiro Lobato, mas devia ter mencionado. Primeiro, porque, junto com Euclides da Cunha, Monteiro Lobato foi um dos descobridores do Brasil invisível. Euclides descobriu o sertanejo, Lobato, o caipira. Se a

primeira impressão que ele teve do caipira foi negativa, o que na época era opinião geral, ele rapidamente se corrigiu e cunhou uma frase que ficou famosa: o jeca não é assim, ele está assim em decorrência das doenças que o afligem. O segundo ponto é que Monteiro Lobato representa, em nossa tradição intelectual, uma corrente de pensamento presente desde a Inconfidência Mineira que, ao longo do tempo, tem dialogado com uma outra corrente, representando também as duas valores e práticas políticas distintas. Na falta de melhor termo, chama a primeira corrente de americanismo, a segunda de iberismo. Usa a expressão americanismo para significar um conjunto de valores que enfatiza a liberdade civil, a iniciativa individual, o pioneirismo, a independência em relação ao Estado, o progresso material. Por iberismo, que é a base de nossa tradição, entende a ênfase no papel do Estado, na inclusão social, no corporativismo, no nacionalismo, e no que chamaria de estadania. Citou alguns autores que podiam ser filiados à corrente de Lobato e que pertenceram à Academia, como Tavares Bastos, patrono da cadeira 35, Rui Barbosa, José Veríssimo, Sílvio Romero, Roberto Campos, Raymundo Faoro, José Guilherme Merquior. Não está fazendo julgamento de valor entre as duas correntes, apenas apontando a importância do diálogo entre elas para a saúde intelectual e política do país. Monteiro Lobato foi um dos grandes representantes do americanismo e o demonstrou em seus livros e em sua ação como empresário. Um de seus livros que melhor ilustra a sua visão é *Mr. Slang e o Brasil*, em que comenta o país pela perspectiva de um inglês. Lobato impregnou desses valores também sua literatura infantil, no que revelou grande originalidade. Às vezes se tem a impressão de que ele desistiu de convencer os adultos e passou a tentar fazer a cabeça das crianças. *O Sítio do Pica Pau Amarelo* é uma sociedade quase anárquica, de onde até a autoridade parental é excluída, não há pai nem mãe, somente uma avó. Há um livro de José Roberto Whitaker Penteado, intitulado *Os Filhos de Lobato*, que documenta o impacto das ideias e valores de Lobato sobre a geração dos que o leram. Concluiu lamentando o fato de Lobato não ter pertencido à Academia, sem discutir de quem foi a culpa. Pergunta-se se hoje não haveria outros Lobatos no Brasil que deveriam estar entre nós e que não estão.

- O Acadêmico Carlos Nejar disse que gostaria de secundar as palavras muito felizes e importantes do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Mon-

teiro Lobato – figura marcante da literatura brasileira e do Brasil. Complementando, chamou a atenção para o aspecto profético de Monteiro Lobato que escreveu um livro sobre um presidente negro, que um dia seria eleito nos Estados Unidos. Assinalou que em vários sentidos, pelo pioneirismo, pelo profeta que foi, através da palavra, não apenas nesse plano, mas sobretudo no plano da infância, pois todos foram leitores de Lobato, está de acordo com as palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu aos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Carlos Nejar. Salientou que as palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho vêm ao encontro da sugestão do Acadêmico Helio Jaguaribe para que se possa discutir, como aconteceu com a apresentação da Acadêmica Ana Maria Machado, esses temas que são do interesse de todos nesta Casa, sugestão essa já feita no passado pelo Acadêmico Celso Furtado. Acredita que a Casa possa fazer efemérides não só sobre acadêmicos, mas também sobre não acadêmicos, grandes personalidades da literatura, da história, e da vida intelectual brasileira que não foram acadêmicos, como Gilberto Freyre, Joel Silveira e muitos outros. Acrescentou que Lobato foi um assunto permanente na sua vida desde quando era criança. O primeiro livro que leu foi *A História do Mundo para Crianças*, que é um livro maravilhoso. Acrescentou que sua filha, Luciana, escreveu uma biografia de Lobato para crianças, contada pela Emília, e sua mulher é autora do livro *De Lobato a Bojunga: as Reinacões Renovadas*. Disse ainda que, na linha da última afirmação do Acadêmico José Murilo de Carvalho, a Academia tem dois representantes de Lobato bem categorizados, que são a Acadêmica Ana Maria Machado e o Acadêmico Arnaldo Niskier, e ainda há uma vertente representada pelo escritor que nos lega um livro de literatura infantil ou juvenil, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que escreveu a obra *África Explicada aos Meus Filhos*, num estilo quase lobatiano. Também, no estilo de Lobato, não se pode esquecer do nome de Lygia Bojunga, autora que mereceria estar nesta Casa. Agradeceu as observações do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que certamente serão lidas pela Acadêmica Ana Maria Machado, quando voltar à sua casa. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão

## DOAÇÃO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Ainda esta semana, fomos procurados pela Senhora Eleonora Bret de Menezes, que, através de documentos de doação, com firmas reconhecidas em Cartório por ela, pelos filhos, Pedro Luís e Tatiana, decidiram entregar às nossas duas Bibliotecas cerca de 6 mil livros, muito bem conservados, com obras raras, de coleções importantes, inclusive de Acadêmicos.

Enquanto nos tem sido possível estamos sobrestando essas doações inclusive uma valiosíssima doação do Acadêmico Domício Proença e adiando o seu recebimento, até que fiquem prontos os trabalhos de preparação do nosso prédio da Rua Luis de Camões – uma construção ampla e sólida, com um enorme gabarito, suficiente para armazenar 500 mil livros e para resolver este nosso problema, pelo menos durante os próximos 50 anos.

Por enquanto, não podemos nem pensar em receber novas doações, porque o espaço de 1.300 metros quadrados das instalações aqui do nosso segundo andar já está inteiramente ocupado e não podemos aumentá-lo para hospedar mais 25 mil livros, o que já nos custa dinheiro com o aluguel pago mensalmente à Metropolitan.

---

\* Proferidas na sessão do dia 30 de julho de 2009.

Vossas Excelências podem imaginar facilmente como aumentará a onda de doações quando se tornar pública essa disposição da ABL em recebê-las, nestes novos espaços da Rua Luis de Camões.

São dezenas de famílias que, em vez de venderem a sebos ou de retalharem os seus acervos bibliográficos, não raro deixados em herança, preferem confiá-los às mãos sérias e seguras da ABL, com a certeza de que aqui dentro estes livros serão bem conservados e úteis aos milhares de usuários que já nos frequentam.

O Presidente Cícero Sandroni, consciente e sensível a este angustiante problema – meu e da nossa Comissão Consultiva, composta pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva, Tarcísio Padilha e Evanildo Bechara – dispõe-se a apressar a obra da Rua Luis de Camões, como patrimônio imobiliário da nossa Academia.

Todos eles estão bem conscientes de que, com os modernos meios de comunicação de que já dispomos, esses milhares de livros, arquivados na Rua Luis de Camões, à distância de 1 km, estarão inteiramente ao nosso dispor e ao nosso alcance, em questão de minutos.

Estamos também conscientes de que, com as nossas modernas instalações, o nosso bom atendimento ao público, as crescentes doações que estamos recebendo e continuaremos a receber cada vez mais, enfim, com todos esses dados positivos, seremos brevemente uma das mais modernas, uma das maiores e uma das melhores bibliotecas brasileiras.

## SESSÃO DO DIA 6 DE AGOSTO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais*; Murilo Melo Filho, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antônio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luis Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente, Acadêmico Cícero Sandroni, ao declarar aberta a sessão da posse do escritor Didier Lamaison, para a Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras, saudou os presentes e passou a compor a mesa, que ficou assim constituída: Cônsul Geral Adjunto da França; Sr. Gilles Barrier, Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Acadêmico Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário e Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro. Deu a palavra ao Sócio Correspondente Didier Lamaison.
- O Sr. Didier Lamaison discorreu sobre a vida e a obra do escritor Antônio Alçada Batista. Foi um dos primeiros, em Portugal, a engajar-se no combate

para o reconhecimento das culturas lusófonas alheias, as africanas, cabo-verdianas e brasileiras. Passeador das “peregrinações interiores”, transitou também entre o passado e a modernidade, entre o velho mundo e o novo, entre o Antigo Testamento da constrangedora tradição e o Novo Testamento de um Deus libertador e quase liberal, entre a Igreja a.C. e a Igreja p.C., como ele dizia, significando antes e pós-conciliar. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni convidou o Acadêmico Eduardo Portella para fazer a entrega do diploma ao Sócio-Correspondente Didier Lamaison. A seguir, deu a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira para fazer o discurso de recepção.
- O Acadêmico Ivan Junqueira discorreu sobre o insigne representante da cultura francesa, romancista, ensaísta, dramaturgo, helenista, professor de Letras Clássicas e consagrado tradutor de poetas brasileiros, ao recebê-lo como Sócio Correspondente na Cadeira I, que pertenceu ao escritor português Antônio Alçada Baptista. Salientou que a ABL acolhe um intelectual que tem trabalhado sem tréguas pela difusão de nossa literatura na França, onde publicou em 1991, sob o selo da prestigiosa Éditions Gallimard, a primeira edição de sua magistral tradução de boa parte dos poemas contidos em 19 dos livros de Carlos Drummond de Andrade, o que lhe valeu a conquista do Prêmio Nelly Sachs. Dessa admirável tradução foi lançada em 2005, sob o título de *La machine du monde*, uma segunda edição em cujo prefácio Didier Lamaison diz do grande poeta mineiro: “*Rebelle sans être révolté, il s’était laissé imprégner de culture française classique, puisque cela se faisait alors, au Brésil. Il en goûta surtout l’apollinisme, car son tempérament d’ironiste le portait à prendre ses distances par rapport à l’héritage ardent de la latinité américaine.*” (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*)
- O Presidente Cícero Sandroni declarou o Sr. Didier Lamaison empossado na Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes da ABL, que tem como patrono Alexandre de Gusmão e teve como ocupantes Bartolomeu Mitre, Gonçalves Viana, Alberto d’Oliveira, Serafim Leite, Marcelo Caetano e Antônio Alçada Baptista. Agradeceu a presença dos membros da mesa e de todos os convidados. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

## CADEIRA I – SÓCIO CORRESPONDENTE

*Discurso do Sr. Didier Lamaison\**

Senhor Presidente,

Sra. Acadêmica, senhores Acadêmicos,

Senhoras e senhores,

Nesse grande teatro do nosso mundo, há lugares e ocasiões nas quais o mundo é mais teatro do que mundo – a não ser que entendamos “mundo” como o antônimo etimológico de “imundo”...

Sim, às vezes, o mundo é tão teatro que a gente acaba por procurar o mundo, quero dizer, a realidade.

É o caso, agora.

Aqui, no *Petit Trianon*, “real” e “real” deixam a simples homonímia para fazer uma palavra só. Aqui o “real” é “real”, e vice-versa.

Tudo isso para dizer que estou, nesta hora, me sentindo como num sonho – impressão reforçada pela irrealidade, pela extravagância da minha eleição como Sócio Correspondente – uma honra que, até agora, não consigo encarar, pensando que, nesse quadro, meus antecessores se chamam Tolstói, Zola, Ibsen, d’Anunzio, Maritain, Gregorio Marañón, Malraux, Senghor, Octavio Paz e tantos outros mitos.

---

\* Proferido na sessão do dia 06 de agosto de 2009.

Cadê a realidade?

Sumiu o princípio da realidade! A pompa acadêmica o expulsou.

O *Petit Trianon*, a acadêmica presença, diante de mim, de uma realidade admirável de grandes espíritos, a cortesia deliciosa de Ivan Junqueira ao aceitar a tarefa nada invejável de me elogiar, e eu próprio, enfim, agora tomando a palavra para um exercício aparentemente convencional, canônico – o do discurso de agradecimento – tudo isso faz uma ilustração perfeita do que chamamos “academismo”.

Ora vejam bem, depois desse prólogo um tanto calderoniano, devo confessar que, se houver “academismo” aqui e agora, esse “academismo”, fora das belas aparências, me parece de uma natureza bem especial.

Primeiro, não podemos esquecer – pelo menos eu não posso – que o *Petit Trianon* foi concebido por Marie Antoinette justamente para escapar do constrangimento da corte de Luis XVI, acadêmica demais... Não podemos esquecer que o *Petit Trianon* foi o símbolo mesmo do anticonformismo que custou a vida à bruxa austríaca...

Em seguida, a prestigiosa presença de vocês todos, representantes da instituição mais gloriosa deste país?

Mas não sou eu, foi o próprio Antonio Alçada Baptista que escreveu no seu livro de crônicas intitulado *O Tempo das palavras*, ao lembrar e lamentar o formalismo português:

De cada vez que vou ao Brasil, sinto uma leveza na nossa língua portuguesa, que necessariamente se vai reflectir na leveza das próprias relações humanas. Por mais paradoxal que pareça ao português médio, uma das coisas menos acadêmicas que existe no Brasil é precisamente a Academia Brasileira. Gilberto Amado, ao fazer o discurso de posse, com a presença do Governador do Estado e outras pessoas de “respeito”, ia-o apresentando com apreciações que fazia ao seu próprio discurso:

Este bocadinho não saiu mau, não...

Em terceiro lugar, enfim, este meu discurso.

Logo quando a data desta cerimônia foi marcada, eu fui indagando sobre as regras retóricas, o quadro do exercício imposto. Aí, recebi respostas, ao meu ver francês, pouco cartesianas, ou pouco acadêmicas.

Me disseram assim:

Olha, Didier, você poderia fazer um bocadinho de agradecimento, um bocadinho de homenagem ao seu predecessor Antonio Alçada Baptista, mais um bocadinho de fala sobre você mesmo ... e basta!

Mas veja bem, Didier! Vocês, franceses, com o seu sentido clássico da palavra, sempre tiveram a maior consideração pela “brevitas” (brevidade) ática, ao contrário de nós, mais voltados à “abundantia” asiática, como se dizia na época de Cícero (me desculpe, senhor Presidente, mas é o outro). Então, aproveite, Didier, seja breve, seja o francês tal qual o amamos! Os seus novos colegas, Didier, adoram a “brevitas”, não sabemos por que...”

Tendo já verificado a pertinência do aviso de Antonio Alçada Baptista sobre o academismo da ABL, pensei a achar mais ajuda procurando na ciência retórica as regras do método para fazer um “bocadinho” de discurso de agradecimento. Foi então que eu lembrei já ter feito tal pesquisa, quando o meu amigo romancista Daniel Pennac, preparando um livro justamente intitulado *Merci*, e sabendo do meu gosto pela retórica antiga, pediu-me algumas informações a propósito. Qual foi a minha surpresa, então, ao descobrir que nem Aristóteles, nem Cícero, nem Quintiliano, ninguém jamais havia tratado do assunto!

Todas as situações de tomada de palavra pública foram investigadas, registradas, legisladas, classificadas, com exclusão da situação na qual me encontro neste momento, a de exprimir sua gratidão. Sim, por incrível que pareça, as regras do discurso de agradecimento nunca foram explicitadas, nunca formalizadas, nunca codificadas.

Claro que, pondo a parte a eloquência judiciária e religiosa, o agradecimento se inscreve no quadro da eloquência epidíctica, ou seja, demonstrativa, onde encontramos todos os tipos de retórica apologética, encomiástica, panegírica, para

elogiar, censurar, exortar, persuadir, dissuadir, concelebrar, envergonhar – mas, para agradecer, não existe nada – nenhum conselho, nenhuma receita, nenhum quadro pré-estabelecido.

Será que a gratidão teria sido um afeto desconhecido dos Antigos? Que nenhum orador grego ou romano teria se encontrado na situação de agradecer? Uma situação tão banal, tão frequente, tão comum? Aliás, conheço alguns bons amigos, evidentemente cariocas, que não deixaria de ressaltar que esta minha situação, hoje, não é tão “comum” assim...

Quem jamais assistiu à recepção de um modesto asno por uma formidável assembleia de leões? Nem La Fontaine chegou a imaginar!

A fábula que ele contou não foi a do emagrecimento do boi, até atingir o tamanho de uma rã francesa!

Mas de repente, estou reparando que, ao lamentar assim a falta de recursos para fazer o meu discurso, ele vai pouco a pouco se construindo, de cada “pedra” que encontro “no meio do caminho”. Sim, justamente, “no meio do caminho” que hoje nos reúne, Antonio Alçada Baptista e eu, temos aquela “pedra” mineira: a admiração que em comum temos por Carlos Drummond de Andrade, “mestre, irmão e companheiro de uma vida toda”, como escreveu numa crônica de saudação para os 70 anos do itabirano, em 1972. Antonio Alçada Baptista continua: “Irmana-me essa *gaucherie* do poeta – e posso dizer: irmana-nos essa *gaucherie* do poeta - de quem entra surpreendido na grande sala do mundo – no grande salão do *Petit Trianon* – podemos imaginar que ele entrou assim, curioso mas tímido, com as contidas incertezas de um anti-herói, para dar logo um pontapé sem querer na jarra das conveniências”.

Eu também vou atrapalhar um pouco as conveniências, fazendo uma confissão que convém não fazer nos jogos mundanos da “grande sala do mundo”: antes de partilhar com Antonio Alçada Baptista a honra de sentar-me na mesma cadeira acadêmica, eu não conhecia nada do meu predecessor. Assim dizendo, não posso ofender a sua memória. Ele próprio gostava de gozar com a relatividade das glórias literárias, e, quando, por exemplo, faleceu Adolfo Casaes Monteiro, não se espantou de que ele já tivesse sido completamente esquecido no

seu próprio país. Daí ele parte para considerações sobre Qohelet e as vaidades das coisas terrestres. Portanto, não foi uma surpresa descobrir que ele tinha uma profunda admiração pelo nosso cético gascão Montaigne – que é, para mim, bem mais do que um compatriota.

Drummond, Montaigne? Já dava para quebrar o gelo da estranheza – de fato, avançando na minha leitura de Antonio Alçada Baptista, graças aos livros que o embaixador Alberto da Costa e Silva, horrorizado pela minha ignorância, teve a gentileza de me emprestar, o encanto não parou de crescer, até o ponto onde uma descoberta vira redescoberta, numa experiência parecida com uma espécie de anamnese platoniana – garimpei inúmeras asserções, tais como:

“Meu pessimismo é confiante, meu optimismo é trágico” ou “Entre integrista e progressista, direitas e esquerdas, não sou por uns nem por outros” ou “O homem se liberta muito mais através daquilo que se vai despojando do que através das coisas que vai adquirindo”.

Essas ideias já se encontravam na minha memória...

E é assim que se foi estabelecendo uma correspondência providencial entre dois Sócios Correspondentes. E logo percebi a vantagem que para mim resultava da conjunção.

Pois agora posso revelar que “no meio do caminho” deste discurso, eu “tinha” (foi assim que traduzi o célebre verso de Drummond: “*j’avais*”, provocando de propósito um escândalo nos meios “lusólogos” do meu país) uma “pedra” mais problemática ainda – a obrigação de falar de mim em público. A primeira regra da “*galanterie*” francesa, antes da chegada do Romantismo, era a de proibir toda a exibição do “eu” – não posso abjurar minha educação clássica.

Por isso, minha coalescência com Antonio Alçada Baptista foi uma sorte inesperada – falando dele, escapava da obrigação de falar de mim. Homenagear a sua bela memória permitia que se esquecesse a homenagem embaraçosa prestada hoje à minha pessoa.

Com uma leitura assim orientada, consegui até descobrir que Antonio Alçada Baptista, embora não tivesse, aparentemente, traduzido nada, no entanto foi,

como o seu sucessor, um tradutor. Não no sentido linguístico da palavra, mas no sentido cultural.

Foi um dos primeiros, em Portugal, a se engajar no combate para o reconhecimento das culturas lusófonas alheias, as africanas, cabo-verdianas e brasileiras. Passeador das “peregrinações interiores”, também foi passador entre o passado e a modernidade, entre o velho mundo e o novo, entre o Antigo Testamento da constrangedora Tradição e o Novo Testamento de um Deus libertador e quase liberal, entre a Igreja A.C e a Igreja P.C como ele dizia, significando Antes e Pós-conciliar.

Pois, traduzir não é só verter um texto de uma língua para outra. É transpor uma cultura para outra, uma *Weltanschauung* para outra. Quero dizer, citando Georges Steiner que, por sua vez, citava o meu mestre Martin Heidegger : “toda tradução é um ato historial”, implicando não apenas os entes, ou, em termos heideggerianos, os “estandos” (isto é: o texto original, o tradutor, o trasladado e o público receptor), mas também, e sobretudo, o próprio ser.

“Historial” foi a tradução grega da Bíblia graças ao milagre dos Setenta (lembramos de Nietzsche lamentando que Deus, por uma vez que estudou uma língua, a grega, fora um aprendiz assim péssimo), “historical” a tradução da *Vulgate* por São Jerônimo, “historial” em línguas modernas das obras antigas pelos humanistas da Renascença. Em cada ocorrência, assistimos à transferência de um mundo ao outro, a bem-conhecida “*translatio studii*”, que estava necessariamente ligada à “*translatio imperii*” – o que, infelizmente, mudou bastante no mundo contemporâneo, onde “*studium*” e “*imperium*” se divorciaram, numa trágica secessão entre a “potestas” e a “auctoritas”... (Hanna Arendt).

Não foi por acaso que Richelieu, em 1635, ofereceu duas cadeiras, na primeira Academia Francesa, a dois tradutores: Jean Baudoin e Nicolas Perrot D’Ablancourt – dois protagonistas da “*Querelle des belles infidèles*”, naquela época onde tudo era pretexto a querelas – *la Querelle des Dictionnaires*, *la Querelle des Anciens et des Modernes* – a volta das coisas do espírito.

Quando Vossas Excelências Acadêmicas elegeram o tradutor de Carlos Drummond de Andrade, não duvido que se lembraram daquele precedente histórico.

[telefone toca]

– Me desculpem! ... Não desliguei... Não sei mexer com esses danados bichos!... Não vai parar?...

– Com licença, senhor Presidente, posso atender? Quem sabe? Talvez o real esteja me chamando, o mundo, a realidade?...

– Alô?...Sim!... Miriam? Mas por quê?... Se eu preciso de ajuda? Não, não preciso... Você não pode me ajudar, Miriam!... Você não é real!... Sim, sim, você é real, mas quero dizer que você não pode me ajudar porque você faz parte do sonho, entendeu?... Como???...Meu Deus!... Tem certeza?... Obrigado...

– Ela acabou de me dizer que esqueci os agradecimentos!

## RECEPÇÃO DE DIDIER LAMAISSON

*Palavras do Acadêmico Ivan Junqueira\**

Senhor Didier Lamaison, insigne representante da cultura francesa, romancista, ensaísta, dramaturgo, helenista, professor de Letras Clássicas e consagrado tradutor de poetas brasileiros, ao receber-vos entre nós como Sócio Correspondente na Cadeira I, que pertenceu ao escritor português Antônio Alçada Baptista, acolhemos um intelectual que tem trabalhado sem tréguas pela difusão de nossa literatura na França, onde publicastes em 1991, sob o selo da prestigiosa Éditions Gallimard, a primeira edição de vossa magistral tradução de boa parte dos poemas contidos em 19 dos livros de Carlos Drummond de Andrade, o que vos valeu a conquista do Prêmio Nelly Sachs. Dessa admirável tradução foi lançada em 2005, sob o título de *La machine du monde*, uma segunda edição em cujo prefácio dissestes do grande poeta mineiro: “*Rebelle sans être révolté, il s’était laissé imprégner de culture française classique, puisque cela se faisait alors, au Brésil. Il en goûta surtout l’apollinisme, car son tempérament d’ironiste le portait à prendre ses distances par rapport à l’héritage ardent de la latinité américaine.*”

Mas nem só de Drummond vos ocupastes no afã tradutório de verter para o idioma de Racine outros poetas brasileiros. Assim é que, por ocasião do XXII Salão do Livro de Paris, em 2002, a UNESCO lançou a *Anthologie de la poésie romantique brésilienne*, para a qual colaborastes, juntamente com Adrienne de Azevedo Macedo e Cécile Tricoire, com a tradução de diversos poemas representativos daquele movimento literário em nosso país, alguns dos quais ainda inéditos em

---

\* Discurso proferido na sessão do dia 6 de agosto de 2009.

língua francesa, como é o caso do “I-Juca Pirama”, “Marabá” e “Canção do Tamoi”, de Gonçalves Dias. E é de vossa pena, ainda, a tradução dos poemas de Ferreira Gullar incluídos na coletânea *Dans la nuit véloce*, em edição bilingue que se publicou em 2003, reunindo textos que o autor maranhense produziu entre 1950 e 2001. Para todas essas traduções cuidastes de redigir esclarecedores e substanciais estudos introdutórios destinados a apresentar nossos poetas a um público que, em sua imensa maioria, deles só possuía uma pálida e esgarçada noção.

Vem de longe o vosso amor pelo idioma de Camões, pois que nele vos iniciastes ainda no princípio da década de 1980, quando cumpristes como leitor um período de especialização em língua e literatura portuguesa na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, lá permanecendo por cinco anos em contato com a nossa cultura e a nossa poesia, em especial, naquela época, com as de Augusto dos Anjos e Vinicius de Moraes, cujos versos memorizastes a fim de que, mais pelo som do que pelo sentido, pudésseis melhor vos adentrar naquela nova língua que em breve também seria vossa. E vossa a um tal ponto que fostes capaz de traduzir depois para o francês, embora eu saiba que os guardais ainda inéditos, os volumes de narrativas curtas *Contos Fluminenses* e *Papéis Avulsos* e os romances *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. Na verdade, esse amoroso aprendizado das coisas estrangeiras já se iniciara antes, graças aos quatro anos que vivestes na África, sobretudo em Ruanda, onde vosso interesse dirigiu-se para os problemas de política cultural. E da África ao Brasil foi apenas um passo, pois o que nos separam (e nos aproximam) são as águas de “um rio chamado Atlântico”, como sabiamente nos ensina o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. E ainda para o francês traduzistes poemas de Fernando Pessoa e Augusto dos Anjos, bem como três contos de Machado de Assis, a novela *Andante com morte*, de Mário Pontes, e textos de algumas canções de Chico Buarque de Holanda e Caetano Veloso.

Nascido em Fontainebleau a 2 de fevereiro de 1947, sois, como vos apraz dizer, “orgulhoso de vossas origens gascãs”, que são as mesmas, “não por acaso”, assim o dizeis, de Montaigne, vosso autor preferido. Mas a Gasconha é também a terra do *rugby*, que praticastes durante 15 anos como integrante do *Paris Université Club*. Foi graças ao *rugby*, aliás, que viestes pela primeira vez ao

Brasil, em 1972, durante uma turnê daquela agremiação esportiva à Argentina e ao Chile. Paralelamente, entretanto, foi-se cumprindo a vossa esmerada e sólida formação intelectual, que deve muito, entre outros, ao vosso professor de filosofia Jean Beaufret, amigo de Martin Heidegger e o mais autorizado intérprete de seu pensamento na França. E foi Beaufret, como afirmais, que vos despertou o interesse pela filosofia, sobretudo a de Platão. Graças a essa formação é que vos tornastes, anos mais tarde, professor de Letras Clássicas em vários estabelecimentos franceses de ensino superior.

Dizeis ainda que foi a paixão pelo teatro, em particular o de Sófocles, que vos levou à esfera dos estudos helênicos e à composição de diversas comédias, escritas entre 1985 e 2001, uma tragédia, com data de 2004, e até mesmo, recentemente, uma ópera. E foi sem dúvida na condição de helenista que traduzistes do grego o *Górgias*, de Platão, em 2004, e *Édipo Rei*, de Sófocles, em 2006, que vos havia inspirado o romance homônimo publicado pela Gallimard em 1994 e reeditado em 2006. No campo do teatro participastes ainda, como diretor e ator, de vários grupos dramáticos cujo repertório incluía peças de Beaumarchais, Césaire, Ionesco, Labiche, Obaldia, Roblès e Sartre.

Conhecido por numerosos artigos na imprensa francesa, sois ainda autor de importantes estudos e ensaios, como, entre outros, *La courtoisie et l'amour chez Chrétien de Troyes* (1996), *Le Ménon de Platon* (1999) e *Discours sur l'universalité de la francophonie* (1987), com o qual conquistastes o cobiçado Prêmio da Francofonia do Concurso Literário Internacional Charles-Hélou. Recorde-se, outrossim, na área da produção didática, *L'etymologie en jeux*, que publicastes em 2006 em colaboração com vossa filha Sophie Lamaison, assim como vossa participação, na qualidade de redator da parte francesa, do *Dictionnaire des proverbes*, uma edição trilingue (francês/português/inglês) lançada pela Lacerda Editores em 1999.

Conferencista aplaudido na França, no Brasil, na África e na América do Sul, sois ainda o autor da coletânea poética *Poésie à Paris*, publicada em 1986, de consagradas traduções do grego, do inglês e do alemão e de estudos multidisciplinares que confrontam as áreas da pintura, da teologia, da filosofia, da literatura, da pedagogia e da psicologia. E cabe aqui não esquecer que fostes também jornalista, redator-chefe do jornal satírico *L'Épique*, em 1988, diretor da

*Société d'Éditions du Franc-Dire* e membro do Conselho Editorial da nossa revista *Poesia Sempre*, publicada pela Fundação Biblioteca Nacional, durante o período de 1997 a 2002.

Senhor Didier Lamaison, o perfil que traço de vós é necessariamente breve, fragmentário e lacunoso, talvez até quase indigno da paixão e da constância com que vós dedicais à língua portuguesa e à literatura brasileira que nela se escreve, contribuindo assim para que ambas possam melhor ser entendidas na França, a cuja cultura tanto devemos, como devemos também este *Petit Trianon* onde hoje vos saúdo. Mas as poucas palavras que aqui vos dirijo aspiram ter a força de um profundo e sincero reconhecimento por tudo o que fizestes e decerto ainda fareis não apenas por nossa literatura, mas também, a partir de agora, por esta Academia que já é vossa. É vossa de direito e de fato, pois que nela só tendes amigos e fiéis admiradores. Sois um pouco da França entre nós, assim como nós, por vossas mãos, passaremos a ser um pouco mais na terra que nos deu não somente o modelo de nossa instituição, mas também a própria casa que nos abriga. Ela é vossa, repito. Seja bem-vindo ao nosso convívio, Senhor Didier Lamaison.

## SESSÃO DO DIA 13 DE AGOSTO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho; Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier; Candido Mendes de Almeida; Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário as Atas das sessões dos dias 30 de julho e 6 de agosto, que foram aprovadas. Entregou aos Acadêmicos cartas dos Senhores Nelson Coelho da Silva, agradecendo a concessão da Medalha João Ribeiro; Pierre Rivas, Henri-Pierre Jeudi, Roger Chartier e Xavier North, agradecendo a acolhida que tiveram na Casa de Machado de Assis por ocasião do Seminário “A França no *Petit Trianon*”; e carta do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre o Prêmio Euclides da Cunha.
- O Presidente aproveitou a oportunidade para nomear a comissão do referido Prêmio, que ficou assim constituída: Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Presidente; José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo; Affonso Arinos de Mello Franco e Luiz Paulo Horta. Informou que as sessões do dia 20 de agosto, em homenagem aos 40 anos de magistério do Acadêmico José Murilo de

Carvalho, e do dia 27, em homenagem ao Centenário da Academia Mineira de Letras, serão realizadas no *Petit Trianon*. Ressaltou que, depois de muitas tratativas, as atividades do Teatro R. Magalhães Jr. já estão sob o patrocínio da Petrobras. Informou que recebeu a visita de duas técnicas do BNDES, que aprovaram toda a reforma do subsolo e também a reposição de recursos oriundos dos investimentos da ABL, utilizados na reforma do primeiro andar.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez doação de três documentos referentes aos processos de sucessão e eleição da Casa. O primeiro, uma fotocópia da carta de Jorge de Lima endereçada à Afrânio Peixoto em que cobra o voto do Acadêmico, na medida em que ele diz que foi de Afrânio Peixoto a declaração de que Jorge de Lima era um bom poeta e merecia estar na ABL; um convite original da cerimônia de recepção de Getúlio Vargas pelo Acadêmico Ataúlfo de Paiva, em 29 de dezembro de 1943; finalmente, uma carta do futuro Acadêmico Antonio Houaiss, datada de 4 de julho de 1966, dirigida ao Ministro Álvaro Ribeiro da Costa solicitando a mediação deste no sentido de tentar obter o voto do Ministro Candido Mota Filho para sua candidatura. O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a doação de documentos tão preciosos e lembrou que Jorge de Lima, segundo uma pesquisa realizada na ABL, candidatou-se três vezes e perdeu as três, uma das quais para Barbosa Lima Sobrinho. Salientou que o considera um dos maiores poetas do século XX. Sugeriu a leitura da carta do Acadêmico Antonio Houaiss por ser um exemplo de redação sem nenhum tipo de bajulação, que deveria ser distribuída entre candidatos.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou o episódio em que Jorge de Lima escreveu uma carta para o escritor Georges Bernanos pedindo que obtivesse o voto de Miguel Osório de Almeida para sua eleição, por ser ele muito ligado ao escritor.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta lembrou que foram quatro as eleições em que Jorge de Lima concorreu e, numa delas, na qual já estava praticamente eleito, não se elegeu porque o voto que veio pelo correio chegou atrasado.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que o Acadêmico José Candido de Carvalho faria 90 anos no dia 14 de agosto e morreu perto do aniversário, há 20 anos. São duas datas redondas. Autor de um clássico da literatura brasileira, *O Coronel e o Lobisomem*, editado pela José Olympio, foi durante muitos anos presidente da Funarte. Depois, ao tempo em que fui Secretário de Educação e Cultura, José Candido presidiu, por minha indicação, o Conselho Estadual de Cultura do RJ. Um segundo ponto refere-se à Associação Brasileira de Educação, que resiste bravamente ao tempo. A instituição está fazendo 85 anos de existência profícua. Por fim propôs que a ABL se manifeste junto ao atual presidente da ABE, Prof. João Pessoa de Albuquerque, felicitando-o pela luta contínua em prol da educação brasileira.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e aproveitou para lembrar que a Diretoria vai deixar para o próximo ano um programa de sugestões de Efemérides para 2010, entre as quais avulta a de Joaquim Nabuco. Pediu que os Acadêmicos fizessem indicações de efemérides, como fez o Acadêmico Arnaldo Niskier, já pensando no ano de 2010.
- O Acadêmico Moacyr Scliar observou que a cidade de Campos dos Goytacazes lembra o Acadêmico José Candido de Carvalho de uma forma muito intensa. Observou que o centenário de Joaquim Nabuco cairá no dia 17 de janeiro, em pleno recesso acadêmico, e salientou que o papel da mídia será muito importante.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que deixará o assunto a critério da Comissão encarregada do Centenário de Joaquim Nabuco, tendo certeza de que a data de 17 de janeiro não passará despercebida.
- O Acadêmico Domício Proença Filho, a propósito das comemorações relacionadas ao centenário de Joaquim Nabuco, informou que a casa em que ele morou, na Ilha de Paquetá, lá está preservada, mas esquecida, conservada apenas pelas religiosas que ali moram e a mantêm. Sugeriu uma visita da Comissão à Casa e a colocação de uma placa alusiva, uma vez que o Acadêmico ali residira por algum tempo.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça lembrou, a propósito do que já foi referido, o centenário de nascimento do Acadêmico Carlos Chagas Filho e de Noel Rosa. Como a ABL é voltada para as humanidades e sempre se revelou interessada no paisagismo, lembrou o centenário, que transcorre ainda este ano, de Roberto Burle-Marx, que tanto aprimorou essa atividade. Uma trajetória extraordinária de grandes obras de embelezamento a partir de certos valores que considerou como prioridade. Dizia ele que o jardim deve ser como a natureza: redondo e de múltiplas formas. Lembrou que foi no Recife que o paisagista fez os seus primeiros jardins, o Jardim Dois Irmãos e o jardim na Praça do Derby. Foi curioso porque Burle-Marx usou flores vermelhas e, na época, foi acusado de comunista, como se nelas tivesse embutido a vontade de fazer política. Ressaltou a atenção que Burle-Marx teve não só com a Amazônia, mas com plantas do mundo inteiro, trazendo diversas mudas de árvores para o Aterro do Flamengo.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que na relação dos mais importantes jardins do mundo, divulgada na década de 1980 pela UNESCO, ao lado do jardim de *Champs de Mars* está o jardim da Praia do Flamengo. Salientou que é difícil encontrar uma aclimação de toda a botânica brasileira, como ele conseguiu, o que é um exemplo único de quem reúne as qualidades do artista, do botânico e do sábio.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva relembrou o Parque Del Este, em Caracas, que está ameaçado de ser desfigurado pela instalação de um dos grandes bancos colombianos, e o Parque Da Costa e Silva, em Teresina, que foi também construído por Burle-Marx e no qual estão quase todas as espécies vegetais do Piauí.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta lembrou D. Lota Macedo Soares, que, ao lado de Burle-Marx, lutou pela preservação do Jardim do Flamengo quando da construção de oito pistas asfaltadas. Ao fim, construíram-se apenas duas.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, no Capítulo das Efemérides, falou sobre a vida e a obra de Emílio de Menezes. Seus críticos diziam que ele era mais um caricaturista implacável do que um humorista talentoso, sustentando que não tinha a graça de um Miguel de Cervantes, de um Jonathan Swift, de

um William Thackeray, de um Lawrence Sterne, de um Thomas Carlyle, de um Décimo Juvenal ou de um Homero. No começo da vida, Emílio trabalhou como prático de farmácia. Era então um jovem franzino e magrinho, que em nada fazia prever o cinquentão barrigudo, que seria depois. Na mocidade, resolveu ser um literato e, aos 21 anos, mudou-se para o Rio, onde foi um jornalista notívago e um pioneiro na boêmia intelectual dos bares de sua época, ao lado de Paula Ney, Patrocínio, Bilac e Lima Barreto, escrevendo crônicas satíricas para diversos jornais e lançando vários livros de versos.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pela bela apresentação sobre a vida e a obra do Acadêmico Emílio de Menezes e convidou os Acadêmicos para a mesa-redonda em homenagem aos cem anos da Academia Mineira de Letras, no dia 27 de agosto próximo, no Salão Nobre da ABL, com a participação do Presidente Cícero Sandroni; Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras; e Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, José Murilo de Carvalho e Sábato Magaldi.

## *SESSÃO DO DIA 20 DE AGOSTO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Hélio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão em homenagem aos 40 anos de magistério do Acadêmico José Murilo de Carvalho, o Presidente Cícero Sandroni agradeceu a presença de todos e passou a compor a mesa, que ficou assim constituída: Acadêmico Alberto da Costa e Silva, Dr. Victorino Chermont, 2.º Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Prof. Aloísio Teixeira, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Prof. Jacob Palis Presidente da Academia Brasileira de Ciências; Professora Heloisa Starling, Vice-Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- O Dr. Victorino Chermont, representando o Dr. Arno Wehling, leu seu belo discurso sobre a vida e a obra do Acadêmico José Murilo. Falou sobre a carreira do Acadêmico a qual se agrega a de docente universitário, pesqui-

sador da Fundação Casa de Rui Barbosa, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, do IUPERJ e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nesta ocupou o cargo de professor titular de História do Brasil. Nessas atividades produziu, ao influxo de uma reflexão permanente sobre o processo de construção do Brasil, nos séculos XIX e XX, uma obra significativa, mas também no caso das instituições universitárias, cumpriu seu múnus de formador de profissionais, como professor, como orientador de dissertações e teses e como examinador. A excelência dessa contribuição traduziu-se também na participação como professor visitante em instituições estrangeiras devotadas a estudos brasileiros.

- O Presidente agradeceu ao Dr. Victorino Chermont e deu a palavra ao Professor Aloísio Teixeira, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- O Professor Aloísio Teixeira ressaltou o imenso sentimento de honra pessoal em homenagear o Acadêmico José Murilo de Carvalho, por ocasião do transcurso de seus 40 anos de magistério. A esse sentimento, soma-se outro de dimensão institucional, é a UFRJ que se sente honrada por contar em seus quadros com um docente pesquisador da estatura do Prof. José Murilo de Carvalho. Estatura essa comprovada pelo simples fato de que as duas Academias e o Instituto Histórico Geográfico o acolhem em seu seio, reconhecendo por tanto o valor científico e literário de sua obra.
- O Presidente Cícero Sandroni deu a palavra ao Prof. Jacob Palis, Presidente da Academia Brasileira de Ciências.
- O Prof. Jacob Palis ressaltou que conhece o Acadêmico José Murilo de Carvalho há décadas e concordou com o Reitor Aloísio Teixeira por considerar-se filho de uma nova época do Brasil, que se iniciou há 40 anos nos seus contornos mais definitivos. Muita coisa aconteceu antes, porém no final dos anos 60 tiveram acontecimentos extremamente complexos, que se afiguraram diante de uma inteligência brilhante como a do Professor José Murilo de Carvalho. De um lado a perda da Democracia e de outro um investimento novo muito maior do que antes em ciência e tecnologia. Finalizando, disse que, desde cedo, percebeu no Acadêmico José Murilo de Carvalho uma grande inteligência, um possuidor de ética e integridade que teve o prazer de conhecer.

- A Professora Luiza Starling, Vice-Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais disse que para a UFMG é muito importante estar presente e participar desta homenagem pelo orgulho que tem do aluno e do Professor José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva louvou o escritor José Murilo de Carvalho. Por inovadora e importante que seja a pesquisa em que se assenta, um livro de história mal escrito será consultado, citado, estudado, admirado por algum tempo, porém jamais amorosamente lido. Todos sabemos disso, pois as obras dos historiadores do passado que retiramos da estante para nos acompanhar num fim de semana são aquelas tão bem escritas que continuam, após tantas releituras e até mesmo contestações, a iluminar nossa imaginação. Obras de estudiosos da história que foram grandes escritores como Gibbon, Michelet, Burkhardt, Huizinga ou Capistrano de Abreu. José Murilo de Carvalho pertence a essa estirpe. É cuidadoso no bordado e não dispensa a tensão do tecido no bastidor, para dar com precisão os seus pontos. Não se resigna, contudo, em evitar, como nos quis fazer crer na página inicial da reedição de um de seus livros, deslizos gramaticais e deselegâncias de estilo. Sabe dar a cada parágrafo de um texto o ritmo apropriado, a cor e o tom que o assunto pede, e a cada palavra o seu volume e peso. É conciso, preciso e claro. Pois escreve bem porque pensa bem. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni ao encerrar a sessão, agradeceu a todos e ressaltou que quando da entrada nesta Casa do Acadêmico José Murilo de Carvalho, estavam o Brasil e o Mundo no Limiar do Novo Século. Havia é claro o Teatro de Sombras, mas não da política imperial e sim de outras políticas. Esperava-se a Construção da Ordem, no entanto, muitos permaneciam Bestializados. O esforço do Acadêmico voltava-se para a Formação das Almas da Monarquia Brasileira, mas também de Cidadania no Brasil, o longo caminho. Passamos pelas Forças Armadas e política no Brasil. Mas a sua perícia, especialista em Pontos e Bordados construiu um exemplo para todos no seu Pedro II, sobre o qual só resta a pergunta que não é só do Imperador ou de Hamlet, mas de todos: “ser ou não ser?” Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão

## JOSÉ MURILO DE CARVALHO

*Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva\**

Já se fizeram aqui os elogios do historiador, do cientista social, do analista político, do intérprete do Brasil, do professor, do homem preocupado com os problemas de seu tempo e do amigo que olha com caridade para os nossos defeitos. Deixem-me que louve o escritor José Murilo de Carvalho.

Tendemos, hoje em dia, a esquecer que o relato histórico é um gênero literário, e que sempre foi considerado como um dos mais nobres. Por inovadora e importante que seja a pesquisa em que se assenta, um livro de história mal escrito será consultado, citado, estudado, admirado por algum tempo, porém jamais amorosamente lido. Todos sabemos disso, pois as obras dos historiadores do passado que retiramos da estante para nos acompanhar num fim de semana são aquelas tão bem escritas que continuam, após tantas releituras e até mesmo contestações, a iluminar nossa imaginação. Obras de estudiosos da história que foram grandes escritores como – e fico em grandes exemplos – Gibbon, Michelet, Burkhardt, Huizinga ou Capistrano de Abreu.

José Murilo pertence a essa estirpe. É cuidadoso no bordado – tomo um símile seu – e não dispensa a tensão do tecido no bastidor, para dar com precisão os seus pontos. Não se resigna, contudo, em evitar, como nos quis fazer crer na página inicial da reedição de um de seus livros, deslizes gramaticais e deselegâncias de estilo. Sabe dar a cada parágrafo de um texto o ritmo apropriado, a cor

---

\* Proferidas na sessão do dia 20 de agosto de 2009.

e o tom que o assunto pede, e a cada palavra o seu volume e peso. É conciso, preciso e claro. Pois escreve bem porque pensa bem.

Ignoro se José Murilo guardou este passo de *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, mas estou convencido de que dele se apropriaria feliz. Diz Garrett, e poderia também dizer José Murilo: “Isto pensava, isto escrevo; isto tinha na alma, isto vai no papel; que doutro modo não sei escrever. Pois só sabe escrever história não apenas pensando, mas também sentindo o passado, cômico de que há situações que só se descrevem com ironia, e outras, com frieza, serenidade, indignação, paciência, entusiasmo, piedade ou humor”. É um mestre em saber arrastar-nos páginas afora, sem poupar-nos surpresas e a deixar-nos expectantes por novas. E assim é, tanto num texto como *Os bordados de João Cândido*, escrito com as mesmas manhas do padre Brown, o detetive criado por G. K. Chesterton, ou no instigante ensaio, com também o seu quê de conto policial, sobre a elevação de Tiradentes a herói da República, ou, ainda, na sua biografia de D. Pedro II, riquíssima em sua concisão e que se construiu, emocionadamente, com a mesma técnica de um romance, quanto no seu relato sobre a formação das elites do Império, do qual até o fim não conseguimos afastar os olhos. O que nos prende, neste último caso, além dos resultados da pesquisa, resumidos nos quadros numéricos, é a nitidez e a elegância com que os revela e analisa a alma, digamos assim, que neles pôs.

E põe o coração nas figuras humanas de que trata, e lhes desenha o retrato. E refaz ambientes, situações e, se necessário, paisagens. E nos empurra para os acontecimentos. E polemiza muitas vezes com o passado e com o presente. Mas é um polemista sóbrio e elegante, que, às vezes, fica à beira de pedir desculpas por discordar ou duvidar.

Os seus livros não são objetos frios. E não só porque José Murilo de Carvalho se apegava a seus temas, mas porque neles envolve afetivamente os seus leitores. Ou seja, porque é não apenas um estudioso da história, mas, sim, um historiador. Ou seja, um escritor.

## *SESSÃO DO DIA 27 DE AGOSTO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início a Sessão em Homenagem ao Centenário da Academia Mineira de Letras, convidou o Ministro Patrus Ananias, o Senador Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras; Dr. Paulo Brant, Secretário de Cultura do Estado de Minas Gerais e os Acadêmicos Carlos Nejar, Affonso Arinos de Mello Franco, José Murilo de Carvalho e Domício Proença Filho para comporem a mesa.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a presença de todos e passou a palavra ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que, ao aceitar os convites dos presidentes Cícero Sandroni e Murilo Badaró, velhos e caros amigos, a quem tanto deve, para dar sua contribuição a esta efeméride do glorio-

so Centenário da Academia Mineira de Letras (fundada, em Juiz de Fora, no dia do Natal de 1909, e transferida para Belo Horizonte em 1915), curvou-se, simultaneamente, a um apelo pessoal e a uma obrigação moral, dos quais não poderia esquivar-se, como Acadêmico mineiro, filho e sobrinho-neto de Acadêmicos mineiros, dos quais herdou o nome e o título. Assim, no tocante a escritores que tanto ilustraram a literatura e a cultura nacionais, limitou-se ao que deles disseram seus familiares. Quanto ao mais próximo dentre estes, louvá-lo significaria, para ele, missão constrangedora. Um quarto de século antes, Afonso Arinos fora eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em obediência ao critério da antiguidade, discorreu sobre a vida e a obra dos Acadêmicos que pertenceram a Academia Brasileira de Letras.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e deu a palavra ao Acadêmico Carlos Nejar.
- O Acadêmico Carlos Nejar discorreu sobre Abgar Renault. Um místico que durante anos buscou alcançar o bem supremo. Uma noite, extenuado, adormeceu e teve a visão do Paraíso. Ao despertar, murmurou tristemente: “O que tentei quando acordado, só consegui dormindo.” Diferente do místico, o poeta faz com que suas palavras sonhem com o paraíso, terrivelmente acordado. E é de um Poeta que fala. Abgar Renault nasceu em Barbacena, Minas Gerais, em 15 de abril de 1901, e morreu no Rio, em 31 de dezembro de 1995. Poeta, tradutor admirável, Secretário de Educação, Ministro de Educação, membro do Conselho Nacional de Educação, Ministro do Tribunal de Contas, pertenceu à Academia Brasileira de Letras, de que foi, em curto período, Presidente. E, curiosamente, soube ser um político no sentido alto, um educador e, ao mesmo tempo, um poeta logrando esta aparentemente inconciliável aliança entre a água e o fogo. Não foi o educador que serviu ao político, mas foi o político que serviu ao educador, apesar da forte e concentrada mineiridade que lhe dava tom imparcial, como nos versos de Maïacoski, “a anatomia ficou louca: era todo coração”. Coração fiel a Minas, fiel aos amigos, fiel à criação. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar e deu a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho.
- O Acadêmico Domício Proença Filho salientou que comemorar é, etimologicamente, lembrar junto, significado a que se acrescentou a dimensão conotativa da celebração. Cabe-me, nesta festiva comemoração do centenário da Academia Mineira de Letras, trazer à memória, por sugestão do Presidente Cícero Sandroni – que me sabe amador exacerbado das coisas de Minas Gerais –, o legado dos poetas arcades escolhidos como patronos comuns às duas Casas, a Brasileira e a de Minas. São eles Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga e Basílio da Gama. Aproximações. A identificação telúrica que os caracteriza é tal, que a tradição historiográfica se habituou a considerá-los, no âmbito dos estudos literários, como integrantes da chamada Escola Mineira. A expressão, tradicionalmente consagrada por inúmeros manuais de literatura, foi, na verdade, cunhada, no século XIX pelo pesquisador Sílvio Romero, para identificar o conjunto dos escritores integrado pelos cinco poetas citados, por Alvarenga Peixoto e ainda, na condição de epígono, Domingos Caldas Barbosa. No fundamento da proposta, o fato de serem autores próximos no tempo e com espaço comum: as obras que os imortalizam foram dadas a público entre 1770 e 1800 e eles nasceram ou viveram em Minas Gerais. Tais escritores, entretanto, não constituíram um grupo. Cláudio, Gonzaga e Alvarenga Peixoto conviveram em Vila Rica apenas de 1782 a 1789, período de deflagração e aborto do movimento da conhecida conjuração. Basílio esteve mais na Europa. Santa Rita Durão saiu do Brasil ainda criança. Silva Alvarenga radicou-se no Rio de Janeiro. E Caldas Barbosa também sediou-se nas terras cariocas de seu nascimento. Considerá-los em conjunto, para além da designação, justifica-se, por outro lado, por força dos aspectos comuns que lhes marcam os textos literários, traços peculiares ao Arcadismo, estilo epocal então vigente, entendido o termo em dupla dimensão: vinculado à convenção pastoral que evoca e às características do iluminismo. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho salientou que uma das muitas incompetências que vem colecionando ao longo da vida é não ser capaz de cultivar a retórica epidíctica, ou celebratória, recomendada para efemérides como a que estamos celebrando aqui hoje, os 100 anos da Academia Mineira de Letras. Peço que me relevem a falha. Também não conseguirei falar de mineiridades, mineirices e mineirismos, pois o que me interessa em Minas é o que ela possui de valores humanos e universais. Nessa matéria, estou com Milton Nascimento quando cantou “sou do mundo, sou Minas Gerais”. O que tenho condição de fazer, e o que proponho fazer, prestando, como posso, minha homenagem à Academia Mineira de Letras, é pensar um pouco sobre as relações entre as duas academias, sobre suas aproximações e afastamentos, e lembrar alguns nomes da AML cujas personalidades e obras me tocam mais de perto. Lembrou que Orlando Carvalho e Victor Nunes Leal honraram a Academia Mineira de Letras e honraram o Brasil. Eles o fizeram trabalhando e lutando por valores universais, a liberdade e a democracia. De Victor, disse Orlando que o substrato de sua obra era o humanismo e a procura do universal como fonte de entendimento do particular, postura típica da gente mineira. De Orlando, digo eu o mesmo e, por meio dos dois, presto a melhor homenagem que posso aos cem anos da Academia Mineira de Letras. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho, que mostrou não só ser um grande historiador, mas também um grande estatístico, com seus números apresentados, e passou a palavra ao Dr. Paulo Brant, Secretário de Cultura do Estado de Minas Gerais, representando o Governador Aécio Neves.
- O Dr. Paulo Brant discorreu sobre os cem anos da Academia Mineira de Letras, homenagem singela, mas plena de significado. Disse que esta é uma homenagem justa, já que a Instituição, ao longo de toda a sua história, desde a sua origem, tem sido uma fonte luminosa na vida de todos os mineiros. Desejou os parabéns sinceros e efusivos e que essa Casa centenária continue a ser uma referência na cena cultural de Minas Gerais.

- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras.
- O Acadêmico Murilo Badaró fez a entrega de uma placa da Academia Mineira de Letras rendendo tributo à Academia Brasileira de Letras pelo admirável trabalho que desenvolve em favor da cultura brasileira. Lembrou quando o Padre Antônio Vieira pronunciou o “Sermão da Primeira Domingo do Advento” na Capela Real de Lisboa, no ano de 1650, por todos considerado dos mais altos momentos da eloquência vieiriana. Na famosa prédica, o imortal pregador comentava que “quando ofereceram as mitras a varões santos e sisudos eles não quiseram subir à alteza da dignidade, porque reconheceram a do precipício”. (Sermões, vol. I, pág. 48). Ressaltou que o que Vieira quis dizer é que toda altura é um precipício. Subir a esta tribuna é ficar na beirada dele, risco que o levou a buscar, com cuidados especiais, a palavra certa para nele não se despenhar, especialmente agora, quando as circunstâncias e o dever de gratidão lhe impuseram este lugar de honra para tornar público o penhorado agradecimento da Academia Mineira de Letras por esta imorredoura homenagem, que prestam a ela neste dia inesquecível. A Academia Brasileira de Letras, verdadeiro milagre de continuidade, é a última instância da inteligência no Brasil. Aqui se “vê claro e quieto”, como dizia Machado de Assis. É uma casa da palavra, da palavra reproduzida no verbo e no *logos*. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Badaró. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

## ABGAR RENAULT – POETA-EDUCADOR

*Estudo do Acadêmico Carlos Nejar\**

Um místico durante anos buscou alcançar o bem supremo. Uma noite, extenuado, adormeceu e teve a visão do Paraíso. Ao despertar, murmurou tristemente: – O que tentei quando acordado, só consegui dormindo. Diferente do místico, o poeta faz com que suas palavras sonhem com o paraíso, terrivelmente acordado. E é de um Poeta que falo. Abgar Renault nasceu em Barbacena, Minas Gerais, em 15 de abril de 1901, e morreu no Rio, em 31 de dezembro de 1995. Poeta, tradutor admirável, Secretário de Educação, Ministro de Educação, membro do Conselho Nacional de Educação, Ministro do Tribunal de Contas. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, de que foi, em curto período, Presidente. E curiosamente, soube ser um político no sentido alto, um Educador e, ao mesmo tempo, um Poeta logrando esta aparentemente inconciliável aliança entre a água e o fogo. Não foi o Educador que serviu ao Político, mas foi o Político que serviu ao Educador, apesar da forte e concentrada mineiridade que lhe dava tom imparcial, como nos versos de Maiacósky, “a anatomia ficou louca: era todo coração”. Coração fiel a Minas, fiel aos amigos, fiel à criação. Um coração que perdeu as idades para esquecer. E Abgar Renault veio pronto como poeta. Do primeiro (*Lápide sob a Lua*, 1968) ao último livro (*Poesia Reunida*, 1990), perpassa igual madureza de estilo. Isso é visível na edição de sua *Obra Poética* (Rio: Record, 1990), reunindo *A Princesa e o Pegureiro*, *Sonetos Antigos* (1923), *A Outra Face da Lua*, *A Lápide sob a Lua*, *Sofotulafai*, *Cristal Refratário*,

---

\* Apresentado na sessão do dia 27 de agosto de 2009.

*Íntimo Poço, Thanatos e O rei do Escuro*. E foi Carlos Drummond de Andrade que acentuou o fato de Abgar jamais haver perdido sua característica fundamental, “o culto às formas decorosas de expressão. Nessa imensa falta de respeito que foi o modernismo, conservou o respeito próprio e o respeito dos outros”. Esse arejamento independente vincou o sotaque abgariano, a proeminência de substantivos adjetivados e, sobretudo, dos verbos de movimento. O ritmo vibrátil, rico, entre aliteraões, assonâncias, anáforas. Trabalhou um material de fonte simbolista, que às vezes parece anacrônico e preemto, com formas adormecidas no bosque. Mas os sinais denunciam a passagem humana, ou a sucessão. Abgar Renault palmilhando as sombras, a solidão, as penumbras sem remédio, o poço íntimo, o rio escuro, devassa “o reino da sombra da morte”, com uma lucidez que Eliot admitia em Dante: “O pensamento pode ser obscuro, mas a palavra é lúcida, ou melhor, transparente”. Sua palavra é barro que se vai contornando. Até o fogo e a luz.

O tramitar do eterno retorno, que Heráclito e Nietzsche perceberam, perence à natureza abgariana. A ida e a vinda, também são nossas.

E esse eterno-retorno-mágico-verbal tem a cumplicidade do silêncio. A criação não se tranca em si mesma, vai-se revelando. Sem expulsar do paraíso, torna-se consciência do real e da morte. “Fazendeiro sem fazenda, / eu escuto a tua moenda / moendo a cana dolorida / de que escorre intenso caldo / com gosto de sangue e vida”//. (Mensagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade).

Abgar Renault se mune de oposições, como observou argutamente, Mário Chamie (“Suplemento” do *Estado de S. Paulo*, 30/09/1984), falando em ambiguidade. Luz e sombra se entretecem na maioria dos poemas com a dialética camoniana. Ser-não ser.

“Foi uma carta sem letra / a carta que recebi; / o seu começo era vi, / acabava por um nada / e no meio só et coetera; / não foi jamais começada, / como não foi acabada”...// (A Carta). Se a linguagem é um sistema, Abgar insere, subversivamente, nele sua interpretação do cosmos. Sem esquecer que essa ambiguidade é um jogo cíclico. E com a roda das estações se confunde. Tudo transita, avulta, desmorona. Em “Viagem”: “De tempo somos feitos e acabamos / quando escassa clepsidra seca em nós. / Inescrutavelmente gote-

jamos / A nossa essência breve, neste a sós.// Fugirmos entre fugitivos ramos / De horas e dias. Fluidos e sem voz, / Escorremos de nós e nos escoamos / Sem esperança até a esperada foz.”// (Omnia fluunt). O poeta pega o tempo. E tudo é transitório. “Sofotulafai” é um dos mais belos e vigorosos poemas de nossa língua. Concentra-se nas pegadas, palavras, signos. “Os homens vivem, morrem por sinais; / tudo tem um sinal, ou raso ou fundo, / no gelo intenso ou onde o fogo lava.”// ... (Sofotulafai). Nutrindo-se o poema de estranhas efusões, combinações insólitas, efeitos gráficos visuais, letras, armações sonoras. Os versos em francês ou inglês correm com naturalidade, como se escritos fossem apenas na linguagem da vida. Ou antes de Babel. “Sofotulafai” parece ter sido gravado por aquela mão que, diante dos olhos atônitos do rei Belsazar, dos sábios e de Daniel, o decifrador, na Babilônia, traçava a sentença do destino. Seria Daniel o poeta? Ou nós que constatamos? “Tudo é nome ou palavra e todos nós” (*Ibidem*). E o enigma é “a hera que pelo silencioso muro cresce”. Fado, término, ou retorno ao nada? Nihilismo ou provável esperança? Entramos onde o viver “foi asa”, escrevendo o destino. E o sentido.

É importante frisar: “Sofotulafai” para Abgar é o universo, como “Finnegans”, a obscura carta, o é para Joyce. Ou *O Grande Livro*, para Mallarmé. O universo é o que constantemente defrontamos. Com o código de amor que as palavras honram. O universo do sentido. “O mundo acaba. A vida silencia.” (*Ibidem*). E a sentença é murmurada.

Outro aspecto na obra abgariana é a musicalidade que atinge níveis imprevistos. Ezra Pound conceitua a melopeia, como “a poesia nas fronteiras da música e a música talvez seja a ponte (continua ele) entre a consciência e o universo sensível não pensante, ou mesmo não sensível”. A música no poema é tangida com discreta maestria, colhendo todos os sentidos, sons, nexos. O acorde dos instrumentos mais íntimos ou tácitos. “Quero a dúvida, oculta música / e os nela, em surdos retumbos, / tensos tambores de Túnis.”// (“Toada de Túnis”). “O que mais comparece na obra de Renault é o soneto. Em todos os livros. E cito, agora, um dos mais belos entre *Os Sonetos Antigos* (1923): “Se me consume a vossa malquereça, / Em pó volvendo o orgulho de meu ser, / Elle, desvaleroso, se compensa / Na só speranza de vos comover.// Que Amor, já surdo e cego de nascença, / Demais de nada ouvir e nada ver, / Ferindo-se a si próprio, nada

pensa, / E nada dissuade o seu querer.// Mal que façamos cobra-nos o Fado; / E, embora tanto mal que vós façaes, / Heis-me aqui nesta magoa sepultado.// Senhora, a Deus pedindo, co os meus ais, / Que não pagueis, hum dia, redobrado, / Todo o desprezo com que me mataes.”// (Soneto VI). E os sonetos abgarianos – geralmente em decassílabos – nada devem, em altura e beleza, aos de Drummond ou Jorge de Lima, confluindo em novo simbolismo, com espantoso domínio metafórico. Amor e morte compassam esta solidão individual que se faz coletiva, ou cidadina. O desembocar na morte, sob o fluxo inevitável, circular. O desaparecimento dos vestígios no rio escuro (Letes). Heidegarianamente, o poeta é um ser para a morte. “No céu, na pedra, na sombra / tinta de silêncio e sombra / escreve. Aqui acabei”...// (Epitáfio II).

Abgar Renault é um desconhecido ainda, na medida em que seus vários companheiros, como Carlos Drummond e Murilo Mendes alcançaram o renome nacional. Se é verdade que esse dito reconhecimento se forja do conjunto de compreensões e incompreensões em torno de uma obra, a poesia abgariana é cercada de respeitoso silêncio. O que certifica também sua grandeza.

Órfico, elegíaco, está mais próximo de minha geração, do que a sua: “Perdoai-me se me esqueci a mim sentado entre vós, / como um de vós, e não reconheci o meu destino tão comum.”// (Prefácio de desculpas). Escreveu Italo Calvino que “as margens da memória, uma vez fixadas com as palavras, cancelam-se”. Todavia, a memória das palavras só a poesia completa.

## ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

*Discurso do Acadêmico Domício Proença Filho\**

Senhor Presidente Cícero Sandroni

Senhor Presidente Murilo Badaró

Senhor Ministro Patrus Ananias

Demais integrantes da mesa

Prezados amigos e amigas das Minas Gerais

Senhoras Acadêmicas, senhores Acadêmicos,

Senhoras esposas de Acadêmicos, que homenageio na pessoa de D. Diva Dias Correia,

Senhoras, Senhores:

A ABL, A Academia Mineira e seus Patronos Arcades

Comemorar é, etimologicamente, lembrar junto, significado a que se acrescentou a dimensão conotativa da celebração.

Cabe-me, nesta festiva comemoração do Centenário da Academia Mineira de Letras, trazer à memória, por sugestão do Presidente Cícero Sandroni- que me sabe amador exacerbado das coisas de Minas Gerais-, o legado dos poetas arcades escolhidos como patronos comuns às duas Casas, a Brasileira e a de

---

\* Proferido na sessão em homenagem ao Centenário da Academia Mineira de Letras, no dia 27 de agosto de 2009.

Minas. São eles: Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga e Basílio da Gama.

A identificação telúrica que os caracteriza é tal, que a tradição historiográfica se habituou a considerá-los, no âmbito dos estudos literários, como integrantes da chamada Escola Mineira.

A expressão, tradicionalmente consagrada por inúmeros manuais de literatura, foi, na verdade, cunhada, no século XIX, pelo pesquisador Sílvio Romero, para identificar o conjunto dos escritores integrado pelos cinco poetas citados, por Alvarenga Peixoto e ainda, na condição de epígono, Domingos Caldas Barbosa. No fundamento da proposta, o fato de serem autores próximos no tempo e com espaço comum: as obras que os immortalizam foram dadas a público entre 1770 – 1800 e eles nasceram ou viveram em Minas Gerais. Tais escritores, entretanto, não constituíram um grupo. Cláudio, Gonzaga e Alvarenga Peixoto conviveram em Vila Rica apenas de 1782 a 1789, período de deflagração e aborto do movimento da conhecida conjuração. Basílio esteve mais na Europa. Santa Rita Durão saiu do Brasil ainda criança. Silva Alvarenga radicou-se no Rio de Janeiro. E Caldas Barbosa também se sediou nas terras cariocas de seu nascimento.

Considerá-los em conjunto, para além da designação, justifica-se, por outro lado, por força dos aspectos comuns que lhes marcam os textos literários, traços peculiares ao Arcadismo, estilo epocal então vigente, entendido o termo em dupla dimensão: vinculado à convenção pastoral que evoca e às características do Iluminismo.

Os poetas associam-se, deste modo, à assunção poética do bucolismo – exaltação da vida campesina simples, mas sem rusticidade, com suas paisagens, suas pastoras, seu gado – e ao culto das normas ditadas pela Antiguidade clássica, presentes nas artes poéticas e nos manuais da época, a preconizar o retorno ao equilíbrio e à simplicidade dos modelos greco-romanos, diretamente ou a partir dos renascentistas.

O Arcadismo que suas obras evidenciam, entretanto, traz a marca da peculiaridade: não tem o rigor que o caracteriza nas norteadoras plagas europeias. A poesia que realizam reveste-se também de marcas do Rococó e do Pré-roman-

tismo; matiza-se de sentimentalismo e de aspectos nativistas; revela momentos de inspiração para além das camisas de força dos princípios literários clássicos.

A obra do rico advogado, minerador, fazendeiro e criador de gado bovino Cláudio Manuel da Costa, natural de Mariana, começa carregada de torneios e chavões barrocos. A modelização árcade evidencia-se marcante nas suas Obras poéticas. Ao final tende para preocupações ilustradas com problemas sociais e concretos. Ao longo dos vários livros que publicou, perpassa a presença nativista, indicadora de sentimento autônômico em relação à literatura brasileira.

Na linguagem, cultivada, com rara eficiência, a écloga, modalidade de literatura pastoril, quase sempre dialogada; o epicédio e a epístola. Em sua escrita, avulta o refinamento do soneto:

Destes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci: Oh! Quem cuidara  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa  
Tomou logo render-me; ele declara  
Contra o meu coração guerra tão rara,  
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,  
A que dava ocasião minha brandura,  
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós que ostentais a condição mais dura,  
Temei penhas, temei, que Amor tirano,  
Onde há mais resistência, mais se apura.

(COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras*. In: Proença Filho, Domicio org. *A Poesia dos Inconfidentes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002 p. 95.)

Cláudio deixou também, em publicação póstuma, o poema épico “Vila Rica”, carregado de brasilidade, e é autor da “epístola” que abre as *Cartas Chilenas*, a ele atribuída e posta em circulação em manuscrito de 1778. Trata-se de um dos mais importantes poetas da literatura do Brasil.

Tomás Antonio Gonzaga nasce no Porto. De pai brasileiro e mãe portuguesa, vem para o Brasil aos oito anos. Aos dezesseis, vai para Coimbra. Bacharela-se em 1768. É juiz de fora em Beja. Em 1779, instala-se em Vila Rica, como ouvidor e procurador dos defuntos e ausentes durante a administração tumultuada do governador Luís da Cunha Menezes. Nesta cidade, torna-se amigo e discípulo de Cláudio Manuel da Costa e convive novamente com seu primo, contemporâneo de universidade, Alvarenga Peixoto. Vive quarentão sua paixão e noivado com Maria Doroteia Joaquina de Seixas – a Marília, de sua inspiração de poeta, jovem de 16 anos – sob forte oposição da família, uma das mais conceituadas da cidade. É nomeado desembargador da Relação na Bahia, mas permanece em Vila Rica. O fracasso da conjuração de Minas fratura seus planos e projetos, levando-o ao degredo em Moçambique. Ali, único advogado habilitado, logo se torna procurador da Coroa e da Fazenda e casa-se com uma senhora de “muita fortuna e poucas letras”. Esgotado o tempo do desterro, prefere permanecer na África, nomeado então juiz da Alfândega.

Se frustrou-se a paixão pela menina-moça, dela emergiu Marília, Marília de Dirceu, para além, muito além de Maria Joaquina Doroteia. Essa Marília, eternizada em poesia. Marília louramente clássica, na estrofe descritiva da Lira I da primeira parte do livro: “Os teus olhos espalham luz divina/ A quem a luz do sol em vão se atreve;/papoila ou rosa delicada e fina/Te cobre as faces, que são cor da neve./ Os teus cabelos são um fio d’ouro;/ teu lindo corpo bálsamos vapora./ Ah! não, não fez o Céu, gentil Pastora, para Glória de amor igual Tesouro./”(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. In: PROENÇA FILHO, Domício. *Op.cit.* p. 574).

Marília, brasileira e morenizada, que a poesia permite tais fazeres, na Lira XXXVII da parte segunda: “Tome de Minas a estrada / na Igreja Nova, a que fica / Ao direito lado, e segue / Sempre firme a Vila Rica. // Entra nesta grande terra, / Passa uma formosa ponte, / Passa a segunda, a terceira / tem

um palácio defronte./ Ela tem ao pé da porta/ Uma rasgada janela, /É da sala,  
aonde assiste / A minha Marília bela.//Para bem a conheceres, /Eu te dou os  
sinais todos/do seu gesto, do seu talhe,/das suas feições e modos./O seu sem-  
blante é redondo,/sobrancelhas arqueadas, / Negros e finos cabelos / Carnes  
de neve formadas./ A boca risonha e breve,/Suas faces cor-de-rosa,/ Numa pa-  
lavra: a que vires /Entre todas mais formosa”. (GONZAGA, Tomás Antônio. Ma-  
rília de Dirceu, 2 parte, In: PROENÇA FILHO, Domício. Org. *Op.cit.* pp.675-76)

Não é sem razão que o livro, composto de três partes, esgotou dezenas de edições desde o seu lançamento, e permanece.

Depreende-se dos versos, mais do que a exaltação da amada, o percurso de uma personalidade autocentrada. O eu lírico que se explicita, autoanalisa-se e exalta, à luz dos valores burgueses do tempo, as maravilhas do sentimento amoroso, a vida conjugal sem deslizos, bafejada pela felicidade; o percurso dos seus percalços existenciais. Ao fundo, a valorização arcádica da realidade rural brasileira configurada. Na primeira parte da obra, como assinalou J. Guilherme Merquior, predominam as convenções do Arcadismo e, em várias passagens, a graciosidade do Rococó, com o tratamento intimista e a valorização do prazer.

Gonzaga nos deixou também a sátira das *Cartas Chilenas*, feitas de 13 epístolas assinadas por Critilo e enviadas do “Chile” para seu amigo Doroteu. Relatam, na verdade, desmandos e diatribes do governador de Minas, Luís da Cunha Meneses, no texto identificado como o “Fanfarrão Minésio”. A linguagem é direta e coloquial, espontânea e viva.

O desembargador Gonzaga deixou ainda, entre outras obras, um Tratado de direito natural, tese com que pretendia prestar concurso na Universidade de Coimbra.

Manuel Inácio da Silva Alvarenga é natural de Ouro Preto. Mulato, filho de músico pobre. Estuda no Rio de Janeiro e depois em Coimbra, onde se torna amigo de Basílio da Gama. De volta à capital carioca, exerce advocacia e é professor de retórica. É preso em 1794, acusado de conspiração contra a religião e o governo, principalmente em função de suas ideias progressistas e de sua ativa

participação na Sociedade Literária por ele fundada e da qual é o principal membro. A liberdade vem, três anos depois.

É autor de 59 rondós e dos 57 madrigais que compõem *Glaura*, livro de 1799. Escreveu também poemas didáticos, acentuadamente neoclássicos.

As marcas de evidência em sua poesia são a tendência ao didatismo, certo tom sentimental, já antecipador de aspectos românticos, e alguma sensualidade nas imagens. Duas passagens de rondós, a título de exemplo:

Do rondó III:

Cajueiro desgraçado  
A que Fado te entregaste,  
Pois brotaste em terra dura  
Sem cultura e sem senhor!

Do rondó X

Glaura! Glaura! Não respondes?  
E te escondes nestas brenhas?  
Dou às penhas meu lamento:  
Ó tormento sem igual!

Ao Amor cruel e esquivo  
Entreguei minha esperança,  
Que me pinta na lembrança  
Mais ativo e fero mal.

Não verás em peito amante  
Coração de mais ternura;  
Nem que guarde fé mais pura,  
Mais constante e mais leal.

(ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva.  
Glaura. In: PROENÇA FILHO, Domício, org.  
Roteiro da poesia brasileira. Arcadismo. São  
Paulo: Global, 2006, pp. 98 e 102)

Avulta na produção de José Basílio da Gama, nascido em São João Del Rei, atual Tiradentes, o poema épico *O Uraguai*. Publicado um ano depois das *Obras* de Cláudio Manuel da Costa.

A ação centraliza-se na expedição que Portugal e Espanha organizam, em 1756, para expulsar as Missões Jesuíticas instaladas no Rio Grande do Sul, em cumprimento do Tratado de Madri, redefinidor dos limites possessórios de um e de outro reino. No propósito, o elogio de Pombal contra os jesuítas, no poema os grandes alçozes. Na leitura percuciente de Antonio Candido, um jesuíta, sobretudo abstrato, como revelam as notas que acompanham o texto, verdadeiro e esclarecedor suplemento em prosa. Em destaque o índio do Brasil, simpaticamente retratado, mas figuração literária de rusticidade, deseroicizado, pastorizado, arcadizado, sentimentalizado. Longe ainda da idealização romântica. Mesmo assim, relevante, por sua configuração como presença na literatura e integração no imaginário brasileiro. Um poema épico singular, porque despojado da exaltação idealizada do heroísmo. Ao fundo, iluminado pelos princípios árcades, o confronto entre natureza e civilização. Na linguagem, o domínio do verso branco, ao tempo valorizado, e o distanciamento de Camões, como modelo. Vale destacar ainda *Quitúbia* – obra composta de 168 versos hendecassílabos, pareados em sequência única, escrito em 1791 – o primeiro texto que celebra, na literatura brasileira, o negro africano.

Destaco uma passagem do primeiro livro, centrada na morte da índia Lindoia, que o irmão Caitutu em vão tentara evitar com a seta do seu arco:

Leva nos braços a infeliz Lindoia  
O desgraçado irmão, que ao despertá-la  
Conhece com que dor!-no frio rosto  
Os sinais do veneno, e vê ferido  
Pelo dente sutil o brando peito.  
Os olhos, em que o amor reinava um dia,  
Cheios de morte: e muda aquela língua,  
Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes  
Contou a larga história de seus males.

Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,  
 E rompe em profundíssimos suspiros,  
 Lendo na testa da fronteira gruta  
 De sua mão já trêmula gravado  
 O alheio crime, a voluntária morte,  
 E por todas as partes repetido  
 O suspirado nome de Cacambo.  
 Inda conserva o pálido semblante  
 Um não sei quê de magoado e triste,  
 Que os corações mais duros entenece.  
 Tanto era bela no seu rosto a morte!

(GAMA, José Basílio da. *O Uruguai*.  
 In: PROENÇA FILHO, Domício, org. *Op. Cit.*,  
 pp.124-25)

O mineiro de Cata Preta, Frei José de Santa Rita Durão, sacerdote da Ordem de Santo Agostinho, ganha presença em Portugal como pregador e teólogo. O envolvimento no conflito entre o Marquês de Pombal e os jesuítas leva-o a abandonar o território lusitano e a seguir para a Itália, onde fica durante 22 anos. Retorna, ao tempo de D. Maria I, e assume a regência de teologia na Universidade de Coimbra. Destaca-se na sua produção, o longo poema épico “Caramuru”, centrado no descobrimento da Bahia, publicado em 1781.

O texto foi ditado a José Agostinho de Macedo, no convento da Graça, em Lisboa. Composto na esteira da influência da leitura de *O Uruguai*, mas literariamente contraposto à proposta de Basílio da Gama. Um poema criado a partir de informações livrescas sobre a realidade brasileira de que trata, cujas fontes são indicadas nos prefácios e nas notas. No núcleo, as ações e vicissitudes de Diogo Álvares Correia. O propósito: escrever uma *Brasiliada*, a exemplo de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. A ação centralizadora: as andanças de Diogo Álvares no Brasil, em meados do século XVI, e sua missão catequética de cristianizar o gentio. No desenvolvimento, inúmeros episódios da história do Brasil, os ritos, as tradições dos índios, a política colonial, a justificativa da missão civilizadora dos homens brancos. No maravilhoso, a visão católica do mundo.

Ao longo da narrativa, que associa realidade e imaginário, a exaltação da Companhia de Jesus, a tentativa de compreender a naturalidade e os costumes dos silvícolas. Na linguagem, a concisão, de par com instâncias de prolixidade, em estrofes camonianas, em oitava real. De passagem, presenças barrocas. Antológica, a descrição da morte de Moema.

Em conclusão, nas obras desses árcades sem Arcádia, que não a houve no Brasil, começa a ganhar literariamente vulto a realidade cultural brasileira em construção: no abasileiramento da paisagem peculiar ao Arcadismo europeu; na tematização de matéria já autóctone na sociedade emergente na Colônia; na humanização do indígena, que, logo idealizado, ganhará amplas dimensões simbólicas; no destaque valorizado da figura feminina; na caracterização da ironia satirizante a que se dá continuidade no processo literário brasileiro em formação; na criação de ritmos poéticos brasileiromente langorosos; na captação artística da sensibilidade que nos peculiariza; nas contribuições fundadoras da arte literária no Brasil.

Bem houveram as duas centenárias Academias ao entronizá-los na galeria dos seus patronos. Que esta breve lembrança dos seus feitos agregue-se às homenagens da Casa de Machado aos cem anos da mineira Casa da Memória.

Mais não me permitem dizer o tempo e a circunstância.

## *SESSÃO DO DIA 03 DE SETEMBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 20 de agosto, que, após reparo feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Saudou o Acadêmico António Dias Farinha, Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, presente à sessão. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos José Murilo de Carvalho e José Mindlin, que aniversariam no dia 8 de setembro próximo. Entregou aos Acadêmicos a medalha enviada pela Academia Mineira de Letras, outorgada a todos os Acadêmicos.
- O Acadêmico Evanildo Bechara saudou o professor António Dias Farinha e salientou o prazer em ter um representante da Academia das Ciências de Lisboa na Casa de Machado de Assis. Ressaltou o estreitamento dos laços históricos e culturais das duas instituições, o que abrirá a oportunidade de

se ter, no mês de novembro próximo, dois integrantes da Academia das Ciências de Lisboa, para continuar o intercâmbio de ideias entre Portugal e o Brasil. Disse da importância da presença, do apoio e da colaboração desta Academia de Lisboa após à aprovação do Acordo Ortográfico, que unifica a maneira de escrever as palavras em todo o território da lusofonia. O Brasil já tomou a iniciativa de ter em muitos dos seus principais jornais a implantação dessa reforma, uma reforma que, para o brasileiro, exigiu algumas cedências, porque no fundo o Acordo de 1990 está muito mais próximo do que Portugal faz desde 1940. Ressaltou que, se aprofundarmos um pouco mais a nossa visão, percebem-se as diferenças do Acordo de 1990, com relação ao que havia proposto em 1911 Gonçalves Viana, incontestavelmente, o maior ortógrafo das duas bandas do Atlântico. Embora o Acordo esteja mais próximo do uso português, sente-se da parte dos não especialistas, ainda que sejam pessoas do mais alto gabarito intelectual, uma reação que põe em risco a oportunidade histórica de sete países lusófonos terem admitido um Acordo que vem simplificar consideravelmente o sistema gráfico da língua, além de resolver mais coerentemente o problema dos hífens. Quando os hífens apareceram no séc. XVIII, as grandes autoridades francesas chamaram a atenção para a problemática da introdução desse hífen. Filólogos e editores preocuparam-se com o fato de que o emprego do hífen ficasse em limites muito reservados. Os espanhóis adotaram esse sistema e estão se dando muito bem com o uso restrito do emprego do hífen, mas os ortógrafos portugueses e brasileiros resolveram sobrecarregar as funções diacríticas do hífen. Esse Acordo, em duas bases apenas, veio trazer a solução inteligente desse problema. Salientou que não há nenhuma língua no mundo com uma ortografia ideal, é sempre um sistema convencional e a língua falada é muito mais rica do que a disposição das letras para sua transliteração da escrita. Ressaltou que a presença de um representante do mais alto valor intelectual, como o Dr. António Farinha, vem incontestavelmente abrir as portas da oportunidade de se ter uma ligação mais íntima das duas Academias, ainda mais porque a Academia das Ciências de Lisboa está preparando o seu *Vocabulário Ortográfico*, a partir do qual ambas as Academias podem sentar e resolver as diferenças mal-atendidas pelo Acordo Ortográfico.

- O Prof. António Dias Farinha, Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, ressaltou o aconchego que sentiu ao desembarcar no Brasil e visitar a Casa de Machado de Assis. Disse que chegou ao lugar no qual a língua portuguesa dos brasileiros é uma língua admirável e é também o lugar de onde vieram os grandes dicionários e gramáticas das últimas décadas. Quando assiste a esse grande esforço, percebe que ele é sobretudo um esforço brasileiro, embora os portugueses estejam fazendo o seu melhor para encontrar um denominador comum da língua e da ortografia. Ressaltou que uma língua não é só para se entender, e sim nela viver e traduzir os sentimentos da alma e os sentimentos que vão procurar dar essa humanidade aos humanos.
- Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Dr. António Dias Farinha pelas palavras e acha importante ressaltar o esforço que as duas Academias estão realizando no sentido de uma unificação da ortografia. Pediu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça para fazer a entrega da Medalha do Centenário da Morte de Machado de Assis ao Prof. António Dias Farinha e ao Acadêmico Murilo Melo Filho que passasse ao Prof. Farinha esta mesma medalha para ser entregue ao Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Dr. Eduardo Arantes de Oliveira.
- Prosseguindo, o Presidente Cícero Sandroni deu ciência aos Acadêmicos que 90% das atividades culturais realizadas no Teatro R. Magalhães Jr. foram patrocinadas pela Petrobras, e nesse acordo havia uma recomendação de que se desse conta do trabalho realizado em 2008, gerando assim a publicação que está sendo entregue. A partir da leitura da mesma, pediu que os Acadêmicos fizessem suas críticas.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça mencionou que já tinha visto a publicação e parabenizou a Diretoria pelo trabalho admirável. Tem qualidade gráfica extraordinária e mostra a fidelidade de sua gestão ao seu discurso inaugural, quando disse que a Casa deve ser entendida como a Academia voltada para as humanidades, e não exclusivista na apreciação de uma manifestação da inteligência e da estética.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- O Acadêmico Carlos Nejar disse que nessa tarde, dentro desse tempo que Mário Quintana chamava de tempos bicudos, em que o esquecimento muitas vezes quer solapar muitos atos humanos, trouxe para esta Casa um trabalho de mais de 16 anos de Deonísio da Silva, que mantém uma coluna “O Mundo das Palavras”, na revista *Caras* e como esta é Casa da palavra, cada um dos seus membros está recebendo um exemplar de *A Vida Íntima das Frases*, que também será encaminhado à Biblioteca Rodolfo Garcia, da ABL. Destacou o trabalho de Deonísio da Silva, que é Doutor em Letras, autor de mais de 33 livros entre romances e ensaios e com o livro *Avante, Soldados: para Trás*, recebeu o Prêmio das Américas, em Cuba, tendo o escritor José Saramago como presidente do Júri. Por tudo isso acredita ser merecedor de toda a atenção deste plenário. Disse ao Presidente que gostaria muito que esta Instituição fizesse uma comunicação parabenizando a Revista *Caras* pela manutenção desta Coluna, porque é uma coluna a respeito da palavra que é o material diário desta Casa. E aquele que honra a palavra merece ser honrado.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier propôs um voto de pesar pelo falecimento do jurista Carlos Alberto Direito. Lembrou ter estado, em companhia do Acadêmico Murilo Melo Filho, no velório do professor, jurista e advogado que faleceu aos 66 anos, depois de ter realizado em vida uma carreira das mais brilhantes, no que elegera como a sua escolha profissional: o Direito. Chegou a ser Secretário de Estado do Rio de Janeiro e desembargador do Tribunal de Justiça deste Estado, sendo depois alçado ao Superior Tribunal de Justiça e finalmente, em menos de dois anos, emprestou o brilho da sua cultura ao Supremo Tribunal Federal. Afirmou que, por se tratar de um carioca nascido em Belém do Pará, de uma pessoa que conviveu com muitos dos confrades desta Casa nas várias entidades a que pertenceu e por ser um homem reto, íntegro – como demonstrou a vida inteira, inclusive quando foi chefe de Gabinete do Ministério da Educação – pediu ao Presidente que considerasse a hipótese de apresentar a solidariedade da Casa de Machado de Assis à viúva, Professora Wanda Direito, que estava bastante desolada.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha deu curso ao pronunciamento do Acadêmico Arnaldo Niskier, associando-se à sua proposta e acrescentando que Carlos Alberto Direito foi um grande jurista que jamais se adstringiu ao forma-

lismo jurídico, pois imprimiu-lhe um caráter humanizante e os seus votos sempre tiveram grande consistência. Os votos recentes por ele proferidos no Supremo Tribunal Federal, que muitos aqui provavelmente se recordam, não importa se para concordar ou discordar, relevam a profundidade e a lucidez com que ele apresentava as suas ideias. Declarou que o conheceu há mais de 30 anos, sempre o admirou em todas as funções que desempenhou, algumas das quais mencionadas pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, fazendo-o sempre com grande espírito público, grande desambição, seriedade, competência, razão pela qual realmente deixa um vazio enorme nas letras jurídicas brasileiras e na cultura em geral.

- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que a manifestação da Academia se estenda também ao Supremo Tribunal Federal, e não apenas à família.
- O Acadêmico Cícero Sandroni declarou que também conheceu Carlos Alberto Direito, que trazia no nome a sua vocação e a linha de ação de um homem que sempre trabalhou com a consciência tranquila, numa atitude daquilo que ele julgava o certo e o correto, não só na jurisprudência, onde era um mestre, mas também nas humanidades. Lembrou que conheceu Carlos Alberto Direito mais de perto na Fundação Rio, na gestão de Israel Klabin, onde desenvolveu um trabalho muito importante na área cultural do Rio de Janeiro. Mais tarde, na função de Chefe de Gabinete do Ministro Ney Braga, todo o seu talento e a sua capacidade de trabalho foram desenvolvidos no sentido de melhorar a educação do Brasil, o que era também o objetivo daquele político paranaense com quem igualmente teve o privilégio de privar muito. Está certo de que o plenário aprova a sugestão dos Acadêmicos Arnaldo Niskier e Tarcísio Padilha com a emenda do Acadêmico Lêdo Ivo. Disse ter certeza de que no velório os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Murilo Melo Filho representaram condignamente a Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Luiz Paulo Horta trouxe ao plenário uma rápida lembrança de juventude no distante ano de 1962, ocasião em que estava na PUC começando o Curso de Direito, e Carlos Alberto Direito pertencia a uma turma acima da sua, mas eram da mesma idade. Ele dirigia um Departamento de Apoio aos Penitenciários e comandou uma expedição com os colegas da

PUC à Penitenciária da Ilha Grande, que era um lugar um pouco sinistro, onde tiveram a oportunidade de conversar com Madame Satã. Na época, Carlos Alberto Direito teria 20 anos, mas já mostrava esse espírito público que depois se tornou tão claro e manifesto.

- O Presidente disse que as palavras do Acadêmico Luiz Paulo Horta serão incorporadas às manifestações desta Casa sobre Carlos Alberto Direito e que esse trecho da ata será enviado à família e ao Supremo Tribunal Federal, com o voto de pesar desta Casa.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho saudou o recente lançamento do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, *O Quadrado Amarelo*. Disse tratar-se de um livro realmente importante no qual o autor reúne textos sobre Lula Cardoso Ayres, Carlos Bracher, Carybé, Concessa Colaço, Herberto Sales, Gilberto Freyre, Augusto Meyer, Guimarães Rosa, Raul Pompeia, Augusto dos Anjos, Pierre Verger e Fernando Pessoa, a África na literatura brasileira e as suas lembranças como Embaixador do Brasil na Nigéria e em Portugal. Lembrou também a obra do Acadêmico Alberto da Costa e Silva anteriormente publicada. (O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho. Registrou a concessão do título de *Doutor Honoris Causa* ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva pela Universidade Federal Fluminense, onde sentiu o clima de grande alegria em trazer para os quadros dessa instituição um intelectual da qualidade deste confrade.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e disse que irá lançar mais livros para que ele faça mais apresentações como esta. Agradeceu a presença, em Niterói, dos Acadêmicos Cícero Sandroni, Ivan Junqueira, Affonso Arinos de Mello Franco e Evanildo Bechara.
- O Acadêmico Carlos Nejar, ao lembrar Alcides Maya, falou do adolescente que viajou com a família a Porto Alegre em face da insegurança gerada pela Revolução de 1893. Não chegando a se formar na Faculdade de Direito de

São Paulo, dedica-se ao jornalismo. Graça Aranha, ao vê-lo falar nos círculos intelectuais da Corte, após sua mudança para o Rio, ficou fascinado com o brilho e erudição de Alcides Maya, que se consagrou com o ensaio sobre o gênio de Machado de Assis. Falou, por fim, da sua obra ficcional toda vinculada ao Rio Grande do Sul. (O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar pelas palavras sobre Alcides Maya. Agradeceu também a presença do Acadêmico António Dias Farinha, Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, e convidou a todos para o lançamento do livro do Senador Saturnino Braga, *O Curso das Ideias*, no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras.

## O QUADRADO AMARELO, DE ALBERTO DA COSTA E SILVA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Para que fique devidamente inscrito em nossos *Anais*, cumpro o dever de saudar o lançamento nesta Casa deste livro *O Quadrado Amarelo*, do nobre Acadêmico Alberto da Costa e Silva, nosso querido companheiro nesta Academia e na Biblioteca Rodolfo Garcia.

Trata-se de um livro realmente importante, no qual o autor reúne alguns dos seus melhores textos sobre Lula Cardoso Ayres, Carlos Bracher, Carybé, Concessa Colaço, Herberto Sales, Gilberto Freyre, Augusto Meyer, Guimarães Rosa, Raul Pompeia, Augusto dos Anjos, o Pierre Verger e Fernando Pessoa, a África na literatura brasileira e as suas lembranças como Embaixador na Nigéria e em Portugal.

Anteriormente, com os livros *A Enxada e a Lança*, *A Manilha e o Libambo*, *Francisco Felix de Souza*, *o Mercador de Escravos*, *Das Mãos do Oleiro*, *Um Rio Chamado Atlântico* e *As Relações entre o Brasil e a África Negra*, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva já se transformara num dos maiores africanólogos brasileiros.

---

\* Proferidas na sessão do dia 3 de setembro de 2009.

Agora, neste seu *O Quadrado Amarelo*, há um pródigo esbanjamento de informações e comentários, escritos num estilo sóbrio e elegante, numa prosa escorreita e límpida, que trafega aos olhos do leitor com desenvoltura e simplicidade, sem excessos ou redundâncias.

Bem haja mais este livro, Senhor Acadêmico Alberto da Costa e Silva, e que Vossa Excelência continue a nos brindar com obras tão boas como esta, são os sinceros votos deste seu colega e companheiro, que muito o estima e respeita.

## ALCIDES MAYA OU ALMA BÁRBARA

*Estudo do Acadêmico Carlos Nejar\**

Voltaire predizia que o futuro seria bárbaro. Estaria Alcides Maya, com sua alma bárbara, no futuro?

Veio a lume em São Gabriel, na antiga Praça da Caridade, em 15 de outubro de 1878. Adolescente, com a família viajou a Porto Alegre, em face da insegurança gerada pela Revolução de 1893. Não chegando a se formar na Faculdade de Direito de São Paulo, dedica-se ao jornalismo. Graça Aranha, ao vê-lo confeccionar nos círculos intelectuais da Corte, após sua mudança ao Rio, ficou fascinado com o brilho e erudição de Alcides Maya, que se consagrou com o ensaio sobre o gênio de Machado de Assis. É eleito em 6 de setembro de 1913 para a Cadeira 4, da Academia Brasileira de Letras, concorrendo com Alberto Torres, Almáquio Diniz e Virgílio Várzea, e alcançando 19 votos, no terceiro escrutínio, na sucessão de Aluísio Azevedo. Foi saudado pelo Acadêmico Rodrigo Otávio.

Aos 19 anos, publicou seu primeiro trabalho, *Pelo Futuro*; a seguir, *O Rio Grande Independente* (1898). Em 1910, com ruído acontecimento, apareceu seu romance *Ruínas Vivas*, onde se revela paisagista de força, com a exegese dos costumes gaúchos. No ano seguinte, prefaciado por Coelho Neto, publica os contos de *Tapera*. Em 1912, o magnífico *Machado de Assis* (ensaio sobre o humor), respondendo ao polêmico – e no caso, injusto – Sílvio Romero. As observações de Alcides Maya, mais do nunca, hoje, se tornam atuais, ao considerar Machado

---

\* Apresentado na sessão do dia 03 de setembro de 2009.

de uma civilização que de si própria dúvida. Editou ainda *Crônicas e Ensaios*, em 1918; os contos de *Alma Bárbara* (em 1922) e *Romantismo e Naturalismo na obra de Aluísio de Azevedo* (1926). Faleceu em 2 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro.

Sua obra ficcional toda se vincula ao Rio Grande do Sul. É um erudito no romance. Cyro Martins assevera que Maya acumula um vocabulário empedernido de adornos, com a sombra estilística de Coelho Neto, o que sucede, segundo ele, desde a parte inicial até a metade da primeira parte de *Ruínas Vivas*. Prefiro outra ótica: a de constatar que nem sempre o escritor de estilo oposto é crítico apropriado. Por tender a ver o próximo, com as órbitas de sua pessoalíssima criação, por sinal, quase franciscana. Nenhuma influência faz um livro viver, se não tiver sopro próprio. Machado de Assis é que bem adverte: “Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas que se fazem novas, – não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum” (1873). A fonte expressiva de Alcides Maya – pensamos, mesmo com anacronismos, refletem o mundo que, em volta, fenece. Outra ressonância, subterrânea à de Coelho Neto, é a de Flaubert que se preocupava mais com o desenho, do que com a vibração, evitando o engano da natureza. Em contrapartida, Maya tem a qualidade poética renovadora da sua vivência campestre, o êxtase da natureza, a emoção de que não se arredava, ao falar da terra, não permitindo que perdesse a sombra como aquele personagem de Adelbert von Chamisso, alemão-francês. Pois no fluir da prosa, vence pela autenticidade, pelo élan criativo que concede aos seres da imaginação, o que lhe sobra de talento pictórico. Se a arte se consolida em manusear os clássicos, ela se anima em contato com as criaturas e se aprofunda, na proporção em que se apossam do criador. O que sucede, entre conjugar paisagem, amor nativo, cenas de costumes. E agiganta-se como ficcionista. Tal experiência textual se estende à *Tapera* (“O fim da estrada é a tapera” – diz um “payador” pampiano) e à *Alma Bárbara*. Mas foi, aliás, em *Ruínas Vivas*, que Augusto Meyer vislumbrou a preocupação de desenhar a frase com torturada exatidão: o que perseguiu Flaubert. Na minúcia, Alcides Maya deu-se conta da falta de perspectiva do conjunto, fazendo com que cada capítulo assumisse a importância de um todo. E engenhosamente, deu maior unidade

à obra. Miguelito – protagonista - que luta contra o proprietário da fazenda, seu genitor, “é uma projeção alegórica do passado” (João Pinto da Silva). Miguelito, portanto, situa-se entre os heróis da decadência, ou do supérfluo, de mesma família espiritual de um Eugênio Oneguín, de um Puckin, na Rússia, de um Paulo Honório e Fabiano, de um Graciliano Ramos, mesmo de um Riobaldo (rio falhado ou exausto), de Guimarães Rosa. Miguelito não assume a missão que lhe cabe e fica na rebeldia de filho bastardo contra a autoridade paterna. Não rasga caminho. Os demais seres são secundários – Anilho, Bento, Carmen e Ritoca, o cão rafeiro, Gaudério, o convincente Jango Souza, Chico Santos e seu delírio quase machadiano. E disse “quase”, porque o delírio das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se racionaliza e o de Maya é a de uma emoção que endoidece. Cintilam os episódios: o funéreo coro das reses, a morte de Carmen, as carreiras. Tão magnificamente se envolve Alcides Maya no assunto que os excessos se obscurecem diante da orvalhosa natureza campeira, aliada ao viço inventivo. Porque “assinou com sangue.” *Tapera* guarda o juízo exigente de João Ribeiro (1918): “É um dos livros mais curiosos e paradoxais que tenho lido. [...] A exuberância das cores é toda arrancada ao tédio da planície. Milagre de artista! [...] Não sei de livro que traduza mais e melhor essa intranquilidade vibrátil dos sertanejos do sul. É talvez hiperbólico, descomedido [...] mas é um livro forte, fiel, dos raros que espelham a nossa vida, sem lhe tirar as feições mais próprias. Viverá, se bem o julgo.” Esse livro de contos, eivado de melancolia, mostra a desagregação do homem de campanha na crise transformadora do progresso. Como observa o cantador Jayme Caetano Braum: “O Rio Grande gaudério / fugindo da evolução”. Disso Maya foi espelho e, para despertar essa época em nós, há que mergulhar na sua leitura. Certa crítica o estigmatizou, carecendo de abordagem mais profunda e contemporânea na sua obra. É verdade que padecia da avidez pela perfeição formal – o que Guilhermino César reconhece – porém, é verdade também que, dentro de uma dimensão barroca, pode ser hoje compreendido e melhor avaliado. *Tapera* – por exemplo – relata uma religiosidade ancestral e administra os mitos da origem gauchesca que afligiam Jorge Luis Borges. É a sua arquitetura ficcional que nos conduz à riqueza das contradições – o sobrenatural, o trágico, o maléfico - abrindo novo espaço de representação e reconhecimento textual. Focaliza a ação como quem a vê e às vezes deixa que o leitor pressinta seu respirar. E é mágico.

Em *Alma Bárbara*, há o deslocamento narrativo dos personagens. Despojando-se, aumenta o vigor dos contos. É o tempo da degola, da brutalidade, trazendo às descrições um anseio de maior humanismo, onde o naturalista se afia e o alquimista se apura. O gaúcho se desenraiza diante do processo reificador. Maya, ao utilizar os elementos impressionistas, romanticamente mitifica a própria desarticulação social, denuncia a miséria, o abandono e a sucessiva marcha urbana. Prefigura o advento do homem a pé, o desalojado pela civilização, sem eira nem beira. Na cantiga de Braun, o trovador, vislumbra-se a decadência econômica e social: “O juro é sempre a velhice / e de que adianta este juro? / se ao índio mais queixo duro / o tempo amansa no assédio? / Porque na conta da vida / não adianta saldo médio.” Sim, o bárbaro pode ser o civilizado. Querendo ou não, engendra-se a lenda da valentia do morador dos pagos: “Sou gaúcho de bom gosto/ Da serra do Caverá / A faca da ponta grande/ Vai dizer como será”.

Em 1944, os restos mortais de Alcides Maya foram transferidos ao Rio Grande do Sul: homenagem póstuma. Onde ele dorme. E o tempo só guarda dele uma leitura: a de que é um “veterano”. Canta o mesmo payador: “Não se apagam por decretos / heranças de todos nós./ Não vou matar meus avós / para ficar de bem com os netos”.

## SESSÃO DO DIA 10 DE SETEMBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a versão resumida da Ata da reunião do dia 3 de setembro, que foi aprovada.
- O Presidente pediu para entregar aos membros da Comissão Comemorativa do Centenário de Joaquim Nabuco o Ofício da Fundação Joaquim Nabuco, encaminhando 20 exemplares do *Catálogo do Arquivo Joaquim Nabuco*, especialmente produzido para assinalar o 160.º aniversário de nascimento do patrono dessa Instituição – transcorrido no dia 19 de agosto – e, ainda, um exemplar do CD “História da Imprensa de Pernambuco”, sobre a obra do grande pesquisador pernambucano Luiz do Nascimento. Como o número de exemplares enviados é insuficiente, foram eles distribuídos inicialmente para os membros da Comissão. O Presidente já oficiou no sentido de receber mais exemplares para que todos os confrades tenham acesso a essa

publicação. Deu conhecimento da carta do Consulado Geral da França, assinada pela Sra. Susana Hadj-Said, Assistente de Cooperação Linguística e Educativa, convidando à Diretoria da Casa e os demais Acadêmicos para participar da sessão de abertura do Colóquio “Representações recíprocas entre os discursos francofônicos e lusófonos”, que terá lugar no Teatro da Maison de France, no próximo dia 14, às 10 horas. Comunicou ainda que a Academia recebeu, como parte da herança de Francisco Alves, um belo prédio de cinco andares, na esquina da rua Uruguaiana com a do Rosário, onde era certamente a sede da Livraria Francisco Alves. Este prédio está muito bem alugado no andar térreo e ocupado por lojas, mas os demais andares estavam ocupados por um colégio que, na gestão do Acadêmico Ivan Junqueira, foi retirado de lá, por ser inadimplente. Disse tratar-se de um prédio maravilhoso, mas que precisa de uma reforma na fachada, até porque se encontra localizado no Corredor Cultural da Cidade do Rio de Janeiro e, feita essa reforma, a Academia ficaria isenta do IPTU. Prosseguindo, deu uma boa notícia na área da receita: a Editora Global, que detém os direitos do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, está acertando esta semana um contrato com o Ministério da Cultura para vender 205 mil exemplares a um preço bem reduzido e colocar o *Vocabulário* em todas as bibliotecas da área do Ministério da Educação. Disse que, hoje, ele e a Acadêmica Nélida Piñon, que estiveram na abertura da Bienal do Livro, encontraram Eduardo Alves, editor responsável pela Global, conversando com o Governador Sergio Cabral e com o Prefeito Eduardo Paes objetivando vender essa obra também para o Estado e o Município. Tudo isso é fruto do trabalho do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e das Comissões de Lexicologia e Lexicografia, que colocaram no mercado, a tempo e a hora, a 5.ª edição desse *Vocabulário*. No momento, estão trabalhando no *VOLP* pequeno, com 80 mil palavras. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça informou que o Recife festeja nestes dias o centenário do Prof. Murilo Guimarães, um grande especialista em Direito Comercial, ex-diretor da Faculdade de Direito, e, posteriormente, reitor. O Acadêmico Alberto Venancio Filho poderá confirmar o que está a dizer. No momento em que ele assumiu a reitoria, a produção cultural de

Pernambuco teve um grande apoio. Na época, indicou o Prof. Luiz Delgado, que foi por algum tempo Presidente da Academia Pernambucana de Letras e também Prof. de Direito Administrativo, para dirigir a editora, e nunca se editou tanto e tão bem. Desenvolveu atividades no plano da música, prestigiou a Orquestra Armorial e o movimento liderado por Ariano Suassuna e Cussy de Almeida. Foi marcante a sua ação com o “Seminário de Tropicologia”, tipo *Tannenbaum*, dirigido por Gilberto Freyre. O Prof. Murilo Guimarães marcou a sua gestão por um acento notável e se sente muito gratificado em poder dar notícias disso aos confrades, registrando o centenário daquele grande brasileiro que foi seu professor. Acrescentou que, se tivesse de escolher dois professores que lhe marcaram na Faculdade de Direito, escolheria Murilo Guimarães e Lourival Vilanova, este último um companheiro excepcional do Acadêmico Miguel Reale. Lembrou que, certa vez, o Acadêmico Miguel Reale lhe disse que Lourival Vilanova era a cabeça filosófica contemporânea que ele mais apreciava. O Dr. Murilo foi também incentivador dos trabalhos que o Prof. Vilanova dirigia no Curso de Pós-Graduação na Faculdade de Direito. Ao concluir, sublinhou que é com essa convicção que a Academia fará bem registrar essa data. Pediu que o Presidente examinasse a possibilidade de fazer chegar à família do Prof. Murilo Guimarães a manifestação da Casa.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a respeito do Prof. Murilo Guimarães, dando dois testemunhos sobre a sua competência. O Prof. Murilo Guimarães ingressou na gloriosa Faculdade de Direito do Recife num concurso muito disputado em que era examinador o seu mestre do Rio de Janeiro, o Prof. Edgardo de Castro Rebelo. Este lhe disse ter ficado impressionado com a competência que o Prof. Murilo Guimarães exerceu no concurso em que obteve o primeiro lugar. Declarou que seus trabalhos jurídicos eram da maior importância, inclusive a tese sobre A Provisão do Cheque, uma contribuição significativa nessa área, pois se trata de um assunto árido para quem não é jurista. Acrescentou que, no ano de 1979, época em que era presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, Eduardo Seabra Fagundes foi convidado para falar no centenário dos Cursos Jurídicos, ocasião em que

deixou uma contribuição muito importante na área jurídica. Falou do homem muito educado, extremamente fino e que tinha grande prestígio entre os seus alunos. Disse ser de justiça a homenagem ao Prof. Murilo Guimarães, acrescentando ainda que poderia também falar sobre o Prof. Lourival Vilanova, grande figura nas letras jurídicas, mas subscreve tudo o que disse sobre ele o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

- O Presidente Cícero Sandroni declarou ter recebido com muito prazer as palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Alberto Venancio Filho e afirmou que não só ficarão registradas na Ata, mas também nos *Anais da ABL* por tratar-se de uma efeméride tão importante para o Direito Brasileiro, especialmente para a Faculdade de Direito do Recife. Acrescentou que, quando fazia política estudantil no Rio de Janeiro, o presidente da Associação Metropolitana de Estudos Secundários compareceu a um encontro de Presidentes das Associações de Estudos Secundários de todos os Estados. De Pernambuco, veio Syleno Ribeiro de Paiva, jovem secundarista que se preparava para o vestibular, com quem fez amizade. Ao dizer-lhe que pretendia talvez fazer vestibular para Direito, aconselhou-o a ir para Recife, pois a Faculdade da capital pernambucana tinha mais tradição. Isso é uma demonstração de que o saber jurídico em Recife é da maior importância. Determinou que não só a família, mas também a Universidade Federal de Pernambuco e a Faculdade de Direito do Recife, tenham conhecimento dessa homenagem prestada na ABL ao Professor Murilo Guimarães.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, a propósito das palavras do Presidente Cícero Sandroni, informou que Syleno Ribeiro de Paiva era assistente da Cadeira de Murilo Guimarães.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a lembrança de uma efeméride tão importante para o Direito brasileiro, especialmente para a Faculdade de Direito de Recife.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida ressaltou que nada vale mais do que o jornal estudantil, onde saiu um o artigo do Acadêmico Moacyr Scliar sobre a utopia da saúde.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida e lembrou que, na data de hoje, o Acadêmico Moacyr Scliar falará sobre a sua experiência como escritor, médico sanitарista e jornalista.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre a obra que o Acadêmico Carlos Nejar lançou há poucos dias nesta Casa. Sua *Poesia Reunida*, distribuída em dois belos volumes, compreende *Amizade do mundo* e *Jovem eternidade*. Nelas está enfeixada quase toda a obra poética de Nejar, um gaúcho herdeiro do legado intelectual deixado por seus conterrâneos, entre outros Alcides Maia, Augusto Meyer, Gregório da Fonseca, Álvaro Moreyra, João Neves da Fontoura, Raymundo Faoro, Vianna Moog, Érico Veríssimo e Mário Quintana. Ao longo das 1.400 páginas dos dois volumes, desfilam maravilhosos poemas de Carlos Nejar, um ex-Procurador de Justiça no Tribunal do seu Estado, hoje já aposentado, que se proclama um “Procurador de almas” e um “Servo da palavra”, presidente interino da nossa ABL; membro também da Academia Brasileira de Filosofia, do PEN Clube do Brasil e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa de Lisboa; detentor dos Prêmios Cassiano Ricardo, Érico Veríssimo, Fernando Chinaglia, Jorge de Lima, Mário Quintana, Monteiro Lobato e Machado de Assis, da Biblioteca Nacional. Finalizando, disse que o Acadêmico Carlos Nejar é recatado e modesto, mas consciente de sua inserção no quadro dos grandes poetas brasileiros. Acrescentou que Nejar está aqui todas às quintas-feiras, bem ao nosso lado, uma extraordinária figura humana, doce, amiga e carinhosa, honrando-nos com a sua presença, da qual esta nossa atual geração de Acadêmicos tanto se honra e se orgulha.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que a obra do Acadêmico Carlos Nejar, tão bem comentada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, é algo que está se transformando em livro de consulta de todos. Ressaltou que a Academia Brasileira de Letras nunca teve tantos poetas em suas diversas linhas.
- O Presidente Cícero Sandroni perguntou ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida se não há um poeta na *Académie Française*.

- O Acadêmico Moacyr Scliar parabenizou a Diretoria pela Exposição Euclides da Cunha e sugeriu que dela se fizesse um catálogo. Acha que seria muito interessante porque o material da exposição é muito rico.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que recebeu a visita do Diretor do Centro de Estudos da Universidade de Salamanca, que ficou encantado com a exposição e manifestou o desejo de levá-la para aquela Universidade.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a sugestão do Acadêmico Moacyr Scliar e disse que irá fazer todos os esforços nesse sentido.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Magalhães de Azeredo. Lembrou que, na segunda metade do século XIX e primeiro terço do XX, os expatriados na Itália (Roma, Florença, Veneza, Toscana, Úmbria) – dentre os quais se encontravam norte-americanos, britânicos e alemães – eram artistas, escritores, estetas. A Itália deles era a do passado: queriam conviver espiritualmente com Giotto, Dante e Botticelli. Não tinham paciência com os italianos do presente. Disso discrepavam dois brasileiros, que se italianizaram: Carlos Magalhães de Azeredo e Deoclécio Redig de Campos. A Europa para o brasileiro era um lugar de onde se voltava. Os que ficavam preferiam Paris. Magalhães de Azeredo começou sua carreira literária como contista, mas é o poeta que não merece o esquecimento. Escreveu quase sempre numa linguagem antiga, limpa e luminosa. Era diplomata de carreira, e cumpriu-a quase toda em Roma como secretário da Legação desde 1896, com curtos intervalos em Paris, em Atenas e no Rio de Janeiro, tendo sido ministro plenipotenciário junto ao Vaticano. Com a transformação da Legação em Embaixada, permaneceu como embaixador até 1934, quando foi aposentado.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco ressaltou que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva recordou duas pessoas que lhe foram muito próximas, com trinta anos de intervalo e, às vezes, sem intervalo nenhum, no decorrer de toda sua vida pessoal e profissional. Um deles, amigo de mocidade de seu avô, e outro, amigo de mocidade de seu pai, mas ambos muito próximos. Carlos Magalhães de Azeredo foi muito importante culturalmente para abrir o espírito de Afonso Arinos. Seu pai tinha 20 anos quando

passou um mês com Carlos Magalhães de Azeredo em Roma. Porque havia sido amigo do pai dele e colega de Embaixada, os dois trabalharam juntos como secretários de legação em Montevidéu no fim do século passado e foram muito próximos. Conviveu longamente com ele nos três anos que serviu em Roma e era uma convivência muito triste, pois ele estava envelhecendo sozinho e muito pobre. Lembrou que levou até ele Murilo Mendes, Gilberto Freyre e Negrão de Lima, que o ajudou criando um cargo imaginário como Conselheiro Extraordinário da Embaixada no Vaticano, o que lhe permitia entrar na lista diplomática, sendo autorizado que sua aposentadoria fosse convertida em câmbio oficial, e foi isso que lhe permitiu viver até o fim da vida. Quanto a Deoclécio de Campos, lembrou que foi seu amigo desde os 20 anos de idade. Quando chegou a Roma, foi procurá-lo, e ele lhe mostrou o Vaticano. Dentro da Capela Sistina pediu-lhe para se deitar no banco e passou mais de uma hora lhe explicando a simbologia estética, filosófica e artística das obras ali existentes. É uma recordação muito carinhosa e afetiva sobre esses dois grandes brasileiros que viveram e morreram em Roma.

- A Acadêmica Nélide Piñon queria saber como teriam sido os últimos anos de vida do Acadêmico Carlos Magalhães de Azeredo, mas o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco já respondera com o seu depoimento.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco foi bastante detalhista ao narrar as visitas que fez nesses momentos difíceis do fim da vida de Carlos Magalhães de Azeredo.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco explicou que, pela lei, o Itamaraty fez o que podia, concedendo-lhe um título para que o nome dele constasse na lista diplomática.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que ficou deslumbrado com a exposição do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, o amante das cidades. Quem é melhor amante de Lagos do que Alberto da Costa e Silva? Quem falou de Lisboa como Alberto da Costa e Silva? E agora o que viu foi o amor a Roma de Alberto da Costa e Silva. O que ouviu foi o terceiro vértice desse amor às cidades de Alberto da Costa e Silva.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que Carlos Magalhães de Azeredo foi o mais moço a entrar para a Academia. Ingressou como fundador aos 25 anos. Era um discípulo de Machado de Assis que muito o ajudou. Magalhães de Azeredo morou o resto da vida em Roma e a sua correspondência com Machado de Assis é muito importante, sobretudo indicativa da vida da Academia, porque eles trocavam informações sobre esta Casa. Mesmo ausente, ele se interessava muito pela Academia. Lembrou que Magalhães de Azeredo veio somente uma vez a Casa para receber Amadeu Amaral em 1920.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que foi tão impressionante o trabalho de Alberto da Costa e Silva que ficou pensando sobre Roma, sobre os personagens que ele evocou e que lhe trouxe à mente a frase de Ítalo Calvino: “Mais do que suas respostas ficam as suas perguntas”.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a lembrança de Carlos Magalhães de Azeredo e lamentou que, nos seus dias finais, ele não tenha tido o apoio do Itamaraty e até mesmo da própria Academia para ampará-lo em Roma. Informou que recebeu um convite da Prefeitura da cidade de Leopoldina para celebrar, em outubro, os 125 anos da morte de Augusto dos Anjos. Sobre a exposição de Euclides da Cunha ressaltou uma pequena curiosidade: há um painel em que se reproduz um texto do jornal *Gazeta de Notícias* sobre a chegada de parte da tropa da quarta edição, com um jaguncinho que trouxeram de Canudos, tendo sido este acolhido na casa do Visconde de Jaguaribe, que, provavelmente, era da família do Acadêmico Helio Jaguaribe.
- O Presidente Cícero Sandroni convidou os presentes para o Encontro com o Acadêmico Moacyr Scliar, que terá a mediação da Acadêmica Ana Maria Machado, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior.

## *SESSÃO DO DIA 17 DE SETEMBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni declarou aberta a sessão dedicada a homenagear a memória do Acadêmico Antonio Olinto, falecido no dia 12 de setembro, no Rio de Janeiro. Comunicou ter recebido telegrama do Vice-Presidente da República, que passou a ler: “Recebi, consternado, a notícia do falecimento do Acadêmico, grande amigo e conterrâneo de Ubá, Antonio Olinto. Ao lado da saudosa Zora, ele foi um dos grandes vultos da literatura brasileira, levando nossos valores e nossa cultura aos mais diferentes pontos do planeta Terra, sempre imbuído da missão de mostrar ao mundo a verdadeira e admirável imagem do Brasil. Ele deixa, ao partir, uma grande lacuna no meio literário e uma imensa saudade entre os seus numerosos amigos e admiradores. Peço receber e levar a seus pares da Academia Brasileira de Letras o meu abraço de pesar e de solidariedade. Atenciosamente, José Alencar Gomes da Silva”. Recebeu também mensagens de pesar da Sra. Ro-

siska Darcy de Oliveira e dos Srs. Cláudio Murilo Leal, Presidente do PEN Clube do Brasil, Arthur Poerner, Ubiratan Aguiar, Paulo Alceu Amoroso Lima, Murilo Badaró e Rui Martins Altenfelder Silva, Presidente do CIEE Nacional, e ainda da Faculdade Governador Ozanan Coelho, de Ubá-MG.

- O Presidente Cícero Sandroni, cumprindo a praxe da Instituição, na ausência do decano e do vice-decano da Casa, iniciou a homenagem ao Acadêmico Antonio Olinto passando a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier, que, mesmo ausente, deixou um texto lido pelo Acadêmico Murilo Melo Filho; o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho enviou uma mensagem lida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho; a seguir as palavras do Acadêmico Marcos Vilaça que foram lidas pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Logo após, falaram o Acadêmico Lêdo Ivo, o Acadêmico Carlos Nejar e o Acadêmico Cândido Mendes de Almeida; este passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho. A seguir, as palavras do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro que foram lidas pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e do Acadêmico Tarcísio Padilha. Com a palavra o Acadêmico Murilo Melo que logo a passaria ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. O Acadêmico Carlos Heitor Cony leu uma crônica. O Acadêmico Ivan Junqueira lembrou o Mineiro de Ubá. Falaram a seguir o Acadêmico Alberto da Costa e Silva e o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. O Acadêmico Paulo Coelho enviou mensagem que foi lida pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. Em seguida, fala a Acadêmica Ana Maria Machado e o Acadêmico Moacyr Scliar. O texto do Acadêmico Marco Maciel foi lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira. Na sequência falaram: o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, o Acadêmico José Murilo de Carvalho, o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, o Acadêmico Domício Proença Filho e o Acadêmico Luiz Paulo Horta. O Presidente Cícero Sandroni disse caber ao Presidente a última palavra ao companheiro que deixa o convívio desta Casa. Ressaltou que todos acabaram de ouvir aqui o elogio de um homem generoso e humilde, um homem que jamais se jactou de toda a sua cultura ou de sua trajetória na vida intelectual desse país. (Por determinação do Presidente os textos lidos e os discursos aqui proferidos serão transcritos na Ata e nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni, após seu discurso, declarou vaga a Cadeira n.º 8 e abertas as inscrições para preenchê-la, no prazo de 30 dias, a contar desta data, portanto até o dia 16 de outubro. Esta Cadeira tem como patrono Cláudio Manuel da Costa, como fundador Alberto de Oliveira e sucessores Oliveira Viana, Austregésilo de Athayde, Antonio Calado e Antonio Olinto.

## SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA À MEMÓRIA DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO

*Sessão do dia 17 de setembro de 2009*

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER  
(*Mensagem enviada por escrito.*)

Há cinco meses não dialogava com Antônio Olinto. E sentia muito a sua falta. Depois de um sério acidente cerebral, o escritor mineiro e conceituado crítico literário perdera a consciência e viveu em estado vegetativo, com a nossa esperança de que voltasse a falar. Na bela paisagem de Diamantina, antes do café da manhã, recebi o telefonema da minha filha Andreia: “O nosso Olinto acaba de falecer.” Foi um choque, sofrido nas Alterosas que ele tanto amou e soube valorizar, na sua premiada obra literária. O meu pensamento se voltou para aquele homem baixo e ágil, que me chamava de “irmão”. Vivemos lado a lado, por 12 anos, na Casa de Machado de Assis e por mais de 10 anos na parceria para a edição do bem sucedido *Jornal de Letras*, que agora perde a sua segura e inteligente orientação. Olinto foi um aplicado seminarista, depois professor de latim, exerceu notáveis funções diplomáticas, sobretudo na Inglaterra e na África, mas fez o seu nome na literatura brasileira como um rigoroso crítico literário. Até hoje é lembrada a sua “Porta de Livraria” de *O Globo*, publicada durante 25 anos seguidos e responsável pela descoberta de novos talentos. Sentirei muito a sua ausência, sobretudo por causa dos sábios conselhos, que só pode dar quem chega gloriosamente aos 90 anos. Podia fazer mais? Não há dúvida. Tinha planos como se fosse um jovem. Quis o destino, no entanto, que houvesse agora

essa triste interrupção. Sua última ida à ABL, onde era frequentador assíduo, foi para fazer, de pé, o que não é usual, um belo e lúcido discurso sobre prêmios literários. Tinha intensa participação na vida acadêmica e chegou a ser membro da diretoria que eu presidia. Ajudou muito a ativar o serviço de publicações da Casa. Lembro um fato que ocorreu um dia depois da sua posse na Academia Brasileira de Letras. Zora Seljan, sua esposa, pediu-me audiência em casa. Ao recebê-la, levei um susto. Ela só queria fazer um pedido: “Aproveite bem o talento do Olinto. Sei que, com você, ele poderá realizar muitos dos seus melhores projetos.” E assim foi. Senti o quanto de amor havia na preocupação de Zora com o seu querido Olinto, que a ela dedicou, anos mais tarde, o seu *Ave Zora Ave Aurora*: “Ave Santa, Ave o que vai além do ser normal / Ave a palavra que a santa diz / Ave Zora na sua fé, no seu avanço/Além do necessário”. O mineiro de Ubá, que no ano passado homenageou com um belo livro o seu inesquecível conterrâneo Ari Barroso, dirigiu nos últimos seis anos o Departamento de Bibliotecas Municipais do Rio de Janeiro, tendo reformado mais de 20 delas e as transformado em centros de estudo e literatura, destinados a crianças e jovens. Tinha o gosto especial pela educação e pelo enlace cultural Brasil-África, como demonstrou nos seus livros essenciais *A Casa da Água*, Editora Bloch, 1969; *O Rei de Keto*, Nórdica, 1980 e *Trono de Vidro*, Nórdica, 1987, os três traduzidos para 19 idiomas, com mais de 30 edições em língua estrangeira e outras tantas em língua portuguesa. Depois de três anos de intensa vida cultural em Lagos, na Nigéria, apaixonou-se pela história, pela música e pelas artes plásticas do continente africano, do qual trouxe para o Brasil a mais completa coleção de máscaras existentes em nosso território e que esperamos seja preservada pela família. Ele não poderá assistir ao lançamento do livro *Antônio Olinto, 90 Anos de Paixão*, escrito pelo seu amigo José Lins de Albuquerque. Mas seguramente em espírito estará ao nosso lado, repetindo no meu ouvido, baixinho, o que costumava dizer sempre: “Não podemos abandonar a luta pela educação”. Esteja certo, querido amigo, que não iremos desonrar a sua memória. Adeus, Antônio Olinto”.

ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Conheci pessoalmente Antonio Olinto no início da década de 1950, apresentado por Josué Montello. Durante os anos que se seguiram tivemos um contato intelectual constante. Mantinha ele em *O Globo* uma seção de crítica literária, encimada com o nome destacado de “Porta de Livraria”. Ao que Agripino Grieco, irreverente como sempre, perguntava: “Por que não entra?”

Olinto foi sempre um trabalhador incansável, talvez como decorrência de seu passado de seminarista. Jovem ainda, formou um grupo de intelectuais em torno de Peregrino Júnior, e fundou a União Brasileira de Escritores com Afrânio Coutinho, Stella Leonardos, Eduardo Portella, Antonio Callado e os já consagrados Josué Montello, Dinah Silveira de Queiroz, Orígenes Lessa, R. Magalhães Junior e Otavio de Faria.

A vida de Antonio Olinto decorreu em grande parte fora do Brasil. Nomeado Adido Cultural em Lagos, na Nigéria, lá permaneceu por três anos. Apaixonou-se pela África e realizou grandes estudos em suas relações com o Brasil, dentre os quais se destaca o livro *Brasileiros na África*, sobre o regresso dos ex-escravos brasileiros à pátria mãe. A sua trilogia literária deve-se a esta época: *A casa da Água*, *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*.

Mais tarde exerceu por longos anos a mesma função em Londres, onde editava um jornal dedicado a assuntos brasileiros e às relações do Brasil com a Inglaterra. Logo fez-se conhecido nos meios intelectuais, recebendo sempre com boa vontade os brasileiros que por lá passassem. E toda essa atividade foi desenvolvida apesar de uma persistente hipertensão maligna que o levou à morte na madrugada de 13 último, aos 90 anos de idade.

Sempre jornalista, o *Jornal de Letras* foi a sua grande paixão final.

Poeta na mocidade foi sempre escritor e jornalista, como de resto acontece nas letras brasileiras, ensinamento do grande e saudoso Alceu de Amoroso Lima. Vale lembrar, para que se tenha a exata medida do valor de Antonio Olinto, que Alceu, num estudo especial sobre literatura e jornalismo, referiu-se várias

vezes ao ensaio escrito anos antes por Antonio Olinto, com palavras elogiosas e com ele concordando praticamente em quase todos os pontos.

Eis, em poucas palavras, o colega que acabamos de perder e que nos deixou o coração pleno de saudade.

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

*(Mensagem enviada por escrito.)*

Nabuco disse que todo crepúsculo é curto. Nem esse foi curto na vida de Antonio Olinto. Viveu bastante, correu mundos, escreveu fartamente, foi consagrado em forma presencial, pelo elogio dos amigos e até por quem pessoalmente não conviveu. Nada em Antonio Olinto foi curto. Nem o crepúsculo.

O farol que apontou para a África fez-nos ver aquele mundo por trás. E a luz reverberou trazendo a cultura de lá para a continuada interface conosco.

Dou testemunho do tanto que se dedicou a pôr o nome de escritor brasileiro em trânsito intelectual na Europa. Comigo foi assim e, agora, quero neste Plenário, proclamar meu agradecimento.

Aprendi com Câmara Cascudo saudação em língua afro para falar de afetos, e dela me sirvo, a fim de louvar Olinto: LARIM, TORÉ, BABÁ.

ACADÊMICO LÊDO IVO

Antônio Olinto há quase meio século, e havia nele vários Antônio Olinto. Um era o mineiro de Ubá, cidade sobre a qual escreveu um de seus mais belos livros, com esse sentimento do lugar, da origem e do berço que demonstra a existência do verdadeiro escritor ligado à sua terra natal. O mineiro Antônio Olinto tinha muito poucas qualidades do mineiro tradicional, do ponto de vista psicológico. Não era um mineiro da ironia, da reticência nem da reflexão; era um mineiro carioca. Saído do seminário, iniciou, no Rio de Janeiro, uma carreira jornalística muito brilhante e a essa carreira jornalística se acrescentou a sua

carreira literária. O outro Antônio Olinto, além do jornalista e do escritor, se repartiu em várias partes do mundo. Ele teve, como outros escritores brasileiros – Afonso Arinos de Melo Franco, Joaquim Nabuco, Oliveira Viana e José Lins do Rego – a experiência das viagens ao exterior que o enriqueceu de maneira considerável. Esse enriquecimento se iniciou na África e a partir daí conheceu o Antônio Olinto africano que se apaixonou por tudo que a África tem de arcaico, tirando as máscaras – especialmente ele mostrou a ligação profunda e secreta que havia entre a África e o Brasil, os povos africanos e o povo brasileiro – essa ligação que depois foi revigorada, enriquecida e ampliada pelo maior dos nossos africanólogos, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Antônio Olinto foi o poeta da África, assim como Alberto da Costa e Silva é o prosador da África brasileira. Depois dessa experiência africana como Adido Cultural ele teve outra experiência na Inglaterra, onde se encontraram várias vezes. Antonio Olinto chegou a criar um jornal em inglês, uma gazeta, para informação do Brasil e se relacionou com alguns escritores importantes da Inglaterra. Pertenceu ao PEN Clube inglês e internacional. Ressaltou a alegria de ver um escritor brasileiro com relações intelectuais do mais alto nível na Inglaterra. Era ele um escritor viajante, conheceu todos os continentes e sempre disse que o único lugar onde não se poderia encontrar Antônio Olinto seria em Bancoc, porque em todos os outros lugares ele já havia estado, em suas viagens incontáveis. Ressalta-se a sua grande amizade com Jorge Amado que o baianizou, tornando-se uma espécie de mineiro-baiano com grande amor pela Bahia, pois a Bahia é a chamada Roma negra, é a África transportada para o Brasil. Além de achar sua obra literária rica e diversa, lembro que Álvaro Lins uma vez chamou a sua atenção para seu livro de estreia *Presença*, dizendo que era uma obra de um escritor e poeta talentoso. Quanto a sua experiência romanesca, esta culminou com a trilogia sobre a África, iniciada com *A Casa da Água*. O que caracterizou Antônio Olinto, a meu ver, foi esse grande sentimento de amizade que tinha por seus confrades, seu devotamento aos outros escritores. Não foi um escritor egoísta, ele foi um escritor dedicado a publicar novos escritores e a patrocinar concurso literário. Finalizando, digo que é com uma grande dor que evoco a figura desse companheiro tão querido que, em sua longa vida, se destacou como um dos últimos homens de letras do Brasil, porque encarnava acima de tudo o escritor, o autor de poemas, romances, reportagens, ensaios e crônicas. Foi Antonio Olinto um grande escritor e jornalista.

## ACADÊMICO CARLOS NEJAR

Habituei-me a chamar Antônio Olinto de menino e ele ria, com riso maior que o rosto. Assim chamava não só pelo poeta que tem inveterada infância, ou pelo ficcionista magistral de *A casa de Água*, uma das mais consagradas obras de nossa ficção. Ou porque o menino tinha dentro de si a própria casa de água da palavra, justamente aquela que toca o coração. Ou porque a palavra às vezes era maior do que ele e se manifestava, ora na crítica (quem se esqueceu de sua “Porta de Livraria” em *O Globo*, aberta aos novos?), ora na percepção de um mundo que teimava em lhe transbordar. Chamava-o de menino — não apenas como pai do homem, como queria o nosso Machado, mas pai do futuro. E os meninos se entendem nalgum arrabalde da meninice e Ubá se mostrava constante no que via e sonhava. E era o menino e o trem de suas remotas constelações. Ativista cultural, como raros, abria bibliotecas (diretor de cultura da Prefeitura do Rio), com a alegria de quem atinava no poder mágico e instaurador dos livros. Sua vontade minuciosa de viver era inesgotável. Com Zora, foi uma parte dessa vontade, mas a outra continuou imperturbável. Não tinha idade, não precisava de idade, não quis acatar idade alguma, salvo a incrível volúpia de amar o que fazia, cercado nobremente as pessoas com sua sombra operosa. E se agora o sabemos adormecido, começam a circular também para sempre as suas palavras. E não tem idade agora, como antes. E nem carecerá dela para descansar, como merece, da dor, dos trabalhos e de nossa incongruência humana. Dorme, mas a infância nele jamais, jamais, dormirá.

## ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Falo sobre a generosidade e o reconhecimento de Antonio Olinto. Foi dessa forma que começou ele esta larga caminhada: o reconhecimento teve início em Ubá, com o livro sobre Ari Barroso; e a generosidade manifestou-se com o que ele fez pela União Brasileira de Escritores, pelo PEN Clube nacional e internacional, pela Academia Carioca de Letras. Sua última preocupação foi com o *Jornal de Letras*, produção permanente deste escritor que, de fato, chegava a essa visão da convivência literária e da sua versatilidade. Não será preciso falar do poeta de *Presença*, do crítico literário com esta abertura às novas gerações.

Necessário, sim, é dizer de algo que ainda fica na inquirição da crítica, o que representou de fato a investida africana e a capacidade de ter realizado a beleza dos três títulos: *A Casa da Água*, *O Rei do Keto* e, sobretudo, o instigante *Trono de Vidro*. O importante é que dentro desses contos Antonio Olinto consegue, ao mesmo tempo, resgatar o imaginário e descrever o mito que está no fundo de todos esses trabalhos. É o Antonio cosmopolita, de Columbia, da Nigéria e de Londres, numa visão universal. Finalizando, digo que o que se viu foi uma peregrinação permanente de Antonio Olinto, em que o santo criou o menino, esse menino permanente de angulação da eternidade que nos dá o confrade.

ACADÊMICO IVO PITANGUY

(*Mensagem enviada por escrito.*)

“Enviamos nossos votos de profundo pesar pelo falecimento do professor Antonio Olinto”. Marilu e Ivo Pitanguy

ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO

Conheci Antônio Olinto ainda universitário na leitura da seção “Porta de Livraria” de *O Globo*. Pensei algumas vezes em procurá-lo e lamento não tê-lo feito e só vim a conhecê-lo pessoalmente no ingresso à Academia. De sua obra literária tanto falaram hoje com grande proficiência, mas quero destacar a figura do escritor, homem de pensamento, homem de ação. Ao realizar uma obra literária importante, também teve uma atividade pública relevante, como Adido cultural na Nigéria e em Londres, onde muito fez pelo estímulo à cultura brasileira. No Serviço de Documentação do Ministério da Aviação promoveu valiosas publicações e ultimamente no Serviço de Biblioteca do Estado contribuiu mais uma vez para a difusão da cultura. Na Academia, foi um Acadêmico atuante, sempre presente às sessões e sempre usando da palavra para depoimentos e comunicações. No setor de Publicações também se destacou editando obras importantes da cultura brasileira. Registro que, por minha sugestão, foi editado o livro “A Arte de Furtar e seu Autor” de Afonso Pena Júnior, a mais importante obra de atribuição no Brasil. Registro afinal o seu gesto tocante e

generoso: eleito à Academia, escolheu para recebê-lo o nosso saudoso confrade Geraldo França de Lima, na época já sem visão. Geraldo França de Lima fez um retrato fiel de seu amigo, conterrâneo e admirador. No discurso de posse, Antônio Olinto citou uma frase de Padre Vieira: “Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo difere, tudo acaba. Sabemos que a memória vence o tempo e só na memória palpita uma possível imortalidade”. E como memória do seu tempo em que palpita a imortalidade, teremos sempre presente nesta Casa a presença de Antônio Olinto.

#### ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Com a morte de Antonio Olinto, perdemos um homem de letras exemplar e um confrade que soube ganhar a estima afetuosa de todos os que com ele conviveram. Não posso deixar de juntar meus sentimentos de pesar aos já externados por esta Casa.

#### ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA

Antonio Olinto foi um operário das letras, transitou pelo mundo dos homens com um insopitável amor à vida, uma permanente alegria e uma jovialidade cativante. Essa alegria certamente lhe abriu todas as portas, porque a comunicação se fazia sempre com o reconhecimento do outro. Além disso, esprou a sua obra pelos diferentes gêneros literários, como já foi aqui frisado: o romance, a poesia, o conto, o jornalismo e a crítica literária. Com relação à crítica literária, certa vez ouvi dele o seguinte e surpreendente depoimento: “Quando me cabia escolher livros para analisar, para criticar, eu fazia sempre em obediência ao princípio consoante o qual o livro era merecedor de encômios. Os livros que não merecessem elogios eu os deixava de lado”. Por outro lado, a sua vida foi muito intensa, como já se observou. Davam-se as mãos a teoria e a práxis. Era um homem de pensamento e um homem de realizações, e aí estão as dezenas de bibliotecas que ele reformou, e as que inaugurou. Há um aspecto que deve ser mencionado neste final da sua existência conforme depoimento que colhi do Dr. Renato Kovach, falando dos meses em que ele permaneceu no hospital. En-

quanto teve consciência, o grande médico que nos assiste declarou que o amor que Antonio Olinto nutria pela vida era o de um lutador que jamais se entregava. Somente quando a natureza encerrou o seu ciclo é que ele partiu, mas, por sua vontade, ele persistiria entre nós. Ele teve uma marcada experiência cultural de âmbito internacional nos postos da Nigéria, em Londres e nas universidades americanas, com conferências, palestras e muitos contatos com escritores estrangeiros, assim como ele prosseguia, entre nós, estimulando escritores a continuarem nesta senda. Não posso deixar de registrar aqui uma menção especial à Senhora Beth, que a ele se dedicou de uma maneira exponencial e exemplar e que merece o nosso respeito. Ela é depositária do legado de Antonio Olinto no Instituto que leva seu nome. A ela, portanto, também as nossas homenagens. Finalmente, a grande saudade de alguém que sempre adentrou nesta Casa e dela saiu com um sorriso nos lábios a nos convocar para o grande banquete da vida.

#### ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

Supondo que tinha vocação sacerdotal, Antônio Olinto ingressou no Seminário Católico de Campos, aqui no Estado do Rio de Janeiro, transferindo-se depois para estudar Filosofia nos Seminários Maiores de Belo Horizonte e de São Paulo, usando batina e convivendo então, entre outros, com o futuro Ministro, Senador, Deputado e Acadêmico Roberto Campos, do qual seria depois um amigo fiel, leal e dedicado. Após vários anos de vida monástica, convenceu-se de que o sacerdócio não era a sua verdadeira vocação. Se tivesse permanecido no Seminário, Olinto talvez tivesse sido um Bispo ou até um Cardeal, do qual a Igreja Católica abriu mão em benefício da literatura e da cultura brasileira, que conquistaram um escritor e um professor simplesmente admirável. Então, ele resolveu escrever. E ao longo de todos estes últimos anos, até há bem pouco tempo, não fez outra coisa na vida senão escrever e ensinar, como professor de Latim, Português, Inglês, Francês e História da Literatura. Parodiando Pirandello, segundo o qual *“la vita o si vive o si scrive”*, poderíamos dizer sobre Antônio Olinto que ele: “Leu e escreveu. Nada mais lhe aconteceu”. A palavra passou a ser seu grande instrumento de trabalho, ao qual se agarrou e do qual, até ficar doente, não se separou um só minuto. Olinto foi um escravo e um servo das

palavras, colocando a serviço das letras toda a sua capacidade de trabalho e sabedoria. *A Casa da Água* foi a sua obra-prima, verdadeiro *best-seller* internacional, traduzida até agora para 20 idiomas, entre os quais: polonês, romeno, croata, búlgaro, sueco, alemão, holandês, ucraniano, castelhano, dinamarquês, coreano, galego, catalão, húngaro, árabe, japonês, inglês (*The Water House*) e francês (*La Maison de L'eau*). Certo dia, em 1982, eu estava em visita à Universidade de Tóquio e para testar a sua organização, perguntei ao meu guia e intérprete se, por acaso, havia ali um livro de autor brasileiro. Pode-se imaginar facilmente a minha felicidade quando ele me trouxe não apenas um, mas dois livros, do escritor Antônio Olinto: “*A Casa da Água*” e *O Rei de Keto*, já nas suas versões em japonês. Além desses dois, Antônio Olinto escreveu vários outros romances como *O cinema de Ubá*, uma novela transcorrida em sua querida cidade natal, onde é conterrâneo de José Alencar, o atual vice-presidente da República, e de Ary Barroso, o inesquecível compositor, sobre o qual escreveu recentemente o livro-exaltação *A História de uma Paixão*, de uma paixão do brasileiro Ary Barroso pelo Brasil. Além do romance, que – como bom gideano e proustiano – ele soube manejar com perfeição e maestria, Olinto foi igualmente um esplêndido poeta, autor de vários livros de poemas, como *Presença* e *Tempo de verso*. Foi ainda um grande ensaísta, autor, entre outros, de *O Diário de André Gide*. E como se tudo isto não bastasse, ainda encontrou tempo para, como contista, escrever 200 contos, reunidos no livro *O Menino e o Trem*. Durante 25 anos, escreveu em *O Globo*, uma seção com o título: “Porta de livraria”, pela qual transitaram os principais fatos e personagens da vida literária do País. Convidado pelo governo da Suécia, participou das comemorações, em 1950, do Cinquentenário do Prêmio Nobel, e fez conferências nas Universidades de Estocolmo e Uppsala, entrevistando Bertrand Russel e William Faulkner. O nosso primeiro encontro data do ano de 1953, em plena campanha eleitoral nos Estados Unidos, quando nós dois lá estávamos, fazendo a cobertura jornalística, Olinto pelo *O Globo* e eu pela *Tribuna da Imprensa*. Encontramo-nos nas galerias do *Madison Square Garden*, quando o candidato Adlai Stevenson fazia, naquele Estádio de Nova Iorque, o comício de encerramento de sua campanha. Eu não escondia minha simpatia pela candidatura de Stevenson, mas fui interrompido por Olinto, que, com o seu faro de bom mineiro, me advertiu: Murilo, pode tirar o cavalo da chuva, porque quem vai ganhar esta eleição é o General Eisenhower. E realmente foi. A convite do

Departamento de Estado, Olinto percorreu 36 Estados americanos, falando sobre a cultura e os intelectuais brasileiros. Organizou o Prêmio Walmap, que foi o pioneiro dos grandes prêmios literários no Brasil. O nosso governo parlamentarista de 1962 – se não fez outras coisas boas – pelo menos o nomeou Adido Cultural em Lagos, a capital nigeriana, de onde, durante três anos, se mudou para Dakar, Abidjan, Serra Leoa, Connakri, Monrovia, Luanda e outras capitais da África Ocidental, fazendo conferências sobre o Brasil. Em 1968, foi nomeado Adido Cultural em Londres e aí desenvolveu uma intensa atividade, através de palestras e de mais de cem exposições sobre motivos brasileiros, editando durante vários anos uma revista em inglês *Brazilian Gazette*. Elegeu-se para o PEN Clube do Brasil e era o seu Vice-Presidente Internacional. Para concluir, devo dizer-lhes que, já octogenário, Olinto esbanjava saúde e energia, nas viagens para cumprimento de missões da ABL, como editor do *Jornal de Letras* e como sambista, participando em dois anos sucessivos dos desfiles das Escolas de Samba. No segundo desfile, em fevereiro deste ano, levou um tombo, do qual não mais iria ... recuperar-se. Dedicava-se, como um pródigo, ao seu Projeto de espalhar bibliotecas populares, cheias de livros, pelos morros, favelas e subúrbios do Rio de Janeiro, como fez na inauguração de duas Bibliotecas Municipais, com os nomes de Jorge Amado e de Rachel de Queiroz, seus particulares amigos. Foi eleito para a Cadeira 8 desta Academia Brasileira de Letras, tendo como Patrono o poeta inconfidente Cláudio Manoel da Costa; como Fundador, outro poeta, parnasiano, Alberto de Oliveira e como antecessores o sociólogo Oliveira Viana, e os jornalistas Austregésilo de Athayde e Antônio Callado. A sua Cadeira é, assim, uma Cadeira da Poesia, da Sociologia e do Jornalismo, enfim uma Cadeira essencialmente da palavra. Nesta Sessão de Saudade, falei sobre um cidadão, um patriota e um homem de bem, simples, humilde, honesto, digno, culto e competente, que ao longo de 90 anos, nos ministrou uma grandiosa lição e um generoso exemplo de vida, e que agora repousa ao lado de sua amada Zora, no mesmo sepulcro do nosso Mausoléu. Confesso-lhes que, nesta Academia Brasileira de Letras, foi para mim uma grande honra ter sido companheiro e contemporâneo do mineiro Antônio Olinto Marques da Rocha, e ter sido também uma testemunha do seu extremado amor por esta cidade e por este país, aos quais – com dedicação, correção e trabalho – prestou tantos e tão ... inestimáveis ... serviços.

## ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

A ausência de Antônio Olinto se faz sentir entre todos os companheiros desta casa. Como era do seu feitio em tudo o que empreendia, ele se desdobrou para divulgar a literatura brasileira no exterior, e não apenas como ope-roso adido cultural das embaixadas do Brasil na Nigéria e na Grã-Bretanha, circunstância que me apraz lembrar na minha condição de diplomata. Desde quando, a convite do governo da Suécia, em 1950, para as comemorações do cinquentenário do Prêmio Nobel, proferiu conferências nas Universidades de Estocolmo e Uppsala, sua atividade naquele sentido foi tão intensa quanto meritória. Nomeado para Lagos em 1962, trabalhou muito na África Ocidental. De 1965 a 1967, lecionou na Universidade de Columbia, em Nova York, e em vários outros centros de estudo superior dos Estados Unidos. Adido em Londres a partir de 1968, Olinto desenvolveu atividade incessante na Inglaterra e na Escócia, da qual tive testemunhos de apreço por parte de colegas que lá serviam na ocasião. E seguiu pelo mundo afora, empenhando-se em tornar conhecida a cultura brasileira na Irlanda, Dinamarca, França, Itália, Polônia, Rússia, Iugoslávia, Romênia, Bulgária, Austrália, Japão, Coreia, Argentina. Foi um caixeiro-viajante do Brasil. Pessoalmente, devo-lhe o belo e generoso prefácio com que apresentou meu livro *Ribeiro Couto e Afonso Arinos – Adeuses*. A Academia Brasileira e, particularmente, a nossa bancada mineira, ficaram empobrecidas em quantidade e qualidade pela sua perda.

## ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY

Li a seguinte crônica: No último sábado, perdemos Antônio Olinto, mineiro de Ubá, 90 anos bem vividos, uma vida marcada pelo amor e pela dedicação à literatura e à cultura em geral. Já em idade avançada tomava conta de diversas bibliotecas, chegou a ir recentemente a Teresina dar aulas, ele que havia sido professor visitante em Harvard e Columbia. Durante anos foi o colunista literário mais influente do país, mantendo sua “Porta de Livraria” como referência principal para quem se interessasse por livros e eventos editoriais. Em 1959, a José Olympio reuniu num volume (*Cadernos de Crítica*) alguns de seus artigos. Não era um resenhista, mas um crítico equipado com um extraordinário conhe-

cimento humanístico. Ex-seminarista, jornalista, exerceu cargos diplomáticos em Londres e Lagos, tornando-se, ao lado de Alberto da Costa e Silva, um africanista de peso, dedicando seus romances a temas até então inéditos em nossa literatura. Gostaria de citar alguns autores estudados com carinho e perícia que estão presentes em seus livros: Huxley, Aníbal Machado, Guimarães Rosa (foi dos primeiros a escrever seriamente sobre o autor de Sagarana), Fernando Sabino (*Idem*), Mário Palmério, Campos de Carvalho, Callado, Otto Lara Resende, Octávio de Faria, Jorge Amado (talvez o maior especialista na obra do autor de Gabriela), Gilberto Amado, Sartre, Graham Greene, Malaparte, Faulkner, Cecília Meireles – é impressionante o índice dos autores reunidos em seu “Caderno”, no qual, por inexplicável generosidade, incluiu a primeira crítica que recebi ao publicar meu livro de estreia. Foi poeta também. Guardo dele, num recorte do antigo *Jornal dos Sports*, o poema dedicado à torcida brasileira por ocasião da Copa do Mundo de 1950: uma obra-prima.

#### ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA

Mineiro de Ubá, Antônio Olinto foi, acima de tudo, um guerreiro, um homem de múltiplas atividades, em particular aquelas que se relacionavam com o livro, tanto assim que, em seus últimos anos de vida, cuidava da sobrevivência das bibliotecas públicas do Rio de Janeiro, tendo inaugurado algumas delas em locais carentes de nossa cidade. E comandava, também como um guerreiro, o projeto “Paixão de Ler”, realizado no fim de todos os anos nesta Academia com o objetivo de conquistar sempre novos leitores. Romancista, contista, crítico literário, jornalista e poeta, Antônio Olinto nos legou pelo menos uma obra para a eternidade: sua trilogia *Alma da África*, formada pelos romances *A Casa da Água*, *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*, nos quais relata boa parte de sua experiência como adido cultural em Lagos, na Nigéria, onde permaneceu durante mais de três anos em contato com a cultura e as tradições milenares do continente negro. Dessa experiência, aliás, resultou o volume de narrativas *Brasileiros na África*, em que descreve o retorno dos ex-escravos brasileiros às suas origens e que se tornou obra de referência desde sua publicação, em 1964. Antônio Olinto levou ainda a cultura brasileira à Inglaterra, onde foi também adido cultural por

muitos anos e onde publicava a *Brazilian Gazette* com o intuito de manter vivo nas Ilhas Britânicas o interesse por nossa literatura, essa literatura sobre a qual ele ministrou incontáveis conferências nas universidades de Columbia, Yale, Harvard e Indiana, nos Estados Unidos, assim como em outros centros universitários da Escandinávia, da França e da Romênia, em cuja capital, Bucareste, há hoje uma importante biblioteca que leva o seu nome. Nosso confrade deixa saudades e deixa, sobretudo, uma extraordinária lição de vida, essa vida pela qual lutou até seus últimos instantes como um autêntico guerreiro da palavra e das tradições desta Casa, que ele honrou com seu talento, com sua constância e com seu desassombro

#### ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA

Alguns meses após ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, Wole Soyinka foi a Lisboa para um encontro de escritores. E começou sua palestra, num dos auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian, com as reminiscências de um rapazola em Lagos, apaixonado pela literatura, que fora aconselhado por um amigo a procurar um escritor que era adido cultural à Embaixada do Brasil. Apresentou-se encabuladíssimo a um senhor jovem que se chamava Antônio Olinto e se tornou seu amigo. De Antônio Olinto recebeu não só estímulo para continuar a escrever, mas lições de como bem fazê-lo. E a ele devia o conhecimento do que havia de melhor da literatura universal. E disse com clareza: – Não tive melhor professor.

Relembro o testemunho de Wole Soyinka, porque desejo acentuar, nesta Sessão de Saudade, o Antônio Olinto incentivador de vocações, devotado aos autores jovens, para os quais jamais faltou com a paciência, a atenção e o carinho. Foi um grande romancista, um crítico arguto, um poeta sensível, um trabalhador infatigável, e por tudo isso será sempre lembrado. Mas, assim como Wole Soyinka, muitos não esquecerão o que fez por eles no início de suas carreiras.

## ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

Feliz a criatura de Deus que, contemplando seu trajeto de vida, se pode comparar a um calidoscópico. Qualquer que seja o movimento giratório que se lhe imprima, sempre as pedrinhas multicores do fundo vítreo estão a formar um harmônico desenho que se entremostra belo aos olhos do observador. Qual bela harmonia dos calidoscópios foi a vida e as atividades de Antonio Olinto nessa jornada terrena dos seus 90 anos bem vividos, pois nelas sempre pôde compor um quadro de harmônicos sucessos como homem das letras e das artes, do trabalho burocrático e de sua passagem pelo magistério. Bastavam-lhe as qualidades literárias de um romance como *A Casa da Água* para lhe garantir os méritos de excepcional escritor; ou o teor poético de *O Dia da Ira* para situá-lo entre os bons líricos de sua geração; ou a perspicácia em revelar valores novos no campo literário para firmá-lo como o crítico de “Porta de Livraria”; ou suas ações internacionais na divulgação da língua, da literatura, da cultura e das artes do Brasil para integrá-lo como divulgador credenciado da modernidade brasileira. Para culminar essa trajetória vitoriosa, foi o mais dinâmico padrinho de bibliotecas escolares no nosso estado. E é como companheiro vitorioso nessa jornada da imortalidade enganosa, essa figura calidoscopicamente humana que foi Antonio Olinto, que hoje com muita saudade aqui lembramos.

## ACADÊMICO PAULO COELHO

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Antonio Olinto é incansável. Se tivesse escolhido a música para manifestar sua alma, com toda certeza seria autor de peças maiores que as mais extensas sinfonias de Wagner. Se Antonio Olinto resolvesse fazer uma pesquisa, não há manuscrito ou tese que não seja revirada, canto escuro que não termine por ver a luz do dia. Se fosse um personagem de ficção, estaria sentando no bar do Ritz ao lado de Hemingway em *Paris é uma festa*. Tem toda a eternidade para levar adiante qualquer projeto que julgue conveniente, colocou mãos à obra antes mesmo de visitar o local. Antonio Olinto não parou. E não vai parar nunca. Lá está Antonio Olinto, no Paraíso, conversando com São Pedro: “não terminei ainda e me trouxeram para cá.” São Pedro diz que é hora de um merecido descanso,

mas Antonio Olinto não se conforma. Pede – e obtém – as chaves dos arquivos do Céu. No momento está ocupado em catalogar tudo. E mesmo sabendo que a Acadêmica Ana Maria Machado disse que, das múltiplas facetas de Antonio Olinto, a mais remota lembrança que guarda é a do crítico e colunista literário (de quando, ainda adolescente, lia regularmente sua “Porta de Livraria”), a mais recente, entretanto, é a do incansável trabalhador da área cultural – de quando, já convivendo em nossa Academia, eu o via sempre assíduo e disponível para variadas atividades externas, com mais disposição do que outros confrades bem mais jovens entre os quais me incluo. Entre esses dois extremos no tempo, duas surpresas. Uma, sempre renovada, a de sua versatilidade de funcionário cultural, para ocupar os mais diversos cargos administrativos nas mais variadas áreas. Integrou o Ministério de Viação e Obras Públicas, o de Relações Exteriores, a Prefeitura do Rio de Janeiro, colaborando com o Sindicato dos Escritores, o PEN Clube, o Departamento de Estado dos Estados Unidos, as universidades estrangeiras. Foi ainda um pioneiro em nossa televisão, um conferencista em todos os continentes, adido cultural em Lagos ou Londres, amigo de Jorge Amado e de Roberto Campos, trafegando igualmente à vontade de Ubá à Romênia, de Estocolmo a Padre Miguel. Outra surpresa – e lamento muito que suas tantas atividades não o tivessem deixado se dedicar mais a essa faceta – foi a revelação do romancista criador da trilogia africana, que li com encantamento. *A Casa da Água*, principalmente, é uma obra de minha especial predileção, que causou forte impacto no primeiro contato e cresceu ainda mais com o tempo, na releitura, belo exemplo de uma obra de ficcionista que lhe garantirá para sempre um lugar único em nossa literatura.

ACADÊMICO ALFREDO BOSI

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Impossibilitado de estar presente à Sessão de Saudades em homenagem ao nosso saudoso confrade e amigo, Antonio Olinto, desejo manifestar meus sentimentos de tristeza e luto pelo seu falecimento. Antonio Olinto honrou esta Casa não só pelos seus méritos de romancista, dicionarista e erudito de largo fôlego, como também pela sua ação constante junto a crianças e adolescentes

de condição humilde, moradores de favelas ou de bairros periféricos do Rio, aos quais assistia generosamente com a criação de bibliotecas e salas de leitura. Trata-se de uma obra social e pedagógica de relevo pela qual será lembrado com afeto e gratidão fora dos muros desta Academia e da universidade. Quem soube viver como Antonio Olinto não conhece a morte do esquecimento. A sua vida responde esperançosamente à pergunta do apóstolo Paulo: “Morte, onde está a tua vitória?” A vitória sobre a morte habita na memória dos amigos e dos pósteros. “Memória, sol os mortos” é a palavra de Victor Hugo, palavra de poeta que deixo como depoimento de minha admiração por Antonio Olinto.

#### ACADÊMICO MOACYR SCLiar

Morando em Porto Alegre, não pude conviver muito com o Acadêmico Antônio Olinto, mas participei com ele de alguns eventos literários. Um deles foi um desafio muito curioso que ele me lançou: o de escrever, na qualidade de médico e escritor, uma história que envolvesse a área da saúde num hospital. No início fiquei meio perplexo, mas era tal o entusiasmo dele que conseguiu fazer com que eu sentasse e não levantasse antes de terminar a história, que se estendeu por 20 ou 30 páginas. Era esse entusiasmo contagiante que realmente o tornou tão conhecido além de suas qualidades intelectuais, fazendo com que hoje tenhamos dele uma saudosa lembrança e o guardemos como um exemplo a ser seguido.

#### ACADÊMICO MARCO MACIEL

*(Mensagem enviada por escrito.)*

Antonio Olinto foi profundamente mineiro e carioca, brasileiro universal pela consciência e sentimento inclusive em relação à África e aos índios no Brasil, ao lado das nossas raízes europeias sobretudo portuguesas. Com formação literária, filosófica e teológica em seminários do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo; professor de latim, francês, inglês, português e história da literatura e civilização; entrevistador do escritor americano William Faulkner e do filósofo inglês Bertrand Russell; ele próprio jornalista e ficcionista; conferencista

em universidades dos Estados Unidos e adido cultural na embaixada do Brasil em Londres, confessava serem a música e cultura africanas as suas grandes paixões. Quando Adido Cultural em Lagos, na Nigéria, retomou e aprofundou as descobertas dos descendentes de escravos brasileiros retornados à África, após a abolição da escravatura. Lá escreveu a trilogia de novelas que lhe deram seu maior êxito literário, traduzidas em 19 línguas: *A Casa da Água*, *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*, também temas de teses de mestrado e doutoramento, seminários e debates quase no mundo interno. Esta repercussão o levou a pronunciar conferências nas maiores e melhores universidades norte-americanas. Outros livros de sua autoria foram traduzidos, ao todo em 35 idiomas. Poucos escritores no Brasil e no mundo chegaram a tanto. Antonio Olinto confessava que se sentira para sempre ligado à África, ao lado de sua formação humanista clássica de longos anos de seminários. Eram elos de sabores, perfumes, gestos, ritmos e cores africanos que o acompanhariam pelo resto da vida. Deles fez a síntese no seu *Ensaio Sócio-Político (Brasileiros na África)*. Ele não ficou só nisso. Foi em busca das recordações brasileiras na África. Pouca gente sabe que muitos africanos retornaram após a abolição da escravatura. Ele procurou e encontrou seus descendentes na Nigéria, trouxe alguns deles em visita ao nosso País, ensinou-lhes o diálogo com jornalistas, escritores, artistas plásticos e comunicadores de rádio e televisão. O Brasil neles também se reencontrava. Este é um serviço inestimável que prestou a todos nós, ao reabrir as portas africanas, quando as reincorporou diretamente às raízes comuns. Publicou outros livros de ficção, ensaios, reportagens e testemunhos, sobre temas vários, demonstrando as tantas dimensões que enriquecem a cultura e civilização brasileiras. Por todos estes e muitos outros motivos, Antonio Olinto tornou-se universal sem nunca deixar de ser brasileiro.

#### ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN

Um aspecto pouco divulgado do Acadêmico Antonio Olinto é sua relação com a poesia, sobre a qual, aliás, falou o Acadêmico Carlos Heitor Cony, em recente crônica, referindo-se a poema sobre a torcida brasileira na Copa de 1950. Além de, ele próprio, publicar livros de poemas, Antonio Olinto lançou, na década de 1960, a Coleção Porta de Livraria, unicamente consagrada à poesia,

e por cujo selo saíram, entre outros, livros de Foed Castro Chamma, Antônio Rangel Bandeira e Fernando Fortes. Essa receptividade à poesia marcou toda a trajetória de Antonio Olinto.

ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO

*(Mensagem enviada por escrito.)*

Embora ausente, não pude deixar de participar dessa homenagem que a Academia presta à memória do digno confrade que há pouco nos deixou. Só conheci pessoalmente Antônio Olinto no final de 2003, quando cumpria a obrigação de candidato de solicitar o voto dos Acadêmicos. Recebeu-me, ao lado de Zora, em seu apartamento da Rua Duvivier, em Copacabana. Não consegui o voto, mas saí do apartamento sob o impacto da invejável coleção de objetos de arte africana que o casal com orgulho me apresentou. Dos cinco anos durante os quais com ele convivi nesta Casa, recordo o Acadêmico dedicado, sempre presente às sessões enquanto lhe permitia a saúde, bem humorado, relatando suas atividades em benefício da difusão da cultura brasileira no país e no exterior, e sua atuação apaixonada em favor da leitura, exercida na Secretaria da Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro. De sua cultura clássica, tive pequena prova quando me contou uma história da época em que era adido cultural em Londres. Estando com Roberto Campos em um táxi, e querendo evitar que o chofer português os entendesse, decidiram conversar em latim. Só lamento não ter tido oportunidade de conviver mais longamente com este mineiro de Ubá.

ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Lembro-me de Antonio Olinto como crítico literário e como autor de *A Casa da Água*. Na Academia o recordo sempre com aquela simpatia permanente por tudo que o próximo estava fazendo e aquela disposição de trabalhar pela divulgação da literatura, criando bibliotecas, mantendo publicações literárias; enfim era um homem que tinha prazer em trabalhar pelo que gostava de fazer. Lembro-me ainda de um ato tão simpático dele quando me ofereceu o seu livro *O Cinema de Ubá*. Na ocasião, perguntei-lhe se ele era de cinema e Antonio

Olinto disse que seu pai tinha um cinema em Ubá. Daí compreendi por que Antonio Olinto tinha uma visão humanista de cinema, muito densa como tudo o que ele fez na vida.

#### ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO

Leio o seguinte texto: Guardo e guardarei de Antonio Olinto a lembrança grata do amigo, a admiração pelo escritor e pelo dinamismo, sempre otimista, de sua ação, a sua inquietude de homem de letras e de cultura. À sua clara amizade devo a minha entronização nos ritos desta Casa: foi ele quem me orientou o rumo da palavra na coordenação das conferências do Projeto ABL-Caixa da Cultura. A ele devo inúmeras lições de Academia, a iniciação nos mistérios do percurso do candidato, a sutileza da caminhada. Por tudo, Mestre Olinto, minha eterna gratidão. Recordo o poeta de *Presença*, livro de estreia, em 1949, a que se seguiram outros oito títulos, consagrados pela crítica. Entre eles: *O homem do madrigal*, *Nagasaki*, *O dia da ira*, *A paixão segundo Antonio*. Praticamente um lançamento a cada dois anos. Mais tarde, vieram as nênias carregadas de saudade do Livro de Zora, a sempre amada companheira. Recordo o romancista. Em grande. Com *A Casa da Água*, o romance do retorno. Afinal trata da volta às terras africanas de descendentes de escravos que estiveram no Brasil e regressam à terra ancestral carregados de brasilidade. No consenso da crítica brasileira e internacional, uma obra-prima. Com ela, seja-me permitido relembrar: Antônio Olinto introduz a temática africana na literatura brasileira, que se estende a dois outros romances, na composição de uma trilogia, são estes *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*. Os idiomas em que foram traduzidos dão-lhes a medida da relevância. A pena inquieta do ficcionista mineiro nos brindou ainda com inúmeros outros títulos, entre eles uma incursão na literatura infantojuvenil: *Ainá no Reino do Baobá*. Lembro ainda o crítico que manteve aberta, durante 25 anos, uma das mais importantes tribunas de nossa crítica literária, a sua “Porta de Livraria”, respeitabilíssima coluna no jornal *O Globo*, com muitos de seus textos, por sua relevância, reunidos em seis volumes. A sua Porta, inclusive, tornou-se Editora, com o mesmo nome. Era um retorno ao tempo dos seus 25 anos, época em que editara o recém-valorizado *Desabrigo*, de Antonio Fraga. Arguto, o seu olhar

crítico. Antonio Olinto, o jornalista, aliás, fez de tudo no jornal do Dr. Roberto Marinho. Chegou mesmo a ser responsável por um consultório sentimental, por uma coluna de cinema, e até por uma coluna social. Olinto foi, durante toda a vida, jornalista. Do jornal para a televisão o percurso foi imediato. A ele coube dirigir e apresentar os primeiros programas literários televisivos no Brasil. No exterior, organizou mais de cem exposições, ao longo de cinco anos, para dizer o mínimo. E vieram dezenas e dezenas de conferências, sobre cultura brasileira em universidades e entidades culturais, nos mais diversos lugares do mundo. Cento e vinte só na África. Certamente para preencher os ócios intervalares, resolveu, por duas vezes, candidatar-se a deputado. Primeiro em Minas, depois, no Rio. Felizmente para as letras e para a cultura, não foi eleito. Não deixou, porém, de ocupar inúmeros cargos públicos, sempre preocupado em publicar livros, revistas, promover exposições, criar prêmios literários. Sempre. E tem mais: foi professor, desde os 14 anos, com ação estendida a universidades estrangeiras. E tudo isso ainda diz pouco do muito que fez pela cultura do nosso país. Fechou-se o ciclo do seu percurso. No eco de suas palavras, na lembrança de sua presença, aviva-se a saudade, o sentimento da perda. Fará falta, muita falta, querido amigo, a sua presença viva entre nós.

ACADÊMICO CELSO LAFER  
(*Mensagem enviada por escrito.*)

Infelizmente não poderei estar presente na próxima quinta-feira na Sessão de Saudades que será dedicada à memória do confrade Antonio Olinto. A ele me associo manifestando a minha palavra de homenagem à sua trajetória intelectual.

ACADÊMICO LUIZ PAULO HORTA

Como membro mais novo desta Casa, não convivi mais tempo com Antonio Olinto, como muitos dos confrades. Daí considerar gratificante participar desta Sessão de Saudade, em que há uma nota de dor inevitável, consequência da ausência, a qual se soma à alegria que vem da contemplação de uma existência

plenamente realizada. Do que foi dito hoje ressalto especialmente o que foi lembrado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, quando falou da atuação de Antonio Olinto como crítico, atividade que também tem exercido ao longo dos anos na área da música clássica, porque Antonio Olinto ia em busca do que é bom. Isto não desmerece a crítica severa, às vezes até implacável, como é praticada por sua colega Bárbara Heliodora. Numa época como a atual, de tantas angústias e perplexidades, ir em busca do que é bom me parece uma coisa muito louvável, especialmente quando isso significa abrir espaço, abrir janela para os novos talentos. Aproximei-me de Antonio Olinto durante o processo de ingresso nesta Casa, situação sempre delicada, e ele foi de uma gentileza e de uma cordialidade inesquecíveis. Quando o visitei em casa e encontrei-o na companhia da querida Beth, naquela casa que era um pouco de museu de coisas africanas, e lhe perguntei o que a África significava para ele. E ele me respondeu que a África tinha feito dele gente. Lembrei então de outras grandes personalidades, como Isaac Dines, Alberto da Costa e Silva e outros. Essa é a lembrança que tenho de Antonio Olinto, muito afetiva e saudosa.

#### PRESIDENTE CÍCERO SANDRONI

Cabe ao Presidente a última palavra ao companheiro que deixa o convívio desta Casa. Ressalto que acabamos de ouvir aqui o elogio de um homem generoso e humilde, um homem que jamais se jactou de toda a sua cultura ou de sua trajetória na vida intelectual desse país. Acredito que será difícil para todos os confrades entender o desaparecimento de Antonio Olinto, este homem que, às vésperas de completar 90 anos, levava uma vida intensa não só nos trabalhos administrativos, mas na condição de diretor geral do Departamento de Informação da Prefeitura do Rio de Janeiro, redator chefe do *Jornal de Letras*, crítico literário do *Jornal do Brasil*, Acadêmico assíduo, sempre pronto a viajar para representar a Academia e presente em todos os eventos para os quais era convidado, seja no exterior, seja nas mais distantes cidades do interior do Brasil. Incansável autor de mais de uma centena de livros, tive o meu primeiro contato com ele em 1953, na época eu era um jovem “foca” do *Correio da Manhã* e Antonio Olinto já o colunista e repórter de *O Globo* – muito amigo de José Condé,

de quem também me tornei grande amigo na redação do *Correio da Manhã*, onde Condé editava o “Suplemento Literário”. Olinto era um homem que sempre tinha uma palavra de elogio e de estímulo para aqueles que o procuravam. Um homem alegre, motivo pelo qual, ao receber a notícia da sua morte, no sábado, às 7 horas da manhã, não me conformei. É como se a presença dele estivesse aqui, atuando sobre todos nesta Casa. Lembro que, no dia da sua posse na Academia, Antonio Olinto convidou-me juntamente com Laura para ir a uma missa na Igreja de São Judas Tadeu em homenagem à sua eleição para esta Casa, mas também pelos dois grandes jornalistas que ele tinha sucedido. Foi um gesto muito comovente. Nesta Casa, como todos já disseram, tivemos um convívio muito ameno e muito agradável. Declaro que o meu inconformismo com a morte de Antonio Olinto se deve ao fato de ele ter morrido num momento muito alegre da sua vida.

## SESSÃO DO DIA 24 DE SETEMBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, a qual estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antônio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Lêdo Ivo, Luis Paulo Horta, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente, Acadêmico Cícero Sandroni, ao declarar aberta a sessão da posse do escritor Arnaldo Saraiva para a Cadeira n.º6 do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras, saudou os presentes e passou a compor a mesa, que ficou assim constituída: Cônsul Geral de Portugal, Sr. Antônio Almeida Lima; Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Sr. Muniz Sodré; Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Acadêmico Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; e Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário.
- Deu a palavra ao Sócio-Correspondente Arnaldo Saraiva. (O discurso lido será incorporado aos *Anais*.)
- O Presidente Cícero Sandroni convidou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva para fazer a entrega do diploma ao Sócio Correspondente Arnaldo

Saraiva. A seguir, deu a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para fazer o discurso de recepção. (O discurso lido será incorporado aos *Anais*.)

- O Presidente Cícero Sandroni declarou o Sr. Arnaldo Saraiva empossado na Cadeira n.º 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes da ABL, que tem como patrono Matias Aires, teve como ocupantes Guerra Junqueiro, Henrique Lopes de Mendonça, Leite de Vasconcelos, Joaquim Leitão, Nuno Simões, Jacinto do Prado Coelho, Vergílio Ferreira, Alberto Noguês e Luciana Stegagno Picchio. Agradeceu a presença dos membros da mesa e de todos os convidados.

DISCURSO DO SÓCIO-CORRESPONDENTE  
ARNALDO SARAIVA\*

Ex.º Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras, Cícero Sandroni

Ex.º Senhor Cônsul-Geral de Portugal no Rio de Janeiro, Embaixador António Almeida Lima

Ex.º Senhor Director da Biblioteca Nacional, Professor Muniz Sodré

Ex.º Senhor Embaixador e Académico Alberto da Costa e Silva

Ex.º s Senhores Académicos Ivan Junqueira, Antonio Carlos Secchin e Nelson Pereira dos Santos

Ex.ºs Senhores Académicos

Minhas Senhoras e meus Senhores

A minha entrada hoje, agora, na vossa, na nossa tão prestigiada e fecunda Academia não se deve decerto a méritos meus nem a ambições minhas, mas apenas à estima com que me honram tantos membros desta Casa, que, um a um, quero saudar e envolver no meu reconhecimento, manifestando também a todos a alegria de estar em tão culta companhia.

Mas o empenho de amigos não me proibirá de ver na minha eleição e tomada de posse razões insondáveis como as que levaram Manuel Bandeira a proclamar “A vida é um milagre”, ou Guimarães Rosa a escrever: “O mundo

---

\* Proferido na sessão do dia 24 de setembro de 2009.

é mágico”. Isto porque nada nos meus verdes anos, na aurora da minha vida, parecia favorável a uma relação eufórica – para não dizer: apaixonada – com o Brasil ou com a sua cultura.

Nasci e vivi os meus primeiros anos numa aldeia e numa região beirã, da Serra da Estrela, onde não via nenhuns sinais brasileiros, de brasileiros, de “brasileiros” de torna-viagem, ou de abrasileirados como os que proliferam em terras do Minho, do Douro e de Trás-os-Montes. Ninguém na minha família ou na dos meus amigos mantinha qualquer laço com gente do Brasil. Nenhum mestre e nenhuma autoridade me apontava o Cruzeiro do Sul.

Um dia, intrigado ou exasperado com a minha dedicação ao Brasil, acabei por encontrar as melhores justificações: nasci a 12 de Outubro, dia da Padroeira do Brasil, que decerto me cobriu com a sua bênção, e dia de aniversário da descoberta da América, e nasci numa terra que dista pouco mais de meia centena de quilómetros de Belmonte, onde nasceu o descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral. Mas há um episódio dos meus 13 ou 14 anos que, menos esotericamente, pode valer como uma primeira, uma breve mas simbolicamente relevante chamada ou ligação ao Brasil: um padre do seminário onde estudei, menos anos do que Carlos Heitor Cony no seu, convidou-me, vá-se lá saber porquê, a entrar numa récita escolar em que, associado a um colega, e forçando ou macaqueando o sotaque brasileiro, representámos e cantámos, com geral aplauso, o dueto do “Sarapico”.

Não pude saber como é que o padre, que nunca tinha saído da Beira, o aprendera, nem das razões que o levaram a incluí-lo numa récita escolar. E esqueci esse dueto até ao dia em que tive um súbito impulso para investigar se ele existia, com música e letra ou só com letra, nalgum livro português ou brasileiro. Esforço inútil. Mas passado algum tempo, quando já voltara a esquecê-lo, fui dar com a letra do dueto no “florilégio” que o jesuíta Ivo Inácio Bersch, nascido em terras do Rio Grande do Sul em 1933 e falecido em terras do Paraná em 1998, publicou com o título *Recordar é Viver*. E talvez valha a pena recordar ou (re) viver esse texto, à falta de música:

- (Refrão:) *Ói Chico Marié, ôi Chico Mariá:  
Esta gente linguaruda não me deixa sossegar.*
1. *Eu não vou à tua casa, só por causa da ladeira:  
Teu cachorro é muito brabo, tua avó é lavadeira.*
  2. *Meu compadre cale a boca, meu compadre Sarapico!  
Você sabe rogar praga como um velho tico-tico.*  
.....
  7. *Eu não vou à tua casa, pra você não vir à minha;  
Tua boca é muito grande, vai comer minha farinha.*
  8. *Meu compadre, cale a boca, meu compadre Sarapico!  
Eu ir lá ? Eu lá não vou, pois aqui, eu cá me fico.*
  9. *Eu não vou à tua casa, eu sou muito linguarudo;  
Fica o dito por não dito, eu peço perdão de tudo.*
  10. *Meu compadre Sarapico, deixe lá isso passar!  
Às vezes os burros brigam, mas depois vão-se coçar!*

(Curiosamente, a versão que decorei era mais popular do que a do florilégio, e agradaria mais ao Mário de Andrade folclorista e autor da *Gramatiquinha da Fala Brasileira* – que censurou Drummond por ter escrito “O poeta chega à estação”. O meu “Sarapico” dizia: “Eu não vou na tua casa”.)

Foi assim que começou a minha relação viva com a língua e com a literatura (no caso popular) do Brasil, que também me chegava por algumas canções do rádio; e presumo que foi logo nessa altura que o português “errado” ou novo do povo brasileiro me pareceu não açucarado, como a Eça, mas mais gracioso e harmonioso do que o de Portugal. A música, a oralidade, a graça do “Sarapico” semearam em mim o encanto do Brasil, que pouco a pouco cresceria, e de que maneira, com a chegada da bossa nova e da poesia concreta, verdadeira

revolução musical e / ou poética, que não podia deixar de cativar um jovem que queria ser do seu tempo.

Em 1960, sendo já aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, veio parar às minhas mãos uma *Anthologie de la Poésie Brésilienne Contemporaine*, que saíra em Paris em 1954, com traduções do brasileiro residente na capital francesa A.D.Teixeira Bastos. Lembro-me bem da curiosidade com que me entretinha a ler poesia brasileira em francês; mas lembro-me ainda melhor do estremecimento que senti quando li e reli versos como estes:

*Le temps pauvre, le poète pauvre  
Se confondent dans la même impasse.*

...

*Vomir cet ennui sur la ville.  
Quarante ans et aucun problème  
Résolu, même pas posé.*

...

*Faites silence, arrêtez les affaires.  
Je vous assure qu'une fleur est née.*

Tratava-se, claro, do poema “A flor e a náusea”, que Drummond publicara em *A Rosa do Povo*, e que fui ler logo no original. E o que me aconteceu foi uma epifania que, perdoar-me-ão, ousarei aproximar da de S. Paulo: a minha conversão definitiva à poesia drummondiana e, por ela, à poesia e à literatura do Brasil. Recordando esse poema, talvez possam entrever-se as razões de tal epifania:

*Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me ?*

*Olhos sujos no relógio da torre:  
Não, o tempo não chegou de completa justiça.*

*O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera-  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.*

...

*Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralise os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.*

...

Poema escrito em tempo de guerra mundial, atravessava-o uma tremenda inquietação existencial e moderníssima, ou um pessimismo que só não era radical porque se abria à “esperança mínima” simbolizada no nascimento de uma flor desromantizada ou dessublimada – uma flor feia e selvagem que, como as rosas bravas de Camilo Pessanha, surgia contra a ordem natural, mas também contra a ordem social, policial, urbana, poética. O poema parecia corresponder ao pedido de Vicente Huidobro: “*Por qué cantais la rosa, oh Poetas! Hacedla florecer en el poema*”, já que a referência à fealdade da flor desbotada se dava com a sua fulgurância num poema de rara originalidade e beleza. Essa flor esteve presumivelmente na origem da não menos famosa flor da “Antiode” de João Cabral, que a identifica com “fezes” – palavra que aparece no poema de Drummond associada a “maus poemas”: “flor / não de todo flor / mas flor, bolha / aberta no maduro”.

Passado pouco tempo sobre o meu encontro com a poesia de Drummond, eu já estava a escrever sobre ela no lisboeta *Diário de Notícias*; por empenho de Thiers Martins Moreira, então professor e adido cultural em Lisboa, o meu artigo chegou ao poeta, que logo me agradeceu por carta, e que me enviou colaboração para uma revista a que entretanto me ligara; mais, quando Odylo Costa Filho se preparava para embarcar, como adido cultural, para Lisboa, Drummond publicou uma crónica no carioca *Correio da Manhã* (3/3/1965), em que lhe pedia para dar um abraço “no jovem Arnaldo Saraiva”.

Aproximando-se o fim do meu curso universitário, decidi fazer a minha tese de licenciatura sobre a então muito pouco estudada poesia drummondiana; concorri a uma bolsa de estudo, e em meados de 1965 desembarcava no Rio de Janeiro, onde não tardaria a receber de Drummond a sua *Obra Completa* com esta dedicatória: “Ao caro Arnaldo Saraiva, com a alegria de tê-lo entre nós”.

A alegria era toda minha, deslumbrado não só com as fabulosas paisagens do Rio de Janeiro, mas também com a sua vitalidade cultural mesmo já em tempo de ditadura militar, e estimulado pelo convívio com escritores de várias idades, como, além de Drummond, Augusto Meyer, Fausto Cunha, Walmir Ayala, Francisco Alvim, Gilberto Mendonça Teles, Armando Freitas Filho.

Nessa altura, visitei várias vezes, como pesquisador ou como ouvinte, esta Casa, que até ficava ao lado da Faculdade que livremente frequentei. Lembro-me de que fui um dos muitos inscritos e destinatários do curso “Os aspectos técnicos do romance brasileiro”, que nesta mesma sala deram, em Junho/Agosto de 1966, Alceu Amoroso Lima, Aurélio Buarque de Holanda, Raimundo Magalhães Júnior, Adonias Filho, Marques Rebelo e Austregésilo de Athayde.

Mas nessa altura não poderia imaginar que um dia entraria aqui não já como pesquisador e ouvinte, mas como Sócio Correspondente. Se para isso houve o impulso das mãos subtis de Ivan Junqueira, Domício Proença Filho e Antonio Carlos Secchin – que, prevejo e previno, daqui a pouco irá, com a sua elegância e finura, exagerar nas loas ao seu amigo -, não descarto a hipótese de um empurrãozinho do secreto e enigmático Bruxo que também dá nome a esta Casa. Isto porque desde 1972 me empenhei em estudar e divulgar a sua obra, e não só em Portugal: já publiquei estudos sobre ele até em França e nos Estados Unidos; tenho em fase adiantada um livro sobre a sua relação, tão importante e tão ignorada, com Portugal, onde as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foram em parte publicadas como folheto de jornal. Por proposta minha, foi em 2000 dado o seu nome a um jardim do Porto, numa cerimónia em que estiveram alguns membros desta Academia; e um dia, percorrendo um monte de papéis do sebo / alfarrabista Nuno Canavez, Livraria Académica, descobri, imaginarão com que emoção, manuscrito e assinado por ele, um poema que logo adquiri por módicos 70 dólares.

Dirigido “a uma atriz”, como alguém escreveu no lugar do título, a lápis, é um poema tipicamente machadiano, em impecáveis quintilhas decassilábicas que falam da partida destas “plagas nossas” de uma atriz que é também “mulher e musa”. Não parece difícil justificar o aparecimento deste poema no Porto, terra de Carolina e de vários amigos de Machado; mais difícil será identificar a possível destinatária interna ou externa dele. Uma hipótese, todavia enfraquecida pelas datas - da partida e do poema - e pela referência a “ligeiros dias”, se não for lida como metáfora, é a da atriz Gabriela Cunha, que nasceu no Porto em 1921, que casou e trabalhou no Brasil, e que em 1866 terá regressado a Portugal, não por muito tempo, aliás. Sabemos que Machado a celebrou em vários artigos e em dois poemas, tendo também dedicado um à sua filha Ludovina; e sabemos que ela recitou poemas de Machado em vários palcos. Raimundo Magalhães Júnior defendeu que ela foi o seu “primeiro amor”. Terá sido? E terá sido o seu regresso a Portugal que inspirou o poema?

O que é certo é que o poema existe, e que dele falei pela primeira vez no “I Encontro de Professores de Literatura”, organizado em 1989 no Rio de Janeiro por Antonio Carlos Secchin, e a ele se referiu o jornalista Gustavo Vieira em *O Globo* de 30 de Setembro de 1989. Tenho hoje o prazer de oferecer a todos os membros da Academia a edição diplomática deste poema que, noto, não figura nem nas edições recentes da poesia machadiana, como *Toda a Poesia*, organizada por Cláudio Murilo Leal, e *Obra Completa em Quatro Volumes*, da responsabilidade de Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio e Heloisa Jahn.

Devo agora lembrar que nesta Casa tenho amigos ou conhecidos com quem há muito convivo, e não só por publicações. A Lygia Fagundes Telles vi-a e ouvi-a no início dos anos 60, quando na lisboeta Casa do Alentejo fez uma palestra sobre ficção machadiana e brasileira, que não esqueci, como a Virgínia de *Ciranda de Pedra* não esqueceu a noite em que Daniel Ihe deu a ler um livro de poemas. Pouco depois, chegava a Lisboa o jovem Secretário de Embaixada Alberto da Costa e Silva, em cuja casa estive, de quem publiquei na revista *Rumo* (nº64, Junho de 1962) o belíssimo poema “Cruz das Almas, Sobral”, e que por duas notáveis antologias me deu a conhecer a “nova poesia brasileira” e a poesia concreta.

Mal chegado ao Rio, em 1965, conheci Lêdo Ivo, de que já sabia versos de cor, até jocosos (“Eu sou um moço perfeito / *Like a nice boy* inglês / Mas falo mais palavrões / Que meu avô português”), e que no número inaugural do suplemento literário que foi dirigir no *Diário de Notícias* carioca ousou incluir um texto em que eu atacava teses fanáticas de Afrânio Coutinho. Também em 1965 convivi aqui mesmo ao lado – na Faculdade em que assisti a aulas de literatura brasileira - com o jovem professor Domício Proença Filho, que já se impunha pela sua afabilidade e pelo seu empenho pedagógico. Ainda nesse ano fui conferenciar a Maceió, onde, na mesma casa que nos hospedou, encontrei Ariano Suassuna, que logo me cativou com a sua verve e com a sua memória de folhetos de cordel nordestinos, de que me tornei leitor e colecionador (ainda há poucos meses fiz uma exposição deles em Portugal).

Aprendi muito lendo a revista *Tempo Brasileiro* e, antes, lendo as *Dimensões* de Eduardo Portella, com quem também me cruzei por esse tempo, e a cuja posse acadêmica assisti, como prova uma foto em que estamos juntos. A Carlos Nejar conheci-o em 1975 em Lisboa, no final de uma homenagem a Rilke em que participei com Sophia de Mello Breyner Andresen e com Eugénio de Andrade, tendo mais tarde, em 1981, apresentado a sua poesia densa na portuense Fundação Engenheiro António de Almeida.

Antonio Carlos Secchin foi um dos 288 inscritos no curso que sobre “A novíssima literatura portuguesa” dei no Real Gabinete Português de Leitura em Setembro / Outubro de 1979; se então não tivemos oportunidade de conversar, descobriríamos depois muitas afinidades (sebos, poesia, João Cabral...) que solidificam uma amizade que muito prezo. Ao meu xará Arnaldo Niskier conheci-o salvo erro em 1989, no decurso do “XI Encontro Brasileiro de Língua e Literatura”, onde o ouvi falar com boa voz e muita competência de problemas de cultura e educação. E também conheci João Ubaldo Ribeiro quando ele morou em Portugal, tendo-o reencontrado uma vez na Alemanha.

Não esqueço outros Acadêmicos com os quais me relacionei em tempos menos recuados: Evanildo Bechara, Sábado Magaldi, Marcos Vinícios Vilaça, Ivan Junqueira, que tive a felicidade de antologiar em Portugal, e Moacyr Scliar, a quem solicitei um conto para a obra que organizei e prefaciei *Porto.Ficção*,

onde também colaboraram Lygia Fagundes Telles, Bernardo Carvalho e Nélida Piñon, que há anos acompanhei no seu doutoramento *honoris causa* na Universidade de Santiago de Compostela, onde aliás participei na banca de uma tese sobre a sua obra.

Neste lugar, e nesta hora, quero lembrar e homenagear por razões de vária ordem alguns Académicos já falecidos:

- Manuel Bandeira, que, mal me conheceu, me ofereceu as duas primeiras cartas que Drummond lhe escreveu.
- Marques Rebelo, que, num jantar em sua casa, me fez ver a razão de Drummond garantir que ele era o sujeito que mais o fazia rir (recordo que ele foi a Lisboa em tempo salazarista e disse da Avenida da Liberdade: “Quando é que a inauguram?”)
- Augusto Meyer, cuja cultura literária me fascinava, em conversas, em voz baixa, no seu gabinete da Biblioteca Nacional.
- Pedro Nava, que leu com muito cuidado e simpatia a minha tese de licenciatura, e que me orgulho de ter estimulado a escrever as suas memórias.
- António Houaiss, de quem li e critiquei, antes..... de vir ao Brasil e de me tornar seu amigo, o livro *Seis Poetas e um Problema*.
- Celso Cunha, sábio filólogo e bibliófilo, com quem dava gosto conviver fosse no Brasil, em Portugal ou em França.
- Otto Lara Resende, refinado contista e fascinante conversador, a quem só não desculpo a perturbação temporária que, com o seu apego à piada, trouxe às minhas excelentes relações com Drummond, a quem disse ao telefone: “Drummond, o Arnaldo sabe tudo a seu respeito, sabe até o nome de todas as suas namoradas”.
- João Guimarães Rosa, que me concedeu uma rara e inesquecível entrevista.
- João Cabral de Melo Neto, com quem viajei em 1981, com quem convivi assiduamente nos cerca de dois anos que ele viveu no Porto (1985-1987), e

que, para responder a um pedido meu, compôs o último poema que dele se conhece, e talvez o primeiro que ele ditou.

- E, finalmente, José Guilherme Merquior, que deixou uma ficha, que me foi revelada por Tânia Carvalhal, onde generosamente me dava como crítico notável.

Pelo que acabo de dizer, não será difícil intuir que me sentirei em casa nesta Casa, que é também por excelência casa das letras brasileiras e da língua portuguesa, língua que tem servido bem melhor que outras instituições, até portuguesas. E não escondo que me sinto particularmente honrado e comovido por vir ocupar a cadeira nº6, e por suceder nela a Luciana Stegagno Picchio.

A cadeira nº6 tem por patrono Matias Aires que, nascido em S.Paulo em 1705, foi ainda jovem, com a sua irmã e futura romancista Teresa Margarida, para a terra do seu pai. Solidificou a sua formação em Coimbra, Bayonne, Paris, e publicou em 1752 as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, livro de espécie rara que, em tempo de luzes, revela, num estilo suave e elegante, um grande empenho ético e uma invulgar capacidade de penetrar em camadas ou dobras complexas da alma humana. Por isso, parece estranho que Oliveira Martins, autor de *O Brasil e as Colónias Portuguesas*, o não citasse entre os “brasileiros /que/ eram na máxima parte os sábios e literatos portugueses de então” (António José da Silva, Basílio da Gama, Tomás António Gonzaga, etc.).

Com duas excepções, a do paraguaio Alberto Nogués e da italiana Luciana Stegagno Picchio, a cadeira nº 6 só foi ocupada por portugueses, o primeiro dos quais Guerra Junqueiro, que já em finais do sec.XIX tinha imitadores e leitores fanáticos no Brasil; saiu há poucos anos um livro com a recollha que ele, dado como anticlerical, fez de orações populares, para o qual escrevi uma introdução. O segundo ocupante da cadeira foi Enrique Lopes de Mendonça, autor do hino nacional português; menos esquecido do que o quarto e o quinto ocupantes, Joaquim Leitão e Nuno Simões, era, como eles, um indefectível amigo do Brasil. Bem mais relevante foi ou é a figura do terceiro ocupante, José Leite de Vasconcelos, o maior recolector e estudioso do património verbal português, ou da literatura popular portuguesa, a que também me tenho dedicado.

Por singular acaso, com as três grandes personalidades culturais que foram os três últimos ocupantes da cadeira nº6 manteve relações de duradoura amizade. Jacinto do Prado Coelho foi meu professor, e sempre o vi, em aulas, em livros de ensaios, na revista *Colóquio*, no *Dicionário de Literatura*, na antologia *O Rio de Janeiro na Literatura Portuguesa*, empenhado em favorecer o “fraterno encontro que a língua comum justifica e até exige”, como ele disse em carta a Drummond. A Vergílio Ferreira ligou-me desde sempre a condição de beirão serrano e a experiência da passagem pelo mesmo seminário; correspondemo-nos, incluí-o numa antologia de ensaios, contribuí para premiar um dos seus mais *problemáticos* romances, e até lhe mereci alguma simpática referência no seu às vezes azedo *Diário*. E Luciana Stegagno Picchio ?

Muito gostaria de falar dessa “grande dama da literatura italiana, brasileira e portuguesa”, como a designou o embaixador Affonso Arinos de Mello Franco, no discurso com que aqui a saudou em 16 de Maio de 2002. Recordo que, entrando um dia no anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, deparei com uma bonita, juvenil e jovial conferencista que discorria com fluência e competência sobre Gil Vicente, denunciando as suas origens italianas no seu sotaque cantado e pontuado por “ss” chiados. Ao longo dos anos, encontramos-nos pessoalmente em distintos lugares, até em congressos que organizei, o último dos quais foi o que homenageou José Régio em 2001. Num comité oficial, propus o seu nome para dirigir uma equipa que defendi ser necessária para a preparação da edição crítica de Fernando Pessoa. A proposta foi aceite, mas alguém se encarregou de a anular, para que a equipa fosse dirigida por um português. Em 1980-1983 Luciana foi professora visitante da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, onde eu ensinara em 1978 e 1979. Em 2001, o Instituto Camões prestou-lhe uma homenagem em Lisboa, onde me foi dado fazer o seu elogio. E pude visitá-la por três vezes na sua bela casa romana de Via Civitavecchia, a última das quais poucos meses antes da sua morte, ocorrida a 28 de Agosto de 2008.

Nunca poderei esquecer esse meu último encontro, marcado por um telefonema onde já quase não reconhecia a sua voz insinuante. Aberta a porta do seu apartamento por uma empregada, logo a vi na sala, sentada a meio metro

do écran televisivo. A outrora elegante e bonita senhora, que Fellini poderia ter contratado, estava agora magra, encolhida e mal vestida; à minha chegada animou-se, foi-me mostrar edições raras, preciosas peças de cerâmica, os quadros que se acotovelavam nas paredes. Mas dei-me conta de algumas falhas no seu discurso outrora tão límpido, e saí dali arrasado. Arrasado mas não até ao ponto de perder na memória a sua imagem luminosa, para fazer jus ao seu nome.

Nascida a 20 de Abril de 1920 em Alexandria, cidade onde uma dúzia de anos depois nasceria Umberto Eco, e cujo nome pode confundi-la com a cidade culta do Egipto, Luciana era filha de um advogado poliglota que cultivava a poesia, a tradução e a música, pelo que pôde conviver, desde menina, com intelectuais e artistas de diferente formação. Um tio que vivia em Paris deu-lhe a ler aos 15 anos o *Amor de Perdição*, que despertou a sua curiosidade pela cultura, língua e literatura portuguesa. Em 1941, já formada em arqueologia na Roma fascista que detestava, como detestaria Berlusconi, e na atmosfera sufocante da guerra mundial que abominava, tornou-se amiga de 3 jovens matemáticos portugueses bolseiros em Roma, empregou-se como tradutora na embaixada de Portugal, país que visitaria pela primeira vez só em 1956, três anos antes de pela primeira vez visitar o Brasil.

Mas em 1959 o ensino da literatura chamara-a, primeiro para a Universidade de Pisa e, em 1969, para a Universidade de Roma La Sapienza, onde até 1996, com a sua cultura, com o seu dinamismo, com a sua jovialidade, com a sua criatividade atraiu para a causa das culturas de língua portuguesa inúmeros estudantes, alguns dos quais tão distintos como António Tabucchi. Simultaneamente foi construindo uma obra impressionante de cerca de 600 textos autónomos - livros, ensaios, artigos, verbetes espalhados por revistas como os *Quaderni Portoghesi*, que dirigiu de 1977 a 1989, por jornais como *La Repubblica*, onde colaborou ao longo de 20 anos, por dicionários e enciclopédias como a *Dello Spettacolo* e *Garzanti*, por contracapas e orelhas de livros que nalguns casos traduziu ou indicou para tradução: Eça, Pessoa, Aquilino, Sena, Saramago, José Lins do Rego, Drummond, Murilo Mendes – de quem foi grande amiga, extraordinária estudiosa e escrupulosa editora crítica –, Jorge Amado, Ignacio de Loyola Brandão.

Não é possível tratar aqui e agora de todas as contribuições que Luciana deu para o conhecimento e reconhecimento das literaturas de língua portuguesa em vários países, a começar pelos nossos. As suas histórias ou panorâmicas literárias e culturais e os seus estudos autorais, tanto os de incidência teatral, que mobilizaram especialmente a jovem Luciana, como os de incidência medieval e clássica e os de referência moderna e contemporânea, são sempre marcados por um excelente conhecimento da língua, pelo rigor e fulgor das análises e das alusões culturais, e pela amplitude da visão. Qualidades só encontradas em quem dominava várias línguas e literaturas, e em quem tinha o gosto da pluralidade e da modernidade aberta, ou do “ecletismo metodológico” como invoca o título de um dos seus mais densos livros. Ela atravessou várias teorias críticas, como as do *new criticism*, do estruturalismo – recordemos a sua amizade e colaboração com Roman Jakobson –, da psicocrítica, da sociologia da literatura, da semiótica, da teoria da recepção, mas a sua preocupação maior foi sempre com o mergulho sem preconceitos nos textos, que iluminava ou valorizava, e de que extraía o “ouro” a que alude numa carta a Eduardo Lourenço que acaba de ser publicada na revista *Colóquio Letras*: “O crítico é efectivamente este alquimista que sabe, não digo transformar, mas extrair o ouro da areia”.

Com ânimo bandeirante, Luciana pôde produzir juízos muito originais ou construir teorias fecundas, como por exemplo a do arremedilho medieval, ou a do cânone da literatura brasileira; opondo-se discretamente até ao seu amigo Antonio Candido, nas suas histórias da literatura brasileira, breves ou extensas, pois ela empenha-se no estudo ou na análise da **literatura** que se produz em “vivência brasileira”, não tanto no estudo da **brasilidade** que parece ser a obsessão da historiografia literária brasileira das últimas décadas.

Tão atenta aos problemas das culturas e das literaturas de língua portuguesa, Luciana chegou a lamentar-se, noutra carta a Eduardo Lourenço, por ir morrer sem nada ter produzido no “belíssimo italiano” que sabia escrever. Mas a verdade é que em 1993 surpreendera todos os seus amigos com o livro de poemas “com notas” *La Terra dei Lotofagi* onde as paisagens da Califórnia ou interiores podem lembrar outras que descobrimos em Ungaretti ou Montale: “M’illumino di te / porto il tuo marchio”.

Guardo várias fotos de Luciana, com Luciana; numa delas temos a companhia de Angel Crespo, Eduardo Lourenço, Leyla Perrone Moisés, como ela grandes ensaístas dedicados às nossas duas literaturas; noutra, por sinal a última, de 2001, ela tem a sua mão direita apoiada no meu ombro. Apoiada ou apoiante? Não sei, mas quero ver nesse seu gesto familiar o sinal não só de uma sólida amizade, mas também de uma passagem de testemunho - a quem está na mesma corrida cultural, a quem parece destinar o seu mesmo lugar académico.

Luciana outrou-se euforicamente no mundo luso-brasileiro, e percebeu bem o que também já há muito percebi: que não é possível entender a cultura portuguesa sem estudar a brasileira, e vice-versa. Por isso é que, ao longo de décadas, me tenho esforçado - em aulas, conferências, cursos, colóquios, convívios, exposições, jornais, revistas e livros - por trazer Portugal ao Brasil, e por levar a Portugal o Brasil, ou alguns dos 300 ou 350 Brasís que nunca terminamos de conhecer.

Hoje o quadro da relação luso-brasileira já não é o do tempo dos nacionalismos fascistas, dos comendadores ou das vazias metáforas parentais (avô, pai, filho, irmão...), ou outras tão líricas como a das pontas do arco-íris, ou das vogais do mesmo ditongo. Hoje já não há só televisão ou (tele)novelas e CDs, porque há também internet. E pode dizer-se que Portugal já é outro Brasil... porque nunca houve tantos brasileiros e tantos sinais brasileiros em terras portuguesas. Eu até já pude escrever, pensando no que desde criança qualquer português aprende do, com o Brasil: “Brasil, meu avozinho”.

Mas há ainda muito a fazer, no campo da língua como no da literatura, para que os nossos dois países tenham a dignidade que nunca tiveram no mundo, ou tão só para que as pátrias de Machado de Assis e de Pessoa possam contribuir da melhor maneira para a harmonia da super-nação futura. Falada e escrita em vários países independentes de vários continentes, a língua portuguesa pode ser um valioso instrumento, até hoje mais ou menos desprezado, de progresso e de paz mundiais. E ela está sempre a surpreender-nos, e não só pela energia e beleza que dela retiram os nossos escritores: há pouco mais de um mês, eu estava em Java e ouvi diariamente algumas das centenas de palavras portuguesas que passaram à língua local, onde ainda hoje soam quase como nos nossos dois pa-

íses: bola, sapato, garfo, manteiga, restaurante, sábado, câmara, camisa. . . Afinal, o Castelo do famoso conto de Lima Barreto sabia muito mais javanês do que o que aprendera à pressa para conseguir um emprego.

### Prezados Acadêmicos

A minha entrada, hoje, nesta Academia alegra-me e honra-me, mas também me confere maiores responsabilidades. Como dizia há pouco, há ainda muito a fazer em favor da nossa língua e das nossas literaturas; e há ainda em Portugal e no Brasil muita ignorância mútua e muito preconceito, que a questão do acordo ortográfico pode ilustrar.

Estou certo de que na condição de Sócio Correspondente mais facilmente poderei contar com o vosso apoio para causas por que me venho batendo. Uma delas, que partilho com um grande senhor luso-brasileiro, o Dr. Gomes da Costa, é a da criação em Portugal, talvez no Porto – terra de Pero Vaz de Caminha, de Bento Teixeira, de Tomás António Gonzaga, etc., sem esquecer a Carolina -, de uma grande biblioteca da cultura brasileira, que não há na Europa, e que tanta falta faz. Outra será a de encontros regulares entre escritores brasileiros e portugueses, como o que, com tanto êxito, realizámos no Porto no ano 2000.

Num tempo de geral desvalorização da literatura, a ponto de alguns falarem na sua morte, uma Academia tão pujante como esta pode mostrar bem a energia ou a força da literatura. Foi essa força que há décadas me trouxe de Portugal ao Brasil; foi essa força que me trouxe até aqui. Como lembrou uma vez Miguel Ângelo (que também era poeta), a arte pode não servir para nada, mas serve para provocar emoções. E acreditem que é bom ter emoções tão intensas como as que hoje sinto, e não quero disfarçar.

Afinal, como disse Pessoa, a arte – a literatura – é a confissão de que a vida não basta.

## ARNALDO SARAIVA

*Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin\**

A importância dos Sócios Correspondentes para a Academia Brasileira de Letras patenteia-se no fato de que o próprio Estatuto da Casa se ocupa da questão, logo em seu artigo primeiro, imediatamente após referir-se aos quarenta membros efetivos. Leio trecho do parágrafo I desse artigo: “*A Academia compõe-se /.../ de vinte membros correspondentes estrangeiros*”.

Duas observações se impõem: a exiguidade do número, que corresponde a exatos 50% do total de membros brasileiros; e o fato de que o Estatuto, sem descuidar o preceito pétreo de que cabe à Academia zelar pela língua e cultura brasileira, sinaliza um desejo de abertura e de interlocução para além de nossas fronteiras políticas e literárias.

Da mesma forma que as cadeiras dos efetivos, as dos correspondentes possuem patronos. Vale destacar que, por meio deles, a ABL, sabiamente, logrou resgatar sua dívida para com a memória dos autores do período colonial, escassamente aquinhoados – com apenas seis nomes – no patronato das quarenta cadeiras nacionais.

Em compensação, nada menos do que 13 dos 20 patronos de correspondentes pertencem aos quadros do Brasil-Colônia, dentre eles figuras bastante expressivas, como o dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu; os poetas Silva

---

\* Proferidas na posse de Arnaldo Saraiva como Sócio Correspondente na cadeira 6 da Academia Brasileira de Letras.

Alvarenga, Santa-Rita Durão e Manuel Botelho de Oliveira (este, o primeiro autor brasileiro a ter livro impresso); os historiadores Frei Vicente do Salvador e Sebastião da Rocha Pita; o dicionarista Antônio de Morais Silva.

Já do século XIX, ainda suprimindo as lacunas do patronato dos membros efetivos, citem-se o tradutor de grego e latim Odorico Mendes e a figura exponencial de José Bonifácio de Andrada e Silva, cujo sobrinho, o hoje esquecido José Bonifácio, o Moço, fora, aliás, contemplado como patrono (da cadeira 22) antes do famoso tio. No século XX, configurou-se outra relação de parentesco, embora mais longínquo, com a eleição, em 1995, do escritor francês Maurice Druon, bisneto do maranhense Odorico Mendes.

Até a data de hoje, a Academia contabiliza 124 Sócios Correspondentes, e a relação desse elenco de escritores com a ABL é matéria ainda pouco estudada. É provável que a iminente divulgação eletrônica, na íntegra, de todas as atas de reuniões acadêmicas, numa feliz iniciativa do Presidente Cícero Sandroni, venha a fornecer os indispensáveis subsídios para a elaboração de uma esperada História da Academia Brasileira – História, que, forçosamente, haverá de levar em conta as circunstâncias da participação da presença estrangeira na consolidação do projeto institucional da Casa, através de sócios ou de ilustres visitantes.

Anatole France discursou na Academia, em 1909. Sob o teto onde agora nos encontramos, Rudyard Kipling, ganhador do Prêmio Nobel, declarou-se, numa palestra realizada em plena Quarta-Feira de Cinzas do ano de 1927, um exausto sobrevivente de nosso Carnaval. Seis meses depois, em 15 de setembro, um futuro Prêmio Nobel, Luigi Pirandello, compareceu ao *Petit Trianon*. No decorrer de 1936, aqui estiveram Stephan Zweig e Jacques Maritain, cuja conferência “Freudismo e psicanálise” se transformaria em livro dois anos mais tarde. A listagem de grandes escritores estrangeiros que a este salão vieram comportaria dezenas de nomes.

A postulação de um sócio, diversamente da de um membro efetivo, não envolve a inscrição ou a manifestação prévia e pessoal do candidato. Por isso, urge que um dia se publique o levantamento das declarações e dos discursos acerca da ABL porventura proferidos pelos escritores que compuseram o quadro inicial de correspondentes – entre eles, Eça de Queirós, Émile Zola, Henrik Ibsen,

Herbert Spencer e Leon Tolstói, eleitos em conjunto, quase todos, na sessão de 25 de outubro de 1898. A partir de então, agregaram-se à Academia autores como André Malraux, Dámaso Alonso, Octavio Paz e José Saramago.

Ao longo de 112 anos, todos os continentes, salvo a Oceania, aqui marcaram presença. A Ásia, com um sócio do Japão, Daisaku Ikeda. A África, com dois, oriundos do Senegal e de Moçambique – Léopold Senghor e Mia Couto. A América, com vinte e cinco, avultando a participação dos Estados Unidos, com sete eleitos; dentre os dezessete da América do Sul, destaca-se a Argentina, com seis sócios. Em âmbito europeu – Portugal à parte – registram-se 36 presenças, 16 das quais francesas.

Um rápido exame do conjunto revela, ainda, duas curiosidades: o mais longo dos correspondentes foi Martin Brussot, que, eleito em 1912, faleceu em 1968, ocupando a cadeira 17 por 56 anos. O mais idoso dos atuais Acadêmicos não é brasileiro, e sim alemão: trata-se de Curt Meyer-Clason, o tradutor que primorosamente conferiu nacionalidade germânica a *Grande Sertão: Veredas*. Seu centenário natalício se comemora em 2010. Na trilha de Barbosa Lima Sobrinho, Meyer-Clason está prestes a tornar-se o segundo Acadêmico a romper a barreira de um século de vida, acalentando, com seu invejável exemplo, fundadas esperanças a todos os demais confrades.

Portugal encontra-se num patamar à parte – incluindo-se o novo sócio Arnaldo Saraiva, que hoje tenho a honra de receber – preenche atualmente 10 das 20 cadeiras de correspondentes, e ocupou 56 das 125 disponíveis desde a fundação da Academia.

Professor Arnaldo Saraiva, sois o centésimo-vigésimo-quinto Sócio Correspondente desta Casa, eleito em 27 de novembro de 2008 para suceder a professora Luciana Stegagno-Picchio, sobre cuja obra acabastes de nos fornecer uma leitura minuciosa e sagaz. Cabe-me agora, prazerosamente, salientar os motivos que embasaram vossa vitória, mas não sem antes deter-me, com brevidade, no histórico da cadeira que a partir de agora vos pertence.

O que primeiro ressalta na cadeira 6 é a comum origem lusitana de oito de seus dez ocupantes; as exceções foram a professora italiana Stegagno-Picchio e

seu antecessor imediato, o autor paraguaio Alberto Noguès. De Portugal provieram, além do fundador, Guerra Junqueiro, os escritores Henrique Lopes de Mendonça, José Leite de Vasconcelos, Joaquim Leitão, Nuno Simões, Jacinto do Prado Coelho e Vergílio Ferreira.

Seu patrono é o paulista Matias Aires, que desde cedo foi residir em Portugal, onde publicou, em 1752, um dos clássicos do idioma, as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, obra de tal sucesso que, apenas no século XVIII, alcançou três reedições.

O primeiro titular da cadeira foi Guerra Junqueiro, poeta cujo verbo candente ecoou, com enorme prestígio, junto ao público do nosso país. *A velhice do Padre Eterno*, de 1885, é seu título mais famoso. A ele devemos, entre outros gestos de fraternidade, o canto solidário de “A fome no Ceará”, de 1877.

Henrique Lopes de Mendonça presidiu a Academia das Ciências de Lisboa. Dramaturgo, explorou, em *A morta*, de 1891, o manancial mítico e trágico de Inês de Castro, que, 89 anos depois, também serviria de combustível para a belíssima suíte de poemas *A Rainha Arcaica*, de Ivan Junqueira.

José Leite de Vasconcelos revelou-se um expoente no campo dos estudos filológicos. Organizou um notável *Romanceiro Português*. Sua extensa produção, ultrapassando a centena de títulos, investiu, também com êxito, nos domínios da etnografia e da arqueologia.

Presença mais discreta no panorama do pensamento português é atribuída aos dois sócios subsequentes: Joaquim Leitão e Nuno Simões. O primeiro, jornalista, historiador e ficcionista, publicou *A comédia política*, em 1911, e *Eça de Queirós acadêmico*, em 1947. Nuno Simões dedicou-se ao exame das relações entre nossa cultura e a de seu país, conforme patenteiam as obras *O Brasil e a emigração portuguesa*, de 1934, e *Atualidade e permanência do luso-brasilismo*, coletânea de discursos proferidos entre 1945 e 1955.

A seguir, ocupou a cadeira Jacinto do Prado Coelho, um dos mais admirados ensaístas e historiadores literários de Portugal, autor de substanciosos estudos que se sobrelevam nas fortunas críticas de Fernando Pessoa e de Camilo Castelo Branco. Dirigiu um pioneiro e até hoje não superado *Dicionário de*

*literatura*, em três volumes, abarcando o Brasil, Portugal e a Galícia. Organizou a alentada antologia *O Rio de Janeiro na literatura portuguesa*, publicada no âmbito das comemorações do quarto centenário da cidade, em 1965.

Vergílio Ferreira, por fim, notabilizou-se como escritor na linhagem das indagações introspectivas, e nos legou obras-primas como *Aparição*, *Alegria breve* e *Para sempre*.

Tal pluralidade de gêneros na prática da escrita, verificada nos sete antecessores lusitanos, de algum modo se reitera e se condensa na consistente poligrafia de Arnaldo Saraiva. Acrescentam-se, porém, às qualidades de homem de letras vossos inegáveis atributos de homem de ação.

Antes de apresentar, de modo sumário, a vossa obra, convém sublinhar que sois o catedrático de literatura brasileira da Universidade do Porto e sois, igualmente, o professor mais dedicado à difusão das letras brasileiras em Portugal, tanto através da docência, quanto através da orientação de numerosas teses e da participação em incontáveis colóquios em 23 países de todos os quadrantes, sem esquecer a publicação de artigos em periódicos especializados, dentre eles *Terceira Margem*, sob vossa direção, a única revista, em território luso, inteiramente dedicada à literatura do Brasil. Quando se sabe que, mesmo em nível universitário, nossa produção literária é escassamente divulgada junto ao público português, avulta a importância de vosso trabalho, que caracterizo como uma feliz aliança entre entusiasmo e competência.

Fundastes o Centro de Estudos Pessoaanos. Doutorando-se na Universidade do Porto, fostes leitor na Universidade de Santa Bárbara, na Califórnia, e professor convidado da Universidade de Paris III, *Sorbonne-Nouvelle*. Em Paris, estudastes com Roland Barthes e Gérard Genette, entre outros. Vossa tese de licenciatura intitulou-se “*Carlos Drummond de Andrade, do berço ao livro*”.

Dos quase 40 livros de vossa vasta bibliografia, nas áreas da poesia, da crônica, da tradução e do ensaísmo, citarei apenas, pela premência do tempo, alguns poucos títulos: as criativas traduções de Brecht (1970) e de Guilherme IX da Aquitânia (2008); a renovadora reflexão de *Para a história da leitura de Rilke em Portugal e no Brasil*, de 1984; o excelente trabalho *O modernismo brasileiro e o modernismo*

*português*, de 1986, em três tomos, pesquisa que alterou significativamente nossa compreensão acerca das relações entre esses dois movimentos; a organização, em diálogo com o próprio autor, da monumental *Obras de Carlos Drummond de Andrade*, em oito volumes (1988); e, mais recentemente, as *Conversas com escritores brasileiros*, de 2000.

Não hesitaria em dizer que desempenhais, em Portugal, papel análogo ao que Luciana Stegagno-Picchio desempenhou na Itália: o de mais apaixonado – e gabaritado – estudioso do Brasil.

Numa época em que nossos dois países arduamente implementam um novo acordo ortográfico, e em que a literatura brasileira luta para ampliar seu restrito espaço em Portugal, é alvissareira, sob todos os aspectos, vossa presença nesta Casa, na condição de Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras. Sede bem-vindo, escritor, confrade e amigo Arnaldo Saraiva!

## SESSÃO DO DIA 1 DE OUTUBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, João Ubaldo Ribeiro, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon e Sábado Magaldi.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a versão resumida da Ata da reunião do dia 24 de setembro, que foi aprovada. Contou à Casa que, aos 19 anos, um menino nascido na Bahia teve o seu conto “Lugar e Circunstância” incluído na antologia *Panorama do Conto Baiano*, organizada por Nelson de Araújo e Vasconcelos Maia, publicada pela Editora Progresso, em 1959. O autor do conto é o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que está, portanto, completando cinquenta anos de vida literária e para quem foi pedida uma salva de palmas. Agradeceu a sua presença na sessão de hoje, esperando que esta passe a ser mais constante. Declarou que a Academia se congratula com a concessão do Prêmio Jabuti de 2009, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria de romance atribuído ao Acadêmico Moacyr Scliar, por seu livro *Manual da Paixão Solitária*, da Companhia das Letras. É a quarta vez que o Acadêmico Moacyr Scliar é agraciado com esse prêmio. No momento, Moacyr Scliar encontra-se em Chicago. Informou que recebeu a tradução para o alemão, de Berthold Zilly, do *Memorial de*

*Aires*, de Machado de Assis. Congratulou-se também com a homenagem da Assembleia Legislativa de Pernambuco, prestada ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, pelos seus cinquenta anos de serviço público. Lembrou que, a seguir, às 17h 30min, se realiza no Teatro R. Magalhães Jr. uma homenagem a Osório Duque-Estrada, celebrando o centenário da letra do Hino Nacional Brasileiro, com a apresentação do Conjunto Caliope seguida de uma apresentação da “Grande Fantasia sobre o Hino Nacional”, de Gottschalk, pela pianista Maria Teresa Madeira, e pelo lançamento do livro *O Guarda-Noturno da Literatura Brasileira – Vida e Obra de Joaquim Osório Duque-Estrada*, de Maria Aparecida Vitta Maya. Prosseguindo, deu conhecimento da carta do Supremo Tribunal Federal, agradecendo a manifestação de pesar pelo falecimento do Ministro Menezes Direito. Informou ainda que foram distribuídos aos Acadêmicos os seguintes documentos: correspondência da Acadêmica Ana Maria Machado sobre a questão dos plágios e falta de pagamento de direitos autorais; carta do Sr. Gonzalo Gomes Dacal, do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca; recorte do Jornal *El Mundo*, com notícias da Acadêmica Nélide Piñon; e Ofício da Câmara Municipal de Ubá. Foram enviadas ainda aos Acadêmicos cópia de correspondência sobre a última rodada, prevista para novembro, de seminários promovidos pelo Ministério da Cultura, com vistas à reformulação da lei dos direitos autorais em vigência, e do Instituto Cultural Brasil-Japão. Findo o expediente, o Presidente deu a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Vultos e Retratos*, editado pelo Senado Federal, que reúne uma coletânea de trabalhos do saudoso Acadêmico Oscar Dias Corrêa. O livro inicia-se com um trabalho sobre Dante Alighieri, uma de suas paixões literárias, e contém vários perfis de homens públicos, inclusive dos confrades Assis Chateaubriand e Otávio Mangabeira, terminando com um estudo sobre José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, que foi um ilustre economista do século XIX. O livro ostenta uma bela apresentação gráfica, mas, lamentavelmente, tem uma nota introdutória que não condiz com a qualidade da obra.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Ensaaios e Estudos – Uma Maneira de Pensar*, volume I, do Sócio Correspondente Vitorino Magalhães Godinho, saído recentemente em Lisboa. Salientou que o grande historiador português reúne outra vez alguns dos textos que haviam figurado na publicação, em quatro volumes, dos *Ensaaios*, publicados na década de 60 do século passado, sobre a história universal, história de Portugal e a historiografia e as maneiras de escrever história. Neste novo livro, ele inclui alguns textos antigos e também vários novos de extrema relevância pela maneira clara, objetiva e instigante de pensar de Vitorino Magalhães Godinho. O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva a entrega do livro deste Sócio Correspondente.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça registrou o transcurso do centenário de nascimento do escritor Nilo Pereira. Escritor nascido no Rio Grande do Norte, no Engenho Guaporé. Transferiu-se para o Recife, onde teve uma atividade intelectual intensa como professor universitário, Acadêmico e Presidente do Instituto Histórico. Como político atuou no setor público tornando-se Secretário do Governo de Barbosa Lima Sobrinho, de quem foi grande amigo. Seu principal trabalho gira em torno de Dom Vital e a questão religiosa, o que o transformou em um debatedor do tema com outro intelectual pernambucano, Andrade Lima Filho. Tratou-se de um momento muito rico da história da imprensa de Pernambuco. Finalizando, ressaltou que Nilo Pereira foi uma figura muito amena, de alianças e composições.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a lembrança da figura de Nilo Pereira.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça sobre o escritor Nilo Pereira. Discorreu também a respeito do livro *Vultos e Retratos*, editado pelo Senado Federal, sobre o Acadêmico Oscar Dias Corrêa, com vários textos de uma enorme densidade política e literária. Nas demais páginas deste livro, o Acadêmico Oscar Dias Corrêa escreve sobre outros vultos mineiros, ilustres e honrados, como Odilon Braga, Magalhães Pinto, Milton Campos e Pedro Aleixo, aos quais

presta sua homenagem. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pelas palavras que vieram reiterar as observações que o Acadêmico Alberto Venancio Filho fez sobre o volume publicado pelo Senado Federal. Informou ao Plenário que o subsolo do *Petit Trianon* já está sendo preparado para receber todas as obras raras que ficarão ali guardadas e preservadas. O Acadêmico Domício Proença Filho, no Capítulo das Efemérides, apresentou um consistente trabalho sobre a vida e a obra de Inglês de Sousa, fundador da Cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho pela memória de um dos fundadores da Casa, Inglês de Sousa, a quem coube o cargo de Tesoureiro.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que iria apresentar a *Poesia Completa* do Acadêmico Carlos Nejar, mas, com a ausência deste, pediu para fazê-lo na próxima semana.
- O Presidente Cícero Sandroni pediu aos Acadêmicos que colaborassem com sugestões para os festejos do centenário de morte de Joaquim Nabuco e as entregassem ao Secretário Executivo da Comissão, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Nada mais havendo a tratar, convidou a todos para a homenagem ao centenário da letra do Hino Nacional Brasileiro, de Joaquim Osório Duque-Estrada. Abertura com Conjunto Caliope, que cantará o Hino Nacional, e, em seguida, Maria Teresa Madeira executa ao piano a “Fantasia Triunfal com variações sobre o Hino Nacional”, de Louis Moreau Gottschalk.

## OSCAR DIAS CORRÊA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Como aqui já anunciou o Acadêmico Alberto Venancio Filho, o Senado Federal acaba de lançar este volume *Vultos e Retratos*, do nosso confrade, o Acadêmico Oscar Dias Corrêa, com vários textos, de uma enorme densidade política e literária, da qual peço a paciência e a tolerância de Vossas Excelências para ler alguns trechos:

Sobre Adauto Cardoso, por exemplo, Oscar Corrêa diz que ele foi uma comparação ímpar da liberdade, uma representação singular da coerência e um pregoeiro inigualável da justiça. Os anos de sua vida – dura, intensa, corajosa, perigosa e honrada – servem para mostrá-lo como paradigma do advogado, do juiz e Ministro do Supremo Tribunal.

Sobre Aliomar Baleeiro, Oscar Corrêa se refere como um excelso membro da nossa mais alta Corte de Justiça, um excepcional financista e um culto economista, valente, patriota, um implacável combatente na oposição e brilhante no plenário, um dos mais completos parlamentares que o Brasil moderno produziu, recebendo apartes de todos quantos com eles quisessem honrá-lo.

---

\* Proferidas na sessão do dia 1 de outubro de 2009.

Sobre Prado Kelly, Oscar Corrêa afirma que se tratava da própria elegância parlamentar, fino, responsável, britânico, lógico e perfeito nos seus apertes e discursos, mas também um jurista que muito honrou o Supremo Tribunal Federal.

Sobre José Américo de Almeida, Oscar Corrêa afirma que foi um nordestino apaixonado por tudo quanto fez e disse, o Ministro das Secas, o romancista de *A Bagaceira*, o palanqueiro dos comícios, o homem do Brasil, ao qual legou uma obra literária e uma obra de estadista, num exemplo de destemor, simplicidade, trabalho e talento, que lhe marcaram o espírito e a vida.

Sobre Otávio Mangabeira, relembra o Chanceler, o Senador, o Deputado, o Governador da Bahia, mas sobretudo o membro desta Academia e o inigualável orador, precursor do discurso moderno, medido, metódico, que mais convencia do que comovia, que repetia Camões, com o seu “vendo, tratando e labutando”, e que não escondia o seu horror, verdadeiro horror, a ver o Brasil sair fora dos quadros da honestidade pública.

Sobre Raul Pilla, Oscar Corrêa diz que era uma figura tranquila, passo medido e cadenciado, que nunca se apressava – com um aparelho de audição para facilitá-la e que era por ele desligado, quando o aparteante não o interessava – fiel e leal aos seus sonhos parlamentaristas.

Sobre Afonso Arinos, Oscar Corrêa relembra que teve muita honra e orgulho de ser seu contemporâneo, nas históricas lutas que ambos travaram em suas comuns fileiras da Câmara e do Senado.

Nas demais páginas deste livro, o Acadêmico Oscar Corrêa escreve sobre outros vultos mineiros, ilustres e honrados, como Odilon Braga, Magalhães Pinto, Milton Campos e Pedro Aleixo, a quem presta sua homenagem.

E a esta homenagem eu me associo agora, falando neste Plenário sobre homens que tiveram a sua importância na política, na imprensa, na advocacia, no Supremo Tribunal e no Congresso.

Conheci-os todos, pessoalmente, uns mais, outros menos e deles guardo bem vivas na minha retina e na minha memória os seus traços físicos, as suas tendências ideológicas, gostos, afeições, preferências, admirações, obras, ideias e pensamentos.

Todos eles viveram numa época muito diferente desta nossa, atual, com tanta corrupção, desonestidade, mensalões e escândalos.

Deles todos – mesmo sem sebastianismos – sentimos hoje muita falta e saudades imensas de uma época que, infelizmente, não volta mais.

## HERCULANO MARQUES INGLÊS DE SOUSA

*Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho\**

Dinamismo e ação multifária. Esses os traços dominantes na vida de Herculano Marques Inglês de Sousa, o fundador da Cadeira 28 desta Academia, que tenho a honra de ocupar na imortalidade efêmera da contemporaneidade.

Paraense, nascido em Óbidos, em 28 de dezembro da 1853, fez seus primeiros estudos no estado natal, no Maranhão e no Rio de Janeiro. Diplomou-se em Direito em São Paulo, em 1876. Ano em que, com o pseudônimo de Luiz Dolzani, publicou seus dois primeiros romances: *O Cacaulista* e *Histórias de um Pescador*, a que se seguiram os demais livros que fazem a sua obra ficcional: *O Coronel Sangrado*, de 1877, *O Missionário*, de 1891, também romances, e os *Contos amazônicos*, de 1893.

Os livros integram a rubrica “Cenas da vida amazônica”. E assumidamente interligam-se. *O Coronel Sangrado* entrosa-se com *O Cacaulista* que, por seu turno, como esclarece o próprio autor no prefácio, se articularia aos romances.

Os *Contos* e *O Missionário* mantêm-se fiéis à mesma estruturação previamente planejada. As obra integram efetivamente um projeto literário. Ao fundo modelizante, Balzac e sua *Comédie humaine*, influência declarada em depoimento a João do Rio, promovido pela *Gazeta de Notícias* e publicado no volume intitulado *O Momento Literário*. Como assumidas foram, no mesmo texto, as influências de

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia I de outubro de 2009.

Erckmann-Chartrian, Dickens, Gustave Flaubert e Alphonse Daudet. Não nos esqueçamos de que se trata de um tempo de presença forte nas letras brasileiras de modelizações francesas. Notadamente, para nos limitarmos à categoria teórica, nas produções configuradoras do complexo estilístico pós-romântico.

Trata-se de obras literárias que a historiografia legitima como altamente representativas. Notadamente *O Coronel Sangrado* e *O Missionário* considerados manifestações relevantes da presença do Realismo-Naturalismo na literatura brasileira. A ponto de Inglês de Sousa disputar com Aluísio Azevedo a condição de autor da obra-marco do estilo epocal no Brasil. Pelo menos na leitura crítica de Lúcia Miguel Pereira, que, nessa direção, destaca *O Coronel Sangrado*. Lembremos que *O Mulato*, do escritor maranhense, data de 1881.

*O Coronel Sangrado*, de primeira edição restrita e quase desconhecida, tem por base, na linha da observação e da análise da realidade, costumes políticos próprios do tempo do Segundo Império, caracterizadores da sociedade de uma pequena cidade interiorana, no caso a cidade natal do autor. Nesta obra, associam-se ficção e documentário.

Sua inscrição plena no estilo afirma-se consensualmente, entretanto, como é consabido, com *O Missionário*. Ao fundo, a influência, curiosamente não confessada, de Emile Zola e de Eça de Queirós. Um romance centrado na tese da influência da hereditariedade no comportamento do ser humano. A mesma dos *Rougon-Macquart* do escritor francês.

O romance de Inglês de Sousa singulariza-se, na obra do autor, por privilegiar o indivíduo e não, como acontece com os demais que escreveu, os grupos humanos.

O personagem nuclear, permitam-nos os conhecedores do texto recordar, é um religioso, o Padre Antônio de Moraes que – “farto das beatas de lenço branco na cabeça, de andar miúdo e língua viperina; cansado de ensinar o catecismo às crianças; enjoado de ladainhas” – resolve enfrentar as dificuldades da catequese na distante e difícil Mundurucânia, terra dos ferocíssimos mundurucus. Quase ao termo do áspero e rude percurso, inesperados contratemplos interrompem a sua determinação. Obrigam-no a uma parada que culmina por

revelar-se aconchegante, por forças das excelências da natureza e do prazer da ociosidade, afinal a mãe de todos os vícios. A esses dois fatores, associa-se a tentação demoníaca, concretizada na figura de uma índia tapuia, de marcada sensualidade e beleza. O conflito instaura-se no espírito do denodado sacerdote. Padre Antonio, na vitalidade dos seus vinte e dois anos, sucumbe ao império do meio das circunstâncias e, sobretudo, das poderosas forças do atavismo. De nada valeram os condicionamentos de sua formação no seminário. Emergiram as características recônditas do filho legítimo de Pedro Ribeiro de Moraes, fazendeiro dissoluto do Igarapé-Mirim. Venceu, na palavra do narrador, a “ação nefasta da hereditariedade psicofisiológica [...]”. Foi bastante o contato da realidade mundana, auxiliada pelo isolamento e pela vaidade, para raspar a caiação superficial que lhe deu o seminário e patentear o couro animal”. Trata-se, assim, de um personagem em luta contra as poderosas forças do determinismo biológico e social e que acaba sendo por elas derrotado. Essa é a tese depreendida da trama, que perde sustentabilidade, na medida em que, efetivamente, o que o move na direção da catequese de índios bravios não é o propósito religioso, e sim o desejo de se tornar uma celebridade. No mínimo consagrar-se como um São Luís Gonzaga ou um São Francisco Xavier brasileiro, ou mesmo um José de Anchieta. Orgulho, a mola-mestra do seu comportamento. Ao fim e ao cabo, um sacerdote sem vocação, como o padre Amaro do romance eciano. O que também dilui a configuração de anticlericalismo no romance, mais caracterizador de um estudo psicológico. No contraponto, outras figuras reveladoras da arte criadora do romancista: o sacristão Macário, “grave, digno, necessário, senhor dos mínimos detalhes”; o maçom Chico Fidêncio, inimigo ferrenho dos padres; o subdelegado Tenente Valadão; o coletor de rendas, Manuel Mendes da Fonseca; o alferes Barriga; o escrívão José Antonio Pereira e o professor Aníbal Americano Selvagem Brasileiro. Tipos, na linha do estilo dominante.

Nesse, como em todos os outros romances, como espaço principal, a presença acentuada da região amazônica, onde a vida se converte em luta cotidiana, concreta, no imediato do confronto do homem contra o homem, do ser humano com a natureza, recriada a distância.

A fortuna crítica dos romances ensombrece a significação dos seus *Contos amazônicos*, povoados de tapuias, violência, cabanagem, vivências de tempos ru-

des, lendas locais e paisagem. Em histórias a que não faltam ritmo e suspense. Desenvolvidas em ambientes minuciosamente descritos, com caracterizações detalhadas de personagens e acentuado determinismo social. Na linguagem, a fluência.

De par com a atividade do escritor, Herculano Marques Inglês de Sousa destaca-se também por sua dedicação ao jornalismo, à política, à advocacia, ao magistério.

É fundador de jornais, como o *Diário de Santos* e a *Tribuna Liberal*, revistas, como a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* e a *Ilustração Paulista*. Membro do Partido Liberal, foi deputado federal e presidente da província do Espírito Santo. A conselho médico, abandona a política. Mas não é abandonado pelo dinamismo. Com residência em São Paulo, funda o Banco de Melhoramentos de São Paulo, pouco antes da publicação de *O Missionário*.

No ano seguinte, abre escritório de advocacia no Rio de Janeiro e passa três anos difíceis. Depois, é a alta reputação conquistada no exercício da profissão.

Na Academia, indica o patrono da Cadeira, Manoel Antonio de Almeida, e é o redator do projeto dos Estatutos que a regem e seu primeiro tesoureiro, naqueles tempos pioneiros em que aos Acadêmicos cabia um estipêndio mensal.

A produção literária cede lugar à produção do jurista. Sua última obra de literatura data de 1892, como assinalado. Posteriormente, acrescentam-se à sua bibliografia obras jurídicas: *Títulos ao Portador* (1898); *Projeto de Código Comercial* (1903); *Proposta de Código de Direito Privado* (1903).

Ao falecer, em 6 de setembro de 1918, é conduzido à derradeira morada, no cemitério São João Batista, por um cortejo fúnebre que o jornal *O País* registra como um dos maiores de que se havia memória até então. O acontecimento dá a medida de sua presença e de sua respeitabilidade pública, num tempo de fundas modificações na sociedade brasileira: Segundo Reinado e começos da República.

Reverenciemos sua memória.

## SESSÃO DO DIA 8 DE OUTUBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sérgio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Helio Jaguaribe, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça e Moacyr Scliar.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 1.º de outubro, que foi aprovada. Comunicou que a sessão de hoje será dividida em duas partes. Na primeira será feita a entrega da Medalha João Ribeiro ao escritor e jornalista Nelson Coelho da Silva, Diretor do jornal *A União*. Deu conhecimento ao plenário de que, por fax, o Governador José Targino Maranhão designou o próprio jornalista Nelson Coelho da Silva para representá-lo nesta solenidade. Recebeu também vários telegramas, entre os quais o do Presidente do Tribunal de Ética e Disciplina da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção da Paraíba, Dr. Yanko Cyrillo, congratulando-se com a ABL pela outorga da Medalha João Ribeiro ao jornalista e escritor Nelson Coelho da Silva; e ainda outro fax do Secretário de Estado da Educação e Cultura da Paraíba, Dr. Francisco de Sales Gaudêncio, cumprimentando à Academia e comunicando a impossibilidade do seu comparecimento a esta cerimônia. Além dessas correspondências, recebeu

um telegrama do Chefe de Gabinete do Governador da Paraíba, Sr. Adriano Cavalcanti, congratulando-se com esta Casa pela entrega da comenda ao jornalista Nelson Coelho da Silva. Disse que este é um momento importante não só para a ABL, mas também para a Paraíba. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho para saudar o escritor e jornalista Nelson Coelho da Silva.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho declarou ao escritor Nelson Coelho da Silva estar ele recebendo a mais alta condecoração desta Casa, que é a Medalha João Ribeiro, proposta pelo Acadêmico Arnaldo Niskier e aprovada por unanimidade do plenário e pela Diretoria. Fez um breve histórico dessa Medalha, instituída pela ABL em 1962, com o objetivo de distinguir pessoas que se tenham notabilizado no âmbito editorial e cultural do país. Discorreu sobre os méritos do homenageado, que, além de escritor e jornalista, está à frente de audacioso projeto literário intitulado “Itinerarte”, através do qual um ônibus percorre todo o interior da Paraíba, levando professores, escritores e uma biblioteca aos mais longínquos municípios do Estado. Destacou ainda que nos intervalos de uma intensa atividade jornalística este encontrou tempo para escrever seis bons livros. Ao concluir, disse que ninguém mais do que ele merece esta homenagem pelos grandes e inestimáveis serviços que vem prestando à sua Paraíba, ao Nordeste e ao Brasil. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente pediu ao Acadêmico Arnaldo Niskier, autor da proposta para a concessão desta láurea, para fazer a entrega da Medalha João Ribeiro ao escritor e jornalista Nelson Coelho da Silva.
- O Presidente deu a palavra ao escritor, jornalista e professor Nelson Coelho da Silva.
- O jornalista e escritor Nelson Coelho da Silva, num discurso emocionado, agradeceu a concessão desta importante láurea que lhe foi conferida, por proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier, pelo plenário desta Casa. Discorreu sobre a figura exemplar de João Ribeiro, jornalista, crítico, filólogo, historiador, tradutor, poeta e que é motivo de orgulho para a Academia

Brasileira de Letras, para as letras nacionais e para a cultura universal. E disse que receber a condecoração que tem o seu nome é um presente inestimável e um estímulo para que, na Paraíba, possa continuar a sua luta em defesa do ofício que escolheu e da crença no seu destino. Agradeceu também ao Acadêmico Murilo Melo Filho, que o saudou, aos seus familiares e amigos presentes a esta solenidade. (O Presidente determinou que a íntegra desse discurso fosse incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni disse ao escritor Nelson Coelho da Silva que a Academia Brasileira se sentiu honrada em outorgar-lhe a Medalha João Ribeiro. Declarou que o plenário desta Academia aprovou a proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier por unanimidade, sendo portanto um preito que esta Casa está fazendo ao seu trabalho no jornal *A União* e, especialmente, no *Correio das Artes*, de que tem notícias desde a adolescência, pois se trata de um suplemento literário que tanto tem feito pela cultura do Brasil. Declarou que aceitou os seus agradecimentos com reserva, porque o Senhor Nelson Coelho da Silva recebeu apenas o reconhecimento da Academia. Encerrou esta parte da sessão para que os Acadêmicos pudessem cumprimentá-lo, agradecendo muito a presença de sua Senhora, filha, irmãs e amigos que vieram prestigiá-lo.
- Ao reiniciar a sessão, o Presidente Cícero Sandroni pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Eduardo Portella, que aniversaria hoje, dia 8 de outubro. No próximo dia 13 comemora seu natalício o Acadêmico Murilo Melo Filho, para quem pediu também uma salva de palmas. Deu, a seguir, rápidas notícias de ordem administrativa, como as atividades na área da administração do prédio e da obra do subsolo, que será concluída nesta gestão. Informou que estão sendo tomadas novas providências para a modernização da refrigeração do Palácio Austregésilo de Athayde, o que vai diminuir a despesa desta Casa com energia elétrica. Prosseguindo com o expediente, deu conhecimento ao plenário da programação do “Seminário e Concerto em homenagem a João Cabral de Melo Neto”, que se realizará em Barcelona no dia 15 do corrente, na Fundação Joan Miró e do qual participam a Universidad de Alcalá, a Universidade de Salamanca, a Universidade de Sevilla, a Fundación Joan Miró, a Academia Brasileira de Letras, o Instituto Moreira

Sales e o Instituto Cervantes, de Curitiba. A Academia estará representada pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, a propósito, deu um pequeno aparte para apresentar uma edição em espanhol do número dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, dedicado ao poeta, do Instituto Moreira Sales, que também teve a participação da Academia Brasileira de Letras e será distribuído ao longo deste evento que, a partir de segunda-feira, irá homenagear João Cabral de Melo Neto em quatro cidades da Espanha.
- O Presidente disse acreditar que, como participou financeiramente na edição desta publicação, a ABL possa ser contemplada com alguns exemplares para os Acadêmicos. Prosseguindo, o Presidente Cícero Sandroni mencionou que a Acadêmica Nélide Piñon encontra-se na Espanha e enviou-lhe toda a programação das suas atividades, como entrevistas com *El Mundo*, *La Razón*, *El País*, a TV Iberoamericana, a revista *Spanorama*, Antena 3 TV e muitas outras. Considerou realmente extraordinário o trabalho de divulgação da sua obra e da literatura brasileira. Determinou que fossem incluídos na Ata os requerimentos dos Senadores José Sarney e Marco Maciel propondo a inclusão, na Ata do Senado Federal, de um voto de pesar pelo falecimento do Acadêmico Antonio Olinto, nos dias 14 e 15 de setembro. Comunicou também ter recebido uma correspondência do Maestro Edino Krieger, que acredita ser um dos mais antigos funcionários da Rádio MEC. Como todos sabem, esta foi uma emissora de rádio que teve uma grande atuação na difusão da cultura brasileira e agora estão pretendendo desenvolver o projeto “Visão da Literatura”, cujo objetivo seria preencher a lacuna provocada pela escassez de programas literários no rádio brasileiro. Esse projeto oferece ao ouvinte uma programação regular, focalizando a literatura em todos os seus gêneros e, também, o áudio dos programas via internet, o que permite o acesso a ouvintes de todo o Brasil, inclusive sua veiculação em outras rádios. Para isso pede a colaboração da Academia, não do ponto de vista financeiro, mas da participação dos Acadêmicos, com crônicas, poemas, ensaios, enfim uma visão da literatura. É isso que Edino Krieger propõe à Academia. Registrou ainda o lançamento do livro *Política das Ideias*, do Acadêmico Marco Maciel, onde ele reúne, de uma forma quase policromática, todas as suas vi-

sões da política e da administração no Brasil. Comunicou que o Acadêmico Marco Maciel vai enviar um exemplar a todos os seus confrades. Fez algumas observações sobre este livro que acabou de receber e que abrange vários assuntos. Registrou dois falecimentos que não tiveram uma relação direta com a Casa, mas com as artes em geral. Um dele é o do maestro Henrique Gandelman, músico que faleceu aos 80 anos de idade e estimulou muito as artes, tendo ainda atuando como advogado na área dos Direitos Autorais. Foi uma das pessoas que conseguiram restabelecer a questão dos Direitos Autorais da obra de Villa-Lobos e cujo processo o Acadêmico Luiz Paulo Horta conhece melhor.

- O Acadêmico Luiz Paulo Horta disse que estes Direitos Autorais estavam espalhados pelo mundo inteiro, muitos deles na França, outros nos Estados Unidos, e era um caos. Henrique Gandelman pôs ordem e, graças a isso, a Academia Brasileira de Música, à qual pertence, passou a ter uma vida financeira normal, porque é a herdeira dos Direitos Autorais de Villa-Lobos. Foi uma obra muito importante, além do fato de que ele era uma figura muito interessante, conversador, boêmio, e morreu no Museu Villa-Lobos preparando uma palestra sobre o grande mestre, quando foi vitimado por um aneurisma.
- O Presidente disse que a outra pessoa que faleceu há pouco tempo foi Margarida dos Anjos, filha de Cyro dos Anjos. Margarida trabalhou muito no *Dicionário Aurélio*, não só com o Aurélio, mas também depois com Marina. Era uma exímia lexicógrafa, esforçada e dedicada. Foi uma morte inesperada e gostaria que ficasse registrado em ata o pesar dessa Casa por seu falecimento. Com a palavra o Acadêmico Cândido Mendes de Almeida.
- O Acadêmico Cândido Mendes de Almeida convidou os Acadêmicos para a entrega do título de Doutor *Honoris Causa*, conferida pela Faculdade Cândido Mendes de Almeida, ao Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Dr. José Maria Neves Pereira, que estará no Rio de Janeiro para participar das ações da política governamental de abrir a visão atlântica. Ressaltou que há um empenho muito grande do governo brasileiro no sentido de que se possa ter na universidade um apoio a esse tipo de desdobramento e, dentro dele,

acredita que a homenagem que vai ser feita ao Primeiro-Ministro de Cabo Verde está na linha desse novo horizonte internacional.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu o convite feito pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida para a entrega do título de Doutor *Honoris Causa* ao Primeiro-Ministro de Cabo Verde. Salientou que Cabo Verde é uma ponte entre o Brasil e a África nesse rio chamado Atlântico como o Acadêmico Alberto da Costa e Silva tão bem definiu.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Alberto Faria. Lembrou que, aos 12 anos, ele redigiu o jornalzinho *O Arauto* e, aos 14, fundou na cidade de São Carlos (SP) *A Alvorada*. Realizou seus estudos no interior de São Paulo. Em 1889, fixou-se em Campinas (SP), onde exerceu o jornalismo. Fundou *O Dia*, em 1894, e escreveu para o *Correio de Campinas*, tornando-se seu diretor entre 1895 e 1904. Polemista, manteve nos diversos jornais em que colaborou debates e discussões com escritores da época, tratando de temas de alto interesse para a cultura histórico-literária. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e convidou a todos para o lançamento do livro *Língua Portuguesa, uma Paixão*, do Acadêmico Arnaldo Niskier, na Sala dos Fundadores, no *Petit Trianon*.

## SR. JORNALISTA NELSON COELHO DA SILVA

*Palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier\**

Vossa Excelência está recebendo nesta hora a mais alta condecoração desta Casa, que é justamente a Medalha “João Ribeiro”, proposta pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, aprovada pela unanimidade do nosso Plenário e pela nossa Diretoria.

De acordo com o art. 65 do Regimento de nossos Estatutos, esta Medalha – instituída pela ABL em 1962, há 47 anos, portanto – tem como objetivo distinguir pessoas que se tenham notabilizado no âmbito editorial e cultural do país.

V. Excia. bem a merece porque, justamente agora, está à frente de um audacioso e valente projeto literário, o “Itinerarte”, com um ônibus cultural para percorrer todo o interior da Paraíba.

Além de um Concurso Nacional de Contos e Poesias, com prêmios em dinheiro para autores de todo o país, está V. Excia. promovendo outro Concurso de redação, para alunos de escolas públicas e particulares escreverem monografias sobre três Acadêmicos: José Américo, José Lins e Ariano Suassuna, e também sobre o poeta Augusto dos Anjos e sobre o teatrólogo Paulo Pontes.

Ao receberdes a comunicação deste “Prêmio João Ribeiro”, a vossa primeira providência foi a de dividir a homenagem com todos os jornalistas da Paraíba.

---

\* Proferidas na sessão do dia 8 de outubro de 2009.

Sois o Diretor-Superintendente do jornal *A União*, que, na companhia do *Jornal do Commercio* aqui no Rio e do *Diário de Pernambuco*, no Recife, é um dos três mais antigos jornais diários brasileiros.

Sois também um leal e fiel companheiro do Governador José Maranhão, a quem tendes prestado uma importante colaboração.

Nos intervalos de uma intensa atividade jornalística, ainda encontrastes tempo para escrever seis bons livros, com os títulos de: *Palanque*, *À margem da política*, *O Pontificado dos Papas Bentos*, desde o primeiro até o décimo sexto, o atual Papa Bento I6, além de *A tragédia de Mári*, de *Costura da unidade* e de *Esquina do tempo*, o melhor dos seus livros.

## MEDALHA JOÃO RIBEIRO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente Cícero Sandroni  
Senhores Acadêmicos.

Devo dizer-lhes algumas poucas palavras sobre João Ribeiro, o Patrono desta Medalha, que foi – no dia 8 de agosto de 1898, com os 40 Fundadores já escolhidos, e apenas um ano depois da Fundação desta Academia, aos 38 anos de idade – o primeiro Acadêmico a ser eleito pelo Plenário desta Casa, para a vaga aberta com a morte do Fundador Luiz Guimarães Júnior, na Cadeira 31. Na ocasião foi saudado por José Veríssimo, e teve como seus sucessores os Acadêmicos Paulo Setúbal, Cassiano Ricardo, José Cândido de Carvalho e Geraldo França de Lima, até o seu atual ocupante, o Acadêmico Moacyr Scliar, aqui presente.

João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes foi um sergipano muito especial, nascido em 1860, na cidadezinha de Laranjeiras, criado pelo avô, e que, depois de transitar por Aracaju e por Salvador, chegou ao Rio, começando no jornalismo, e tornando-se um abolicionista republicano, ao lado de Alcindo Guanabara, José do Patrocínio e Quintino Bocaiúva.

Em 1895, aos 35 anos de idade, foi estudar pintura e música na Alemanha e na Itália, nações às quais voltaria várias vezes: em 1901, já Acadêmico, em 1910

---

\* Proferidas na sessão do dia 8 de outubro de 2009

e 1913, quando então enfrenta a morte de uma filha alemã e vai sepultá-la no Cemitério de Hanover.

Expelido da Europa pela I.ª Grande Guerra, João Ribeiro retorna ao Brasil e aproxima-se de Raimundo Correia, Graça Aranha, Capistrano de Abreu e do livreiro Francisco Alves, que depois seria um dos maiores benfeitores desta Academia.

No *Jornal do Brasil*, escreveu alguns capítulos de suas memórias, no molde de Humberto de Campos e Medeiros e Albuquerque; e no modelo da *Minha Formação*, de Nabuco e de *Como e Porque Fui Romancista*, de José de Alencar.

João Ribeiro ensinou História Universal no Colégio Pedro II; escreveu uma modelar *Gramática Portuguesa*; participou das Comissões do Dicionário e da Gramática, na Reforma Ortográfica de 1907, como precursor do nosso Acadêmico Evanildo Bechara.

Também modelar foi a sua *História do Brasil*, na qual se educaram mais de três gerações de brasileiros.

Como polígrafo, filólogo, historiador e jornalista, foi igualmente um crítico literário, cético e irônico, advindo do positivismo do século XIX e inclinándose pelo Impressionismo de Anatole.

Seu ensaísmo insere-se no estilo de Unamuno e de Montaigne.

João Ribeiro foi também conterrâneo de uma inesquecível geração de grandes sergipanos: os Acadêmicos Aníbal e Laudelino Freire, Genolino e Gilberto Amado, Sílvio Romero, além de Amando Fontes, Joel Silveira e o maior deles, Tobias Barreto.

Foi consagrado numa biografia escrita pelo Acadêmico pernambucano Múcio Leão, um dos meus antecessores em nossa comum Cadeira 20.

No dia 22 de dezembro de 1927, foi eleito Presidente desta Academia, mas renunciou ao cargo e não se empossou.

No dia 13 de agosto de 1934 – um dia e um mês para ele muito aziagos – João Ribeiro, numa falência múltipla dos órgãos, morreu aos 74 anos de idade.

Sr. jornalista Nelson Coelho da Silva.

Concluo dizendo:

Com o seu lema “É para frente que se anda”, ninguém mais do que V. Excia. merece esta homenagem, pelos grandes e inestimáveis serviços que, com dedicação, humildade, modéstia e trabalho, vem prestando à sua Paraíba, ao nosso Nordeste e ao nosso Brasil.

Somos vizinhos nordestinos, Senhor Jornalista. Eu, no meu querido Rio Grande do Norte, de Luís da Câmara Cascudo, dos Acadêmicos Rodolfo Garcia e Peregrino Júnior, do Vice-Presidente Café Filho e do jurista Seabra Fagundes.

Lá no Nordeste, V. Excia. está bem ao nosso lado, na sua indômita Paraíba, de Vidal de Negreiros, de Epitácio e João Pessoa, dos Acadêmicos Pereira da Silva, José Américo de Almeida, Assis Chateaubriand, José Lins do Rêgo, Ariano Suassuna e Celso Furtado, de Dom José Maria Pires, o Arcebispo negro da Paraíba, de Samuel Duarte, Ruy Carneiro, Abelardo Jurema e Tomás Santa Rosa.

Nossos dois Estados são sentinelas avançadas sobre o Atlântico, no rumo da África.

E nós dois somos irmãos no sofrimento das secas e no flagelo das enchentes.

E somos aliados também como produtores de algodão, de agave, do melão, da shelita e, agora, do camarão, do petróleo e do turismo.

Seja bem-vindo a esta Casa, de quem V. Excia. tem sido um grande amigo e um admirável divulgador e que hoje aqui o recebe de braços abertos, para homenageá-lo e para ajudá-lo a executar os fabulosos projetos que todos nós temos o direito de esperar da sua competência e do seu patriotismo.

Finalmente, temos absoluta certeza de que estamos homenageando um homem de bem, um perfeito escritor e um correto jornalista, merecedor e digno desta Medalha “João Ribeiro”.

## DISCURSO DO SR. NELSON COELHO DA SILVA\*

Em cinquenta anos de ininterrupta atividade profissional, tenho servido com afinco, dedicação e amor ao Brasil, à Paraíba e aos paraibanos. Ora o funcionário público, ora o jornalista, sempre motivado pela mesma disposição de enfrentar os mais diversos desafios, abraçando todas as causas cívicas e coletivas recomendadas pelo ideário político, ideológico e filosófico que professo. Intentei e não consegui desassociar-me da atividade partidária, guardada e protegida em cumplicidade com o idealismo que continua imutável no cidadão, desde sua juventude. Não tendo outro caminho, então, fiz-me atuante soldado na trincheira das pugnas políticas e libertárias exigidas pela sociedade. Missão que nunca deixei e nem deixarei de exercitá-la no limite das minhas forças. O homem não deve contestar jamais o seu destino traçado. Enquanto tiver ânimo e capacidade de mobilização, quero participar ativamente da vida pública de Santa Luzia, da Paraíba e do Brasil. Trata-se de esplendorosa e apaixonante paisagem histórica que me emociona sempre. Detendo lugar cativo neste cenário, empenho-me obstinadamente para evitar a ação predatória daqueles que não dignificam sua tão respeitada imponência. Com alegria, rendi-me incondicionalmente às convicções democráticas que carrego desde jovem. Não há registro de que tenha fraquejado diante de qualquer dificuldade tampouco me amedrontaram os arreganhos ou o ranger de dentes dos poderosos de plantão. Em diversas ocasiões, senti cercos asfixiantes. Exercito um liberalismo político

---

\* Proferido na sessão do dia 8 de outubro de 2009, em agradecimento à Medalha João Ribeiro.

no limiar da utopia. Sem submeter-me às bravatas do autoritarismo, não me evadi, temendo retaliações à minha História de homem público. Sequer cheguei a ser aprendiz de anjo, porém, afugentei mil demônios quando foi necessário. Em socorro dos meus ideais, a perseverança tem triunfado sempre! Filiado a um partido político, devo confessar que, para mim, é motivo de orgulho militar no PMDB. Entendo que esta agremiação tem, embelezando sua gloriosa bandeira, a História da incessante e épica pelega pela redemocratização do Brasil. Nenhum outro partido político, em atividade no país, possui tamanho galardão.

Muito moço ainda, no início dos anos sessenta, encontrava-me servindo ao gabinete do governador Pedro Gondim. Fui testemunha ocular daquele empolgante e severo instante institucional vivido pelo país. Estive no olho do tão formidável vendaval. O foguetório do liberalismo democrático fazia-se presente nas praças e nas ruas da imensa nação brasileira. Momento complicado e difícil. Complicado, porque existia um confronto de ideias sem que houvesse urbanidade – entre as partes – não permitindo a fluência daquele debate democrático ousado, porém construtivo. Difícil porque, em tempo de procura, existiam milhares de salvadores ou mestres das obras feitas e bem poucos eram os que realmente possuíam condições para ajudar na montagem de novo caminho, pelo qual o proletariado e o patronato convergissem na sociedade seus propósitos recíprocos, interando-se melhor e eficazmente. Assisti ao crepitar de vaidades pessoais, tolas e infantis, na maioria dos políticos em atividade na época. Em contrapartida, participei de um governo interessado no diálogo com os desavindos, que se esmeravam debatendo princípios, sem tomar partido, mas sempre decidindo equanimemente, garantindo todos os direitos inerentes à cidadania. Vi a juventude estudiosa, despojada de medo, intrépida e conscientizada da necessidade de reorganizar a sociedade, tornando-a mais justa e igualitária, possibilitando aos homens e às mulheres se verem respeitados nos seus mínimos direitos individuais. Vi esta juventude marchar de peito aberto, enfrentando um poder político ultrapassado, retrógrado e inerme, na busca por conquistas sociais capazes de tornar a terra comum mais progressista e desenvolvida. Principalmente, nos seus valores humanos!

Camponeses, operários e profissionais liberais, de diversos segmentos comunitários, dispuseram-se à luta e ao sacrifício pela causa universal da igualdade

entre os cidadãos, de todas as classes sociais, de todas as tendências filosóficas, de todos os credos religiosos e de todas as etnias, batendo de frente com o patronato organizado e poderoso. Na outra ponta, os proprietários rurais, empresários e agropecuaristas, comerciantes, novos ricos e industriais, dispostos à manutenção dos valores que acreditavam serem os melhores e mais equânimes, arremeteram-se e toparam demandar com o proletariado decidido a não negociar seus direitos. As partes não recuavam dos seus intentos respectivos. Pontas de imensos tenazes se fechando contra a insensatez dos governantes dúbios e dos líderes sectários. Contraponto de gigantes em guerra declarada! Neste asfixiante clima de confrontos, de conflitos sérios e de ocorrências sangrentas, ricos de exemplos edificantes, entretanto permeados por atitudes mesquinhas, tornei-me neófito na arte da política e noviço no aprendizado da percuciente (extraordinária) profissão de jornalista. Não pensava ainda ser historiador. Na redação de *A União*, um foca, sob as ordens do saudoso Exedito Cavalcanti, cobrindo as crônicas política e policial. Não era fácil. Aos trancos e barrancos com a natural impetuosidade da idade, fiz esta travessia, apaixonado pelo momento de crescentes e inquietantes reivindicações classistas, refletindo qual seria o comportamento que esposaria ao longo da trajetória profissional. Sem comprometer-me, de uma forma ou de outra, participava ativamente do processo. Modéstia à parte, fui ator, poucas vezes, e coadjuvante, em inúmeras oportunidades, da História. Dela emergi incólume, sem associar-me ao sectarismo obsequioso que plasmava a maneira de agir das lideranças envolvidas naquelas demandas sociais. Carbonária, em alguns momentos!

Veio o golpe militar, acéfala a classe política, dispersou-se a inteligência brasileira. A universidade, divorciada dos seus princípios basilares, retroagiu aos primórdios da Bolonha eterna, épica, histórica e heroica. A juventude, privada da liberdade para protestar, não teve como reagir contra a violência institucionalizada pelos quartéis. As estrelas (as fitas também), as botas, a japona, o fuzil, a metralhadora, a baioneta e o quepe substituíram, num piscar de olhos, a Carta Magna nacional. Certamente, os bravos militares patrióticos tinham missão institucional diferente dessa. Estávamos órfãos da legalidade. Mergulhamos na longa noite – 21 anos – de arbítrio e autoritarismo, testemunhando, impassíveis, aumentar a viuvez e a orfandade. As liberdades civis pertenciam ao passado. A

consciência de cada brasileiro vivia; entretanto, suas mãos estiveram atadas pela ditadura e suas vozes tornaram-se inaudíveis, abafadas que foram pelo som da batida surda das botas da soldadesca em interminável e quilométrico desfile em honra do opróbrio a que foram submetidos milhares de patrícios. Enfim, os bivaques transformaram-se em políticos, juízes, legisladores, censores e condutores da vida pública e política brasileira. Tudo ao mesmo tempo. Estes patriotas de ocasião, para não dizer de laboratório, ressuscitaram as vivandeiras!

Afinal, elas eram úteis! Bivaques e vivandeiras, uma mistura licenciosa, gerindo os destinos do Brasil! Venalizaram a vida pública. A adversidade ensinou-me a suplantar aquelas vicissitudes intermitentes, impostas pelo regime de força.

Não me quedei inerte. Recolhi painéis e cenários históricos, acontecimentos de grandeza relevante e guardei-os todos para, quando raiasse a liberdade, repassá-los para conhecimento da contemporaneidade. Por dever de ofício ou obrigação mesmo, tornei-me historiador. Assumi o solene compromisso de contar tudo quanto presenciei na quase cinquentenária trajetória de vida pública. Escrevendo livros, relatei minha vivência, julgando que as gerações presentes e futuras deviam tomar conhecimento da História paraibana recente, de passado mediato. Já chegado nos anos, ganhei experiência. Sempre que a verdade for escamoteada, reescreve-se a História! Se omissos ou tendenciosos, o historiador deve ser contraditado. E, aqui, cabe transcrever um magnífico texto, de autoria do jornalista Adalberto Barreto, numa carta enviada a Gonzaga Rodrigues, publicada na coluna deste – *O Norte*, 11.05.2007: Artigo bonito e comovente, o seu – espécie de utopia reversa, retrospectiva, recomendável como terapia geriátrica, ao distrair os velhos da consciência de que no tempo que lhes resta já não cabe o sonho. Nem só os velhos se dão ao exercício sentimental de reconstruir o passado para fugir do futuro que já não possuem. Mesmo em seus momentos de exaltação e glória, a humanidade não esquece o seu paraíso perdido; invenção mítica da religião judaico-cristã, com o propósito de desculpar o Deus perfeito e onipotente por ter criado este mundo tão cheio de imperfeições.

O pastoril não me encanta mais, os spots refletindo suas cores brilhantes me encandeiam. Ontem, talvez, me cortejassem! Para mim, nos dias atuais, as dianas, as pastoras, as rainhas e as princesas, com vestimentas alegres e coloridas

(ciganas), já não me seduzem, perderam a graça. Prefiro a penumbra do sereno, onde as pessoas, não só parecem, mas são realmente muito mais sinceras. Acumpliciam-se! Não quero nem preciso aparecer, tampouco careço de promoção. Certamente, meu nome figura, tanto de fato quanto de direito, na galeria do jornalismo profissional da Paraíba. É a minha história pessoal. Não tenho a veleidade de sentir-me destacado como escritor, historiador ou jornalista. Nada disso. Porém, assiste-me continuada disposição de aprimorar sempre a atividade que exerço para ser digno da História e respeitado pelos contemporâneos. Reconhecidos, aplaudidos ou não, meus escritos retratam produção cultural própria, têm o DNA do autor. Esta conceituação ou tese é, sabiamente, defendida pelo amigo velho, o grande e ameno cronista Evaldo Gonçalves. Adotei-a, *in limine!* Persistente ou indômito, porém imutável na sua personalidade. E isso me basta. Gratifica. Descrevo o que vivi, assisti e também participei.

Por outro lado, impacienta-me observar um irreconhecível painel na mídia jornalística, na qual se identificam a burrice, a total falta de cultura política e ignorância histórica sobre a vida republicana brasileira, na maioria dos seus profissionais, descomprometidos com seu futuro. Invade-me o sentimento de pena (quase comiseração) ao assistir à plástica objetiva de certos bons moços (profissionais da cavação) suplantarem a burrice objetiva e subjetiva de outros (jornalismo forçado) que fazem praça na imprensa, como formadores da opinião pública. Jamais me acostumarei com o chamado jornalismo de resultados! Parece-me estocadas (facadas) de pessoas espertas demais ou geneticamente traquinas! Minha concepção de imprensa é diferente. Para mim, o jornalismo sério transforma o profissional competente em quase ídolo da sociedade. Impondo-se, o jornalista ganha credibilidade. Quanta saudade de tantos homens da mídia – Otto Maria Carpeaux, Carlos Lacerda, Barbosa Lima Sobrinho, Márcio Moreira Alves, Paulo Dantas, Prudente de Moraes Neto, José Leal – homens que já pertencem à História, mas cuja imagem continua servindo de exemplo, dando seguidas lições de honradez.

Neste instante, salvam-se poucos. Isso é muito ruim. E, em tempo de tanta liberdade e de liberalismo apaixonante ou exacerbado, como fica a sociedade que tanto protege e blinda seus prestadores de serviços, sem que deles receba contrapartida realista, confiável e digna? Vai continuar viúva e/ou órfã de infor-

mações precisas, incontroversas, bem escritas, robustecidas pela verdade e consentâneas com os clamores das ruas? Os que têm algo a oferecer, como subsídios políticos e históricos à juventude estudiosa como um todo, devem promover, com a máxima brevidade possível, o remendo desta inexplicável e intolerável lacuna. Ou deste terrível desastre!

Hoje, ao receber esta homenagem da Academia Brasileira de Letras, enxergo nela um reconhecimento por tudo o que fiz na minha trajetória profissional de meio século, que tentei resumir aqui nestas palavras. Trajetória na qual destaca-se o jornalismo, a História, a preservação da nossa memória, a ética, o humanismo – tudo isto se funde no cidadão que acredita nos sonhos da sua geração e nos valores mais profundos da vida democrática. E que tenta dedicar o seu exercício profissional à manutenção desses valores.

Quero fazer um agradecimento especial aos Acadêmicos Murillo Melo Filho, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony e Evanildo Bechara, todos modelares homens de imprensa. Também ao Presidente desta casa, Cícero Sandroni.

Não poderia deixar de lembrar a figura exemplar de João Ribeiro, o jornalista, crítico, filólogo, historiador, tradutor, poeta – este Acadêmico que é motivo de orgulho para o Brasil e para esta casa. A edição especial do *Correio das Artes*, que hoje lançamos aqui na Academia Brasileira de Letras e que no próximo domingo circulará encartado no jornal *A União*, é uma homenagem a Machado de Assis, mas também ao Acadêmico João Ribeiro. Receber a condecoração que leva o seu nome é um presente de valor inestimável. E um estímulo para que lá na Paraíba eu possa continuar a minha luta em defesa do ofício que escolhi e da minha crença nos destinos do Brasil.

## ALBERTO FARIA

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier\**

Aos 12 anos, redigiu o jornalzinho *O Arauto* e, aos 14, fundou, na cidade de São Carlos (SP), *A Alvorada*. Realizou seus estudos no interior de São Paulo. Em 1889, fixou-se em Campinas (SP), onde exerceu o jornalismo. Fundou *O Dia*, em 1894, e escreveu para o *Correio de Campinas*, tornando-se seu diretor entre 1895 e 1896. Em 1897, lançou a *Cidade de Campinas*, por ele dirigida até 1904. Obteve grande êxito a seção “Ferros velhos”, sob o pseudônimo de Adelino. Em 1901, prestou concurso para a cadeira de Literatura, no Ginásio de Campinas, concorrendo com Coelho Neto e Batista Pereira, e logrou o primeiro lugar. Além de professor de literatura e jornalista, destacou-se como crítico e historiador de cunho erudito (*scholarship*), ao lançar mão dos processos de investigação e análise aplicados à literatura, visando à decifração de problemas intrincados de autoria ou datação de obras. Polemista, manteve, nos diversos jornais em que colaborou, debates e discussões com escritores da época, tratando de temas de alto interesse para a cultura histórico-literária.

Orientou seus estudos para a crítica externa e interna das obras e da história literária. Foi um dos primeiros críticos brasileiros a se preocupar com o estabelecimento dos textos ou da autoria, a descoberta de influências, datas e fontes, e com a análise de formas e temas. Os seus estudos sobre o problema da autoria das *Cartas Chilenas* destacam-se entre os que mais luzes trouxeram à questão. Pseudônimos: Adélio, Adelino e Marcos Tuim.

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 08 de outubro de 2009.

Faleceu em Paquetá, cidade do Rio de Janeiro, em 8 de setembro de 1925.

OBRAS: *Cartas Chilenas*, 1913 (crítica); *Aérides*, 1918 (crítica); *Acendalbas*, 1920 (crítica); “Discurso de recepção”, em *Discursos Acadêmicos*, vol. IV; numerosos trabalhos na *Revista da ABL*; *Almanaque Garnier*, *Revista do Brasil*, *Revista de Língua Portuguesa*, *Revista do Arquivo Mineiro*.

Trechos de artigos de Alberto Faria

#### PIROLITO

Nos *Cantos populares do Brasil*, de Sílvio Romero, encontra-se a quadrilha:

Pirolito que bate, que bate  
 Pirolito que já bateu:  
 Quem gosta de mim é ela,  
 Quem gosta dela sou eu.

O coletor patricício não a acompanhou de explicação particular, enxertando-a na série dos “Versos gerais”, cuja rubrica é: “Origens do português e do mestiço; transformações pelo mestiço.” Só o fato de acharmo-la também nas coleções de Portugal, sem diferença mínima, certifica-nos da procedência exata.

Mas em nossa ex-metrópole corre outra, de maior ancianidade, da qual cumpre considerá-la mera variante. E é essa que nos fornece a chave do sentido afetuosos, uma imagem comparativa tomada ao reino vegetal.

Ouçam-na, antes da revelação:  
 Loureiro que bate, bate.  
 Loureiro que já bateu.  
 Loureiro que bate, bate.  
 Num amor que já foi meu.

#### PARÁBOLA DA GOTA DE MEL

“Era uma vez um homem que fugia perseguido por um rinoceronte furioso; aterrado pelos rugidos do animal, corria com quanta força tinha e caiu em um

abismo que se lhe deparou na frente; mas ao cair pode agarrar-se ao ramo de uma árvore que havia aí e ficou empoleirado nela.

Seu coração ia pouco a pouco serenando; ao debruçar-se, porém, sobre o precipício, viu dois ratos, um branco e outro preto, que roíam sem cessar a raiz da árvore e que dentro em breve teriam consumado a tarefa.

Mergulhou o olhar mais profundamente ainda e avistou um dragão que vomitava chamas e que abria fauces formidáveis para tragá-lo.

Passando com angústia olhares em torno de si, viu ainda quatro cabeças de serpentes que saíam de um rochedo, erguendo-se para ele. Mas como levantasse a fronte, eis que uma gota de mel, deixada pelas abelhas em um dos mais altos ramos da árvore, lhe caiu na boca entreaberta.

Não pensando nos perigos circundantes – monstro que o persegue, dragão que o espera, serpentes que o ameaçam, árvore que vai desabar –, o insensato dá-se todo inteiro à doçura desse prazer de um átimo”.

Esta a lembrança amável com que homenageamos a memória de Alberto Faria, que ocupou a Cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras.

## *SESSÃO DO DIA 15 DE OUTUBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça e Moacyr Scliar.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 8 de outubro de 2009, que foi aprovada. Deu conhecimento ao plenário de que o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro comunicou à Secretaria da ABL que estará ausente à sessão de hoje por encontrar-se em Salvador, em solenidade na Universidade Federal da Bahia que criou um prêmio literário em sua homenagem. A propósito da Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo, embora já tenha dito algumas palavras sobre a mesma por ocasião do Chá, gostaria de registrar na sessão a excelente impressão que lhe deu essa cidade que vive do culto a Euclides da Cunha. Lá esteve para encerrar a Semana Euclidiana, da qual participaram especialistas sobre o assunto com uma plateia de mais de 300 pessoas. No dia seguinte, esteve no desfile de estudantes, todos homenageando Euclides. A cidade cultua aquele escritor brasileiro que lá passou três anos reconstruindo a ponte que, na época, era fundamental para a cidade, pois por ela escoava todo o café que

vinha de Minas Gerais para o Porto de Santos, tanto assim que foi designado Euclides da Cunha, que era um funcionário da Secretaria de Obra de São Paulo, para reconstruí-la e hoje é mais uma ponte turística. Afirmou que queria deixar patente esta impressão muito favorável da cidade de São José do Rio Pardo e comunicar que, logo após a sessão, o Prof. Marcio José Lauria, de São José do Rio Pardo, participaria da mesa-redonda sobre Euclides da Cunha, aqui na ABL. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, presidente da Comissão Julgadora do Prêmio Euclides da Cunha.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, antes de apresentar o parecer, fez rápidas considerações, entre as quais a do grande interesse que este prêmio suscitou e que foi realmente um sucesso. Foram inscritos trinta trabalhos, inclusive dois dos inscritos participaram do Ciclo sobre Euclides da Cunha que está se realizando nesta Casa. Havia um grande número de trabalhos muito interessantes, e a Comissão teve certa dificuldade para escolher o vencedor, mas se destacou o indicado. Passou a ler o Parecer da Comissão que presidiu, assinado por todos os membros da mesma: Acadêmicos Lêdo Ivo, relator, Affonso Arinos de Mello Franco, José Murilo de Carvalho e Luiz Paulo Horta. O Parecer da Comissão propõe ao plenário que o Prêmio Euclides da Cunha seja conferido ao livro *Euclides da Cunha: uma Odisseia nos Trópicos*, do professor Frederic Amory, recentemente falecido. (Por determinação do Presidente, o parecer da Comissão Julgadora do Prêmio Euclides da Cunha será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho pela difícil tarefa dessa Comissão, diante de tantos bons trabalhos apresentados, e submeteu este Parecer à apreciação e votação do plenário, que aprovou, por unanimidade, a escolha da obra *Euclides da Cunha: uma Odisseia nos Trópicos*, do professor Frederic Amory, para receber o Prêmio Euclides da Cunha, instituído este ano pela Academia, no valor de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais).
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que apreciaria muito conhecer quais os outros trabalhos de alta qualidade que concorreram a este prêmio, adiantando que essa informação ficará restrita apenas ao conhecimento da Casa.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que, entre os trabalhos importantes, estão *Euclides da Cunha – Poesia Reunida*, de Francisco Foot Hardmann; *Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*, do Prof. José Carlos Barreto Santana, ambos conferencistas na ABL; há um trabalho também muito curioso que é *A Vida Acadêmica de Euclides da Cunha*, de José Antônio Seixas da Silva, e sugeriu que, oportunamente, este seja publicado na *Revista da Academia*; outro trabalho é *Euclides da Cunha e a Bahia – Ensaio Biobibliográfico*, de Oleone Coelho Fontes, e outros também interessantes além dos que mencionou.
- O Presidente comunicou que o Palácio Austregésilo de Athayde está passando por uma reforma no saguão de entrada, onde estão os elevadores do edifício. Isso não vai custar nada à Academia, porque está sendo feito pela Engepred, em função de sugestões de alguns inquilinos para dar uma apresentação melhor à entrada do prédio. Para as paredes, que são de concreto aparente, a arquiteta contratada sugeriu três painéis. Gostaria que os Acadêmicos, depois da sessão, vissem esses painéis e opinassem sobre o assunto.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho sugeriu que uma das coisas que poderia ser estudada nessa reforma é o acesso à Biblioteca Rodolfo Garcia, que é um tanto difícil. E pediu que se encontre uma maneira mais simples do consulente entrar naquela Biblioteca.
- O Presidente considerou uma feliz sugestão.
- No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco apresentou um excelente trabalho sobre Antonio Houaiss, que nasceu nesta data há 94 anos. Nesse trabalho falou do grande amigo, discorreu com detalhes sobre sua brilhante carreira no Itamarati, onde foi vítima do oportunismo torvo dos que acusam e denunciam colegas com a intenção de beneficiar as próprias carreiras. Acentuou suas qualidades privadas, como a delicadeza no trato; a invariável cortesia; a atenção afetuosa; o interesse espontâneo e solidário pelos problemas e aspirações dos amigos e do próximo; o convívio cordial, sempre respeitoso, espontaneamente democrático, com pessoas de visões e objetivos tão diversos do que pensava e queria da vida. Falou da sua vasta obra e afirmou ser difícil dizer qual o maior serviço prestado pelo homem público Antonio Houaiss à coletividade, representada pelos inúmeros

discípulos que, durante décadas, receberam e transmitiram os ensinamentos por ele ministrados; pelos milhares de usuários que tiveram os próprios trabalhos fecundados por seus vocabulários, dicionários e enciclopédias; pelos povos africanos, que tanto se valeram da assistência dele recebida nas Nações Unidas e fora dela, nos momentos decisivos da transição para a independência. Lembrou que um dia, já próximo ao fim, Houaiss confidenciou-lhe estar ficando místico, ao se definir como um pós-agnóstico e um pré-cristão. Citou a entrevista concedida ao Presidente Cícero Sandroni sobre o problema da transcendência. Mas não é que, nessa procura, Houaiss buscasse a fé sem as obras. Preferiu inverter os fatores. Disse ainda que a sua obra de uma vida inteira – enorme, sofrida, tantas vezes impessoal, de quem escolheu omitir a si mesmo, as referências próprias, para dar ao outro condições de se afirmar – faz resplender a fé fraterna no próximo. E não se pode crer na criatura a esse ponto sem que a elevação espiritual para isso necessária, consciente ou não, roce as fimbrias da transcendência. Finalizando, acrescentou que seu exemplo serve aos viandantes dessas trajetórias paralelas que se encontrarão no infinito. (O Presidente determinou que a íntegra desse consistente trabalho do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco fosse incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet disse que o calor e a intensidade dos aplausos fazem justiça plena à eloquência e à exatidão com que o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco fez o elogio a Antonio Houaiss. Afirmou que, depois disso, não poderia dizer nada de substancial sobre sua numerosa bibliografia, seus trabalhos como lexicógrafo ou como diplomata. Salientou a importância que Antonio Houaiss teve para ele como amigo. Falou do homem que, além de enciclopédico, era multifacetado no sentido de que tinha vários papéis. Deu o seu depoimento sobre Houaiss do ponto de vista afetivo e do ponto de vista humano. Desde que o conheceu, por volta dos anos 60, lembrou alguns episódios desta convivência e amizade. Depois desta declaração magnífica do Acadêmico Affonso Arinos não poderia ficar omissa e silenciosa, tinha que deixar claro, para que ficasse registrado na Ata, a enorme saudade que sente, não do lexicógrafo, não do teórico, não do filósofo, mas do seu amigo Antonio Houaiss.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida salientou ser impossível repetir a precisão, a exatidão e o esplendor do que foi esta comunicação de Affonso Arinos, sobretudo diante de uma marca de ineditismo, que foi a sua parte final. Esta núpcia nova de Antônio com o absoluto, a partir do palmilhar de uma nova exigência, que ele não conseguiu ultimar. Dentro de toda sua vida há essa procura. Disse ter esperado até o último quarto da exposição de Affonso Arinos, que versou sobre o humanismo de Antonio Houaiss, o que considera o essencial. Acrescentou que se pergunta: quantos humanistas há na vida intelectual brasileira? Acha que poucos puderam chegar à marca de Antonio Houaiss. Considera também que Houaiss foi um artista da vida agradável, que em si mesma é o grande fluir do humanismo. Afirmou isso não só pela arte da culinária, que era vivida com o prazer da gula contida, que viu em dois ou três encontros que teve com ele. Lembrou que Houaiss deixou de elaborar a teoria do sotaque carioca, mas dizia que desejava o paladar da língua, que era necessariamente o sotaque. Falou ainda de uma fase rica, densa, mas curta, de Houaiss no Ministério da Cultura, quando ele explicou a todos o que é de fato a proteção de um Patrimônio Histórico. O Acadêmico Candido Mendes ressaltou que estava naquele momento na trincheira mais difícil para salvar a manutenção do Convento do Carmo, na Praça XV, e contou muito com a ajuda de Houaiss. Discorreu sobre a posição dele quando se tratava de tombar um monumento.
- O Acadêmico Carlos Nejar declarou que, ao ouvir o relato modelar de Affonso Arinos, veio-lhe a lembrança de tantas coisas que emergem do simples nome e da figura de Antonio Houaiss. Começou então a buscar fatos e imagens que presenciou e que vai levar pela vida afora, como o jeito gustativo de viver de Houaiss. Discorreu sobre o prazer de Houaiss quando se tratava de pratos extravagantes e de suas descobertas culinárias. Relatou um fato ligado à generosidade de Antonio Houaiss e que se deu com ele, quando ainda muito jovem. Enfatizou que a generosidade de Antonio Houaiss com os novos tem de ser registrada, porque essa generosidade não era apenas vinda de um amor à criatura humana, mas vinha também de um amor à língua. Acrescentou que ele sabia como ninguém usufruir a vida na sua plenitude, porque era repleto de vida, viandante de palavras e um enciclopédico de vivências.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que gostaria de prestar suas homenagens às palavras proferidas aqui pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Destacou que Houaiss era um filólogo integral e não lhe faltou o estudo sobre sotaque. Lembrou os dois congressos de “Língua Cantada e Falada no Teatro”, o primeiro realizado em São Paulo em 1937, para o canto, e o outro realizado na Bahia em 1956, exatamente graças ao esforço e ao prestígio, tanto dele quanto de Celso Cunha. Dentro da orientação que lhe era peculiar trazida do Prof. Antenor Nascentes, Antonio Houaiss publica o mais completo esboço de pronúncia culta carioca, que os dois congressos apontaram como a pronúncia padrão para o Brasil. Até por isso Antonio Houaiss foi completo e merecedor da nossa admiração, respeito e amizade.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida pediu a palavra para um pequeno reparo. Declarou ter ouvido uma confissão de Houaiss, de 1979 ou 1980, na qual ele fala da sua insatisfação a propósito da pronúncia culta carioca, sobretudo diante dos novos dialetismos vocálicos que começavam a surgir, das novas pronúncias desse Rio de Janeiro, chegando à megalópole, com tantos novos influxos. De modo que agradece muito por essa lembrança tão oportuna, mas não podia deixar de dizer o que era a sua memória diante dessa conversa.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho declarou que os pronunciamentos feitos hoje aqui foram tão importantes que lhe levam a solicitar ao Presidente que escute a sugestão do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sugeriu que em 2010 a Academia organizasse uma mesa-redonda sobre Antonio Houaiss, a qualquer pretexto, e que a coordenação ficasse a cargo do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.
- O Presidente informou não saber exatamente o dia, mas foi programado para este ano um Seminário sobre Antonio Houaiss, no 10.º aniversário da sua morte. Juntamente com o Cebela, de Roberto Amaral, a Academia fará este Seminário que vai durar praticamente o dia inteiro, estudando todos esses aspectos que foram aqui levantados: o lexicógrafo, o gastrônomo e o

humanista. Esta sugestão do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet vem ao encontro do que já havia sido programado pela Academia para este ano. Disse que também vai ser lembrado o Antonio Houaiss político, candidato a vice-prefeito duas vezes. Observou que a conformação do rosto do Houaiss era triangular, o cérebro parecia que ia saltar do crânio e acha que a humanidade do futuro vai ser assim. Acredita que Antonio Houaiss era um mutante, como Rui Barbosa.

- O Acadêmico Ivan Junqueira fez uma pequena achega a propósito da tentativa craniométrica do Presidente e lembrou que, certa vez, conversou com um repórter que acabara de entrevistar Antonio Houaiss. Terminada a entrevista, perguntou-lhe como havia transcorrido a mesma, ao que lhe respondeu: “O homem é mercurial”.
- O Acadêmico Domício Proença Filho pediu a palavra para fazer um reparo conciliatório, que mostra bem o dinamismo de Antonio Houaiss. Disse que o reparo do Acadêmico Candido Mendes de Almeida está perfeitamente condizente com a observação do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, porque o esboço inicial sobre pronúncia culta carioca, de Antonio Houaiss, foi de 1956 e em 1979 a dinâmica da língua, com todas as mudanças sofridas pela comunidade carioca, já não podia ser a mesma, então as duas observações se complementam.
- O Presidente Cícero Sandroni salientou que teria muita coisa para dizer de Antonio Houaiss. Foi amigo e comensal naqueles almoços com prefácio e, como órfão de Houaiss, lembrou que amanhã haverá um desses almoços. Voltou a informar que a Academia fará ainda este ano o Seminário sobre Antonio Houaiss, para dar uma demonstração pública do respeito e da admiração que esta Casa tem por essa figura exemplar da vida brasileira, talvez um dos últimos humanistas do Brasil, porque, tirando os que estão aqui presentes, e ainda os ausentes como Celso Furtado, Darcy Ribeiro, José Guilherme Merquior e Antonio Houaiss, há uma pobreza na área do humanismo no país.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse ter tido a honra de ser amigo de Antonio Houaiss, que conheceu em diferentes circunstâncias. Com relação à

apresentação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, assinalou ter sido perfeita. Gostaria também de contar como esteve presente na amizade de Houaiss com Noel Nutels – o Índio Cor de Rosa – que foi seu grande amigo, e graças ao Noel nasceu o *Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras*, feito na revista *Manchete*. Antes esteve com Antonio Houaiss na ONU, nessa ocasião convidado a participar da Delegação Brasileira, quando era Chanceler o saudoso Embaixador Araújo Castro, presenciou como os líderes africanos, de língua portuguesa ou não, corriam atrás do Mister Houaiss para saber qual posição tomar na Assembleia Geral. Esta é uma recordação que guarda para sempre. Lembrou também que Antonio Houaiss foi Presidente desta Casa e só não teve dois mandatos completos porque adoeceu durante o segundo deles. Teve também o privilégio de ser o seu Primeiro-Secretário e o acompanhou bem de perto. São reminiscências que certamente depois poderão ser estendidas quando for o momento oportuno da homenagem da Casa a esse grande homem público, porque Houaiss era o Vice-Presidente do PSB. Lembrou ainda a amizade que o ligou, durante a vida toda, a Abraão Koogan. Eles eram colegas de farras gastronômicas internacionais. Uma vez por ano, religiosamente, eles iam para a Europa e, sob a orientação de Houaiss, se entregavam a estas farras. Ficou muito feliz de ouvir o que ouviu aqui dos seus colegas sobre Antonio Houaiss, especialmente a magnífica exposição feita por Affonso Arinos. Numa sessão tão bonita como a de hoje não se sentiria bem se deixasse de se manifestar. Passando a outro assunto, disse que, hoje, ele e o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara retornaram de São Paulo num voo um tanto tumultuado pelas condições do tempo. Estiveram ontem naquela capital, ocasião em que, com muita honra, representaram o Presidente da Academia na homenagem ao Dr. Adib Jatene, que recebeu o Troféu Guerreiro da Educação, que já é dado há alguns anos, e, em 2009, foi conferido pelo CIEE e o jornal *O Estado de S. Paulo* a este grande homem de ciência. Falou do discurso muito tocante do Dr. Adib Jatene, quando relembrou a infância muito difícil em Xapuri, no Acre, filho de libaneses. Nesse discurso, ele destacou um trecho de homenagem ao Acadêmico Evanildo Bechara, porque encontrou similaridades na vida de ambos, descendentes de libaneses, de como o Brasil os abrigou, e que naquele momento estavam unidos comemorando o mesmo feito. Este

Troféu foi conferido ao Acadêmico Evanildo Bechara no ano passado, tendo sido muito homenageado o ano inteiro. Este ano cabia ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara fazer a saudação ao Dr. Adib Jatene, o que fez com muita propriedade e grande exatidão, que é a sua característica maior. Considerou importante fazer este registro.

- O Presidente Cícero Sandroni, antes de encerrar a sessão, convidou os presentes para a mesa-redonda coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr, ocasião em que falarão os Senhores Márcio José Lauria, José Arthur Rios e a Sra. Gláucia Villas Boas.

## PRÊMIO EUCLIDES DA CUNHA

### *Parecer da Comissão*

Ao Prêmio Euclides da Cunha, instituído pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o transcurso do centenário da morte do autor do clássico *Os Sertões*, concorreram cerca de 30 livros.

Essa concorrência documenta o interesse que Euclides da Cunha suscita no cenário Cultural do Brasil e até do estrangeiro, desde a aparição do seu majestoso livro até agora.

A maior parte dos volumes inscritos aborda aspectos pontuais e parciais da vida e da obra de Euclides. São trabalhos estimáveis.

Um deles, porém, destaca-se pela sua dimensão de totalidade. É *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos*, do ilustre professor norte-americano Frederic Amory, recentemente falecido, e que dedicou vinte anos de sua vida à composição dessa obra.

Apresentado na primorosa tradução de Geraldo Gerson de Lima, e publicado pela Ateliê Editorial, o livro preenche plenamente as condições do concurso. Aborda a existência e a obra de Euclides da Cunha, num enlace em que sua figura pessoal é engasgada no cenário em que viveu: um cenário político, social e literário, marcado pelas aspirações republicanas, pela fervilhação filosófica do positivismo e pelo fortalecimento do militarismo.

O que distingue fundamentalmente esse livro é a sua minuciosidade. Os temas fundamentais de *Os Sertões* – a colisão entre o litoral e o sertão, a chamada “civilização” e a chamada “Barbárie”; o messianismo; a viagem pela Amazônia

para a conquista do “último Oeste”; os tratados e desafios diplomáticos sob a regência do Barão do Rio-Branco; a Campanha de Canudos; a superioridade de raças; a arte militar; as feições antropológicas e psicológicas do povo brasileiro; o estilo neobarroco em que a grande obra é vazada – são examinados de forma exaustiva. Uma vasta bibliografia documenta a incursão do autor por um extenso domínio, de consultas, investigações e leituras que se impõem pela amplitude e novidade. E esse emblema de pesquisa exaustiva está presente na narração da atormentada vida pessoal e doméstica de Euclides da Cunha. O desfecho trágico do drama conjugal é narrado de forma extremamente detalhada – como se tratasse de um filme de suspense – e de um realismo contundente a que jamais se atreveu qualquer outro biógrafo do grande escritor.

Também merece realce a atenção que Frederic Amory dedica à absorção, por Euclides da Cunha, das ciências e teorias científicas e filosóficas do seu tempo, e ainda em que medida elas envelheceram ou foram assimiladas por ele. A atuação jornalística de Euclides é alvo de uma análise aguda.

A soberba dimensão estilística e artística de *Os Sertões* também é amplamente esmiuçada pelo autor, que o situa entre os seus confrades da Academia Brasileira de Letras e dá especial relevo à sua atração pelo deserto e pela selva.

Trata-se, pois, de um livro de excepcional importância para a nossa cultura e uma contribuição inestimável à comemoração do centenário de morte de Euclides da Cunha por esta Academia e pelo Brasil.

A Comissão julgadora propõe que o Prêmio Euclides da Cunha seja adjudicado ao Livro *Euclides da Cunha: uma Odisseia nos Trópicos*, do professor e historiador Frederic Amory.

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2009

Alberto Venancio Filho - Presidente

Lêdo Ivo – Relator

Affonso Arinos de Mello Franco

Luiz Paulo Horta

Jose Murilo de Carvalho

OBS: O original foi assinado por todos.

## ANIVERSÁRIO DE ANTONIO HOUAISS

*Estudo do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco\**

Faz hoje 94 anos, nascia na Avenida Atlântica, em Copacabana, um menino, filho de libaneses, em seguida batizado na Igreja Católica Maronita. Ele se diplomou como perito-contador e já lecionava em colégio particular quando, aos vinte anos, inscreveu-se em concurso para professor do ensino técnico da Prefeitura, sendo aprovado honrosamente. Depois, bacharel e licenciado em Letras Clássicas, ensinou português, latim e literatura no magistério secundário oficial e, também, em escolas privadas. Um meu primo, mais idoso e adiantado no colégio que frequentávamos, deplorou, quando passei do curso primário para o secundário: “– Você perdeu, por um ano, o melhor professor que tínhamos.” “– Como se chamava?” “– Antonio Houaiss.”

Fui amigo de Antônio desde meados dos anos 50, quando regressou ao Brasil para defender-se, com quatro outros diplomatas, do suposto delito de opinião, insustentável perante as leis e regulamentos que regiam o funcionalismo público, em processo originado pela delação torpe e interesseira de um colega, da qual também foi vítima João Cabral de Melo Neto. O inquérito administrativo do Itamarati, de que os acusados sequer puderam ter conhecimento antes de terminado, concluiu colocando-os em disponibilidade inativa não remunerada, pena inexistente no direito brasileiro. Outro inquérito, policial este, apontava-os como autores de crime contra a segurança nacional. Evandro Lins e Silva foi um dos advogados da defesa no processo, através de mandado

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 15 de outubro de 2009.

de segurança em que o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa, por unanimidade, aos indiciados. Seu conteúdo infringia a Constituição Federal, onde esta prescrevia que, “por motivo de convicção religiosa, filosófica ou política, ninguém será privado de nenhum dos seus direitos”.

O oportunismo torvo dos que acusam e denunciam colegas com a intenção de beneficiar as próprias carreiras, ao se voltar contra Antonio Houaiss, encontrou presa fácil na fome e sede de justiça de quem foi sempre fiel a si mesmo, e assim se definiu, no discurso com que tomou posse nesta Casa: “Um homem de seu povo, esse em que nasci e a que pertencço e quero servir, sem [...] cultivar orgulho algum do que quer que seja. Salvo um: o de achar que esta vida humana devia ser digna de ser vivida por todos, sem discriminações.” Noutra ocasião, explicaria que “não se trata de mudar o sistema capitalista, mas de corrigir, enfim, seus terríveis e gritantes defeitos, quando se assanha em obter lucros e mais lucros sem ver a face trágica dos explorados – seres humanos, flora, fauna, clima, ambientes, em suma, a própria vivibilidade. É a voracidade na concentração de renda, independente e indiferente a quaisquer consequências sociais. Que, pelo menos, se deem ao povo condições mínimas com que possa sobreviver de forma menos indecorosa. Não na fome, na miséria, nas favelas, nos mocambos, nos becos, nas sarjetas.” Ele se ergueu sempre contra a predominância do ter sobre o ser, a adoração do “bezerro de ouro”, a teologia do mercado, as políticas indiferentes ao sofrimento humano que provocam.

Sobre sua cooperação funcional com Afonso Arinos, quando este encabeçava a Missão do Brasil junto às Nações Unidas, o chefe testemunhou sem rodeios, ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras: “Nunca encontrei, no exercício das funções, colaborador mais competente, mais devotado e mais dedicado aos interesses do Brasil e do nosso povo. Ali, também, vossos informes e relatórios eram lições.” E considerou-o “uma das mais lúcidas inteligências do Brasil contemporâneo, infatigável operário da cultura nacional”.

Arinos foi ainda objeto da magistral introdução crítico-biográfica de Antonio Houaiss à segunda edição da biografia paterna que escrevera, *Um Estadista da República (Afrânio de Melo Franco e seu Tempo)*. Na redação dos três volumes da *História do Povo Brasileiro* dedicados ao Brasil independente, Afonso voltou a receber

importante cooperação de Antônio. Anos depois, no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, Mauro de Sales Vilar, sobrinho afim do grande lexicógrafo, pôde concluir em 2001, associado ao meu irmão Francisco, a obra monumental em que seu idealizador, inspirador e principal redator trabalhou até o fim da vida, que viria a chamar-se *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. E eu tive o duplo privilégio de ocupar-lhe a vaga no Pen-Club do Brasil, como sócio titular, quando foi alçado à dignidade de grande benemérito, e de ali saudá-lo pelos seus 80 anos, antes de sucedê-lo nesta Academia, que por ele chegou a ser tão dignamente presidida. “Aliás – ponderou Jorge Amado –, o termo *dignidade* parece feito para ser usado a propósito de Antonio Houaiss.”

Conhecendo-o por tantos anos, e informado, há mais tempo ainda, dos atributos profissionais e pessoais que o distinguiam, pude testemunhar suas qualidades privadas: a delicadeza no trato; a invariável cortesia; a atenção afetuosa; o interesse espontâneo e solidário pelos problemas e aspirações dos amigos e do próximo; o convívio cordial, sempre respeitoso, espontaneamente democrático, com pessoas de visões e objetivos tão diversos do que pensava e queria da vida.

Homem público, Houaiss o foi pela vida inteira, no afã constante de adotar e defender com unhas e dentes, como seus, os interesses a longo prazo do Brasil, da nossa cultura e da nossa língua, batendo-se por eles em todos os foros internos e internacionais onde era convocado a lutar, ou mesmo sem ser chamado.

Educado e formado pelo ensino público, ao qual forneceu, por sua vez, poderosa contribuição, Antonio Houaiss manteve coerência implacável na luta para desprivatizar o Estado, em todas as áreas nas quais pôde atuar, como professor ou funcionário, em benefício do capital social por excelência, que é o homem. E fez isso, inclusive, na diplomacia, atividade onde me sinto mais à vontade para testemunhar. Ali, segundo o insuspeito embaixador Saraiva Guerreiro, “em todos os períodos em que enriqueceu nosso serviço diplomático, encantou a chefes e companheiros por sua inteligência e cultura, sua competência e dedicação leal e incansável ao trabalho, sua generosidade e infalível disposição para cooperar e ajudar sempre que surgia a oportunidade. Marcou sempre sua presença como um dos melhores”.

Da bibliografia monumental que deixou, provavelmente, não constará o *Manual de Serviço* do Itamarati. Mas era graças a ele, e àquela indispensável consolidação de quatorze mil instruções, que a nossa rotina de trabalho emergia, sem tropeços, do caos dos calhamaços.

Mais tarde, durante o governo Kubitschek, Antônio trabalharia na montagem do Serviço de Documentação da Presidência da República, tendo publicado 83 volumes, segundo plano sistemático de sua autoria, ao editar discursos, mensagens, documentos em geral, e registrar todo o referente à construção e inauguração de Brasília.

Mas ele jamais sobrepôs a profissão à biografia. E esta chegou ao apogeu no momento exato em que, aparentemente, deixava a vida pública – de novo vítima do arbítrio interno, e agora, também, de intolerável intromissão externa – para prestar os maiores serviços à nossa cultura, já que a atividade funcional lhe era, mais uma vez, injustamente vedada.

Antonio Houaiss foi conselheiro da Delegação Permanente do Brasil junto à ONU, em Nova York. Ali, esteve entre os principais negociadores da resolução da Assembleia Geral intitulada “Declaração de outorga de independência a países e povos coloniais”, através da qual a diplomacia brasileira se desatrelou da submissão política ao colonialismo da antiga metrópole, o que nos permitiu criar pontes para o relacionamento com os estados surgidos na esteira da descolonização consequente à revolução democrática portuguesa de 1974. Na Comissão de Tutela e Territórios Não Autônomos, coube-lhe exprimir a posição oficial do nosso governo, contrária, pela primeira vez, ao colonialismo lusitano. Então, em geral pouco propenso a expansões emocionais, Houaiss proferiu discurso declarando-se orgulhoso por votar contra aquela política colonial. O que, após a insurreição militar de 1964, causou-lhe a demissão e a cassação dos direitos políticos, pelo delito de haver seguido a orientação recebida dos seus superiores hierárquicos no Itamarati e nas Nações Unidas: Afonso Arinos, San Tiago Dantas e Evandro Lins. A cobrança dessa atuação por portugueses inconformados e brasileiros submissos lhe encerrou compulsoriamente, para sempre, a carreira diplomática. O embaixador de Salazar foi a Brasília pedir sua cabeça, que o governo brasileiro teve a baixeza de conceder-lhe. Mas a resposta irretorquível às acusações injustas e ineptas ficou gravada em trabalho magistral,

intitulado *A defesa*, que Antônio redigiu em seis dias. Suas razões, testemunhou Evandro, “se equiparam às mais brilhantes peças já escritas, ao longo da história, em processos de natureza política. São páginas antológicas, no fundo e na forma. A introdução, o vigor e a lógica da argumentação, a resposta elegante, e ao mesmo tempo demolidora, à afronta aos princípios constitucionais de preservação e respeito às convicções políticas, a fina ironia contra o ridículo de imputações pueris, a bravura e a dignidade como se comporta diante do arbítrio e do obscurantismo, a clareza da exposição, tudo faz lembrar o que escreveram os grandes advogados ao enfrentar regimes tirânicos e despóticos”.

Desde então, não tem conta o que ficaram a dever-lhe todos aqueles que leem, escrevem, trabalham e estudam em nosso país. Aqui, poderia incluir-se a poderosa empreitada que representou a tradução do *Ulisses*, de James Joyce. Mas o *Novo Dicionário Appleton das Línguas Inglesa e Portuguesa*, por ele editado, já era instrumento obrigatório de trabalho na Embaixada do Brasil em Washington, quando eu lá servia. A *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* e a *Enciclopédia Mirador Internacional*, das quais foi editor-chefe, prestaram os serviços mais relevantes aos estudiosos, ou simplesmente interessados em documentar-se sobre a realidade brasileira e universal. Sei que esse trabalhador incansável da língua e da cultura revisou todos os verbetes dos vinte volumes da *Mirador*. Além do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Houaiss seria responsável por outras enciclopédias e dicionários – *Pequeno, Básico, Mini, Ilustrado, Escolar* – como preparação do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, que ele não chegou, infelizmente, a ver terminado. Esta obra de vasta envergadura, o futuro *Dicionário Houaiss*, também seria editada em Portugal, e representa um avanço considerável no estudo da etimologia, morfologia e datação do nosso idioma.

Nesse ínterim, a roda do destino de Antonio Houaiss dera mais uma volta, e o grande servidor que, para o regime militar, não podia permanecer nos quadros do Itamarati, viu essa injustiça clamorosa ser reparada pelo gesto do presidente Itamar Franco de elevá-lo à cúpula oficial da cultura brasileira, como titular do Ministério que dela se ocupa.

Aí, porém, as incompreensões continuaram. A quem tinha o encargo de zelar pela conservação e restauro do patrimônio histórico e artístico nacional, negou-se a verba modesta que pedia. Portugal, 93 vezes menor que o Brasil, alocou,

para o mesmo fim, dotação orçamentária 28 vezes maior a que nossa. Com os recursos ínfimos de que dispunha, ele fez o que pôde.

É difícil dizer qual o maior serviço prestado pelo homem público Antonio Houaiss à coletividade, representada pelos inúmeros discípulos que, durante décadas, receberam e transmitiram os ensinamentos por ele ministrados; pelos milhares de usuários que tiveram os próprios trabalhos fecundados por seus vocabulários, dicionários e enciclopédias; pelos povos africanos, que tanto se valeram da assistência dele recebida, nas Nações Unidas e fora delas, nos momentos decisivos da transição para a independência.

E, aqui, tornamos ao seu labor internacional, de que todos os cidadãos dos países signatários do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, além do Timor-Leste (que a ele aderiu mais tarde) – se beneficiarão potencialmente, graças aos esforços empreendidos por este homem do seu povo, mas, também, cidadão do mundo, que foi o maior responsável pela parte brasileira da empreitada. Em 1986, ele secretariou nossa delegação ao “Encontro para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa”, efetuado no Rio de Janeiro, atuando como seu principal impulsionador e porta-voz. Revisto em Lisboa, em 1990, foi o texto daí resultante subscrito pelos representantes dos sete membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. E o presidente Luís Inácio Lula da Silva firmou na Academia Brasileira de Letras, em 2008, ao ensejo da comemoração dos cem anos da morte de Machado de Assis, os últimos instrumentos jurídicos necessários à sua entrada em vigor, entre nós. Sem Houaiss, a Comunidade e o Acordo não existiriam na forma atual.

Sendo o português o único idioma culto do mundo com ortografia dupla, o Acordo pretende pôr termo a esta situação, por considerar a unidade ortográfica condição essencial para que a língua se afirme como de cultura internacional. Assim, no momento em que, na sua rica diversidade cultural, aquelas nações estiverem utilizando um idioma unificado pelo sistema comum das suas formas gramaticais, e centenas de milhões de cidadãos sul-americanos, africanos e europeus, que já falam a oitava língua mais utilizada no planeta, puderem escrevê-la numa ortografia única, eles o deverão, mais do que a qualquer outro, a Antonio Houaiss.

Creio que sua primeira virtude a saltar aos olhos foi a da esperança. Ele esperou, incansavelmente, a vida inteira. Esperou escalar, pelo próprio esforço e talento, os degraus do saber e da excelência na variedade profícua das atividades que abraçou, e fê-lo plenamente. Nunca, porém, para alimentar, com as cintilações do êxito, os louros perecíveis de uma vaidade vazia, e sim cômico de que a obra por ele produzida aproveitaria ao próximo, à comunidade nacional em que se inseria. Seus dicionários, suas enciclopédias, a incessante atividade docente, os compromissos com a política interna e internacional, sempre denotaram essa esperança no livre acesso de todos à cultura, na justa distribuição do progresso e na prosperidade do povo brasileiro em geral.

E a esperança sempre renovada nas melhores qualidades do ser humano conduziu-o, naturalmente, à caridade para com o próximo. Sei da solidariedade com todos os colegas de ofício e profissão, que amparou e estimulou no labor comum. Lembro a devoção por aquela humanidade anônima e multiforme dos países subdesenvolvidos, à qual dedicou, sempre que pôde, o desvelo constante das suas ocupações e preocupações funcionais, e, no Brasil, a essência do seu engajamento intelectual e político. A luta de uma vida inteira em defesa da dignidade e dos direitos do próximo tornou-o um humanista na mais pura acepção da palavra.

A esperança e a caridade, somadas, desembocam na fé pela lógica inerente às virtudes teológicas. Um dia, já próximo ao fim, Houaiss confidenciou-me estar ficando místico, ao se definir como um pós-agnóstico e um pré-cristão. Sobre o problema da transcendência, reconheceria em entrevista a Cícero Sandroni: “Há, realmente, uma tendência para rever as posições que tive no passado em relação ao sentimento religioso, e à crença, inclusive. Estou atravessando essa crise já há alguns anos, e ela tem um pouco o reflexo de minha primitiva formação, pois sou de família de católicos maronitas, do Líbano. [...] Nunca fui reverente, mas sentia que [...] aqueles 10% de verdadeiros religiosos me bastavam para respeitar a religião. [...] Porque são exatamente os homens dessa postura espiritual, que são talvez os mais destemidos, os mais admiráveis, mais ricos de inteligência, que me fazem de novo pensar no assunto. [...] Agora, minha postura diante do saber é um pouco mais humilde, e creio que essa humildade significa um acréscimo de sabedoria. Sinto que o campo do ignorado pelo ho-

mem é infinitamente grande. E que, nesse campo, o homem se insere com um apoio infinitamente maior quando dá o passo que separa a racionalidade do conhecimento místico, a racionalidade da crença verdadeira, e compatibiliza as duas categorias. [...] Hoje, não só meu mundo interior, mas também o mundo exterior que nos envolve, são diferentes. A Igreja para a qual eu mais tendo é, claro, a Católica, a das minhas origens religiosas. Seria um retorno. Mas é dessa Igreja que estou vendo saírem mártires e vanguardistas da melhor qualidade, propondo-se mesmo ao sacrifício pessoal, se necessário for, para a renovação do mundo. Não quero, com isso, dizer que a Igreja inteira esteja assim, mas há uma fração dessa Igreja que está tendo essa atitude militante, devotada, plena de espírito de sacrifício. Nesse momento, então, todos esses componentes convergem para que eu pondere diferentemente. E é por isso, que, efetivamente, me sinto nesse transe. Não tenho pedido apoio externo, nem o quero, porque acharei a evolução em mim, o processo em mim, e será tanto mais autêntico quanto for mais meu. E quanto derivar mais da busca que eu mesmo estou fazendo.”

Mas não é que, nessa procura, Houaiss buscasse a fé sem as obras. Preferiu inverter os fatores. Sua obra de uma vida inteira – enorme, sofrida, tantas vezes impessoal, de quem escolheu omitir a si mesmo, as referências próprias, para dar ao outro condições de se afirmar –, essa obra faz resplender a fé fraterna no próximo. E não se pode crer na criatura a esse ponto sem que a elevação espiritual para isso necessária, consciente ou não, roce as fimbrias da transcendência.

Antonio Houaiss se foi a 7 de março de 1999. Aqui, procurei apenas salientiar alguns aspetos da sua vida longa e fecunda, exemplar na coerência, na dignidade, na dedicação obsessiva ao trabalho, à tarefa, ao dever de utilidade, que preconizava Barbosa Lima Sobrinho, na integridade, na simplicidade, na abnegação, na tolerância, na lealdade, podendo servir de modelo, quer aos desejosos de aperfeiçoar-se nas virtudes do humanismo laico, quer aos aspirantes a trilhar as veredas íngremes que demandam a porta estreita da fé religiosa. Seu exemplo serve aos viandantes dessas trajetórias paralelas, que se encontrarão no infinito. Por ele, somos-lhe todos devedores.

## *SESSÃO DO DIA 22 DE OUTUBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Ana Maria Machado, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Luiz Paulo Horta e Marcos Vinícios Vilaça.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 15 de outubro, que foi aprovada. Agradeceu a visita da diplomata mexicana Cecília Soto, convidada do Acadêmico José Mindlin, que foi durante cinco anos Embaixadora do México no Brasil, e esta Casa muito se honra em recebê-la. Saudou o Pe. Fernando Bastos de Ávila pela sua presença nesta sessão. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que hoje completa 81 anos de existência e, como presente, ganhou um financiamento para terminar o filme sobre Antonio Carlos Jobim. Comunicou, a seguir, o falecimento do Dr. Orlando Meireles Padilha, irmão do Acadêmico Tarcísio Padilha, ocorrido domingo passado, dia 18. Informou que a Missa de 7.º Dia será no próximo sábado, dia 24, às 10 horas, na Igreja da Ressurreição, na Rua Francisco Otaviano 99. Deu ciência ao plenário da realização hoje, na parte da manhã, do “Seminário Macau-Brasil”, sob o tema geral “Duas línguas, duas culturas”. Foram con-

ferencistas o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que falou sobre “A unificação da Língua Portuguesa escrita”, vindo em seguida o Dr. Severino Cabral, que abordou o Tema “Vocação de Agostinho da Silva”, mostrando a ligação que esse português teve, na área, com o Brasil, a Ásia e a África. Assinale-se, também, a presença da editora Gizela Zincone, da Gryphus Editora, que está promovendo livros do escritor macauense Henriques Senna Fernandes. Em seguida, falou o Presidente do Instituto Internacional de Macau, Dr. Jorge Rangel, sobre o tema “Macau: a Língua Portuguesa – legado e futuro”. Ele disse que, na realidade, fez uma exposição de como se encontra Macau hoje, nas suas relações com a China, com Portugal e com o Brasil. Foi oferecida à Academia uma placa e uma miniatura da Catedral de São Paulo, em Macau, muito bonita, que também vai para o patrimônio da Academia. Comunicou, ainda, que a Academia recebeu uma série de livros, publicados em Macau. Posteriormente, a Casa vai selecionar os livros que considerar importantes para a Biblioteca Rodolfo Garcia. Com a palavra, o Acadêmico Murilo Melo Filho.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre sua viagem a Belo Horizonte, onde foi representar a Academia na sessão solene da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em homenagem ao Centenário de Fundação da Academia Mineira de Letras, que o completa no próximo dia 25 de dezembro, Natal. Foi uma bela Reunião Especial dos deputados mineiros, liderados pelo Presidente Alberto Coelho, com o Plenário e as galerias repletas de entusiasmados participantes, que muito aplaudiram as duas Academias. Falando em nome do Presidente Cícero Sandroni, teve oportunidade de, em rápidas palavras, ressaltar a curiosa coincidência de as Academias Mineira e Brasileira de Letras terem quase a mesma idade. Fundada por um grupo de intelectuais na cidade de Juiz de Fora, que era então um próspero centro industrial, a Academia Mineira, depois de superadas muitas rivalidades, transferiu-se para Belo Horizonte, a nova capital do Estado. Como aconteceu com a ABL, no seu início ela também era uma Academia muito pobre, que não tinha sequer onde se reunir e andou perambulando por vários endereços, até se fixar num bonito palacete da Rua da Bahia, que lhe foi doado e onde está instalada até hoje. Finalizando, falou sobre a dinâmica administração

do presidente da Academia Mineira de Letras, Senador Murilo Badaró. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por ter representado a Academia e essa presidência na cerimônia em que a Assembleia Legislativa de Minas Gerais homenageou a Academia Mineira de Letras. Passou a palavra à Acadêmica Ana Maria Machado, para falar sobre sua recente viagem aos Estados Unidos e, em especial, sobre o “Encontro Internacional de Escritoras”, realizado em Nova York. A Acadêmica Ana Maria Machado relatou sua participação no “I Encontro de Escritoras Brasileiras em Nova Iorque”, onde representou a Academia Brasileira de Letras, proferindo a conferência de abertura do evento, apresentada pela Professora Renata Wasserman, da *Wayne University*, que destacou a relevância da sua obra de ficcionista.
- A Acadêmica Ana Maria Machado ressaltou, igualmente, as conferências sobre as escritoras Nísia Floresta, na qual foi focalizado o papel pioneiro e admirável da escritora potiguar. A segunda palestra se ocupou principalmente de Cecília Meireles e a terceira analisou detidamente a obra de Clarice Lispector. Houve, ainda, algumas mesas-redondas, na quais foram discutidos temas específicos, como o estudo e o debate sobre novas tendências femininas no conto brasileiro. Abordaram também questões particularmente de tradução literária do português para o inglês. Prosseguindo, a Acadêmica Ana Maria Machado informou que visitou Chicago, onde também realizou conferências e esteve em universidades. Em St. Charles, Illinois, fez uma palestra na “Oitava Conferência Regional do *United States Board on Books for the Youth*”, numa sessão em que falou a escritora norte-americana Katherine Paterson, também ganhadora do Prêmio Hans Christian Andersen. Lembrou que, ao lado do escritor Bernardo de Carvalho, fez palestras e participou de debates sobre seus romances, para estudantes e professores das universidades Northwestern e de Chicago, por iniciativa do Cônsul-Geral na cidade, Embaixador João Almino. Destacou que, na *Northwestern University*, o Diretor da biblioteca chamou a atenção para o fato de que eles dispõem da maior e mais significativa coleção do mundo de obras sobre a África, incluindo

uma importante seção de literatura africano-brasileira. Informou que quem estiver interessado em saber que livros são esses, pode entrar no site da biblioteca da *Northwestern*. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente congratulou-se com a Acadêmica Ana Maria Machado por ter representado tão bem a ABL nesse périplo de Nova York a Chicago, fazendo conferências e participando de seminários. Ressaltou que esse é o papel da Academia. Acrescentou que pelo que se acabou de ouvir da Acadêmica Ana Maria Machado pode-se concluir que a missão de representar a Casa de Machado de Assis no “Encontro de Escritoras Brasileiras” foi mais do que bem-sucedida, foi brilhante. Agradeceu e destacou o alto nível intelectual e a qualidade literária da representante da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Alfredo Bosi parabenizou a Acadêmica Ana Maria Machado pela riqueza desse depoimento e ressaltou que foi um momento alto do conhecimento da literatura sem o lado específico feminista. A literatura feita por mulheres, que é universal.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara discorreu sobre sua viagem a Portugal, onde participou de um congresso patrocinado pela Sociedade Hispânica de Historiografia Linguística, na Cidade de Vila Real, para falar sobre o filólogo português que desenvolveu a sua atividade muito mais no Brasil do que em Portugal. Trata-se de Manuel de Melo, companheiro de Machado de Assis, e acredita, depois que fez uma palestra sobre as raízes teóricas das ideias linguísticas de Machado de Assis, poder dizer que Manuel de Melo foi o grande companheiro de Machado na sua visão muito linguística para a época.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho informou que foi inaugurada, na sede do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a Biblioteca do Acadêmico Celso Furtado. Além de grande economista, era também humanista, e essa Biblioteca envolve conhecimentos importantes, sobretudo livros estrangeiros de difícil acesso que ele adquiriu no seu período de exílio. Essa biblioteca pertence ao Centro Internacional

Celso Furtado de Políticas Econômicas, para estudo dos problemas brasileiros, como ele sempre insistia nesta Casa.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e convidou a todos para a mesa-redonda, no dia 29 de corrente, para lembrar os cinquenta anos de publicação da obra *Formação Econômica do Brasil*, do Acadêmico Celso Furtado. Participarão dessa mesa-redonda o Acadêmico Helio Jaguaribe, o economista Carlos Lessa e a economista Maria da Conceição Tavares. Informou que estará, junto com os Acadêmicos Luiz Paulo Horta e Murilo Melo Filho, em Passo Fundo para as “Jornadas Literárias” que acontecem de dois em dois anos. Informou, também, que os Acadêmicos Ivan Junqueira e Affonso Arinos de Melo Franco estarão em Minas Gerais para receber a Medalha Santos Dumont.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a propósito do inventor da aviação, lembrou um episódio em que os filhos do Embaixador Expedido de Freitas Resende, nomeado embaixador em Roma, perguntaram quem havia inventado o avião e ele respondeu: os irmãos Wright. Sua esposa ficou indignada e disse que ele estava ensinando errado, ao que ele respondeu: “quando pousarmos em Roma, restabeleço a verdade histórica”.
- O Acadêmico Ivan Junqueira, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Alcântara Machado. Diplomado em Direito em 1893, foi jurista, biógrafo, poeta, cronista, parlamentar e, sobretudo, historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Paulista de Letras. Constam de sua bibliografia, além de importantes obras jurídicas, a biografia de *Basílio Machado: 1848-1919*, publicada em 1937, e as *Alocações Acadêmicas*, de 1941. Mas sua grande contribuição às nossas letras foi, sem dúvida, *Vida e Morte do Bandeirante*, cujo estilo e cujos pressupostos são antes cautelosos e tradicionalistas do que propriamente revolucionários. E, não obstante, pode-se dele dizer que foi, até certo ponto e em certo sentido, exatamente isto: revolucionário. Provam-no, de forma cabal, dois textos distanciados no tempo: os das introduções que lhe escreveram Sérgio Milliet e, mais recentemente, Laura de Mello e Souza. O primeiro observa: “Numa época em que mergulhávamos nas preocupações eruditas, numa época em que

os estudos de sociologia não passaram de divagações filosófico-literárias, sobretudo na parte que diz respeito ao condicionamento pelo grupo, à influência determinante dos fatores econômicos e sociais, Alcântara Machado teve a noção muito clara de que o indivíduo é, em última análise, apenas um aspecto subjetivo da cultura”. E em sua obra diz o próprio Alcântara Machado: “Não é frívola a curiosidade que nos leva a inquirir onde moravam os nossos maiores, a maneira por que se alimentavam e vestiam, de que tiravam os meios de subsistência, a concepção que tinham do destino humano. Tudo isso facilita o entendimento do que fizeram ou deixaram de fazer. Só depois de frequentá-los na intimidade e situá-los no cenário em que se moveram, estaremos habilitados a compreender-lhes as atitudes.” (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Ivan Junqueira pela memória desse escritor paulista, que é pouco lembrado.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida falou sobre o caráter modular e modelar que estão tendo as novas Efemérides. Salientou que Ivan Junqueira deixou uma pista aberta no sentido de que Alcântara Machado é o bandeirante ou é a pauliceia?
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou a conferência que o Acadêmico Alberto Venancio Filho pronunciará, no dia 27 do corrente, sobre “A recepção de *Os Sertões*”, como parte do “Ciclo de Conferências” que ele está coordenando de uma forma exemplar.
- O Acadêmico Ivan Junqueira fez o elogio do Acadêmico Alberto Venancio Filho por sua coordenação modelar do “Ciclo Euclides da Cunha”, deixando que os conferencistas dissessem o que pensavam e em seus comentários jamais, para o gáudio de todos, tentou fazer uma conferência paralela.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a todos e deu por encerrada a sessão.

## ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente Cícero Sandroni.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Estive anteontem em Belo Horizonte, onde fui representando Vossa Excelência e esta Academia, na sessão solene da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em homenagem ao Centenário de Fundação da Academia Mineira de Letras, que se completa no próximo dia 25 de dezembro, dia de Natal.

Foi uma bonita Reunião Especial dos deputados mineiros, liderados pelo Presidente Alberto Coelho, com o Plenário e as galerias repletas de entusiasmados participantes, que muito aplaudiram as nossas duas Academias.

Falando em nome de Vossa Excelência, tive oportunidade de, em rápidas palavras, ressaltar a curiosa coincidência de as Academias Mineira e Brasileira de Letras terem quase a mesma idade.

Fundada por um grupo de intelectuais na cidade de Juiz de Fora, que era então um próspero Centro Industrial, a Academia Mineira, depois de superadas muitas rivalidades, se transferiu para Belo Horizonte, a nova Capital do Estado.

Como aconteceu com a ABL, no seu início, ela também era uma Academia

---

\* Proferidas na sessão do dia 22 de outubro de 2009.

muito pobre, que não tinha sequer onde se reunir e andou perambulando por vários endereços, até se fixar num bonito palacete da Rua da Bahia, que lhe foi doado e onde ela está instalada até hoje.

Senhora e Senhores Acadêmicos: ao longo de muitos anos, e nas 40 Cadeiras da Centenária Academia Mineira, já se sentaram alguns dos mais destacados líderes da política e da inteligência brasileiras, como Tancredo Neves, Aureliano Chaves, Afonso Arinos, Oscar Corrêa, Milton Campos, Pedro Aleixo, Gustavo Capanema e Juscelino Kubitschek.

Certo dia aconteceu ali uma séria discussão sobre o pagamento de um jetom aos acadêmicos que dessem sua presença.

Segundo relata o escritor mineiro Fernando Sabino, durante os debates sobre o aumento desse jetom de 200 para 500 cruzeiros, um acadêmico tomou a palavra e disse:

– Precisamos dar um jeito nisso. Duzentos cruzeiros é uma vergonha. Ou quinhentos cruzeiros, ou nada.

Mas aí foi aparteado por um confrade, bem mais prático e objetivo, que reagiu:

– Pera lá. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Ou quinhentos cruzeiros ou, vá lá que sejam, duzentos mesmo.

Nós, da ABL, temos a felicidade de proclamar que uma das nossas maiores e mais brilhantes bancadas sempre foi – e é – a dos mineiros, entre os quais citei os nomes dos Acadêmicos Silva Melo, Augusto de Lima, Celso Cunha, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Afonso Arinos de Melo Franco, Darcy Ribeiro, Dom Lucas Moreira Neves, Dom Silvério Gomes, Dom Marcos Barbosa, Hélio Lobo, Ivan Lins, João Luiz Alves, Geraldo França de Lima, Guimarães Rosa, Mário Palmério, Oscar Corrêa, Otto Lara Resende, Pedro Lessa, Santos Dumont, Antônio Olinto, Sábato Magaldi, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho e Afonso Arinos de Melo Franco Filho, aqui presente (palmas).

Todos esses mineiros foram e são admiráveis e grandes Acadêmicos, que muito nos dignificam, muito nos honram e muito nos orgulham.

## I ENCONTRO DE ESCRITORAS BRASILEIRAS

*Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado\**

De 14 a 16 de outubro estive representando a ABL no primeiro “Encontro de Escritoras Brasileiras”, em Nova York. Na verdade, reunia professores e professoras de universidades brasileiras e estrangeiras, bem como escritores e escritoras. Mas tenho a impressão de que o plural no feminino se prende à tendência cada vez mais forte nos meios acadêmicos norte-americanos (e alhures, infelizmente) para que se substituam os estudos literários pelos chamados “estudos culturais” e suas subdivisões, focalizando classe, gênero, etnia e pós-colonialismo de preferência à análise de aspectos mais exatamente literários e nascidos do próprio texto. Assim, talvez se tenha considerado que um encontro com esse foco no feminino teria mais condições de conseguir apoio e participação variada, dos diferentes departamentos de universidades locais que se ocupam primordialmente da literatura brasileira, como algo não necessariamente entendido como parte integrante da latino-americana. Provavelmente deu certo. De qualquer modo, embora uma das organizações patrocinadoras do evento tenha sido a REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras – uma das marcas muito fortes da alta qualidade da programação se deveu ao padrão acadêmico que caracteriza a BRASA – *Brazilian Studies Association* – entidade que congrega os brasilianistas de diferentes áreas em atividade nos Estados Unidos e que coorganizou o encontro. Mas havia também especialistas vindos de outros países, como a Noruega, a Inglaterra e a Itália. Todos contribuíram para o ótimo nível geral das comunicações.

---

\* Proferidas na sessão do dia 22 de outubro de 2009.

Além dessas duas instituições, também o *Brazilian Endowment for the Arts*, do professor Domício Coutinho, colaborou para o projeto, oferecendo o recinto (a sala Nelson Pereira dos Santos) e a infraestrutura para as sessões regulares do encontro, iniciado no auditório da *New York Film Academy*. O evento também contou com o apoio do Consulado-Geral do Brasil em Nova York, na pessoa do Embaixador Osmar Chohfi e do Vice-Consul Dano Campos.

Em deferência à Academia Brasileira de Letras, eu fiz a conferência de abertura, sendo antes generosamente apresentada pela professora Renata Wasserman, da *Wayne University*, que fez uma apreciação desvanecedora sobre minha obra de ficcionista. Em seguida, várias palestras se sucederam durante três longas jornadas. A primeira focalizou principalmente o papel pioneiro e admirável da potiguar Nísia Floresta. A segunda se ocupou principalmente de Cecília Meireles. A terceira analisou detidamente a obra de Clarice Lispector. Houve ainda algumas mesas-redondas debatendo temas específicos. Por exemplo, as contistas brasileiras ou as novas tendências da nossa ficção feminina. Uma delas foi particularmente interessante, sobre questões de tradução literária do português para o inglês. Algumas dessas questões eram bem concretas, como os efeitos de se traduzir um pronome “ela” (referindo-se a um personagem de *O Quarto Fechado* de Lya Luft) como “he” em vez de “she”, pois no final se revela que esse “ela” é a Morte – e em inglês *Death* é masculino, se não for neutro. Outras, muito sutis – como as dificuldades de mostrar os matizes de diferença em significação entre o nosso uso do imperfeito e o do pretérito perfeito, numa língua que dispõe de apenas uma construção simples para o passado. Ou a perda de nuances conotativas na preferência pelo emprego do gerúndio ou do infinito em português, quando a tradução obrigatória das duas construções em inglês se limita ao gerúndio. Ou as múltiplas reverberações do fato de que, em inglês, o possessivo concorda com o possuidor e, em português, com a coisa possuída. Em todas essas questões, a mesa-redonda foi abrilhantada pela magnífica participação de Gregory Rabassa, o decano da área, ex-professor de muitos dos presentes, com sua inteligência, sua finura de espírito, e a rapidez de seu senso de humor. Aliás, ele fez questão de mandar lembranças para seu editor brasileiro, nosso confrade Eduardo Portella, e de recordar que seu primeiro livro publicado entre nós – *O Negro na Ficção Brasileira*, em 1965 – foi traduzido por mim, na ocasião ainda Ana Maria Martins.

Aproveitando a viagem, participei ainda de outras atividades culturais, na área de Chicago. Em St. Charles Illinois, fiz uma conferência na “Oitava Conferência Regional do *United States Board on Books for the Youth*”, numa sessão em que falamos eu e Katherine Paterson, a norte-americana também ganhadora do prêmio Hans Christian Andersen, excelente escritora, com quem é sempre um prazer participar em qualquer atividade intelectual. Também com prazer, ao lado do escritor Bernardo de Carvalho, fiz palestras e debates sobre meus romances, para públicos de estudantes e professores das universidades *Northwestern* e de Chicago, por iniciativa do Cônsul-Geral na cidade, Embaixador João Almino. Aliás, na *Northwestern University*, um detalhe merece registro. O diretor da biblioteca orgulhosamente chamou a atenção para o fato de que eles dispõem da maior e mais significativa coleção do mundo de obras sobre a África, incluindo uma importante seção de literatura africano-brasileira. Indagado sobre os critérios para encaixar as nossas obras como merecedoras de ir para essa categoria, não consegui explicar se era por autodeclaração, cor da pele do autor, foto do escritor, assunto africano, personagem ligado ao tema ou o que seria. Diante de uma certa insistência, acabou revelando que eles dispõem da colaboração de uma grande especialista em S. Paulo, que compra os livros e os remete. Quando eu quis saber se essa parceria fazia parte de convênio com alguma universidade, e nesse caso qual seria, de início foi evasivo. Mas por fim confessou que se trata da representante comercial de uma distribuidora de livros, que tem mais facilidade para enviá-los ao exterior. Quem quiser saber que livros são esses escolhidos, pode entrar no site da biblioteca da *Northwestern*. E como registro para futuros interessados, deixo essa informação em plenário e em nossos *Anais*.

## ALCÂNTARA MACHADO

*Estudo do Acadêmico Ivan Junqueira\**

Ocupante da Cadeira a que pertencço durante o período de 1931 a 1941, José de Alcântara Machado nasceu em Piracicaba (SP) a 19 de outubro de 1875 e faleceu na capital paulista a 1 de abril de 1941. Diplomado em Direito em 1893, foi jurista, biógrafo, poeta, cronista, parlamentar e, sobretudo, historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Paulista de Letras. Constam de sua bibliografia, além de importantes obras jurídicas, a biografia de *Brasílio Machado: 1848-1919*, publicada em 1937, e as *Alocuções Acadêmicas*, de 1941. Mas sua grande contribuição às nossas letras foi, sem dúvida, *Vida e Morte do Bandeirante*, cujo estilo e cujos pressupostos são antes cautelosos e tradicionalistas do que propriamente revolucionários. E, não obstante, pode-se dele dizer que foi, até certo ponto e em certo sentido, exatamente isto: revolucionário. Provam-no, de forma cabal, dois textos distanciados no tempo: os das introduções que lhe escreveram Sérgio Milliet e, mais recentemente, Laura de Mello e Souza. O primeiro observa: “Numa época em que mergulhávamos nas preocupações eruditas, numa época em que os estudos de sociologia não passaram de divagações filosófico-literárias, sobretudo na parte que diz respeito ao condicionamento pelo grupo, à influência determinante dos fatores econômicos e sociais, Alcântara Machado teve a noção muito clara de que o indivíduo é, em última análise, apenas um aspecto subjetivo da cultura.” E em sua obra diz o próprio Alcântara Machado: “Não é frívola a curiosidade que nos leva a inquirir onde moravam os nossos maiores, a maneira por que se

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 22 de outubro de 2009.

alimentavam e vestiam, de que tiravam os meios de subsistência, a concepção que tinham do destino humano. Tudo isso facilita o entendimento do que fizeram ou deixaram de fazer. Só depois de frequentá-los na intimidade e situá-los no cenário em que se moveram, estaremos habilitados a compreender-lhes as atitudes.” É bem de ver, Senhores Acadêmicos, que outra não seria a orientação triunfante de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, quatro anos mais tarde. Pode-se dizer assim que, com a publicação de *Vida e Morte do Bandeirante*, em 1929, iniciava-se o estudo da história social do Brasil graças à análise direta e objetiva dos documentos de ordem cultural, no sentido mais amplo e sociológico da palavra, relativos a um dos períodos mais apaixonantes de nossa história: o bandeirismo.

Se já é agudo e premonitório o texto de Sérgio Milliet, mais fundo ainda mergulha o estudo introdutório de Laura de Mello e Souza, que nos pergunta logo às primeiras páginas de sua sagaz abordagem: “Fomos nós, historiadores dos anos 80 e 90, que inventamos *Vida e Morte do Bandeirante*, ou foi esta obra que nos inventou?” O que mais intriga no livrinho de Alcântara Machado, que lhe trouxe imediato prestígio nacional e levou-o a esta Academia, é sua atualidade e seu caráter inovador, já que o autor é um intelectual à moda antiga e figura afinada com a oligarquia de seu estado. Mas esse apego aos valores tradicionais não comprometeu a obra de Alcântara Machado, servindo-lhe antes de estímulo e nutriente, pois seu intuito não é “louvar as elites, às quais pertence, mas compreender a história de São Paulo para melhor compreender a História do Brasil – e, nisto, reside sua feição inequívoca de historiador”. Quase nada em *Vida e Morte do Bandeirante*, pondera Laura de Mello e Souza, lembra o “bandeirismo monumental”, mas sim o cotidiano, “carregado de sustos e incertezas”; não se vê ali a história paulista como um “rosário contínuo de epopeias maravilhosas”, mas, ao contrário, os aspectos mais pedestres da vida no sertão; e a São Paulo de Alcântara Machado “não é opulenta, mas pobre e acanhada, pois as referências sobre o cotidiano, que colhe nos documentos, destroem pragmaticamente as mistificações ideológicas inauguradas pelos linhagistas”.

Assim como Sérgio Milliet, também Laura de Mello e Souza sublinha a precedência do método historiográfico de Alcântara Machado, afirmando que sem ele, além de Capistrano de Abreu e Paulo Prado, seria difícil conceber *Casa*

*Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos* ou *Açúcar*. É que o autor de *Vida e Morte do Bandeirante* inaugura entre nós “o uso pioneiro e inovador dos inventários e testamentos paulistas”, da mesma forma que Gilberto Freyre o faria com relação aos anúncios de jornais, livros de receitas, diários familiares e toda sorte de documentos menores. Outra particularidade crucial da obra de Alcântara Machado é que nela não pretendeu o autor “explicar o Brasil, mas uma de suas capitânicas, aliás uma das mais afastadas dos centros de poder colonial: São Paulo”. E, ao fazê-lo - quem nos-los diz é ainda Laura de Mello e Souza -, “acabou trazendo novos elementos para se compreender o país: como quase sempre acontece com as análises particularizantes bem-sucedidas, elas acabam sendo básicas para a compreensão dos aspectos mais gerais”. Diz em seguida a autora que o que nos surpreende em *Vida e morte do bandeirante* “é a modernidade na escolha do objeto e das fontes, a dissolução das personagens no destino comum da capitania, a valorização de temas até então desconsiderados, uma sensibilidade histórica que, apesar de certos preconceitos, é nossa contemporânea, e que vasculha o nexo das estruturas por detrás de fenômenos aparentemente insignificantes”. E chega mesmo a vaticinar: “Vejo *Vida e Morte do Bandeirante* como a primeira obra da historiografia contemporânea.” Lamente-se aqui, portanto, que, publicado em 1929, o livro de Alcântara Machado, apesar da imediata repercussão nacional que alcançou, foi logo depois mergulhando numa espécie de semi-esquecimento, sendo poucos, ou muito poucos, os que dele ainda hoje se lembram.

Pai do ficcionista Antônio de Alcântara Machado, prematuramente falecido e muito celebrado pelos modernistas graças aos volumes de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China*, Alcântara Machado nos deixou uma obra solitária e pioneira a propósito da qual sublinha Sérgio Milliet: “Estilo e linguagem que se podem rotular de clássicos pelo funcionamento da expressão, pela simplicidade da imagem e o pudor da eloquência. E pelas mesmas razões antirromânticas, antibarrocas, modernas integralmente. Ao contrário dos que imaginam escrever bem porque imitam a sintaxe quinhentista e enchem sua literatura de arcaísmos, Alcântara Machado despe a dele de toda indumentária inútil.” Ao meditarmos sobre esse estilo, nunca será demais repetir aqui a antiga lição do velho Boileau, como o faz Milliet ao final de seu estudo: “*Ce que l'on pense bien s'énonce clairement. / Et les mots pour le dire arrivent aisément.*” Como também nunca será

demais, em se tratando de alguém que nasceu em Piracicaba, lembrar aqui sua inesquecível e emocionada profissão de fé paulista no discurso de posse em que fez o elogio de Silva Ramos:

Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembleias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo, em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações de agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.

## SESSÃO DO DIA 29 DE OUTUBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 22 de outubro, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico João de Scantimburgo, que aniversaria no dia 31 do corrente. Deu notícias do estado de saúde daquele confrade, que se encontra inconsciente, mas o coração está firme. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Ivan Junqueira, que aniversaria no próximo dia 3 de novembro. Comunicou que a ABL recebeu do Consulado da Argentina o *Boletín de la Academia Argentina de Letras* para serem encaminhados à Biblioteca Rodolfo Garcia. Entregou também o livro *Brazil Imagined – 1500 to the Presente*, da brasilianista americana Darlene J. Sadlier.
- O Acadêmico Ivan Junqueira lembrou que a escritora Darlene J. Sadlier foi a vencedora do concurso de monografias do Itamaraty, que este ano contemplou a obra de Graciliano Ramos.

- A Acadêmica Ana Maria Machado acrescentou que no “Encontro de Escritoras Brasileiras”, em Nova Iorque, a professora Darlene J. Sadlier apresentou um belo trabalho sobre Cecília Meireles.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que o interesse de Darlene J. Sadlier por Graciliano Ramos começou a partir do filme *Vidas Secas*. Deu notícias da “23.ª Jornada Literária de Passo Fundo”, onde participou junto com os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin, Luiz Paulo Horta, Murilo Melo Filho e Moacyr Scliar. Salientou o esforço e a dedicação da Professora Tânia Rösing para a realização dessa jornada, que tem ocorrido sempre com a participação de um grande número de escritores, estudiosos e também de um público que vem de todo Brasil.
- O Acadêmico Antônio Carlos Secchin ressaltou que a “Jornada Literária de Passo Fundo” constitui, hoje, o maior evento do gênero no país. Inteiramente consolidado e atraindo alunos, estudiosos, professores e escritores e, pela terceira vez, essa jornada abre um generoso espaço para a ABL com a série “Revisitando os Clássicos”. As palestras ocorrem no auditório da Faculdade de Odontologia, com um público em torno de duzentas pessoas. Disse ter colhido os ecos das apresentações anteriores que foram feitas pelos Acadêmicos Cícero Sandroni, sobre Euclides da Cunha, e Luiz Paulo Horta, sobre Vila-Lobos. Contou a mesa, também, com a participação da escritora Laura Sandroni, que apresentou uma síntese da história da literatura infanto-juvenil, no âmbito da Academia Brasileira de Letras. Finalizando, sugeriu que a ABL enviasse, em nome da Diretoria, um telegrama de agradecimento à organização do evento pela maneira tão fidalga e elegante com que foram recebidos em Passo Fundo.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antônio Carlos Secchin e comunicou que, no dia 19 do corrente, os Acadêmicos Ivan Junqueira e Affonso Arinos de Mello Franco se dirigiram à Fazenda de Cabangu, Minas Gerais, onde receberam a Medalha Santos Dumont. O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco foi o orador da cerimônia.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco acrescentou que o evento contou com a presidência do chefe do Executivo mineiro, que era na ocasião

o Vice-Governador Antônio Anastasia, e com a presença do Presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e do Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, portanto, a cúpula dos três poderes de Minas Gerais estava presente.

- O Presidente Cícero Sandroni entregou aos Acadêmicos a Medalha comemorativa do Centenário da Morte de Euclides da Cunha para lembrar o ano de 1909. Pediu que cada Acadêmico indicasse duas pessoas merecedoras da referida láurea. Trata-se da lembrança de um ano em que a ABL cultuou a memória de um grande brasileiro. Distribuiu o livro coeditado pela ABL e a Academia Chilena de la Lengua, de dois em dois anos. Este ano foram escolhidos os poetas *Nicanor Parra & Vinicius de Moraes*, traduzidos, respectivamente, por Carlos Nejar e Maximino Fernández. Informou ao Plenário que a ABL comprou da Senhora Ilona Káldy de Miranda a obra *Oeuvres Complètes de Voltaire*, em 91 volumes, publicados em 1785 e editados pela *L'Imprimerie de La Société Littéraire-Typographique*.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a propósito das edições de Voltaire, disse que essa publicação é um tesouro, o que deve ser confirmado pelo Acadêmico José Mindlin. Ressaltou que a grande edição de Voltaire durante sua vida é a chamada Edição Cramer, publicada em Genebra, em 1785. Houve uma série de outras edições das obras completas depois de sua morte, das quais a mais conhecida é a Edição Kehl, em 70 volumes, e que se estende de 1784 a 1789. Declarou ter encontrado uma referência dessa edição de 1785, em 91 volumes, e ressaltou a importância dessa aquisição.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que seria oportuno ter uma lista das outras obras que a Senhora Ilona Káldy de Miranda está vendendo.
- O Presidente Cícero Sandroni, a propósito da coedição da ABL com a Academia Chilena de la Lengua, disse que, conversando com os responsáveis pela Embaixada do Brasil no Chile, perguntaram-lhe se existe participação do Governo do Estado nessa coedição. O Presidente esclareceu que a ABL entra com a maior parte dos recursos, mas que seria interessante se o Ministério da Cultura despertasse para a importância desse diálogo da literatura brasileira com os países da América do Sul.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, coeditado pela Embaixada do Brasil em Montevideú. Trata-se da reedição fac-similar da primeira tradução feita de uma obra de Machado de Assis, realizada em 1902 por Julio Piquet, publicada inicialmente no jornal *La Razon*. O livro traz um prefácio explicativo com a história da edição e análise da obra de Machado de Assis escrita por Pablo Rocca e também um sumário da recepção que esta obra teve no Uruguai, no início do século passado.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça pediu licença para representar a Academia numa posse da Academia Nacional de Engenharia e convidou a todos para o lançamento da fotobiografia *Marcos Vinícios Vilaça – Singular e Plural*, que a Casa da Palavra editou a seu respeito, dia 9 de novembro, às 19h, na Livraria Argumento.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça uma publicação da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, que é a conferência de Euclides da Cunha *Castro Alves e seu Tempo*. Esta conferência foi pronunciada em São Paulo, em 2 de dezembro de 1907, e publicada na ocasião pela Imprensa Nacional. Em 1917, o Grêmio Euclides da Cunha publicou outra edição. Desde então, essa conferência não tinha publicação autônoma. É um trabalho muito bem feito, que discute também o problema da cidade de São Paulo nesta época e a repercussão da conferência. O volume é organizado pelo Dr. Cássio Schubsky, que já tinha preparado anteriormente, pela Editora Lettera, um volume sobre Santiago Dantas e que ano passado lançou na Academia o livro *Machado Doutor*. Em 1907, quando o Centro Acadêmico Onze de Agosto convidou Euclides da Cunha para realizar a conferência sobre Castro Alves, havia a ideia de fazer uma herma em homenagem ao poeta, como já existia uma de Álvares de Azevedo. Essa iniciativa nunca prosperou e parece que, agora, com os recursos desse livro, será feita a homenagem.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho por esse importante livro de Euclides da Cunha, que enriquecerá a Biblioteca da ABL. Convidou a todos para o almoço amanhã, dia 30 de

outubro, oferecido aos Acadêmicos pelo Corpo de Fuzileiros Navais. Lembrou a mesa-redonda em torno dos 50 anos da publicação do livro *Formação Econômica do Brasil*, do Acadêmico Celso Furtado, hoje, dia 29 de outubro às 17h 30min. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

## SESSÃO DO DIA 05 DE NOVEMBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nélide Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 29 de outubro, que foi aprovada. Comunicou inicialmente que o Presidente Cícero Sandroni e os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Carlos Nejar se encontram no Chile para o lançamento da edição bilingue da antologia poética de Nicanor Parra e Vinícius de Moraes. Trata-se de uma edição da ABL e da Academia Chilena de la Lengua, que ocorre de dois em dois anos. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que aniversaria no próximo dia 11. Pediu também uma salva de palmas para o Acadêmico Moacyr Scliar, que, além de receber o Prêmio Jabuti de melhor romance deste ano, o que ocorre pela quarta vez, realizou a proeza de receber também o Prêmio Jabuti para Ficção de 2008, por seu livro *Manual da Paixão Solitária*. Comunicou, também, como todo ano ocorre, ter recebido uma carta do Presidente do Comitê do Prêmio Nobel para que a Academia, se assim o desejar, in-

dique um concorrente a essa láurea. As inscrições estão abertas até o dia 31 de janeiro de 2010. Disse que prefere aguardar a volta do Presidente Cícero Sandroni para que, se for o caso, a Academia tome uma posição. Informou ainda que o Acadêmico José Murilo de Carvalho, que se encontra na Espanha, iniciou no dia 29 de outubro uma série de palestras, organizadas pela Fundação Cultural Hispano-Brasileira. A primeira foi na Universidade de Alcalá-Henares. No próximo dia 12, falará na Universidade de Salamanca, no dia 3 de dezembro, na Universidade de Valladolid e nos dias 12, 19 e 26 de janeiro e 2 de fevereiro de 2010, na Fundação Ortega y Gasset. A programação ainda não está completa. Falta agendar as palestras nas Universidades de Santiago de Compostela e Sevilha. A seguir, declarou que a Academia Brasileira de Letras, com grande tristeza, se associa às manifestações de pesar pelo falecimento de Dom Francisco Ayala, aos 103 anos de idade, e também do antropólogo Claude Lévi-Strauss, aos 100 anos. Tem conhecimento de que alguns Acadêmicos gostariam de fazer uso da palavra, mas quer ainda, no expediente, passar a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse ter chegado hoje de Nova York, onde esteve com o Acadêmico Ivo Pitanguy participando de um Seminário sobre o Brasil do Futuro na Universidade de Columbia. Relatou um fato que considerou extraordinário, ocorrido depois da palestra do Acadêmico Ivo Pitanguy. Um professor daquela Universidade propôs o nome do Prof. Ivo Pitanguy para o Prêmio Nobel de Medicina. Houve uma receptividade muito grande do plenário a essa indicação, onde havia mais de cem espectadores. Prosseguindo, apresentou uma proposta para que a Diretoria examine a possibilidade de conceder a Medalha João Ribeiro ao Dr. Ruy Altenfelder da Silva, que preside o Centro de Integração Empresa Escola no Brasil e também é o presidente do Instituto de Altos Estudos da FIESP, em São Paulo. Como há uma burocracia, acredita que, feita a indicação, cabe à Diretoria aceitar ou não e trazer depois ao plenário para a aprovação. Apresentou formalmente esta indicação, dando as razões num texto que se exime de ler.
- O Acadêmico Ivan Junqueira, no exercício da presidência, comunicou que, quanto à proposta da Medalha João Ribeiro, esta seguirá os trâmites legais

da Casa. Quanto à indicação do Acadêmico Ivo Pitanguy para o Prêmio Nobel de Medicina, considera-a absolutamente justa.

- O Acadêmico Moacyr Scliar disse ter sido muito importante esta comunicação do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre a indicação do Dr. Ivo Pitanguy, ocorrida na Universidade de Columbia, para o Prêmio Nobel de Medicina. Considera que, para impulsionar essa candidatura, é muito importante que a Academia Nacional de Medicina se manifeste sobre o assunto. Acredita que caberia alguma comunicação à Academia Nacional de Medicina para que eles tomassem conhecimento desta primeira indicação.
- O Acadêmico Murilo Mello Filho prestou contas da sua participação, como também as dos Acadêmicos Moacyr Scliar e Arnaldo Niskier, por ele representado, na “13.ª Jornada Nacional de Literatura”, promovida pela Universidade de Passo Fundo e pela Professora Tânia Rösing.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre a participação dele e dos demais Acadêmicos em Passo Fundo. Passou a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin congratulou-se em nome de toda a Academia pela premiação ao Acadêmico Moacyr Scliar e disse que também, no campo da não ficção, a vencedora foi a Professora Marisa Lajolo, com um ensaio sobre Monteiro Lobato. Lembrou que Marisa Lajolo, mais de uma vez, colaborou nas atividades da Academia. Acrescentou, como o Presidente já se manifestou no início da sessão, apenas seus cumprimentos ao Acadêmico Moacyr Scliar por essa grande vitória. Mais um nessa coleção de Jabutis que os Acadêmicos estão amealhando em grande quantidade para a alegria da Casa.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que Claude Lévi-Strauss faleceu na manhã de domingo passado. As repercussões e as análises críticas já estão aí. Lembrou como, a partir da analogia crítica da força desse pensamento no século XX com a força do pensamento darwinista no século XIX,

ou seja, a proporção que a pesquisa se desenvolve e dentro dela, se consegue uma outra visão de mundo, a visão do estruturalismo tão importante no século XX para retomar os problemas da linguagem do ver o mundo e, sobretudo, da retomada completa da Antropologia Estrutural. O que o Pacífico fez com Darwin o Brasil fez com Lévi-Strauss, a partir da descoberta, algumas vezes em viagens absolutamente exploratórias, como com os nhambiquaras e bororos. Lévi-Strauss não gostava da Baía de Guanabara e se entendia cada vez mais com São Paulo, vivendo com aquele grupo que criou praticamente a USP e, dentro dela, essa visão profundamente multidisciplinar apoiada nas ciências sociais para o entendimento, do que se dizia, era o índio o atrasado, mas, claramente e cada vez mais, o nosso arcano. Acha que a grande vida e a riqueza de Lévi-Strauss foi a de ter desenvolvido o pensamento admirável de Roman Jakobson e, através da linguagem do mito do inconsciente coletivo, ter realizado a tarefa da visão do estruturalismo como modo de inserção na realidade e sua compreensão. Disse que Lévi-Strauss foi duas vezes reprovado na Sorbonne, pela força da sua tese e pela absoluta novidade que representava aquela situação quando ele voltou a Paris. Seu primeiro sucesso foi um livro de grande temática e de grande estilo, *Tristes Trópicos*, fundamental para o Brasil e que representa como temática a descoberta dos nhambiquaras, permitindo-lhe que, na sucessão de um trabalho único, chegasse à *Antropologia Estrutural* e, sobretudo, ao mais importante de todos os seus livros, que é *O Pensamento Selvagem*. Lembrou ter tido oportunidade de fazer duas visitas a Lévi-Strauss e, pela presidência da época, de ser o portador das Palmas Acadêmicas concedidas àquele intelectual. Passou aos confrades o registro do momento da entrega dessa comenda. Recordou que Lévi-Strauss, na época, lhe disse que o Brasil era sua segunda pátria. Teve a oportunidade de sentir a nitidez do seu pensamento e, mais ainda, o que é tão raro, a lucidez absoluta com 101 anos de idade. Considera muito difícil que se possa chegar a essa conjugação. Essa capacidade da inteligência na mensagem do humanismo, em que ele mantinha os dois circuitos ao mesmo tempo, o da memória e o cognitivo. Não tinha apenas a memória do arcano, lembrava-se do que tinha acontecido na véspera e estava continuando no seu laboratório de antropologia, que mantinha na Sorbonne, o estudo sobre o inconsciente coletivo e a maneira pela qual ele podia se compor com o es-

truturalismo. Passou diretamente ao Presidente o registro fotográfico desse encontro com Lévi-Strauss.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre Claude Lévi-Strauss. Teve a oportunidade de conhecê-lo em 2005, quando uma delegação de Acadêmicos, da qual faziam parte Candido Mendes, José Sarney, Sergio Paulo Rouanet, Eduardo Portella e ele próprio, foram a Paris para uma sessão conjunta com a *Académie Française*. Lembrou que Claude Lévi-Strauss foi um dos primeiros a chegar para aquela reunião conjunta memorável.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet secundou as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Informou que passou o dia inteiro de ontem numa reunião, patrocinada pela UNESCO, no Rio de Janeiro, basicamente de antropólogos em que a figura mais proeminente era o antropólogo Mark Rouge. Essa reunião transcorreu sob o signo de Claude Lévi-Strauss. Todos mencionaram a falta que o antropólogo faz, a importância que ele teve, as digitais que ele deixou no curso do pensamento antropológico brasileiro. Mencionou-se *Os Tristes Trópicos* como um livro estranho, híbrido, que está no limiar do diário e da reflexão filosófica e também do diário de campo, foi um livro fundamental para a antropologia em geral e para o Brasil de uma maneira particular. Na ocasião do encontro da ABL com a *Académie Française* perguntou a Claude Lévi-Strauss, na época era o ano Sartre, o que ele achava do fato de Sartre não haver respondido à polêmica muito grande que Claude Lévi-Strauss desencadeou contra ele no final do livro *La Pensée Sauvage*. Os que leram este livro sabem que, neste final, houve uma crítica amigável, mas bastante severa contra o conceito de diacronia. Era uma época historicista, tudo passava pela historização do real e qualquer tentativa de olhar as coisas numa perspectiva a-histórica era vista como algo de politicamente suspeito. Neste momento Claude Lévi-Strauss escolheu, recorrendo ao conceito de sincronia e de diacronia, essa dicotomia introduzida pela linguística saussuriana, reafirmando que tinha chegado o momento de substituir a diacronia, como conceito chave, pela sincronia como rede de simultaneidades estruturais. Talvez tenha sido o ponto inicial do período estruturalista, que teve mil ramificações desde a crítica literária até a psicanálise lacaniana. Outro

livro importante que foi mencionado nesta reunião foi *As Regras Elementares do Parentesco*, em que Claude Lévi-Strauss deu uma contribuição fundamental, o “ovo de Colombo”, já que até aquele momento a questão do incesto era visto na perspectiva de uma interdição, algo que proibia determinadas relações conjugais entre determinadas pessoas e outras tantas pessoas. Claude Lévi-Strauss deu uma guinada fundamental na questão do incesto, que é o único universal de todas as culturas humanas: a proibição do incesto. Claude Lévi-Strauss, em vez de olhar sob o prisma da proibição, olhou do ponto de vista positivo da circulação, era aquela instituição cultural que estava no ponto de articulação da natureza com a cultura, aquela instituição cultural fundamental que liberava as mulheres para circularem socialmente. A intenção não era proibitiva nem de coibir certos tipos de relacionamentos conjugais; ao contrário, permitia a isogamia e com isso permitia que as diversas culturas humanas se destribilizassem no sentido de viverem de uma maneira autárquica. A questão do inconsciente estrutural, mencionado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida, é uma questão fundamental e não é por acidente que o termo inconsciente é usado no mesmo sentido que o freudiano. Sabe-se que Claude Lévi-Strauss tinha três sistemas de pensamento que ele admirava: o Freudismo, o Marxismo e a Geologia. O inconsciente de Strauss era o não consciente, o não sabido, que fazia com que determinadas regras, por exemplo, as regras elementares do parentesco, fossem seguidas sem que as pessoas soubessem por que estavam seguindo. Finalizando, contou uma história de um antropólogo formado por Claude Lévi-Strauss que foi fazer um estudo de campo em algumas aldeias africanas, para saber quais eram as uniões conjugais lícitas e quais eram as ilícitas. Era incesto ou não era incesto. Quando chegou numa aldeia africana fez essa pergunta a um informante: se tratava de incesto ou não? O informante pediu dez minutos e, quando voltou, disse que era incesto. O antropólogo perguntou qual a fonte que ele foi buscar para lhe responder sobre o assunto, e ele respondeu: fui consultar o meu Claude Lévi-Strauss.

- O Presidente em exercício agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. A Acadêmica Ana Maria Machado sente-se agradecida à obra de Claude Lévi-Strauss. Salientou que ter lido sua obra no final dos anos 60 e começo

dos 70 foi uma iluminação e uma revelação que permitiu ter um caminho intelectual completamente diferente do que estava se apontando de certo modo na sua geração, que era muito especializada. Depois do contato com Claude Lévi-Strauss sentiu-se muito livre para, ao mesmo tempo, escrever para crianças e fazer uma tese sofisticadíssima de linguística estrutural sobre a obra de Guimarães Rosa. Finalizando, ressaltou que pode, ao mesmo tempo, lidar com a narrativa oral e a narrativa escrita, com a herança de Saussure e as achegas de Jakobson, com os conceitos de inconsciente diretos do freudismo, mas também sendo capazes de incorporar, com dúvidas e diálogos, toda ideia do inconsciente coletivo de arquétipos e tudo mais que estava nas mitologias. Trazer a música, trazer observações gastronômicas, culinárias, o que é exatamente na antropologia do cru e do cozido, da dança e etc. Esse mundo do pensamento tão forte, sem fronteiras, que encontrou na obra de Claude Lévi-Strauss marcou-a muito e para sempre.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu à Acadêmica Ana Maria Machado e perguntou se mais alguém gostaria de se manifestar.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que, a respeito de Claude Lévi-Strauss, deixa uma pequena nota de pé de página da relação dele com o Brasil. Recordou que Lévi-Strauss era professor de um liceu na França, e aceitou o convite do Professor George Dumas para lecionar na Universidade de São Paulo. Foi nessa época, em 1935, que fez a expedição aos nhambiquaras, antecipada por Roquette-Pinto que os descobrira em 1912 e publicara a respeito *Rondônia*, em 1916. Declarou que Castro Farias, que acompanhou Lévi-Strauss como representante do Governo brasileiro no livro *Um Outro Olhar* afirma que *Rondônia* foi o livro de cabeceira dessa expedição de Lévi-Strauss. Quando se lê *Tristes Trópicos* vê-se que Lévi-Strauss chamava aquele livro *Le livre de chevet*, de modo que quando se fala em Lévi-Strauss, Roquette Pinto, que é nosso confrade, grande cientista e humanista, deve também ser lembrado.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu a lembrança feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho a essa contribuição extraor-

dinária de Roquette-Pinto porque *Rondônia*, reeditado pela ABL exatamente por iniciativa do Acadêmico Alberto Venancio Filho, é uma contribuição fundamental à etnografia e, de certo modo, à história da antropologia brasileira.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que a ABL foi até Claude Lévi-Strauss em Paris, por iniciativa do saudoso Secretário-Perpétuo da *Académie Française*, Maurice Druon. Estiveram presentes numa sessão solene em que foi criado o Prêmio da Latinidade, entregue na época, ao escritor Carlos Fuentes. Na ocasião, a figura mais notável que lá se encontrava, naquele ambiente solene e respeitoso, era Claude Lévi-Strauss. Ele manteve um diálogo com Sergio Corrêa da Costa cujo teor, a distância, não pode acompanhar, mas era algum assunto que estava interessando a Claude Lévi-Strauss e que o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa levava ao conhecimento e ao debate do antropólogo, na lucidez de seus 90 anos. Era uma comitiva grande de Acadêmicos do Rio de Janeiro, e foi um momento em que as duas Academias reunidas tinham na mesa principal Claude Lévi-Strauss e o Secretário Perpétuo Maurice Druon.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, lembrou que em 2005 houve uma reunião na casa de Claude Lévi-Strauss, e salientou que ele foi não apenas um dos primeiros a chegar à sessão conjunta das duas Academias como foi também um dos últimos a sair depois de terminado o coquetel que se seguiu em homenagem à Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos discorreu sobre Claude Lévi-Strauss. Lembrou a época em que o antropólogo esteve no Rio de Janeiro, acrescentando que realizou filme inspirado na sua obra, o que lhe trouxe tanta coisa boa, além de receber o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Paris X - Nanterre. No Capítulo das Efemérides, falou sobre Dinah Silveira de Queiroz, a quem lembrou ao longo de sua carreira literária de 44 anos, tempo em que transitou por um grande número de gêneros literários. Assinalou que Dinah escreveu romance psicológico, romance histórico, conto, biografia, literatura infantil e juvenil, ficção científica, jornalismo literário, teatro, pesquisa literária, crônica jornalística e radiofônica, entre outras. Mas o romance foi o campo por excelência da criatividade artística

dessa escritora brasileira. Nesse gênero realizou plenamente o ideal de artista da palavra, cultivando um soberbo estilo na língua portuguesa, que soube reconhecidamente manejar com profundidade, riqueza, variedade, correção e limpidez. Lembrou a sua estreia nas letras em 1939, com o romance *Floradas na Serra*, grande sucesso até hoje. Em 1950 publicou *Margarida La Rocque* e, em 1954, a *Muralba*, romance histórico. Na literatura infantil escreveu *As Aventuras do Homme Végetal*, em 1960, e, na literatura juvenil, *Era Uma Vez Uma Princesa*, uma biografia da Princesa Isabel. Quando se encontrava em Moscou, Dinah escreveu *Os Invasores*, um texto sobre a misteriosa morte do corsário francês Duclerc. Na área da ficção científica publicou, no mesmo ano, *Eles Herdarão a Terra*, ao qual se seguiu, em 1968 *Vérão dos Infiéis*. Em 1982, quando vivia em Lisboa, produziu seu último romance: *Guida, Caríssima Guida*.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, a propósito das palavras do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, lembrou que, quando era Cônsul Geral no Porto, a Acadêmica Dinah Silveira de Queiroz desempenhava a função de Embaixatriz em Portugal, e gostaria de dar um testemunho da sua extraordinária contribuição para a divulgação da literatura e da cultura brasileira de um modo geral. Dinah Silveira de Queiroz era esposa do Embaixador Dario Castro Alves e, no âmbito da divulgação cultural, teve mais influência e mais importância do que o próprio embaixador. Conviveu estreitamente com ela em Portugal. Prosseguindo, disse que é preciso constar dos *Anais da ABL*, coisa que Nelson esqueceu, o título do seu delicioso filme *Como Era Gostoso o meu Francês*, que é a extraordinária história da indiazinha que degusta por via sentimental e oral o naufrago francês. Um filme absolutamente delicioso e um dos grandes trabalhos que Nelson fez.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, a propósito das palavras do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, declarou saber a origem da ficção científica na obra de Dinah Silveira de Queiroz. Lembrou que, em 1947, Dinah começou a colaborar no jornal *A Manhã*, numa coluna intitulada “O Café da Manhã” e, nessa coluna, ela abriu o seu espaço para jovens escritores então desconhecidos, dois dos quais se tornaram figuras relevantes em nossas letras: Fausto Cunha e Samuel Rawet. E Fausto Cunha tinha uma obsessão pela ficção científica. Vangloriava-se de ter lido milhares de livros de ficção científica, e a

origem da ficção científica na obra de Dinah Silveira de Queiroz vem desses jovens de 20 anos, inteiramente desconhecidos que ela projetou na literatura brasileira, porque era uma figura encantadora e generosa. Dinah merecia ser estudada, porque a curiosidade em sua ficção é que ela se afasta do modelo francês da nossa prosa, especialmente da prosa feminina. Como no caso de Clarice Lispector, as fontes de Dinah Silveira de Queiroz devem ser pesquisadas na literatura inglesa. Considera que, do ponto de vista estético, Dinah Silveira de Queiroz é uma escritora que muito deveria ser estudada. Disse esperar que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva complemente essa sua achega.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva declarou que Dinah Silveira de Queiroz era queridíssima amiga. Conviveu muito com a Acadêmica que era extremamente generosa e uma figura muito importante para aqueles que se iniciavam nas letras. Uma mulher com uma grande sensibilidade e notável capacidade de distribuir afeto. Quanto ao que disse o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos sobre a distância que há entre *Floradas na Serra* e *Margarida La Rocque*, é uma distância não apenas entre o romance de uma jovem que mal chegara aos 20 anos e o romance de uma mulher madura. *Margarida La Rocque* foi o resultado dessa interação com os jovens escritores que cercaram a escritora. Dinah Silveira de Queiroz deve muito em *Margarida La Rocque* a Jones Rocha, que trouxe a atenção da escritora para o tema misterioso, fantasmagórico e beirando o kafkiano.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, lembrou que começou a escrever crítica literária em *Cadernos Brasileiros* a convite de Nélida Piñon, mas depois a revista desapareceu, e ele se ausentou das chamadas folhas, voltando à crítica somente em 1977 em *O Globo*. Fez então uma resenha sobre *Margarida La Rocque*, considerando-a uma obra prima de nossa literatura. Não havia lido ainda *Floradas na Serra* e ficou espantadíssimo com o novo romance da autora, que, em parte, se inspira num relato do Padre André Thévet, que esteve aqui no Brasil acompanhando a expedição francesa comandada por Nicolas Durand de Villegagnon em 1555. Trata-se de uma das maiores fantasmagorias ficcionais que já leu na vida. Na época, Dinah Silveira de Queiroz tomou conhecimento, em Portugal, dessa resenha e lhe escreveu

dizendo que, quando viesse ao Rio de Janeiro, gostaria de conhecê-lo. Foi à sua casa, no Cosme Velho, ocasião em que lhe mostrou os originais do livro *A Rainha Arcaica*, Dinah prometeu-lhe que, quando o livro fosse publicado, escreveria sobre ele. Assim o fez, ainda em Portugal, pelo que é eternamente grato até hoje.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a propósito não de Dinah Silveira de Queiroz, mas sobre Dario Castro Alves, que é um grande colega e amigo também de Alberto da Costa e Silva, lembrou que ele não foi simplesmente um embaixador competente, mas sim uma pessoa admirável, lida, culta e autor de pelo menos um livro sobre Eça de Queirós, *Era Lisboa e Chovia*, e também de um volume sobre gastronomia. O Acadêmico Alberto da Costa e Silva voltou a falar apenas para dizer que ninguém estranhasse o fato de que rapazes jovens podem influenciar escritores maduros. Lembrou a grande influência da Geração de 45 sobre os poetas mais velhos. Assinalou que, sem a geração de 45, e provavelmente Lêdo Ivo não vai se manifestar por modéstia, Carlos Drummond de Andrade não teria escrito *Claro Enigma*, nem Cassiano Ricardo *Um Dia Depois do Outro*, nem Jorge de Lima *Livro de Sonetos*. Foi o grande impulso revigorante da Geração de 45 que operou uma virada nas letras nacionais. Foi assim que Dinah Silveira de Queiroz não esteve sozinha na sua maneira de olhar para os jovens, não apenas para aqueles que estavam começando, mas também para aqueles que traziam novidades e podiam, com as suas novidades, dar lições.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, com relação ao que disse do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, lembrou que Manuel Bandeira lhe telefonava apenas para saber o que ele estava lendo.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, convidou os presentes para a mesa-redonda sobre Diogo Álvares – Caramuru 500 anos. Coordenação: Alberto da Costa e Silva. Conferencistas: Amadeu Rodrigues Torres, Consuelo Pondé de Sena, Francisco Antonio Dória e Joel Rufino dos Santos, às 17h30min, na Sala José de Alencar. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão

## *SESSÃO DO DIA 12 DE NOVEMBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sérgio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 5 de novembro, que foi aprovada. No expediente comunicou ter recebido uma correspondência do Dr. Juarez Ferreira Clemente, Assessor Jurídico da ABL, contendo a minuta de um termo de doação de uma área à Prefeitura do Rio de Janeiro. Parece uma situação bem complicada e talvez kafkiana. A Academia tem hoje um terreno ocupado por uma parte da Rua Uruguaiana e outra pela Rua do Rosário. Esses terrenos eram de propriedade do Livreiro Francisco Alves e foram doados à Academia, já com o recuo declarado necessário pela Prefeitura para o alinhamento das Ruas do Rosário e Uruguaiana, que não foram declarados na época. A partir deste afastamento, o livreiro Francisco Alves construiu o prédio de cinco andares, que ainda está lá e encontra-se vazio, mas a Academia está procurando meios para restaurá-lo e, em seguida, ocupá-lo. Para obter a isenção do Imposto Predial, porque ali está situado o Corredor Cultural, é necessário que

se faça uma obra no prédio e a Academia precisa regularizar esta situação com a doação desse terreno pertencente à Prefeitura há quase uma centena de anos. Isto está muito bem explicado na exposição do Dr. Juarez Ferreira Clemente. No entanto, para que se faça essa doação é necessária aquiescência de dois terços da Diretoria e do plenário. É uma situação que existe de fato, pois dentro desse emaranhado burocrático a Academia precisa doar este terreno que já é de usucapião da Prefeitura há muito tempo. A Secretaria distribuiu este parecer para os Acadêmicos. Ainda no terreno da administração há uma proposta, para o próximo ano, quando for retomada a reforma do Regimento Interno da ABL, no sentido de que seja modificado o Art. 79 que diz: “No espaço da Academia poderão ser instaladas uma Livraria e uma Galeria de Arte”. Acontece que a burocracia do Município exige uma modificação no Regimento para que a venda de livros seja regularizada. O Art. 79 ficaria assim: “A Academia tem uma livraria na sobreloja, com atividade de comércio varejista de livros e no espaço da Academia poderia ser instalada uma Galeria de Arte, que não é comercial.” Isso seria para o próximo ano, quando for retomada a reforma do Regimento. Prosseguindo, lembrou que todos sofreram recentemente com o apagão, que trouxe algumas consequências desagradáveis para a Academia. Disse ter recebido um relatório do Administrador do Patrimônio, Sr. Nilson Cândido de Sousa, informando as consequências da falta de energia (apagão) que ocorreu no país na noite do dia 10 passado: 1 – Elevadores: dois elevadores encontram-se parados em decorrência de um curto circuito que queimou parte da fiação e afetou também as bobinas do painel de controle. 2 – Biblioteca Rodolfo Garcia: todos os quatorze (14) cilindros de gás que compõem o sistema de proteção contra incêndio do acervo da BRG foram deflagrados, o que levou a Brigada de Incêndio do prédio a concluir que o sistema foi ativado e, por consequência, disparado o gás que impregnou toda a Biblioteca, o que levou o Presidente a ordenar o fechamento da mesma por três dias. Disse que a restauração do sistema contra incêndio da Biblioteca vai custar à Academia, no mínimo, R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), fora o conserto dos elevadores.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho sugeriu ao Presidente que, com base num parecer técnico, fossem acionadas a União e a *Light* para recuperar este prejuízo.

- O Presidente disse que pretende fazer exatamente isso.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva acredita que, para ter sido deflagrado o sistema de gás contra incêndio da Biblioteca e acionada a brigada de incêndio, certamente houve um curto circuito e princípio de incêndio.
- O Presidente comunicou que foi também distribuído aos Senhores Acadêmicos uma cópia da carta do jornalista Nelson Coelho da Silva em agradecimento a Medalha João Ribeiro, que lhe foi outorgada. A seguir, congratulou-se com a Academia pela sessão da semana passada, que, embora não estivesse presente, soube que foi uma sessão opulenta do ponto de vista intelectual, ocasião em que foi lembrado o falecimento de Lévi-Strauss. Pela Ata percebeu que realmente perdeu uma bela sessão desta Casa. Parabenizou os que falaram sobre esta grande figura tão ligada ao Brasil.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida entregou aos Acadêmicos o livro *Post-Laicity and Beyond – XX Conference of the Academy of Latinity*, ocorrida no Cairo, de 24 a 27 de outubro de 2009.
- Sobre o assunto manifestaram-se o Presidente Cícero Sandroni e o Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que está encaminhando à Biblioteca Rodolfo Garcia, em nome do autor, o livro de Edson Nery da Fonseca com o expressivo título *Vão-se os Dias e Eu Fico – Memórias e Evocações*. Disse que Edson Nery da Fonseca é pessoa muito conhecida nesta Casa, grande bibliotecário, de cultura, escreveu muito sobre literatura e é o maior conhecedor de Gilberto Freyre que existe neste país, isso se o Acadêmico Marcos Vilaça lhe permite. Escreveu sobre vários Acadêmicos, como Manuel Bandeira e Álvaro Lins, de quem ele foi aluno no Ginásio Pernambucano. De forma que é um livro que vai enriquecer muito a Biblioteca Rodolfo Garcia, porque é um depoimento interessante, com recordações e memória de sua vida. A outra, é a publicação da Academia, por indicação da Comissão Euclides da Cunha, constituída dos Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, José Murilo de Carvalho e ele próprio, do volume *Euclides da Cunha – Trabalhos Esparsos*. Acentuou que, quando a comissão se constituiu, achavam que, além

das conferências, das mesas-redondas e do prêmio que teve o maior alcance e repercussão, deviam publicar um livro que desse uma certa permanência ao trabalho do centenário de Euclides da Cunha. *Os Sertões* havia sido editado várias vezes, *À Margem da História* foi editado pela Academia há alguns anos atrás e tiveram conhecimento de que *Contrastes e Confrontos* seria reeditado. Resolveram trazer para o conhecimento público certos trabalhos que são pouco conhecidos e de difícil acesso, começando pelos dois discursos de posse na Academia, que têm uma bela resposta de Sílvio Romero, o discurso de posse no Instituto Histórico, que é um documento muito pouco conhecido e nele Euclides revela seu desencanto com a república. Lembrou o saudoso confrade e querido amigo Francisco de Assis Barbosa, que proferiu uma conferência chamada “A marca de um drama”, mostrando que o drama da República era também o drama pessoal de Euclides da Cunha. Ainda os prefácios de *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, um prefácio de *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho, e a única conferência que ele fez na vida, que é sobre “Castro Alves e seu tempo”, realizada em São Paulo, no Centro II de Agosto, em 1907. Constam no volume as provas do concurso do Ginásio Nacional. Há trabalhos avulsos como o famoso artigo sobre a morte de Machado de Assis, “A última visita” e um trabalho sobre um *Atlas do Brasil*, que deixou incompleto, pois foi chamado no dia 10 de agosto pelo *Jornal do Commercio* para fazer a recensão, apenas cinco dias antes da sua morte. Este trabalho mostra mais uma vez a cultura científica e geográfica que Euclides da Cunha tinha. Acha que uma edição como esta merece todo relevo.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho pela doação do livro de Edson Nery da Fonseca, grande colaborador da Academia Brasileira de Letras, especialmente na primeira fase da Biblioteca Rodolfo Garcia, quando deu uma importante contribuição para a estrutura e organização daquela biblioteca. Em relação ao livro *Euclides da Cunha – Trabalhos Esparsos*, a Diretoria só tem a se congratular com os Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Affonso Arinos de Mello Franco e José Murilo de Carvalho, que garimparam esses textos de uma forma brilhante. Ressaltou a importância desse livro para a bibliografia de Euclides da Cunha, que neste ano de 2009 teve um acréscimo fundamental. Isto muito em função da celebração do centenário da morte e da exposição feita nesta Casa.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a propósito do livro *Euclides da Cunha – Trabalhos Esparsos*, realçou mais uma vez a importância desse livro de um ponto absolutamente inédito. Lembrou ter sido Félix Pacheco que recolheu as notas taquigráficas da defesa para o “Concurso de Lógica Formal de Euclides da Cunha”, tanto a prova escrita quanto a prova oral, e que são absolutamente admiráveis, acabando com o mito, o absoluto cientificismo de Euclides da Cunha, citando a lógica probabilística e inclusive pessoas que na época não se pensava fossem conhecidas no Brasil. Queria mais uma vez agradecer aos três confrades por trazerem este volume, que é muito rico e amplia de forma considerável a bibliografia de Euclides.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça subscreveu o que disse Alberto Venancio Filho do escritor Edson Nery da Fonseca, sobre a competência de bibliotecário e bibliófilo. É também um escritor e, entre os brasileiros, um grande especialista em Villa-Lobos.
- O Acadêmico da Costa e Silva ressaltou que Edson Nery da Fonseca é também um excelente crítico de poesia.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre o livro *Marcos Vilaça, Singular e Plural*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Ressaltou que a literatura e a inteligência brasileiras ficaram bem mais ricas com esse lançamento. Ao longo de 250 páginas, com fotos e textos simplesmente perfeitos, aqui está a história de um pernambucano nascido na sua modesta Cidade de Nazaré da Mata e que, aos 70 anos de idade, pode nos oferecer um edificante exemplo de precocidade: aos 22 anos, já publicava o seu primeiro livro e três anos depois lançava o seu segundo livro; também aos 25 anos, já era Professor de Direito Internacional Público da Universidade de Pernambuco; um ano depois, aos 26 anos, elegia-se para a Academia Pernambucana de Letras e, em seguida, para a sua Presidência. Nos anos seguintes, foi chefe da Casa Civil do governo de Pernambuco, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, presidente da Funarte e presidente da LBA. Bem haja tudo isto que já lhe devemos, e tudo o mais que ainda lhe deveremos, em obras, ideias, trabalhos e realizações, que temos todo o direito de muito esperar da sua competência, do seu patriotismo, da sua dedicação e do seu amor a esta

nossa comum geração de brasileiros, que tem justificados motivos de muita honra e de muito orgulho. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre a fotobiografia do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, demonstrando a trajetória da vida de um homem muito querido por todos.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça agradeceu à sua mãe, que foi pianista e dançou tango argentino. Deve muito também a sua mulher Maria do Carmo Vilaça, muito brava, muito disposta e que não é pessimista como o marido, é otimista. De toda essa trajetória disse que nada, nenhuma alegria, nenhuma deferência, cortesia, posição, no mundo inteiro, nada tem tanta importância na sua vida como a Academia Brasileira de Letras. Nada é mais fundamental do que a companhia dos Acadêmicos. Disse que é filho único e todos os Acadêmicos são seus irmãos.
- O Acadêmico Domício Proença Filho congratulou-se com o Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelo seu duplo feito. O primeiro, na garimpagem de bibliófilo em descobrir os manuscritos de Carlos Drummond de Andrade e contribuir assim para uma visão dos primeiros anos do poeta. O segundo, talvez mais significativo, de conseguir que uma revista como a *Veja* dedique quatro páginas à poesia, num momento em que a literatura luta bravamente para garantir o seu lugar de centro como produto cultural. Pediu o registro em Ata dessa reportagem que tem o Acadêmico Antonio Carlos Secchin como centro e Drummond como objeto.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin agradeceu as palavras do Acadêmico Domício Proença Filho. Registrou que se deparou com um livro inédito de Carlos Drummond de Andrade, que antecede seis anos de sua estreia oficial. Disse que gostaria de fazer uma edição fac-similar desta obra porque o que há de mais curioso é a dupla voz do poeta, de um lado os textos que escreveu aos 22 anos e depois a voz madura como leitor crítico de si mesmo. É um paralelo nesse exemplar dos poemas de Drummond como poeta e leitor de si próprio. Essa é a maneira como concebe a bibliofilia, não como sinônimo de guardar ou reter, mas reter ou guardar para socializar, para permitir que

a obra alcance o leitor e saia do seu âmbito fechado para se inserir no panorama da cultura brasileira.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin pela sua visão tão ampla da bibliofilia.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que, sob a direção do Presidente Cícero Sandroni e com a presença do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram no Chile para o lançamento da edição bilíngue da poesia de *Nicanor Parra e Vinicius de Moraes*, edição da Academia Brasileira de Letras e da Academia Chilena de la Lengua. Falou sobre a grande cerimônia realizada na Embaixada do Brasil no Chile, no primeiro dia, com a presença de intelectuais do Chile e da Academia de la Lengua, comentando também a grande contribuição intelectual feita pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que iniciou esta ideia da Coleção, seguida pelo Presidente Ivan Junqueira. Comentou a respeito de todos os livros que saíram nessa coleção, começando com a antologia de *Gabriela Mistral e Cecília Meireles*, depois a de *Gonzalo Rojas e João Cabral de Melo Neto*, seguida de *Vicente Huidobro e Manuel Bandeira* e esta de *Nicanor Parra e Vinicius de Moraes*. Disse que a Academia chilena ofereceu um jantar à Academia Brasileira de Letras, com a presença dos Acadêmicos do Chile e do Brasil e de vários intelectuais, ocorrendo, na verdade, uma grande homenagem à ABL por este trabalho. Ao final da Feira do Livro, houve o lançamento deste exemplar, sendo recitados nos dois idiomas os poetas Nicanor Parra e Vinicius de Moraes, com grande público e um intenso entusiasmo e recepção a esse projeto. Pensa que a nossa Academia está de parabéns, sob a direção do Presidente Cícero Sandroni, por tudo o que se realizou no Chile.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Carlos Nejar pelo relato desse encontro, que teve realmente um sentido de prosseguimento. Teve início na gestão do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, depois do Acadêmico Ivan Junqueira, seguido do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, agora na sua presidência, e tem certeza de que vai continuar.
- O Acadêmico Ivan Junqueira observou que na sua presidência, em 2005, se fez o lançamento da antologia bilíngue de *Gonzalo Rojas e João Cabral de Melo Neto*. Salientou que o Embaixador Gelson da Fonseca deu todo apoio à Academia Brasileira de Letras.

- O Presidente comunicou que, nos dias 17 e 18 de novembro, na parte da manhã, vai-se realizar na ABL o “Encontro Anual com a Academia das Ciências de Lisboa”. São apenas duas sessões de 10h até 12h. Convocou os Senhores e Senhoras Acadêmicos e vai passar a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para dar maiores detalhes sobre este encontro que ele organizou.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara falou sobre o “Encontro das Academias das Ciências de Lisboa e Brasileira de Letras”, nos dias 17 e 18 de novembro de 10h às 12. Dando prosseguimento a uma atividade de reunião das duas Academias, atividade que começou na gestão do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Este ano estarão presentes os Acadêmicos portugueses Adriano Moreira, que falará sobre “O Direito Português da Língua”, e da grande helenista portuguesa Dra. Maria Helena Rocha Pereira, que falará sobre “A Oralidade da Língua Escrita”. A primeira palestra terá como comentador o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Pelo título da palestra da Dra. Rocha Pereira, encontrará o viés da sua comunicação para mostrar a importância da ortografia no destino da língua que se perpetua na realidade escrita.
- O Presidente convidou os presentes para a mesa-redonda, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., sobre “Centenário do Futurismo”. Coordenação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Conferencistas: Adriano Spinola, Gilberto Mendonça Telles e Cleonice Berardinelli.

MARCOS VILAÇA, *SINGULAR E PLURAL*, DE MARCOS  
VINICIOS VILAÇA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente Cícero Sandroni.

Senhores Acadêmicos.

A partir desta última segunda-feira, a literatura e a inteligência brasileiras ficaram bem mais ricas com o lançamento pelo seu autor do livro-álbum *Marcos Vilaça, Singular e Plural*.

Ao longo de 250 páginas, com fotos e textos simplesmente perfeitos, aqui está a história de um pernambucano nascido na sua modesta Cidade de Nazaré da Mata e que, aos 70 anos de idade, pode nos oferecer, antes de mais nada, um edificante exemplo de precocidade: aos 22 anos, já publicava o seu primeiro livro e três anos depois lançava o seu segundo livro; também aos 25 anos, já era professor de Direito Internacional Público, da Universidade de Pernambuco; um ano depois, aos 26 anos, elegia-se para a Academia Pernambucana de Letras e, em seguida, para a sua Presidência; nos anos seguintes, Chefe da Casa Civil do Governo de Pernambuco; Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, presidente da FUNARTE e Presidente da LBA.

Dele, dizia o seu grande amigo Gilberto Freyre: “Coitado do Marcos. Tão jovem e já tão Presidente”.

---

\* Proferidas na sessão do dia 12 de novembro de 2009.

Aos 36 anos, na vaga de Mauro Mota, elegeu-se para esta Academia, como um dos seus mais jovens Acadêmicos e, há dois anos, chegou à sua Presidência, quando realizou uma grande administração.

Vilaça costuma dizer hoje que a ABL tem conseguido ser popular, sem ser populista; e ser moderna sem ser modernosa.

Ele agora aqui está, bem ao nosso lado, e ao alcance das nossas mãos e do nosso afeto, com uma lição de vida honrada, idônea e digna, que tanto nos enobrece.

Senhor Acadêmico Marcos Vilaça:

Não são muitos os brasileiros que podem, como Vossa Excelência, apresentar um rosário e um desfile tão bonitos, desde a sua admirável e maravilhosa mulher, Maria do Carmo, até os filhos Rodrigo e Taciana, além do pranteado, saudoso e inesquecível Marcantônio, que, onde quer que agora se encontre, (e ele certamente estará habitando uma galáxia e um universo bem melhores do que este nosso), Marcantônio, onde quer que agora se encontre, estará muito feliz, assistindo a esta merecida consagração do seu pai, muito querido.

Bem haja, meu estimado Marcos, a infindável conta de tantos e tão inestimáveis serviços já prestados (e ainda a prestar) a esta Academia, com devotamento, criatividade e talento.

Bem haja o seu íntegro e irrepreensível desempenho como Membro e Presidente do Tribunal de Contas da União.

Bem haja a sua eficiente administração como Presidente da Legião Brasileira de Assistência, no socorro aos flagelados da seca no nosso Nordeste.

Bem haja a sua correta atuação como diretor da Caixa Econômica, como Secretário de Cultura do Ministério da Educação e como Secretário Particular do Presidente da República.

Bem haja a sua importante contribuição à nossa Cultura, com dois livros: *Em Torno da Sociologia do Caminhão* e *Coronel, Coronéis*, de parceria com Roberto Cavalcanti, dois marcos importantes nas literaturas nordestina e brasileira.

Bem haja tudo isto que já lhe devemos, e tudo o mais que ainda lhe deveremos, em obras, ideias, trabalhos e realizações, que temos todo o direito de muito esperar da sua competência, do seu patriotismo, da sua dedicação e do seu amor a esta nossa comum geração de brasileiros, que, de V. Excia tem justificados motivos de muita honra e de muito orgulho.

## SESSÃO DO DIA 19 DE NOVEMBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, João Ubaldo Ribeiro, José Murilo de Carvalho, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu ao Plenário a Ata da reunião do dia 12 de novembro, que foi aprovada. Disse do prazer em presidir esta sessão, ao ver figuras como Acadêmico José Murilo de Carvalho, que se encontra na Espanha e que hoje fez esta bela surpresa, o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, cuja presença é sempre uma alegria registrar, e ter o plenário quase completo. Prosseguindo, disse que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara se encontra em Brasília participando de um Congresso na Academia Brasiliense de Letras sobre o Acordo Ortográfico, motivo pelo qual não pode estar presente a essa sessão e falar sobre o “Encontro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras”, ocorrido nos dias 17 e 18 do corrente, no *Petit Trianon*. Deu notícias de como transcorreu esse Encontro para o qual vieram de Portugal o Acadêmico Adriano José Alves Moreira, Presidente da Classe de Letras e Vice-Presidente da ACL, e a Acadêmica Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira. Lembrou que dos

encontros anteriores das duas Academias têm sempre participado quatro Acadêmicos portugueses e quatro brasileiros. Desta vez, vieram apenas dois Acadêmicos da Academia das Ciências de Lisboa e o Encontro teve apenas duas sessões. O Acadêmico Alberto da Costa e Silva coordenou uma das mesas e o Prof. Evanildo Cavalcante Bechara a outra, e tudo transcorreu muito bem. Acredita que os confrades portugueses saíram daqui com uma boa impressão da Academia Brasileira de Letras e eles também deixaram uma excelente impressão. Lamentou apenas não ter sido possível fazer um Seminário um pouco maior. A seguir, encaminhou, para a apreciação do plenário, a proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier para a concessão da Medalha João Ribeiro ao Dr. Ruy Martins Altenfelder, Presidente do Centro de Integração Empresa-Escola do Brasil e do Conselho de Administração do CIEE/SP. Decorrido o prazo regimental, indagou ao plenário se alguém queria se manifestar sobre esta proposta. Não havendo nenhuma demonstração do plenário, submeteu a mesma à votação dos presentes, que aprovaram a concessão dessa medalha ao Dr. Ruy Martins Altenfelder. Informou ao Acadêmico Arnaldo Niskier que, até o fim do ano, as sessões já estão programadas, portanto a entrega desta Comenda ficará para o próximo ano. Passou a palavra à Acadêmica Ana Maria Machado.

- A Acadêmica Ana Maria Machado fez o registro do ótimo momento que os ficcionistas da Academia estão vivendo, pois, além da feira de prêmios que o Acadêmico Moacyr Scliar e a Acadêmica Nélida Piñon vêm acumulando, a Acadêmica Lygia Fagundes Telles e o Acadêmico Carlos Heitor Cony estão tendo as suas obras publicadas em novas editoras, em edições muito mais favoráveis e nos dando a oportunidade de reler, numa visão de conjunto, o texto destes dois grandes romancistas. Acrescentou que, nessa linha de surpresas, surgiu o romance do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que é uma novela curtinha, mas um deslumbramento de linguagem, em que ele consegue tratar da morte e da vida, fluindo do melancólico ao cômico – muito bem humorado e ao mesmo tempo lírico, de vez em quando – e com esse esplendor de linguagem explora, a partir de um cenário meio de Itaparica, na verdade, um universo inteiro. Congratulou-se com a publicação de *O Albatroz Azul*, o novo romance do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro.

- O Acadêmico João Ubaldo Ribeiro agradeceu comovido à grande escritora que é a Acadêmica Ana Maria Machado, cujo valor reconhece há muitos anos e cujo comentário lhe deixa absolutamente desvanecido e com risco até de acreditar.
- O Presidente disse crer que a Acadêmica Ana Maria Machado falou por todos desta Casa e, ao dar essa visão de uma ficcionista e de uma ensaísta que é, não deixa passar despercebido o trabalho dos nossos ficcionistas, transmitido por uma prosa límpida. É muito importante mostrar a grande contribuição que os Acadêmicos estão dando à vigorosa ficção brasileira que presenciamos hoje. Agradeceu a Acadêmica Ana Maria Machado por suas palavras e ao Acadêmico João Ubaldo Ribeiro por seu trabalho.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que no dia 16 de novembro defendeu sua tese no CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, uma funcionária do Arquivo desta Casa, Maria Oliveira, que teve aprovação com louvor. O mais interessante é que o tema e o título da dissertação é “A memória dos Imortais no Arquivo da Academia Brasileira de Letras”. Ela entrevistou alguns Acadêmicos, inclusive Nélida Piñon, e utilizou exatamente como objeto de estudo o Arquivo dos Acadêmicos. Disse que vê isso com uma grande alegria porque, de uma parte, é o Arquivo, que existe e é rico, incluindo o conteúdo da Academia que também está ali, e, de outra parte, a qualidade da funcionária que teve esse reconhecimento da Fundação Getúlio Vargas, na área do CPDOC, que, como todos sabem, atua com notável competência e seriedade naquela Fundação. Informou que amigos seus da Direção da Fundação o procuraram para dar essa notícia.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que Maria é uma excelente funcionária, conhece o trabalho dela, muito segura nas suas pesquisas e muito preocupada com a manutenção e preservação do Arquivo e, como se vê, modesta, porque não comunicou o fato à Diretoria.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse ter encaminhado ao Presidente um breve relatório das suas atividades na Espanha. Ressaltou que a última palestra que fez foi em Salamanca e ficou sabendo, pelo Presidente do Centro Estudos de dessa Universidade, que ele já esteve em contato com o Presi-

dente da Academia para estabelecer um convênio. Nessa ocasião aproveitou para nomeá-lo Conselheiro do Centro de Estudos, ao qual a Acadêmica Nélide Piñon já pertence. Acrescentou que, numa longa conversa com ele, sugeriu que, como o Centro de Estudos de Oxford havia sido fechado, o Centro de Estudos de Salamanca poderia agora se transformar num importante núcleo de difusão da cultura brasileira, não apenas na Espanha, mas na Europa. Declarou ter ele grandes ambições. Já está colocando as palestras que são feitas lá *on line*, para que todos os interessados em pesquisar sobre o Brasil no Centro de Estudos e em todas as áreas possam ter acesso a essas informações. Acredita que a Academia deva estudar e discutir com eles esse assunto com bastante carinho, porque pode abrir uma porta importante na Europa. Está certo de que, através deste Centro em Salamanca, a Academia pode dar uma visibilidade muito grande às suas atividades e dos membros desta Casa.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho e comunicou que o Presidente do Centro de Estudos de Salamanca esteve na Academia, ocasião em que sugeriu sua presença em Salamanca, a fim de estabelecer um contato maior, a exemplo do que foi feito em Oxford. Tem certeza de que a Academia tem todas as condições de abrir esse grande portal europeu que é a Universidade de Salamanca. Disse que, sendo o Acadêmico José Murilo de Carvalho um Conselheiro daquele Centro de Estudos, poderá ele levar a proposta da Academia, já em termos de entendimento, com a Universidade de Salamanca. Está certo de que o ponto de partida poderá ser dado nesta gestão, e a próxima Diretoria se encarregará dos detalhes e da formalização. Se este ano ainda houver tempo para a formalização, o fará com o maior prazer, mas tem certeza de que a próxima Diretoria acolherá esta sugestão com a melhor boa vontade e o maior interesse.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que há alguns meses, na Portaria da Biblioteca Rodolfo Garcia, instalaram uma Caixa para receber as cartas com críticas, aplausos, queixas e sugestões dos nossos usuários. Tomando conhecimento de uma dessas muitas cartas, os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Tarcísio Padilha e Evanildo Bechara, membros da Comissão Consultiva, sugeriram que eu lesse para conhecimento deste plenário uma das

cartas, a que foi assinada pelo Sr. Marcos Silva, o que passou a fazer. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por mostrar, com a leitura dessa carta, o que os livros podem fazer pelo ser humano.
- No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu sobre a vida e a obra de Pereira da Silva, que foi o quinto ocupante da cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras. Chamava a poesia de tormento, como no soneto “Solitudes”, de 1918, em que afirmava também não ter nascido para a imortalidade, o que acabou acontecendo em 1933. Jornalista e poeta iniciou sua carreira como crítico literário nos jornais *A Cidade do Rio* (de José do Patrocínio, onde usou o pseudônimo *J. d’Além*), *Gazeta de Notícias*, *Época* e *Jornal do Commercio*. Participou do grupo simbolista que publicou a Revista *Rosa-Cruz*, que tinha à frente Félix Pacheco, Saturnino de Meireles, Paulo Araújo e Castro Menezes. Tornou-se um destacado poeta do movimento, de 1903 a 1905. Finalizando, lembrou que Pereira da Silva faleceu no Rio de Janeiro, aos 68 anos, em 11 de janeiro de 1944. (O Presidente determinou que a íntegra do texto lido fosse incorporada aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- Presidente agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier por esta recordação de um Acadêmico um tanto esquecido.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou, sobretudo, o livro fundamental de Pereira da Silva, que é *O pó das sandálias*, uma grande obra do simbolismo tardio. Disse tratar-se de um livro pungente e elegíaco. Escrito por um homem que era profundamente feio, mas que tinha um verbo muito fluente e era um simbolista de alta qualidade. Acrescentou que *O pó das sandálias* é um belo livro que não podia ser esquecido.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a contribuição do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e lembrou que na revista *Mundo Literário*, de 1923 a 1925, encontrou algo de Pereira da Silva nos guardados do Acadêmico Austregésilo de Athayde. Nessa revista, Pereira da Silva aparece como colaborador. O diretor era Agripino Grieco. Disse que, nos números que folheou,

não encontrou muito aquela visão irônica e satírica de Grieco. Tratava-se de uma revista bem comportada. Lembrou também Theo Filho, que é um romancista inteiramente esquecido e que precisa ser lembrado, também foi este autor colaborador da Revista *Mundo Literário*.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva recordou que, pouco antes de morrer, José Paulo Paes estava dedicado a estudar Theo Filho. Estava convencido de que ele era um grande romancista urbano do Rio de Janeiro e que havia sido injustamente esquecido. Foi pena que tivesse morrido sem dar continuidade a este trabalho.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou os compromissos dos Acadêmicos para as próximas sessões. No dia 26, um pouco antes da sessão plenária, serão entregues a prestação das contas de 2009 e o Orçamento para 2010 à Comissão de Contas. Na sessão do dia 3, o Parecer da Comissão de Contas será analisado e votado. No dia 10 de dezembro, será a eleição da nova Diretoria para 2010. No dia 16 de dezembro, quarta-feira, numa sessão plenária, realiza-se a eleição para preenchimento da Cadeira 8, vaga com o falecimento do Acadêmico Antonio Olinto, e no dia 17 realizar-se-á, às 17 horas, no Salão Nobre da Academia, a sessão da posse da nova Diretoria. A seguir, convidou os presentes para a mesa-redonda em homenagem ao centenário da morte de Lúcio de Mendonça: coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni, participação do Acadêmico Alberto Venancio Filho e da escritora Cecília Junqueira, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. E deu por encerrada a sessão.

## SOBRE A BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Na recepção da Biblioteca Rodolfo Garcia, instalamos uma caixa para receber as opiniões, com aplausos e queixas dos nossos usuários. Tomando conhecimento de uma dessas muitas cartas, os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Tarcísio Padilha e Evanildo Bechara, membros da nossa Comissão Consultiva, sugeriram que eu a lesse para conhecimento deste Plenário, a carta assinada pelo Sr. Marcos Silva, que me foi entregue pessoalmente, o que passo a fazer:

Senhor Diretor desta biblioteca:

Sou frequentador da Biblioteca Rodolfo Garcia há alguns meses e utilizo seu ambiente para leitura e pesquisa.

Estudo para um concurso público e sou grato a todos que permitiram meu ingresso nessa Biblioteca.

Porque a minha vida é difícil, muito humilde e não me é possível estudar em casa, onde não posso ter livros. Não sei o que seria de mim se essa Biblioteca não estivesse ao meu alcance. Simplesmente eu não teria chance de fazer esse concurso e o meu objetivo seria talvez inalcançável.

Recebam a minha gratidão pela estrutura que me oferecem, num ambiente altamente propício ao estudo, com silêncio, mesas e cadeiras confortáveis,

---

\* Proferidas na sessão do dia 19 de novembro de 2009.

funcionários educados e prestativos, que nos prestam integral assistência, com eficiência, limpeza, espaço e um enorme acervo, ao qual temos completo e livre acesso.

Sou-lhes muito grato por me transformarem num homem bem melhor, com amplas possibilidades de vencer na vida, ser aprovado nesse concurso e atingir o meu objetivo. O trabalho e a ajuda de vocês têm sido muito importantes para mim. Espero algum dia retribuir-lhes todo o bem que agora me fazem.

Gratíssimo por tudo.

Marcos Silva.

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Uma boa notícia sobre a nossa Biblioteca Rodolfo Garcia: ela está excedendo todas as previsões quanto aos índices da presença de usuários para consultas e pesquisas.

Nos últimos quatro meses, a média dessa presença, comprovada por assinaturas, tem sido mais ou menos de 50 a 60 usuários por dia.

Para que Vossas Excelências tenham uma ideia aproximada do que esses números representam, basta dizer-lhes que quase todas as outras Bibliotecas, existentes em nosso entorno – Bibliotecas dos Clubes Naval, Militar e Aeronáutico, Tribunal de Justiça e Casa França-Brasil – estão lutando justamente com um problema contrário: o da pequena presença de usuários e frequentadores.

Outra questão é o das generosas doações de obras a nossa biblioteca, o que, entretanto, agravam a falta de espaço em nossas estantes, como aconteceu recentemente com a doação de 8.500 livros da Coleção do Professor Maurício Bret, que já tiveram de ser acondicionados em caixas, além dos outros 26 mil livros que estão guardados na *Metropolitan*, graças ao pagamento de aluguel.

Ciente das nossas preocupações e para aliviá-las – Senhor Presidente – Vossa Excelência já iniciou as obras de recuperação do subsolo, aqui em baixo, do nosso *Petit Trianon*, para nele serem instaladas estantes, capazes de absorver a ampliação das nossas duas Bibliotecas – a Lúcio de Mendonça, já com 27 mil livros e a Rodolfo Garcia, com outros 50 mil livros, e que ficarão, para o seu crescimento, com espaço garantido nos próximos 10 anos.

## PESSIMISMO E ESPERANÇA EM PEREIRA DA SILVA

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier\**

Antônio Joaquim Pereira da Silva, poeta e jornalista, foi o quinto ocupante da cadeira I8 da Academia Brasileira de Letras. Chamava a poesia de tormento, como no soneto “Solitudes”, de 1918, em que afirmava também não ter nascido para a imortalidade, o que acabou acontecendo em 1933, quando venceu a eleição para a vaga de Luís Carlos da Fonseca. Tomou posse no ano seguinte, saudado por Adelmar Tavares.

Homem inspirado, de seguidas referências a Baudelaire, que ele chamava de “meu mestre e intérprete preferido da dor do Mundo e das paixões da vida”, considerou as obras magistrais de Chopin, Liszt e Beethoven como “soluços sinfônicos da Terra.” Embora o seu trabalho tenha sido cunhado de pessimista, foi capaz de prestar homenagem à Esperança, como se pode verificar nestes versos:

És Deus em nós, eterna expectativa,  
Imanente vidência da alma ativa  
De que é divina e nunca há de ser morta.

Chama a glória de traiçoeira e reclama em “Holocausto”, de 1921, do seu gênio turbulento, “a merecer, pesar de tudo, inda maior tormento.” Para afirmar que fazer versos lhe traz um “mortal cansaço” e, no seu olhar absorto,

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 19 de novembro de 2009.

compara a poesia à paragem rasa do Mar Morto. Vejam, pois, como foi longe a sua inspiração.

Pereira da Silva nasceu em Araruama, Serra da Borborema (Paraíba), em 9 de novembro de 1876, filho de Manuel Joaquim Pereira da Silva e D. Maria Erciliana da Silva. Aos 14 anos foi matriculado no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e foi trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil. Começou a interessar-se pelos estudos literários, dedicou-se à gramática e leu Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Castro Alves. Em 1895, matriculou-se na Escola Militar, onde fez os preparatórios. Em 1897, foi preso em função de movimento revolucionário entre os alunos. Foi implicado e, preso incomunicável, levado para o 13º Batalhão de Cavalaria, no Paraná. Em Curitiba, conheceu escritores e poetas, entre os quais Dario Veloso, que muito o influenciou. Depois da prisão, em 1900, desligou-se do Exército. Voltando ao Rio de Janeiro, passou a trabalhar como funcionário postal e cursou a Faculdade de Direito.

Jornalista e poeta iniciou sua carreira como crítico literário nos jornais *A Cidade do Rio* (de José do Patrocínio, onde usou o pseudônimo *J. d'Além*), *Gazeta de Notícias*, *Época* e *Jornal do Commercio*. Participou do grupo simbolista que publicou a revista *Rosa-Cruz*, que tinha à frente Félix Pacheco, Saturnino de Meireles, Paulo Araújo e Castro Menezes. Tornou-se um destacado poeta do movimento, de 1903 a 1905.

Casou-se, no Rio, com a filha de Rocha Pombo. Foi nomeado, logo depois de bacharelar-se, juiz de direito no Paraná. Em Curitiba, escreveu *Solitudes*, seu segundo livro, que mereceu aceitação pública. Lá poderia ter tido um belo futuro, mas decidiu pedir demissão do emprego e voltar para o Rio, em 1918, em companhia da mulher, que não se adaptara ao clima de Curitiba. Conseguiu um emprego de escrevente na Central do Brasil e voltou a colaborar na *Rosa-Cruz*. À noite, trabalhava na *Gazeta de Notícias* como revisor. Em 1922, a convite do editor Leite Ribeiro, organizou e passou a dirigir a Revista *Mundo Literário*, com Agripino Grieco e Théo Filho.

Abandonado pela mulher, e com um filho aos seus cuidados, eis o quadro da vida que irá se refletir na sua poesia. Fernando Góes a define como “a obra de um elegíaco, um pessimista, um desencantado, cujos temas são a solidão, a dor, a morte, a tristeza.” Já Andrade Murici destaca aspectos da sua obra em que “a

poesia está profundamente embebida do espírito do simbolismo: a linguagem alusiva e secreta, o envolvimento em atmosfera de transcendência. (...) A fluidez da expressão simbolista não o conduziu, entretanto, nem à diluição, nem ao informe. Pelo contrário, evitou a descaída para a vulgaridade.”

Pereira da Silva faleceu no Rio de Janeiro, aos 68 anos, em 11 de janeiro de 1944.

**OBRAS** (todas de poesia): *Voe solis* (1903); *Solitudes* (1918) – Em apêndice, o estudo “Solitudes”, de Luís Murat; *Beatitudes* (1919); *Holocausto* (1921), estudo de Agripino Grieco a propósito do livro *Beatitudes*; *O pó das sandálias* (1923); *Senhora da melancolia* (1928); *Alta noite* (1940); *Poemas amazônicos* (1958).

## *SESSÃO DO DIA 26 DE NOVEMBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, João Ubaldo Ribeiro, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni submeteu ao Plenário a Ata do dia 19 de novembro, em sua versão resumida, que foi aprovada. Deu notícias do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que foi submetido a uma cirurgia cardíaca, mas passa bem e espera tê-lo de volta em breve. Reiterou as informações sobre a doação do terreno da Rua Uruguaiana. Informou que participou junto com a Acadêmica Nélida Piñon, que foi agraciada com a Medalha de Escritora Símbolo da Neolatinidade 2009, do “3º Festival Internacional de Culturas, Línguas e Literaturas Neolatinas”, realizado no Recife. Deu notícias da mesa-redonda em homenagem aos 10 anos sem Antonio Houaiss: na parte da manhã, falaram os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, Evanildo Cavalcante Bechara e Ivan Junqueira; na parte da tarde, a mesa continuou com Dr. Renato Kovac, Francisco Mello Franco e Mauro Villar. Informou que recebeu uma representante da cultura jovem japonesa, a Embaixadora Kawaii, modelo de revistas de moda, nomeada em fevereiro

de 2009 “Embaixadora Kawaii” pelo Ministério das Relações Exteriores do Japão, com a finalidade de promover a cultura pop japonesa no exterior.

- O Acadêmico Lêdo Ivo deu ciência de sua visita a Maceió, onde encontrou o Ministro da Cultura Juca Ferreira, que foi a sua terra natal receber a Ordem do Mérito Palmares. Manifestou o seu temor de que a nova lei cultural, ora em tramitação no Congresso, perdesse o seu nome original de Lei Rouanet. O Ministro disse que seu temor é infundado porque a Lei irá se chamar Nova Lei Rouanet. Apresentou o livro do Acadêmico Carlos Nejar, *Poesia Reunida, Amizade do Mundo*, Poesia Reunida I, e *Jovem Eternidade*, Poesia Reunida II, que saiu pela Editora Novo Século. Salientou que é um dos poetas brasileiros que tem uma obra poética extensa.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que essa reforma da Lei Rouanet deveria ser discutida com a participação dos Acadêmicos. O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet informou que o Ministro Juca Ferreira gostaria que ele participasse da cruzada para a renovação da Lei de Incentivo à Cultura. Respondeu ao Ministro que poderia colaborar com o Governo e com o Ministério da Cultura de todas as maneiras cabíveis e racionais, mas facilitar a vida do Ministério da Cultura junto à grande parte da classe cultural, que era contra a proposta do Governo, seria exigir demais. Informou que não houve diálogo, apenas disse que não participaria do debate público em torno da modificação ou não da Lei, mas que certamente não estaria preparado para louvar a iniciativa do Ministro, cujo objetivo era revogar a Lei de Incentivo à Cultura.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre Nilo Pereira, que acaba de morrer no Recife. Está aberta uma vaga na cota dos Acadêmicos não residentes em Natal, uma cota na qual já se tinham elegido antes, entre outros, Miguel Seabra Fagundes, Peregrino Júnior, Umberto Peregrino, Adauto da Câmara, Deoclécio Duarte, José Augusto Bezerra de Medeiros, e na qual também se elegeriam depois Nestor dos Santos Lima, Fagundes de Menezes e Sílvio Pedroza. Sua poesia não tinha polimento, nem lapidação, segundo Cascudo, e compunha-se de quadrinhas, sextilhas e oitavas, que emanavam espontaneamente do seu imenso coração — densas, versáteis, imaginosas, saudosistas, românticas, amorosas, retóricas, pessoais e carinhosas.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e passou a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho para falar, no Capítulo das Efemérides, sobre Manuel Antonio de Almeida.
- O Acadêmico Domício Proença Filho falou sobre o autor do conhecido *Memórias de um Sargento de Milícias*. Jovem carioca de modesta família portuguesa que cursara preparatórios e formara-se em medicina, carreira sem muito prestígio na realidade brasileira de então. Culminou por abandonar a profissão e dedicou-se à imprensa, além do folhetim que escrevia para o jornal onde se empregou como forma de subsistência. Escreveu crônicas, poemas e um drama lírico intitulado *Dois Amores*. Dedicou-se à tradução e fez crítica literária. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida marcou a importância do que disse o Acadêmico Domício Proença Filho sobre Manuel Antonio de Almeida e disse não crer que tenha havido nesta Casa um estudo tão autêntico, tão profundo sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*. Salientou que o Acadêmico Domício Proença Filho deu esplendidamente um caminho para se conhecer a criatura, a presença, a vinheta neste personagem tão importante que são os dois sargentos.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin reiterou o que disse o Acadêmico Candido Mendes de Almeida a propósito das palavras do Acadêmico Domício Proença Filho sobre Manuel Antonio de Almeida.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho pelo seu trabalho, como destacaram os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e Candido Mendes de Almeida. Agradeceu a excelente contribuição feita pelo Acadêmico Domício Proença Filho.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin lembrou o grande biógrafo Marques Rebelo, que foi considerado uma espécie de Manuel Antonio de Almeida do século XX.
- A Acadêmica Ana Maria Machado recordou que o Acadêmico Carlos Heitor Cony tem uma belíssima adaptação do livro *Memórias de um Sargento de*

*Milícias* para a juventude, na qual reconta a história de uma maneira acessível à adolescência.

- O Presidente convidou os presentes para a entrega do Prêmio Rachel de Queiroz, no concurso realizado pelos Fuzileiros Navais, hoje, no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h30min. E deu por encerrada a sessão.

## MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

*Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho\**

Deve-se à sensibilidade de Inglês de Sousa a indicação do patrono da Ca-deira 28 desta Casa, responsável por um dos textos fundadores da literatura brasileira.

Refiro-me a Manuel Antônio de Almeida, o autor do conhecido *Memórias de um sargento de milícias*.

O espírito da efeméride é a rememoração. Rememoremos.

O romance emerge inicialmente, como é consabido, sob a forma de folhe-tim, publicado de 27 de junho de 1852 a 31 de julho do ano seguinte, no suple-mento político-literário *A Pacotilha*, lançado também em 1852, pelo importante jornal domingueiro o *Correio Mercantil*, sediado no Rio de Janeiro.

A narrativa teve boa aceitação dos leitores. E, com algumas modificações textuais e na ordem dos capítulos, ganhou roupagem de livro em dois volumes, sintomaticamente assinados por “Um brasileiro”: o primeiro em 1854 e o se-gundo em 1855.

O brasileiro que assinava o texto era, àquele tempo, um jovem carioca de 21 anos. De modesta família portuguesa. cursara preparatórios e tinha-se formado

---

\* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 26 de novembro de 2009.

em medicina, carreira sem muito prestígio na realidade brasileira de então. Culminou por abandonar a profissão e dedicou-se ao jornalismo. Além do folhetim que escrevia para o jornal, onde se empregou como forma de subsistência, escreveu crônicas, poemas, não muito felizes, um drama lírico intitulado *Dois amores*, dedicou-se à tradução e fez crítica literária. Em 1858, entrou para Tipografia Nacional, onde foi diretor. Nesse cargo, sua sensibilidade estimulou um certo aprendiz de tipógrafo, de 20 anos, que surpreendera lendo durante o expediente, a continuar a prática da saudável transgressão, com excepcionais consequências futuras: o jovem funcionário chamava-se Joaquim Maria Machado de Assis. Manuel Antonio de Almeida ocupou também o cargo de Diretor da Academia Imperial de Música e Ópera Nacional. Faleceu em 28 de novembro de 1861, no naufrágio do vapor *Hermes*, próximo de Macaé, quando viajava para Campos – a cidade fluminense – para candidatar-se a deputado pela província.

A narrativa, recorro apenas para melhor situar alguns comentários, centraliza-se nas deliciosas aventuras e vicissitudes vividas por dois personagens, um meirinho conhecido como Leonardo Pataca e, em plano destacado, seu filho, também Leonardo, este, desde a infância até a idade adulta. No tempo do rei, Dom João VI. Em terras cariocas. No curso da história, o convívio com a realidade popular de então: seus tipos, suas festas, procissões, súcias, fados, danças, relações familiares, os pequenos jogos de influência. À luz desses aspectos da vida provinciana, uma divertida visão do mundo, relativizadora dos valores preconizados pela classe dominante e, nessa direção, diversa da tensão maniqueísta que então caracterizava as manifestações literárias.

Trata-se de um texto de forte originalidade, diante da incipiente ficção brasileira do tempo.

A singularidade da obra presentifica-se basicamente em três dimensões que se integram: a configuração dos personagens, a internalização do social, a técnica que evidencia.

Imersos numa atmosfera de espontaneidade e humor, os personagens tendem para a tipificação e para o caricatural.

Leonardo pai, por exemplo, é apresentado, entre outros traços, como “uma rotunda e gordíssima personagem, de cabelos brancos e carão vermelho”, sem-

pre envolvido em paixões devastadoras e avassaladoras, que terminam por colocá-lo em situações ridículas e desconfortantes.

O filho, decorrência endiabrada de “uma pisadela e um beliscão”, herda do pai a fraqueza sentimentalóide e envolve-se em complicações ainda maiores, embora todas superáveis.

Ao redor de ambos, movimentam-se personagens-tipo, complementadores da pequena burguesia que se representa no romance. Todos vivem o reduzido cotidiano da cidade, entre as festas, os amores, os conflitos. Carecem, como é comum na prosa ficcional embrionária da época no Brasil, de profundidade psicológica. Ganham, entretanto, relevância ao serem construídos sobretudo em termos do que representam como categoria geral, situados basicamente em função do lugar social que ocupam, na maioria identificados pela profissão, indiciadora do *modus vivendi* da cidade, no âmbito do segmento comunitário privilegiado no romance. Por força dessa construção e da dinâmica da narrativa, revestem-se de significação peculiar e altamente representativa em termos da relação que se estabelece entre a narrativa e a realidade brasileira a que se vincula.

No plano de superfície, destacam-se no romance o anti-heroísmo do protagonista e a presença mimética do referente, reforço da verossimilhança. Confirma assim a prática que se tornará comum ao longo da narrativa brasileira do século XIX e ainda, hiperdimensionada, em inúmeros textos do século seguinte e do atual.

A partir desses dois aspectos, fixou-se à classificação de Mário de Andrade: a tentadora vinculação do texto à narrativa picaresca, marcadamente amoral, exemplificada pelo *Lazarillo de Tormes*, e a valorização da dimensão documentária do romance, esta última base para considerá-lo precursor do Realismo, como estilo epocal.

Entendo, com Antonio Candido, que não são esses os pontos de relevância valorizativa das *Memórias*. Leonardo filho não é um pícaro. Sua história não constitui um romance picaresco, embora pai e filho apresentem alguns pontos em comum com aquelas modalidades de personagem e de narrativa fixadas pela tradição literária europeia.

Como demonstra a percuciência do professor e crítico brasileiro, trata-se do “primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca do seu tempo no Brasil”. (CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem*. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1970, (8) :116).

Por força da gratuidade que o caracteriza, o anti-herói das *Memórias*, esclarece o mesmo estudioso, vincula-se, sobretudo, às histórias populares, de grande sucesso, e a uma tendência ao cômico, ao satírico e ao caricatural, de forte presença no espaço cultural brasileiro coetâneo, seja na poesia, no teatro ou no desenho, por força da influência francesa, em cuja imprensa proliferou entre 1830 e 1850. (Cf. CANDIDO, A. o.c. p.116 e segts).

Acrescento que o Leonardo não é o malandro brasileiromente carregado de valentia. Sua malandrice se situa no convívio com a astúcia, com o amoralismo inofensivo. Um malandro na sua dimensão divertida, suavemente marginal. Afinal, a história termina com um final feliz. E não abriga maiores tragédias. Nem, por outro lado, configura sarcasmo generalizado, ou aviltamento totalizante de caracteres, de sentimentos, de comportamentos, traços do romance cômico da Antiguidade. Afasta-se da perspectiva marcada de desilusão de um *Satyricon*, por exemplo.

Assim situado, o romance de Manuel Antonio de Almeida é o primeiro a retratar muito do que se concretizaria como marcas do carioca, ou do cari-quismo, se me é permitido o neologismo: o humor, a malandrice gozadora, sem consequências drásticas, o machismo, o “jeitinho”, a sedução como arma, a alegria de viver.

Nos espaços da trama, a opção do autor privilegia a pequena burguesia, metonimicamente e caricaturalmente configurada. Burguesia e nobreza estão ausentes da história. Decaídas e criminosos também. Os negros, pouquíssimos, apenas atuam como figurantes: são as baianas e as crias de D. Maria. Em ação, apenas um pardo: o desordeiro Juca. O espaço da ação também é limitado. Reduz-se às áreas centrais do Rio de Janeiro, à época núcleo da vida cidadina local. Esses procedimentos relativizam a tradicionalmente apontada fidelidade ao real.

O posicionamento do autor diante da condição escrava, praticamente ausente da narrativa, reforça essa relativização. Tanto mais que os negros eram maioria na população daquele tempo.

A dimensão documental presentificada no texto assume alguma pertinência, segundo entendo, na descrição das festas populares, onde o cronista parece sobrepor-se ao romancista. A propósito, Joaquim Manuel de Macedo chegou a considerar os capítulos das *Memórias* como artigos de jornal.

Por outro lado, o romance parece reproduzir, e no caso com maior fidelidade e com acentuada perspectiva irônica, o padrão social de moralidade dominante, que condenava as “súcias” e as “festas”, a desocupação. Nem falta o controle policialesco e arbitrário do temido major Vidigal.

Curiosamente, depreende-se da história uma preocupação moralizante, na medida em que todos os atos de ruptura são situados em sua dimensão transgressora e passíveis de punição. Ainda que, a disfarce, tenha-se o efeito humorístico.

Nesse percurso, o autor intensifica o retrato dos tipos e dos usos, sobretudo aqueles que se marcam de pitoresca peculiaridade. E, de certa forma, seu texto deixa perceber traços de carnavalização, no sentido bakhtiniano do termo.

Assinalem-se ainda no texto o predomínio do lúdico, a complacência relativizadora da lógica das categorias do bem e do mal, virtude e vício, a excentricidade de certos procedimentos do personagem nuclear, marcados por elementos antitéticos, tais como nobreza e abjeção, afirmação e negação, trágico e cômico, ainda que, nesse último caso, em escala bem menor. Acrescente-se o tratamento do sentimento amoroso, dividido entre a desmitificação ridicularizadora da primeira parte do livro e o tom sério da várias passagens da segunda.

As *Memórias* envolveriam, na verdade, a partir de afirmativa de Mário de Andrade, com base em testemunho de Melo Moraes, a transposição literária de recordações de um sargento veterano contadas por ele ao escritor. Trata-se do português Antonio César Ramos, que foi diretor do escritório do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio*. Consta que foi soldado na Guerra Cisplatina, em 1817, integrado ao Regimento de Bragança e chegou, posteriormente, ainda

no Brasil-Colônia, a sargento de milícias. Seu comandante, nessa instância, teria sido nada menos do que o major Vidigal, durante muitos anos senhor todo-poderoso da polícia colonial nas terras cariocas. Ao dar baixa, Antonio César Ramos empregou-se naqueles jornais e, amigo do jovem companheiro, passava-lhe reminiscências do seu tempo de caserna. A partir desse material, o escritor teria composto sua história. Esse dado ajuda a esclarecer a ambiguidade do título, uma vez que o protagonista só ingressa nas milícias na proximidade do final da narrativa. A maioria de suas aventuras se passa anteriormente.

Em termos de técnica, o romance, talvez por força da sua condição de folhetim, com capítulos publicados semanalmente, acabou constituindo um conjunto dinâmico de várias micronarrativas. A unidade é assegurada basicamente pela história-eixo do Leonardo filho. O texto faz-se de narrativas paralelas, mas interligadas, que alternam descrições e ajuizamentos do narrador. Acentue-se a presença do coloquialismo e, em destaque, o humor, que domina, com algum travo de acidez e ironia cruel, a atmosfera da história, atitude estranha ao espírito do tempo. Na base, a antífrase e o duplo sentido.

Todos esses elementos contribuem para a construção da história de um anti-herói assumido, o que contrasta com a tendência da literatura do tempo no país, centrada na exaltação do heroísmo e da fantasia, do sentimentalismo, do subjetivismo, da imaginação criadora e da mitificação. Por outros traços, porém, mantém aspectos que a vinculam ao ideário romântico, entre eles a centralização na dimensão individual dos dois Leonardos, a exaltação, em determinadas passagens, do sentimento amoroso, capaz de provocar mudanças significativas no comportamento dos personagens.

Nesses termos, não configura um texto antecipador do Realismo, como estilo de época, mas um romance romântico de marcada peculiaridade. Falta-lhe, entre outras características, a vinculação com o determinismo biológico e social, a objetividade na descrição e na análise dos fatos.

Difere, entretanto, do romantismo sentimentalizante dos precursores *O filho do pescador*, de Teixeira e Sousa, lançado em 1843, e *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1844. Interrompe o veio que será predominante na prosa de Alencar e Bernardo Guimarães, entre outros, cujas obras marcam historicamente a ficção da época.

Converte-se ainda em texto pioneiro de centramento na matéria de memória, motivo que desfrutará de boa fortuna na arte literária brasileira, com futuros altos exemplos como as *Memórias póstumas de Brás Cubas* e o *Dom Casmurro*, de Machado, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Literatura é processo. E nesse processo, as *Memórias de um sargento de milícias* constituem um texto efetivamente marcado de pioneirismo.

## *SESSÃO DO DIA 3 DE DEZEMBRO DE 2009*

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário–Geral; Nelson Pereira dos Santos, Segundo–Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, João Ubaldo Ribeiro, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Cícero Sandroni colocou em discussão a Ata do dia 26 de novembro, que foi aprovada.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para ler a prestação de contas e a Proposta Orçamentária de 2010.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara apresentou aos membros da Comissão de Contas da ABL o Relatório sobre a prestação de contas do Exercício de 2009. A Diretoria, no intuito de dar maior transparência à sua gestão, apresentou o relatório sobre as demonstrações financeiras em 31 de outubro de 2009, com parecer, sem ressalvas, pelo Auditor independente. Este Relatório compreende o período de 1º de janeiro a 31 de outubro de

2009. Ao final do mês de janeiro de 2010, será apresentado relatório sobre as demonstrações financeiras, compreendendo o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2009. Salientou que, na atual gestão, foi criada a Diretoria Executiva, que vem buscando aprimorar os controles internos da ABL e melhorar os sistemas contábeis e administrativos, com o objetivo de obter o máximo dos sistemas informatizados utilizados pela Casa. A próxima Diretoria poderá contar com informações atualizadas diariamente sobre os setores de Contabilidade, Financeiro, Compras e Recursos Humanos. A posição financeira no período apresenta um crescimento de 16,45%.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Evanildo Bechara e colocou em discussão o Parecer apresentado à Comissão de Contas.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça apresentou o Parecer da Comissão de Contas e recomendou ao Plenário a aprovação do mesmo que expôs a Diretoria sobre Receitas e Despesas no ano fiscal de 2009. O resultado do período compreendido entre dezembro de 2008 e novembro de 2009 indicou acréscimo de investimento. Além disso, a ABL contou com recursos advindos de patrocínios, aplicados na manutenção e nas atividades culturais do Teatro R. Magalhães Jr. e da Biblioteca Rodolfo Garcia. Utilizando-se de recursos aprovados pela Lei Rouanet, a Diretoria iniciou as obras de restauração e conservação do *Petit Trianon*, parte com patrocínio do Banco Itaú e parte pagos pela ABL, enquanto aguarda liberação de verbas do BNDES.
- A Comissão de Contas louvou a atuação da Diretoria que, graças à sua diligência, possibilitou a ABL manter e ampliar as suas atividades, com destaque para a programação cultural nos espaços acadêmicos e, ao mesmo tempo, aumentar o seu investimento. Finalizando, a Comissão elogiou o zelo, o dinamismo, a criatividade administrativa, o entusiasmo, a probidade e a dedicação com que a atual Diretoria cuidou das finanças e conduziu as atividades da Casa de Machado de Assis em 2009. Assinaram os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Relator, Tarcísio Padilha e Nélida Piñon.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com o que foi dito pela Comissão de Contas a respeito da atual Diretoria. E referiu-se à exigência de que o equilíbrio só foi possível graças ao apoio da Petrobras.

Perguntou se o apoio da Petrobras passou a ser essencial. Fez outras indagações com relação a esse apoio e também se há outros apoios além do da Petrobras.

- O Presidente Cícero Sandroni informou que o apoio da Petrobras ao Teatro R. Magalhães Jr. foi uma iniciativa tomada pela gestão do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça no ano de 2007. No ano de 2008, esse apoio foi efetivo e, em 2009, foi muito cortado, contemplando apenas a parte relativa aos prestadores de serviço.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse que fez um acréscimo subjetivo ao que consta no Parecer da Comissão. Teve grande prazer em poder ser o Relator dessa Comissão porque conviveu com o Presidente Cícero Sandroni na diretoria praticamente por 6 anos, acostumando-se a apreciar o seu amor à Casa, o seu zelo, a sua determinação e a sua probidade. Sabe o quanto cansa a administração e queria, na presença dos colegas, dizer que pôs grande afeto na redação desse parecer que os seus companheiros endossaram com igual afeto e entusiasmo.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu aos companheiros de Diretoria, sem os quais nada poderia ser feito. Informou que a Academia terá outra renda para ajudar o orçamento do ano que vem graças à venda do *Vocabulário Ortográfico* ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. A Editora Global, que se encarregou da edição comercial do *VOLP*, já vendeu em livrarias um número suficiente para pagar à Academia. Para o FNDE foram vendidos 204.220 exemplares. Aproveitou para dizer que o Acadêmico Evanildo Bechara, Diretor do Setor de Lexicografia e Lexicologia, fez um trabalho admirável no *Vocabulário Ortográfico*, e já está em fase final o *Minivolp*.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que o Parecer de aprovação das contas foi assinado por três ex-presidentes. Um outro ex-presidente é o Secretário-Geral da Casa, portanto parte interessada, outro ex-presidente, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, também integra a Diretoria. O único ex-presidente que está fora desta aprovação é ele. Disse que aqui sempre se valorizou a presidência, sempre se valorizou o decanato. Disse ainda que é do tempo em que, no final da gestão que vinha em curso, sempre se procura-

va alguma forma de criticar o que o Presidente e sua Diretoria tivessem feito. Hoje se vê que o presidente alcança um final glorioso porque se trata de uma gestão de muito trabalho, e as atividades da ABL foram intermitentes. Resaltou sua profunda alegria de sentir esse resultado que se mede por tudo o que foi feito e que está na retina de cada um dos Acadêmicos.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e lembrou uma frase do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco: “A Presidência do Cícero é o seguinte, ele não nos chateia e nós não o chateamos”.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho perguntou por que as aplicações da ABL estão quase todas na Caixa Econômica e poucas no Banco do Brasil.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que os investimentos da Caixa Econômica eram melhores do que os do Banco do Brasil. Recentemente, continuamos na Caixa Econômica, com a finalidade de obter um aval bancário para a completa mudança do sistema de ar refrigerado do Palácio Austregésilo de Athayde. Isso foi feito com o apoio da *Light* e o financiamento do fornecedor do equipamento. Com a diminuição da despesa da energia, esse investimento seria pago, mas precisava de um aval bancário. Procurou-se o Banco do Brasil e o Bradesco, que pediram um depósito muito grande. A Caixa Econômica fez a custo zero, desde que mudássemos para outro fundo que dá um percentual um pouco maior.
- Prosseguindo, o Presidente entregou o *Catálogo da Exposição Machado de Assis*, um belo volume que a ABL está oferecendo aos Acadêmicos para presentear os amigos no Natal.
- O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu que a “Exposição Euclides da Cunha” seja contemplada com um catálogo assemelhado.
- O Acadêmico Ivan Junqueira informou que já está em fase final o *Catálogo da Exposição sobre dedicatórias, de Machado de Assis*, salientando que uma exposição sem catálogo morre no tempo.

- O Acadêmico Carlos Nejar associou-se às palavras apresentadas sobre a realização extraordinária desta Diretoria que honra a todos porque trabalhou, realizou e fez prosperar esta Casa. Discorreu sobre sua conferência na Casa Fernando Pessoa, em Portugal, sobre Cecília Meireles, que contou com a participação de membros da Academia das Ciências de Lisboa e vários escritores portugueses. Ficou contente de ver como a escritora é amada em Portugal. Entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia a revista *Colóquio Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, e o livro *A Luz Fraterna*, poesia reunida de António Osório. Finalizando, agradeceu as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo sobre sua *Poesia Reunida - Amizade do Mundo*, *Poesia Reunida I e Jovem Eternidade*, *Poesia Reunida II*.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar pelas informações sobre sua viagem a Lisboa e a apresentação do livro de António Osório, que passará a fazer parte da Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, em nome da Comissão de Publicações, entregou ao Plenário uma ficha sintética com as publicações do ano de 2009. Em suas várias coleções e em suas novas séries, foram 27 publicações. Dentre as novidades, citou o lançamento, na próxima quinta-feira, do primeiro lote da *Série Essencial*, contemplando dez Acadêmicos, num total de mais de trezentos. Convidou todos os Acadêmicos para colaborarem nessa série que pretende democratizar a informação sobre todo o passado da Casa de Machado de Assis. Pediu um voto de louvor para a Diretoria que está saindo porque esta é a última oportunidade de registrar o apoio a esse trabalho tão admirável.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelo bom êxito do trabalho realizado pela Comissão de Publicações.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho informou que as Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia já não tinham espaço para nenhum livro. Agradeceu ao Presidente Cícero Sandroni o espaço do subsolo no *Petit Trianon* das instalações para a encadernação e um espaço para a guarda dos livros pertencentes às Bibliotecas, além de um cofre para as obras raras.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e ressaltou que o espaço do subsolo não poderia ser melhor ocupado senão por livros.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet manifestou seu agradecimento profundo pela generosidade com que lhe honrou outorgando todo apoio, no curso de 2009, para que prosseguisse o trabalho da publicação da *Correspondência Completa de Machado de Assis*.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida levantou a questão, que começou com a intervenção do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, de que até hoje não se conseguiu a conciliação e a integração da ABL com a Universidade. Nunca viu tanto aluno em seus pátios, nunca viu tanto aluno em suas conferências, nunca viu tanto entusiasmo pela ABL numa nova geração.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin ressaltou que a *Correspondência de Machado de Assis* é a joia da coroa da Casa. Um trabalho de mais de 500 páginas, desenvolvidas pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet com a colaboração de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Sugeriu a continuação desse trabalho pelo engrandecimento de nossa obra machadiana.
- O Presidente Cícero Sandroni disse que espera o terceiro volume da *Correspondência de Machado de Assis*, uma pedra fundamental na história da literatura brasileira. Uma verdadeira radiografia da alma do escritor Machado de Assis. Um trabalho tão importante que várias editoras estão dispostas a fazer dela edições comerciais.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara comunicou que a campanha da Academia em prol da implantação do Acordo Ortográfico está em pleno desenvolvimento segundo correspondência, datada de 27 de novembro último, que recebeu da Ministra Portuguesa da Cultura, Gabriela Canavilhas, segundo a qual esta declarara em Bruxelas que o Acordo Ortográfico entrará em vigor em Portugal conforme previsto na planificação, sem atrasos, em janeiro de 2010. Acredita que estão sendo vencidas as resistências a um necessário Acordo Ortográfico, não só do ponto de vista linguístico, mas também do ponto de vista político para difusão e universalização da Língua Portuguesa.

Lembrou também que, depois do *Vocabulário Ortográfico da ABL*, a Editora Porto, de Portugal, publicou um *Vocabulário Ortográfico* sob a orientação de um dos signatários da Comissão Portuguesa, o ilustre filólogo e linguista português João Malaca Casteleiro. Acrescentou que a professora Maria Helena Rocha Pereira, quando aqui esteve, declarou que a publicação do *Vocabulário Ortográfico da Academia das Ciências de Lisboa* está em fase final de revisão e, portanto, até o fim do ano, ou no máximo no início do ano que vem, teremos a voz da Academia das Ciências de Lisboa, em relação ao Acordo Ortográfico. Declarou que um Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) está preparando o seu vocabulário. Com a aquiescência do Presidente Cícero Sandroni, imaginou que fosse possível fazer uma reunião desses diversos vocabulários para que se possa chegar a um denominador comum naqueles pontos em que o texto do acordo ficara omissivo, no sentido de que a Academia tenha na próxima edição um *Vocabulário Ortográfico*, que represente o ponto de vista geral de todos os especialistas em matéria de confecção desta obra. Disse que espera no próximo ano trazer aqui os responsáveis por estes vocabulários, oficiais e oficiosos, de maneira tal que se possa vencer alguns pontos que ainda geram dúvida na comunidade dos usuários do nosso sistema escrito.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e disse que nessa última reunião de trabalho fica apresentada essa sugestão.
- O Acadêmico Lêdo Ivo declarou que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara se esqueceu de mencionar que o *Le Monde*, um dos jornais mais prestigiosos do mundo, dedicou quase meia página ao Acordo Ortográfico, louvando o trabalho da Academia Brasileira de Letras em termos muito calorosos. Trouxe de Paris para ele esse recorte e pensou que iria mencionar esse fato à ABL, mas na sua infinita modéstia sonegou esta informação.
- O Presidente deu notícias do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que vai ficar mais alguns dias no Pró-Cardíaco.
- O Presidente comunicou, a seguir, que a Medalha Tiradentes será entregue à Academia Brasileira de Letras no próximo dia 7, às 18h30min, no plenário

Barbosa Lima Sobrinho da Assembleia Legislativa, no Palácio Tiradentes. Pediu também a transcrição nos *Anais da Academia* do discurso proferido pela Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que representou a ABL, na festa comemorativa dos 100 anos da Academia Paulista de Letras. Falou sobre o livro do Acadêmico Josué Montello – *Melhores Crônicas*. Seleção e prefácio de Flávia Amparo, publicação da Editora Global em coedição com a Academia.

- Na parte administrativa, o Presidente Cícero Sandroni informou que estão sendo feitas obras emergenciais de escoramento e descupinização no Solar da Baronesa de Muriaé. Havia uma sentença judicial e a Academia está atendendo a mesma.
- O Presidente informou ainda que, no dia 8 de dezembro, realiza-se a continuação do ciclo de conferências “1939 – O Trópico, Refúgio de Intelectuais e Artistas Europeus”, que nesse dia será coordenado pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e terá a participação de Alessandra Vanucci sobre Ruggero Jacobi, de Bárbara Heliodora sobre Ziembinski e de Vera d’Horta sobre Lasar Segall, às 17h30min, no Teatro Raymundo Magalhães Jr.. No mesmo dia, às 15 horas, na Sala José de Alencar, será feita a entrega do Prêmio Euclides da Cunha à Sra. Elaine Tennant, viúva do premiado professor norte-americano Frederic Amory, recentemente falecido. O Sr. Leopoldo Bernucci fará, na ocasião, uma palestra sobre o tema: “Processo de organização e pesquisa da biografia e os critérios adotados para a sua escritura”. Prosseguindo, convidou os presentes para a mesa-redonda “Reflexões sobre dois centenários: Norberto Bobbio e Isaiah Berlin”, que contará com moderação do Acadêmico Alberto Venancio Filho e participação dos Acadêmicos Celso Lafer e Sergio Paulo Rouanet, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. Lembrou também que ainda hoje, a partir das 19h, na Livraria Argumento na Rua Dias Ferreira, 417, Leblon, o Acadêmico Domício Proença Filho lançará a *Nova Ortografia da Língua Portuguesa*.

## DISCURSO EM COMEMORAÇÃO AO CENTENÁRIO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

*Acadêmica Lygia Fagundes Telles\**

Minhas amigas e meus amigos, o escritor Cícero Sandroni, Presidente da Academia Brasileira de Letras está em Recife e assim pediu-me que o representasse nesta bela comemoração. Eis que a Academia Paulista de Letras está apagando um bolo de cem velas. Eis que é uma Academia de heróis - heróis, sim, que lutam bravamente com a palavra escrita o que, segundo Ernest Becker, “é a negação da morte”.

Eis aí: a profissão de escritor exige, segundo ainda o ensaísta, a crença e a esperança de que as coisas que o homem cria na sociedade são de valor e sentido ermanentes. Enfim, coisas que vão resistir ao medo maior do homem: o medo da morte. Como o polvo, que quando perseguido solta tinta negra para que a água em redor fique turva e assim, camuflado, ele possa então fugir. A negra tinta do medo. Viscosa, morna. Mas o escritor precisa se ver e ver o próximo na transparência da água. Tem que vencer o medo para escrever esse medo. E resgatar a palavra através do amor, a palavra que permanece como “a negação da morte”.

Oportuno lembrar que a crise maior desta sociedade moderna está precisamente nisto, os jovens e os velhos não se sentem mais heróis no plano da ação.

---

\* Proferido na festa comemorativa dos 100 anos da Academia Paulista de Letras.

Vemos tantos demissionários do heroísmo nas Universidades. Demissionários do heroísmo nos negócios, nas carreiras, demissionários do heroísmo na política!

Daí esta crise que o nosso país enfrenta. Ouvi isto de um jovem: “Bebo e já entrei nas drogas pesadas, mas também a minha mãe é uma alienada, já fez plásticas mil e é uma consumista tão desesperada que já acabou dormindo num shopping...”

A Academia Paulista de Letras faz hoje este heroico convite ao jovem e ao velho: “Me leia, não me deixe morrer!”

Sim, a palavra escrita é “a negação da morte”, esta nossa palavra em língua portuguesa, mas com estilo ou modo brasileiro.

A vocação e a paixão. Machado de Assis, lá na Academia Brasileira de Letras faz também o convite heroico: acreditar na paixão e na vocação porque, “Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.”

## BIBLIOTECAS LÚCIO DE MENDONÇA E RODOLFO GARCIA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho\**

Senhor Presidente Cícero Sandroni.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Vou usar alguns minutinhos desta última das nossas reuniões semanais das quintas-feiras para dar-lhes mais algumas boas notícias.

É que as nossas duas Bibliotecas – a Lúcio de Mendonça e a Rodolfo Garcia – já não tinham espaços para mais um livro sequer.

A Lúcio de Mendonça, aqui ao nosso lado, com 23 mil livros e muitas obras raras.

A Rodolfo Garcia, mais adiante, com 52 mil livros digitalizados, além de 30 mil livros depositados em aluguel na *Metropolitan*, bem como obras raras e também doações importantes, que já estavam sendo guardadas em caixas e no chão.

Senhor Presidente.

Como uma das principais realizações de sua administração, V. Excia. resolveu recuperar o espaço do nosso subsolo, aqui em baixo, que não tinha nenhuma utilidade e que guardava apenas muito entulho.

---

\* Proferidas na sessão do dia 03 de dezembro de 2009.

Confiou a obra ao Arquiteto Jaime Zéttel, que anteriormente já executara trabalhos no nosso *Petit Trianon*, para restaurar cerca de 500 m<sup>2</sup> que valem hoje uma pequena fortuna, porque localizados aqui em pleno Castelo e que vão acrescentar-se ao nosso patrimônio imobiliário.

Nele, além de instalações para a nossa Encadernação, vão caber cerca de 120 mil novos livros e resolver o problema de espaço para as duas Bibliotecas, durante os próximos 20 anos.

E de quebra vamos dispor de um cofre de 12 m<sup>2</sup> de superfície e 2 m de altura para guardar as nossas 300 obras raras, que hoje já têm uma cotação internacional de centenas de milhares de dólares, segundo uma relação sigilosa que encaminhei a Vossa Excelência.

Enquanto isto, batendo todos os recordes em matéria de frequência, nossas Bibliotecas têm registrado números realmente surpreendentes – que superam todas as nossas previsões – com a média de 50 a 60 usuários por dia – em comparação com todas as Bibliotecas em nosso entorno e vizinhança (como as dos Clubes Militar, Naval e Aeronáutico, da Casa França-Brasil, do Instituto Histórico, do Banco do Brasil e do Tribunal de Justiça), todas elas se debatendo com a pouca afluência às suas salas e dependências - um problema exatamente contrário ao nosso.

Meus queridos Acadêmicos e Acadêmicas.

Exatamente agora, estou chegando ao fim dos meus mandatos como Diretor dessas Bibliotecas, quatro vezes eleito e reeleito por V. Excias. neste Plenário, em provas de reiterada confiança, e aproveito a oportunidade, para, do fundo do coração, muito agradecer.

E tenho a felicidade de entregar ao meu sucessor uma Diretoria com todos os seus problemas resolvidos, desde os da frequência, como já vimos, até os do espaço, solucionado graças à visão de V. Excia, Senhor Presidente.

Devolvo-lhes duas Bibliotecas em perfeito funcionamento, com motivos de muita honra e de muito orgulho, e que tanto têm dignificado e enobrecido a nossa Academia.

## SESSÃO DO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2010

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, João Ubaldo Ribeiro, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, colocou em discussão a Ata do dia 3 de dezembro, que foi aprovada. Disse que, como essa é a última sessão plenária, gostaria de comunicar que, juntamente com o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, esteve na Assembleia Legislativa para receber o Diploma e a Medalha do Mérito Tiradentes, que passarão a fazer parte do patrimônio museológico da Academia.
- Passando ao expediente, o Presidente comunicou que se realiza hoje a eleição da Diretoria para o exercício de 2010. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Antonio Carlos Secchin. Informou que se encontravam presentes 29 Acadêmicos. Votaram por carta

30 Acadêmicos e 8 pessoalmente, portanto são 38 votantes. Por razões de saúde, absteve-se de votar o Acadêmico João de Scantimburgo. Deu-se início a votação, que teve o seguinte resultado:

Primeiro Escrutínio

Presidente – Marcos Vinícios Vilaça - 37 votos;

Em branco – I voto;

Secretária-Geral – Ana Maria Machado - 38 votos;

Primeiro-Secretário – Domício Proença Filho - 38 votos;

Segundo-Secretário – Luiz Paulo Horta - 38 votos;

Tesoureiro - Murilo Melo Filho - 37 votos;

Em branco - I.

Terminada a apuração, o Presidente agradeceu o trabalho dos escrutinadores. Concluída a eleição, a Diretoria para o exercício de 2010 ficou assim constituída:

Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Secretária-Geral – Acadêmica Ana Maria Machado; Primeiro-Secretário – Acadêmico Domício Proença Filho; Segundo-Secretário – Acadêmico Luiz Paulo Horta; e Tesoureiro – Murilo Melo Filho.

- O Presidente Cícero Sandroni comunicou que os demais membros da Diretoria e as Comissões Permanentes serão eleitos por aclamação: Diretor das Bibliotecas – Acadêmico Alberto da Costa e Silva; Diretor do Arquivo – Sergio Paulo Rouanet; Diretor da *Revista Brasileira* – João de Scantimburgo; Diretor dos *Anais da ABL* – Eduardo Portella. O Presidente Cícero Sandroni disse que, segundo o *Regimento Interno da ABL*, estas Comissões são indicadas no mesmo dia da eleição da Diretoria, mas na verdade sugere que, quando da Reforma do Regimento, acharia mais razoável que as Comissões Permanentes fossem nomeadas na primeira sessão depois da posse da nova Diretoria. COMISSÃO DE CONTAS – Nélida Piñon, Tarcísio Padilha e Cícero Sandroni. COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES – Antonio Carlos Secchin; José Murilo de Carvalho e José Mindlin. COMISSÃO DE LEXICOGRAFIA – Eduardo Portella, Evanil-

do Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi. Por extensão, semelhança e similitude, será eleito também o CONSELHO EDITORIAL DA *REVISTA BRASILEIRA*, que ficará constituído por: Arnaldo Niskier, Lêdo Ivo e Ivan Junqueira.

- O Presidente Cícero Sandroni desejou à Nova Diretoria um excelente trabalho em 2010, que será um ano bastante rico do ponto de vista das efemérides, porque ocorrerão não só o centenário da morte de Joaquim Nabuco, mas os centenários do nascimento de Aurélio Buarque de Holanda, Rachel de Queiroz e Carlos Chagas. Além disso, há todo o trabalho cultural e de divulgação da Academia. Portanto, parabéns à nova Diretoria e aos membros das comissões. Antes de encerrar a sessão, anunciou o cronograma da próxima semana, que será a última da atual administração: na terça-feira, dia 15 de dezembro, às 17 horas, o encerramento do ciclo “1939 – O Trópico, Refúgio de Intelectuais e Artistas Europeus”, sob a coordenação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, com a participação de Jacó Guinsburg sobre Anatol Rosenfeld, de Felipe Fortuna sobre Paulo Rónai e de Ignácio Loyola Brandão sobre Curt Meyer-Clason. Na quarta-feira, dia 16, realiza-se a sessão plenária da eleição para a Cadeira 8, vaga com o falecimento do Acadêmico Antonio Olinto. Na quinta-feira, dia 17, às 14 horas, no Teatro R. Magalhães Jr., os Acadêmicos e afins se apresentarão num show de música regido pelo maestro Luiz Paulo Horta e, na parte final, haverá uma breve apresentação da Clara Sandroni. Convidou os Acadêmicos para uma visita ao subsolo às 16 horas, que passou por todos os melhoramentos necessários tornando-se também um local para abrigar 120 mil livros. Às 17 horas, realizar-se-á, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, a sessão solene de posse da Diretoria.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça disse não ser por um ritual de delicadeza, mas por um ato de profunda vontade, que a nova Diretoria quer agradecer às Senhoras e aos Senhores Acadêmicos pela prova de confiança tão categórica com que foram distinguidos. Acrescentou que o compromisso da nova Diretoria é dar continuada dignidade à administração da Casa. Com esse propósito, agradeceu mais uma vez a deferência dos confrades. Disse que estão satisfeitos e profundamente conscientes da responsabilidade de manter a tradição e cuidar do progresso da Casa, conforme Machado de

Assis os orientou. Agradeceu a todos.

- O Presidente Cícero Sandroni, no momento em que a Diretoria se despede desta banca, agradeceu a todos e comunicou que a próxima sessão será no Salão Nobre do *Petit Trianon*, para a posse da nova Diretoria.
- A Acadêmica Nélide Piñon pediu uma salva de palmas para esta Diretoria que se despede.
- Encerrando a sessão, o Presidente convidou os presentes para o lançamento da *Correspondência de Machado de Assis - Tomo II - 1870 - 1889*, coordenação e orientação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, e ainda o lançamento da Série Essencial, que propõe oferecer informações básicas sobre cada um dos ocupantes das 40 cadeiras da ABL ao longo da História, bem como sobre os patronos da instituição. Serão lançados nesta Série IO títulos, ambos no *Petit Trianon*, às 17h30min. No 1.º andar do Centro Cultural do Brasil, da ABL, realiza-se também, às 17h30min, o lançamento da *Antologia Poética*, de Izacyl Guimarães Ferreira. O livro tem apresentação dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Ivan Junqueira.

## SESSÃO DO DIA 16 DE DEZEMBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Helio Jaguaribe, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente submeteu a Ata do dia 10 de dezembro, que foi aprovada. Fez a entrega do novo CD-ROM do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* em sua versão resumida, cuja proposta de coedição com a editora Global já está aprovada. Deu a palavra ao Acadêmico Evanildo Bechara para falar do *Vocabulário*.
- O Acadêmico Evanildo Bechara ressaltou que, depois do sucesso da 5.<sup>a</sup> edição, que repete o sucesso das edições anteriores do *Vocabulário Ortográfico*, sai, numa nova versão, o *Minivolp* de acordo com a Reforma Ortográfica, com 60 mil vocábulos. O que significa que o *Minivolp* está na mesma extensão do próximo *Vocabulário Ortográfico da Academia das Ciências de Lisboa*. Trata-se de um livro que se destina aos alunos, é um livro portátil e que será um companheiro

permanente na hora em que o Acordo Ortográfico estiver sendo implantado. Informou que a Ministra da Cultura de Portugal, numa reunião em Bruxelas, declarou que o Acordo Ortográfico entrará em vigor em Portugal no dia 1 de janeiro de 2010. Apesar das críticas, o Acordo caminha vitorioso e estará implantado antes da data de 2012 para o Brasil, e 2016 para Portugal. Ressaltou que a ABL trabalha no plano da Ortografia, gostaria que ela atuasse de forma extensa como a Academia Espanhola, que acaba de publicar a sua nova *Gramática da Língua Espanhola*, em dois volumes, reunindo o consenso da normatividade da língua espanhola em 22 academias de letras. Enquanto o Brasil discute a simples ortografia das palavras, os espanhóis conseguem resolver uma norma panhispânica para toda a comunidade de falantes.

- O Presidente Cícero Sandroni comunicou que esteve junto com os Acadêmicos Moacyr Scliar e Carlos Nejar em Porto Alegre para receber, da Governadora Yeda Rorato Crusius, a Medalha da Ordem do Ponche Verde, a mais alta condecoração do Estado do Rio Grande do Sul. Em seguida, fez uma palestra sobre Euclides da Cunha que contou com a participação de dois Procuradores, um falou sobre a psicanálise de Euclides da Cunha e o outro falou sobre sua participação.
- O Presidente deu início à eleição para a Cadeira 8, do Quadro dos Membros Efetivos. São candidatos, na ordem de inscrição, a Professora Cleonice Berardinelli, os Srs. Ronaldo Costa Couto, Nelson Valente, Felisbello da Silva, Paulo Hirano, Eloi Angelos Ghio, José Paulo da Silva Ferreira, a Sra. Lêda Prado, e os Srs. José Humberto da Silva Henriques, Evanil Pires de Campos, Blasco Peres Rego. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Antonio Carlos Secchin. Encontravam-se presentes 22 Acadêmicos dos quais apenas quatro votaram pessoalmente. Por carta votaram 35 Acadêmicos num total de 39 votantes. Procedeu-se a votação que teve o seguinte resultado:

Primeiro Escrutínio:

Cleonice Berardinelli – 30 votos;

Ronaldo Costa – 9 votos.

- O Presidente agradeceu ao trabalho dos escrutinadores e declarou eleita para a Cadeira n. 8, que tem como patrono Cláudio Manuel da Costa, teve como fundador Alberto de Oliveira e como antecessores Oliveira Viana, Austregésilo de Athayde, Antonio Callado e Antonio Olinto, a Professora Cleonice Berardinelli.
- Finalizando, o Presidente Cícero Sandroni convidou a todos para um show dedicado aos funcionários, apresentado pela prata da Casa, às 14h, de amanhã, dia 17, no Teatro R. Magalhães Jr.

## SESSÃO DO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2009

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni declarou aberta a sessão dedicada à posse da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2010. Compondo a mesa estavam o Presidente Cícero Sandroni; o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Sergio Cabral, o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Dr. Eduardo Paes; o Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira; o Segundo-Secretário, Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; o Tesoureiro, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.
- O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, para ler o relatório das atividades da Academia no ano que se encerra. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni proferiu seu discurso ao deixar a presidência da Academia.
- O Presidente Cícero Sandroni deu posse aos integrantes da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2010, eleita na sessão do dia 10 de dezembro passado:

Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça;  
Secretário-Geral – Acadêmica Ana Maria Machado;  
Primeiro-Secretário – Acadêmico Domício Proença Filho;  
Segundo-Secretário – Acadêmico Luiz Paulo Horta;  
Tesoureiro – Acadêmico Murilo Melo Filho;  
Diretor das Bibliotecas – Acadêmico Alberto da Costa e Silva;  
Diretor do Arquivo – Acadêmico Sergio Paulo Rouanet;  
Diretor da *Revista Brasileira* – Acadêmico João de Scantimburgo;  
Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras* – Acadêmico Eduardo Portella.

- O Presidente empossado, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, proferiu seu discurso de posse na Presidência da Academia Brasileira de Letras. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a presença de todos.

## RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ABL EM 2009

*Lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira\**

A gestão da Academia Brasileira de Letras que ora chega ao término, abrangendo os anos de 2008 e 2009, muito nos honrou pelo privilégio e pela responsabilidade que nos coube no que toca às comemorações dos centenários de morte de dois dos maiores ícones da cultura brasileira – Machado de Assis e Euclides da Cunha. Ambas as comemorações obtiveram imensa repercussão e receptividade, tanto por parte do público quanto da mídia. O Ano Machado de Assis já foi devidamente registrado na publicação do relatório das atividades acadêmicas do ano de 2008, cabendo-nos agora, portanto, registrar tudo o que ocorreu no Ano Euclides da Cunha, tão rico de eventos quanto foi o anterior.

Se a exposição *Machado Vive!* obteve a correspondente expressão que esperávamos no tocante à importância literária que a obra de nosso patrono representa no panorama da cultura nacional, a exposição *Euclides, um brasileiro* nada deveu, em termos de mídia e público, ao que antes fora produzido, numa clara demonstração de um amadurecimento que extrapola o âmbito da Casa e que, cada vez mais, reconhece a multiplicidade das manifestações artístico-culturais que configuram qualquer nação. É como se estas exposições fossem a clara demonstração da equivalência literária e, em última análise, cultural, entre Machado e Euclides como dois dos marcos do processo de formação de nossa identidade.

---

\* Na sessão do dia 17 de dezembro de 2009.

*Euclides, um brasileiro*, exposição coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, de 27 de agosto a 17 de dezembro, que contou com milhares de visitantes, constituiu-se de amplo panorama iconográfico, textual e documental sobre a vida e a obra do autor de *Os Sertões*, ocupando todo o primeiro andar do Centro Cultural da ABL. Com fotos ampliadas que abrangeram desde a fisicidade do arraial de Canudos, a famosa “Troia de taipa dos jagunços”, à família e textos jornalísticos e literários do escritor, essa exposição cobriu, quase que passo a passo, a vida do escritor desde o seu nascimento à tragédia que o vitimou, aos 43 anos, mas que não o impediu de entrar para a história como um dos autores fundamentais da literatura ocidental.

Outra exposição importante foi a que comemorou os 70 anos do nosso confrade Marcos Vinícios Vilaça, de 16 de julho a 20 de agosto, retratando sua riquíssima experiência de homem público e intelectual e que, neste dia, retorna à Presidência da Casa a que já prestou valiosos serviços em sua gestão anterior.

Outro fato marcante dessa gestão foi o término das obras de restauração do *Petit Trianon*, visando à recuperação de suas características originais, tanto arquitetônicas quanto de acabamento (pintura, piso, etc.), com o emprego de sofisticada tecnologia que previne sua deterioração e que, por certo, resultarão em maior conforto do público. E já está concluída a recuperação do subsolo do *Petit Trianon*, que abrigará boa parte de nossos livros, inclusive obras raras, e a oficina de encadernações, cuja área será significativamente ampliada. Com capacidade para abrigar mais 100 mil livros, além dos 70 mil já existentes, esse novo espaço garante a ampliação das Bibliotecas Rodolfo Garcia e Lúcio de Mendonça durante os próximos 20 anos.

As atividades acadêmicas propriamente ditas, ou seja, aquelas que constituem o *modus operandi* da Casa, seu dia a dia enquanto instituição cultural, foi abrilhantada por diversos eventos que iremos agora, de forma sintética, relatar.

Os Ciclos de Conferências, com um total de 34 palestras, que, sem dúvida, são uma das atividades mais significativas da Casa, sempre coordenados por Acadêmicos, tiveram início em 10 de março com duas exposições sobre o Acordo Ortográfico entre os países lusófonos, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, uma iniciativa de extrema importância para o intercâmbio

cultural e econômico entre esses países, e que se encerrou, de forma esclarecedora, em 17 de março, culminando com o “Ciclo do Centenário de Morte de Euclides da Cunha”, sob a coordenação do Acadêmico Alberto Venancio Filho, de 11 de agosto a 30 de outubro, complementando-se com a realização da mesa-redonda “A Atualidade de Euclides da Cunha”, sob a direção do mesmo coordenador, em 15 de outubro. De 24 de março a 14 de abril, realizaram-se quatro conferências sobre os “200 Anos de Charles Darwin”, sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha, do qual participaram, como sempre, ilustres conferencistas convidados. O Ciclo “Efemérides 2009”, de 22 de abril a 19 de maio, coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, homenageou as datas centenárias de nascimento dos Acadêmicos Raimundo Corrêa, Américo Jacobina Lacombe, Pedro Lessa e Clóvis Bevilacqua, com a presença de expressivas personalidades nacionais, como as dos ministros do Supremo Tribunal Federal, Eros Grau e Ellen Gracie. O Ciclo “Poesia e Religião”, de 2 a 30 de junho, sob a coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira, abordou desde as obras de Jorge de Lima e Dante Alighieri a John Milton, Francisco de Assis e San Juan de la Cruz, contando também com a participação de críticos e poetas de reconhecida competência. Houve, ainda, o Ciclo “A Experiência do Pensamento”, coordenada pelo filósofo Adauto Novaes, que neste ano comemorou 30 anos de realização com a presença, como sempre, de personalidades exponenciais da cultura brasileira e internacional.

As mesas-redondas, uma das outras características da Casa, que abrangeram em 2009, no período de 26 de março a 3 de dezembro, quase uma trintena, homenageando uma série de personalidades significantes, tanto ao nível nacional quanto internacional, como Goeldi, Dias Gomes, Antonio Houaiss, Mario Benedetti, Mihai Eminescu, além dos 100 anos da morte de Lúcio de Mendonça. Este um dos fundadores da Casa de Machado de Assis, sendo ela a sua própria casa, como é, ainda, a nossa.

Se a série de ciclos teve como carro-chefe as comemorações do centenário da morte de Euclides da Cunha, há que ressaltar, durante as comemorações do Ano da França no Brasil, os ciclos “A França no Brasil”, de 7 de julho a 4 de agosto, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, e “A França Volta ao *Petit Trianon*”, de 20 a 23 de julho, sob a coordenação do Presidente Cícero

Sandroni. Este último contou com a presença de oito importantes intelectuais franceses, a saber: Emmanuel Renault, Xavier North; Henriette Walter, Henri-Pierre Jeudy, Pierre Rivas, Jacqueline Penjon, Roger Chartier e Didier Lamaison, que foi empossado como Sócio Correspondente da ABL em 6 de agosto, sendo recebido pelo Acadêmico Ivan Junqueira. A Casa empossou ainda, em 24 de setembro, um outro sócio correspondente, o escritor português Arnaldo Saraiva, que foi recebido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Foi também eleito como sócio correspondente, em 9 de julho, o Prêmio Nobel de Literatura José Saramago, cuja posse está prevista para 2010.

Teríamos ainda que assinalar os ciclos “50 Anos de Morte de Villa-Lobos”, de 10 a 24 de novembro, e “O Trópico, Refúgio de Intelectuais e Artistas Europeus”, de 1º a 15 de dezembro, mais uma vez coordenado pela presidência da Casa, analisando a importantíssima contribuição para a nossa formação cultural de intelectuais, artistas e escritores que aqui aportaram em fuga de uma Europa que se preanunciava conflagrada pelas hostes do nazi-fascismo, tais como, entre outros, Otto Maria Carpeaux, Stefan Zweig, Paulo Ronai e Anatol Rosenfeld.

Os Seminários, em número de dez, abrangeram desde a história da vida literária à tradição oral e literatura brasileira, cabendo citar entre eles o “Colóquio Internacional de Literatura e Música” e “Duas Línguas, Duas Culturas: Brasil e Macau”, coordenado pela Presidência da ABL, sendo que todos os seminários contaram com a participação de notáveis especialistas brasileiros e estrangeiros, inclusive – ou sobretudo – acadêmicos. Nesta seção também ocorreu o Seminário “OuLiPo (“*Ouvroir de Littérature Potentielle*”), uma experiência de prática coletiva da escrita com base na vanguarda francesa, do Surrealismo ao grupo *Tel Quel*.

Destacamos a reunião anual entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa nos dias 17 e 18 de novembro, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, com a participação dos acadêmicos portugueses Adriano Moreira e Maria Helena da Rocha Pereira sobre os temas “O Direito Português da Língua” e “Da Oralidade à Escrita: os Caminhos da Harmonia de uma Língua Única”, ambas presididas pelo Presidente Cícero Sandroni e comentadas, respectivamente, pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara.

Nesta ocasião foram desenvolvidas diversas parcerias com consulados e institutos culturais europeus e instituições universitárias do Rio de Janeiro.

Quanto ao setor de Lexicologia e Lexicografia, talvez a espinha dorsal das atividades da Academia Brasileira de Letras, se não for sua alma ou coração, no sentido de preservação da Língua Portuguesa, foram publicados a 5ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, o *VOLP*, lançada oficialmente em março na ABL, o livro *Frases Feitas – Estudo Conjetural de Locuções, Ditados e Provérbios*, de autoria de João Ribeiro, a 2ª edição do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, distribuído a partir de fevereiro, a finalização do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, o *MINIVOLP*, e o prosseguimento editorial, em fase adiantada, do *Dicionário de Machado de Assis*. Através do “Programa ABL Responde”, de enorme repercussão junto à população, foram atendidas mais de 30.000 perguntas sobre a língua portuguesa, o que, por si só, é uma prova de importância e de interesse pelo papel que esta instituição desempenha.

O Setor de Publicações, graças a um trabalho irmanado com o Setor de Lexicologia e Lexicografia, com suas coleções tradicionais – Coleção Afrânio Peixoto e Coleção Antonio de Moraes Silva, entre outras –, coedições, publicações regulares e avulsas, produziu mais de 30 volumes de inegável importância, por seu sentido de resgate e reflexão, para a arte e a cultura brasileiras, cabendo citar entre os títulos daquela primeira coleção: *O Marido da Adúltera*, de Lúcio de Mendonça; *Três Panfletários do Segundo Reinado*, de R. Magalhães Júnior; *Cinematógrafo (Crônicas Cariocas)*, de João do Rio; *Francisco Alves de Oliveira (Livreiro e Autor)*, de Edmundo Moniz; *A Academia Brasileira de Letras – Subsídios para sua História*, organização de José Murilo de Carvalho; *As Cartas de Erasmo*, de José de Alencar; *Trabalhos Esparsos de Euclides da Cunha*, organização da Comissão Euclides da Cunha (constituída dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Affonso Arinos e José Murilo de Carvalho) e *Correspondência de Machado de Assis 1870-1989*, sob a supervisão de Sergio Paulo Rouanet.

As atividades teatrais, que incluíram leituras dramatizadas e teatro-educação, totalizaram 15 apresentações, entre 14 de setembro e 14 de dezembro, com representações de comédias brasileiras do século XIX, incluindo-se aí comédias de Machado de Assis e a belíssima homenagem ecológica, dirigida aos adoles-

centes das escolas municipais, à obra de Euclides da Cunha intitulada *À Margem da História*, tema tão visível nos dias que correm e que o escritor, de certa forma, antecipou. Ainda dentro do campo das artes visuais, a Galeria Manuel Bandeira realizou quase uma dezena de exposições individuais e coletivas, numa variedade de temas que extrapolaram interesses meramente mercadológicos para se fixar e afirmar a pluralidade das manifestações artísticas, como foi o caso da mostra *A Ilha de Moçambique*. Isto para não falarmos, ainda dentro das artes visuais, da mostra de cinema da ABL, intitulada *Cinema e Literatura*, com mais de 32 apresentações de clássicos da cinematografia nacional e internacional, sob a coordenação do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, havendo que se destacar, nas exposições fora das mostras, o documentário *O Retorno do Filho*, de Douglas Machado, em que o poeta, Acadêmico e (por que não?) *doublé* de ator Alberto da Costa e Silva retorna à cidade que, de certa forma, moldou a grandiosa obra de seu pai, o poeta simbolista Da Costa e Silva, a que se acrescentou, também fora das mostras, o filme *Novos Lares: os Judeus em Nilópolis*, de Radamés Vieira.

A música, mais uma vez, esteve muito bem representada neste ano na ABL, com sete apresentações de música de câmara, em que conjuntos reconhecidamente competentes satisfizeram plenamente a plateia, assim como no que toca à música popular, esta homenageando, nos dez eventos da *MPB na ABL*, expressivos compositores populares do Brasil.

Os prêmios literários e de cinema foram entregues na Sessão Comemorativa dos 112 Anos de Fundação da ABL, em 22 de julho, tendo como orador oficial o Acadêmico Tarcísio Padilha. O Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, a Salim Miguel; o Prêmio ABL de Poesia a Denise Emmer, pelo livro *Lampadário*; o Prêmio ABL de Ficção a Silviano Santiago, pelo livro *Heranças*; o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais a Gisele Sanglard, pelo livro *Entre os Salões e o Laboratório: Guilherme Guinle, a Saúde e a Ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*; o Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária a José Maurício Gomes de Almeida, pelo livro *Machado, Rosa e Cia.*, e Menção Honrosa na mesma categoria a Maria Janaína Botelho Correia, pela obra *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX, Prática e Representação Social*; o Prêmio ABL de Literatura Infantojuvenil a Francisco Salles Araújo, autor de *Cordelinho*, e ao ilustrador da mesma obra, Ciro Fernandes; o Prêmio ABL de Tradução a Paulo Bezerra, pelo

livro *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoievski; e o Prêmio ABL de Cinema a Rafael Conde, pelo roteiro do filme *Fronteira*, com direção do mesmo, baseado em romance homônimo de Cornélio Pena. Quanto ao Prêmio Euclides da Cunha, foi conferido ao livro *Euclides da Cunha: uma Odisseia nos Trópicos*, de Frederic Amory.

Devido à reforma do *Petit Trianon*, as Visitas Guiadas, atividade regular que conta e canta, por meio de atores profissionais, os momentos relevantes da história da Casa, neste ano só puderam ser retomadas a partir do mês de setembro, perfazendo o total de quase 60 visitas e um público estimado de 8.000 visitantes, batendo novo recorde em seus 12 anos de existência.

Os mais de 36 lançamentos de livros, DVDs, sites e projetos culturais que ocorreram no *Petit Trianon*, ou que foram promovidos pela Livraria Acadêmica, demonstraram a importância das atividades acadêmicas no que diz respeito à divulgação do livro e, sobretudo, à sua produção, como foi comprovado pela atuação, neste ano, dos setores de Publicações e de Lexicologia e Lexicografia da ABL. Dentre os títulos editados, de ensaio, ficção e poesia, constam os lançamentos, já citados por nós, do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, edição da ABL, e o *Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa*, do Acadêmico Evanildo Bechara, edição da Nova Fronteira, lançados na Sala dos Fundadores do *Petit Trianon*, em março e setembro, respectivamente. Vários acadêmicos, de março a novembro, participaram desses lançamentos de livros, como Candido Mendes, com o livro *Dr. Alceu: da Persona à Pessoa*; Hélio Jaguaribe, com *Brasil, Mundo e Homem na Atualidade*; Ivan Junqueira, com *Cinzas do Espólio*; Carlos Nejar, com *Dicionário de Citações da Ficção e Poesia Reunida: Amizade do Mundo* (volume I) e *Jovem Eternidade* (volume 2); Alberto da Costa e Silva, com *O Quadrado Amarelo*; e Arnaldo Niskier, com *Língua Portuguesa, uma Paixão*, entre tantos outros autores não acadêmicos.

A Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, no *Petit Trianon*, participou, com mais uma demonstração de sua importância e profissionalismo, das atividades promovidas pela Casa, como exposições, conferências, publicação de livros e acompanhamento das entrevistas e visitas ilustres que se fizeram à Academia Brasileira de Letras. A Biblioteca funcionou regularmente, dando continuidade aos serviços de referência e descrição de documentos, seleção de acervo

e normatização e controle de qualidade de sua base de dados. Do mesmo modo, a Biblioteca Rodolfo Garcia, no Palácio Austregésilo de Athayde, cadastrou serviços prestados a 640 leitores e 9.679 usuários, com a mesma demonstração de importância e profissionalismo de sua congênere acadêmica, ambas oferecendo, por meio de seus acervos e prática, inestimáveis serviços ao público que as consulta via internet ou que as frequenta.

O Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, reformulado em 1997, incluiu em sua estrutura organizacional importantes departamentos técnicos setoriais, como o Arquivo Múcio Leão, o Departamento de Acervos Museológicos, o Setor de Pesquisa do Espaço Machado de Assis e o Setor de Recursos Audiovisuais. O Arquivo Múcio Leão, um dos setores de ponta do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, na medida em que resguarda o seu acervo documental por meio de um sofisticado procedimento técnico e profissional, com o apoio do Núcleo de Conservação Guita Mindlin, vem se revelando uma espécie de *avant-garde* das atividades da Casa em seu papel de preservar a tradição e a modernidade de nossa cultura. Tal setor, trabalhando em duas frentes, a do Arquivo dos Acadêmicos e a do Arquivo Institucional, organizou alguns dos Arquivos pessoais dos Acadêmicos, além de gerenciar os arquivos setoriais e permanentes da instituição, que abrangem diversos gêneros, como acervos textuais, de audiovisual e iconográfico (digital e analógico). O Arquivo Múcio Leão, entre tantos trabalhos, revisou o projeto de informatização do Arquivo Machado de Assis e organizou os arquivos dos patronos José Bonifácio – o Moço, Bernardo de Guimarães e o Arquivo Joaquim Nabuco.

O Espaço Machado de Assis, entre outras atribuições, pesquisou e organizou para reedição os livros *A Academia Brasileira de Letras – Notas e Documentos para a sua História (1896-1940)*, de Fernão Neves, trabalho coordenado pelos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Alberto Venancio Filho, e o segundo volume do mesmo título referente ao período de 1940 a 2008, coordenado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, e mais a coordenação da publicação de *Textos Esparsos de Euclides da Cunha*, organizado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.

O interesse do público, crescente a cada ano, pelas atividades artístico-culturais da Casa, também pôde ser aferido por meio do Portal da ABL na internet,

com mais de três milhões de acesso, além de contar com 6.172 telespectadores nas transmissões on-line dos diversos eventos realizados durante o ano de 2009, um novo recorde em relação ao ano passado.

A Academia Brasileira de Letras, como é de praxe a cada ano, foi bem representada no exterior com a presença de vários Acadêmicos. Com início no dia 16 de janeiro, na Embaixada do Brasil em Roma, os Acadêmicos Ivan Junqueira, Ana Maria Machado, Marcos Vinícios Vilaça e Moacyr Scliar participaram do *Seminário Machado de Assis e João Guimarães Rosa: um Século de História*.

Em 3 de janeiro, em Paris, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin ministrou, para pós-graduados, um curso sobre a poesia brasileira na Sorbonne; no dia 31 do mesmo mês, proferiu a conferência *L'Indien dans la Littérature Brésilienne*, na *École Doctorale* da Universidade de Paris-III (Sorbonne), e no dia 6 de fevereiro, na Universidade de Rennes, a conferência intitulada *Memória, Identidade, Território: um quase-cordel de João Cabral*, tendo realizado também, de 12 a 16 de outubro, nas cidades espanholas de Salamanca, Madri, Barcelona e Sevilha, quatro conferências sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto.

De 11 a 15 de fevereiro, os Acadêmicos Ivan Junqueira, Lêdo Ivo e Moacyr Scliar participaram da “X Edição de Correntes d’Escrita”, em Póvoa de Varzim, em Portugal. Em 19 de fevereiro, o Acadêmico Moacyr Scliar participou, como convidado especial, de palestra na Universidade de Oxford e, nos dias 21 e 22 do mesmo mês, da Feira do Livro de Londres; em outubro realizou palestras no “Festival de Literatura Brasileira”, em Washington e na Universidade de Chicago.

A partir do dia 25 de março, o Acadêmico Evanildo Bechara tomou parte do “Congresso sobre Lusofonia nos Açores” e, de 23 de outubro a 5 de novembro, em Coimbra, de diversas atividades sobre aspectos gerais e específicos que envolveram o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, tendo participado, também, no dia 6 de novembro, em Vila Real, de congresso patrocinado pela Sociedade de Historiografia Linguística de Portugal.

O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi recebido, no dia 22 de janeiro, em sessão especial, na Academia das Ciências de Lisboa, seguindo, uma semana depois, para Moscou, onde proferiu conferências sobre privatização de estabe-

lecimentos governamentais, e para Viena, onde participou de reuniões de cortes de contas de todos os continentes. A Acadêmica Ana Maria Machado esteve, de 22 a 27 de março, na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, na Itália; de 13 a 16 de outubro, encontrava-se em Nova York para o “Encontro Internacional de Escritoras”, tendo participado, anteriormente, ainda nos EUA, em Illinois, da “8ª Conferência Regional da Organização Internacional do Livro Infantil”.

A Acadêmica Nélide Piñon seguiu para Madri, no início do mês de abril, na qualidade de jurada do Prêmio Internacional Dom Quixote; em 16 de abril realizou palestra e participou de mesas-redondas na *Brown University*, em Providence, EUA, seguindo, no dia 26, para a Feira do Livro na capital da República Dominicana; em 11 de junho, a Acadêmica foi homenageada, na Espanha, pela Universidade de Salamanca, com um seminário sobre sua obra, que contou com a participação de vários especialistas; inaugurou, em 30 de julho, a 14ª Feira Internacional do Livro, no Peru, que elegeu o Brasil como país homenageado. Em 20 de agosto, a própria Acadêmica foi homenageada, em Bogotá, pelo “4º Concurso Literário”, promovido pelo Instituto de Cultura Brasil-Colômbia; no dia 15 de setembro, em Nova York, lançou o romance *Vozes do Deserto*, pela Editora Randon House, e no mês de outubro percorreu várias cidades espanholas para divulgar seu livro recém-publicado *Coração Andarilho*, participando, ainda, no dia 8 deste mesmo mês, em Madri, do festival de arte Vivamérica e, em Lisboa e Penafiel, nos dias 15, 16 e 17, da entrega do Prêmio José Saramago, de que foi jurada.

O Acadêmico Arnaldo Niskier realizou palestra no dia 29 de outubro na *Columbia University*, em Nova York, sobre o tema “Brasil 2016: Educação de qualidade, um sonho possível”. De 23 a 28 de outubro, o Acadêmico Ivo Pitanguy participou, em Seattle, Washington, do “*Facial Symposium e Annual Meeting of the American Society of Plastic Surgeons*”; no dia 29, em Nova York, foi conferencista na *Columbia University*; e de 5 a 7 de novembro, foi ao México para ser homenageado pela *Asociación Mexicana de Cirugía Plástica, Estética y Reconstructiva*.

Na primeira quinzena de setembro, o Acadêmico Lêdo Ivo participou, no México, do “V Festival Internacional Chihuahua”, encontro de escritores e po-

etas latino-americanos e europeus, comparecendo também ao de Juarez, ocasião em que realizou palestras e recitais de poesia; no dia 8 de outubro, filiou-se, na condição de membro titular, ao *PEN Club Français* e à *Fédération des PEN Clubs*.

O Acadêmico Celso Lafer foi o palestrante na abertura, em 15 de outubro, do Colóquio Internacional, sediado na Universidade de Turim, na Itália, que celebrou o centenário de nascimento de Norberto Bobbio; em 22 de outubro, em Paris, no Instituto da União Europeia para Estudos de Segurança, ministrou a palestra “Organizando um Mundo Pós-crise” e, no dia seguinte, a conferência “1989: um Evento Mundial”, sobre a queda do muro de Berlim, encerrando sua viagem em Marrakech ao participar, de 30 de outubro a 1º de novembro, da “Conferência Mundial sobre Política Internacional” promovida pelo Instituto Francês de Relações Internacionais.

O Acadêmico Carlos Nejar participou, no dia 26 de novembro, de conferência sobre Cecília Meireles na Casa Fernando Pessoa, em Portugal. Com a presença dos Acadêmicos Cícero Sandroni, Presidente, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário, e Evanildo Bechara, Tesoureiro, foi lançado, na primeira quinzena de abril, na Academia das Ciências de Lisboa, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Na ocasião, os Acadêmicos foram recepcionados pelo Presidente Cavaco Silva, que recebeu vários exemplares do *VOLP* e demonstrou seu entusiasmo pela iniciativa da ABL. Falaram, na oportunidade, o Presidente da ABL, o Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, o Acadêmico Evanildo Bechara e o Presidente da Academia de Letras da Galiza.

A Feira do Livro de 2009, em Santiago do Chile, recebeu o Presidente da ABL e os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça e Carlos Nejar, para o lançamento da antologia bilíngue da poesia de Nicanor Parra e Vinicius de Moraes, edição da Academia Brasileira de Letras e da *Academia Chilena de la Lengua*.

Foi com enorme pesar que a Academia Brasileira de Letras registrou o falecimento, no dia 12 de setembro, do saudoso Acadêmico Antonio Olinto, que ocupava a Cadeira nº 8.

Há que se assinalar, ainda, o patrocínio da Petrobras que, como parceira da Academia Brasileira de Letras, tornou possível a manutenção, em 2009, dos

serviços da Biblioteca Rodolfo Garcia e de todas as atividades realizadas, e que ainda se realizarão, no Teatro R. Magalhães Júnior, de agosto de 2009 a novembro de 2010. O pedido de patrocínio parcial ao BNDES para a restauração e conservação do Palácio *Petit Trianon* foi acertado na última semana do ano.

Finalizando, queremos registrar, em nome de toda a Diretoria que ora se despede agradecida, o imprescindível apoio que tivemos da parte de todos os Acadêmicos e, sobretudo, das chefias e funcionários de cada setor que, com sua dedicação e profissionalismo, ao longo desses dois anos de nossa gestão, tanto colaboraram para que a Casa de Machado de Assis continuasse a contribuir com a cultura brasileira.

Restaria uma derradeira palavra de elogio, que julgo ser a de todos confrades, ao trabalho incansável do Presidente Cícero Sandroni, com quem tive a honra de colaborar ao longo destes últimos dois anos. Elogio ao seu tirocínio administrativo, à sua renúncia da vida pessoal, à sua cotidiana dedicação à Casa de Machado de Assis e à inestimável contribuição que deu — e ainda virá a dar — à cultura brasileira.

## DISCURSO DE DESPEDIDA DO PRESIDENTE CÍCERO SANDRONI

*Proferido na sessão do dia 17 de dezembro de 2009*

Senhoras Acadêmicas, Senhores Acadêmicos,

Em seu livro *Conversa Inocente*, o poeta e Acadêmico Ribeiro Couto assim descreveu os jornalistas:

“Não há, talvez, gente mais detestada em segredo. Nem gente a quem os outros, quase sempre, recorram tanto. Força irresistível, dominadora, ostensiva de todo o panorama social, construindo heróis falsos ou verdadeiros, derrubando verdadeiros ou falsos ídolos, o jornal – esta folha de papel que custa um níquel, que interessa durante uma hora é escrito, na verdade, por gente suspeita. Onde vieram esses sujeitos em mangas de camisa, com uma ponta de cigarro no canto da boca, que rabiscam nervosamente no fundo da sala? Que pensamentos e ambições estarão por trás dessas frentes inclinadas sobre a mesa?”

Que pensamentos e ambições teria eu, por trás da minha frente inclinada sobre a mesa das redações em que trabalhei? Ao lembrar o jovem jornalista do século passado, penso em sua única e declarada ambição: exercer a profissão na medida das suas forças, bem distante daqueles poucos, pouquíssimos profissionais cujo objetivo era enriquecer sem pensar na dignidade profissional, ou do aforismo de Jules Janin, segundo o qual o jornalismo leva a tudo – com a condição de se sair dele. Enfim, ambicionava ser um bom jornalista. E constituía

motivo de orgulho, ao preencher formulários, no quesito profissão, escrever o substantivo jornalista, pois profissão, descrita pelo nosso saudoso Houaiss em seu monumental dicionário é atividade, carreira, emprego, ganha-pão, ocupação, ofício, trabalho. Em mais de meio século de trabalho em jornais, revistas e televisão fui jornalista, e tal como dizia o Conde Cavour, o consolidador da unidade italiana, *anch'io sono giornalista e me onoro*.

Escritor terei sido nos interstícios da profissão. Mas, nas redações em que trabalhei, entre os pensamentos e ambições que passavam pela minha frente inclinada sobre a mesa, jamais passou-me pela cabeça, ser alçado à presidência da Academia Brasileira de Letras. É verdade que quando criança, alguma fantasia megalômana surgia de vez em quando. Se me perguntavam o que desejaria ser quando crescesse, talvez por influência de uma avó muito beata, eu respondia quero ser Papa. Mais tarde, muito mais tarde, ao entender que as sandálias do pescador não estavam ao meu alcance a ambição era muito mais modesta; mesmo ingressar nos quadros da ilustre companhia estava longe dela. A exemplo de Jaceguai, ilustre antecessor na cadeira que ocupo, o bravo almirante que rompeu a passagem de Humaitá, sob o fogo do canhoneio paraguaio, mas hesitava, segundo Nabuco, desembarcar na praia de Santa Luzia, metáfora da indecisão do almirante em candidatar-se à Academia, também hesitei. E só dez anos após a morte do jornalista Austregésilo de Athayde, apresentei-me candidato na vaga de um grande advogado que exerceu com desassombro e coragem a profissão de jornalista, Raimundo Faoro, sucessor de meu grande mestre o jornalista Barboza Lima Sobrinho, também Presidente desta Casa.

Esta talvez dispensável introdução para dizer, meus amigos, que, no meio século da minha vida profissional de jornalista - e garanto que não saí dela - e escritor, na qual também pretendo continuar, presidir a Academia Brasileira de Letras nos últimos dois anos foi a maior honra e o maior privilégio que o destino me proporcionou. Jamais imaginei, e acreditai, nem mesmo em delírios montado num hipopótamo, na hipótese de receber das vossas mãos, Senhoras Acadêmicas e Senhores Acadêmicos, este legado e a missão de prosseguir, na sucessão de nomes tão ilustres da nossa história, nesta seara jubilosa, mas plena de responsabilidades, a de dirigir os trabalhos da nossa Casa, na condição de seu quadragésimo segundo presidente.

Confesso-vos que, investido neste honroso cargo, quando entrei pela primeira vez na sala dos presidentes, no andar da diretoria, ao observar o retrato de Machado de Assis, primeiro presidente e consolidador desta Casa, notei na fisionomia do Bruxo um olho a piscar com ar de galhofa, e o outro envolto em melancolia, como se dissesse, no linguajar das expressões fotográficas, sempre misterioso e inexplicável: “com que então chegaste até aqui!”

Miguel Torga dizia sobre sua vida: o meu destino me destina, o resto sou eu que faço. Ao lembrar a frase do grande escritor português, para responder à imaginária exclamação de Machado, disse-lhe que o destino às vezes tem razões que a razão dos acadêmicos desconhece. O ar um tanto incrédulo agora dos dois olhos do Bruxo, fez-me lembrar Mario Quintana para quem o destino é o acaso atacado de mania de grandeza. (aqui, com todo respeito, sem qualquer alusão ao grande e nobre estado do Pernambuco). Não diria nunca que o acaso me fez chegar até aqui. Seria zombar demais do destino. Mas se aqui cheguei, mantive sempre a consciência de que se algo de positivo e de bom foi realizado nestes dois anos, para alcançar tal resultado trabalhei tal e qual quando exercia a profissão de jornalista. Eleito e reeleito pela unanimidade dos meus pares, eu queria corresponder à confiança em mim depositada e desejava ser um bom Presidente desta Casa. Minha ambição, no caso, era trabalhar para cumprir um dever que excedia as minhas forças, poucas para tão ingente tarefa, mas ao qual me dedicaria com todo o empenho. E se alcancei algum êxito deve-se ao fato de ter contado com a colaboração dos meus companheiros de diretoria, aos quais agradeço, de coração, pelo apoio eu diria diuturno, pois às madrugadas às vezes também os consultava ao telefone. Trabalhar com estes confrades exemplares foi compreender a afirmação do poeta alemão Schiller: “Quando acompanhado de boas conversas \ o trabalho corre alegre”. E, acreditai, assim passamos dois anos. No correr deste tempo, ouvi sempre a palavra amiga, o conselho perfeito, a achega oportuna, e o comentário estimulante, muitas vezes salpicado *cum granus salis*, dos meus queridos colegas de diretoria, Ivan Junqueira, Evanildo Bechara, Alberto da Costa e Silva e Nelson Pereira dos Santos aos quais, neste momento, agradeço publicamente pelo muito que fizeram neste trabalho em que o conjunto da obra dependia do esforço de todos.

Quero referir-me também aos que, ao lado da diretoria, desenvolveram as atividades fundamentais da Casa. Eleito diretor das bibliotecas, Murilo Melo Filho compareceu diariamente ao seu gabinete para supervisionar os trabalhos da Rodolfo Garcia e da Lúcio de Mendonça e obteve um grande êxito, com um público crescente, ávido pela leitura dos nossos livros. O diretor do Arquivo Sérgio Paulo Rouanet, sempre presente não só na coordenação dos trabalhos, mas também um incansável pesquisador, coordenador dos volumes da correspondência completa ativa e passiva de Machado de Assis. Além de seu trabalho de tesoureiro, Evanildo Bechara dedicou-se aos trabalhos da Comissão de Lexicografia e Lexicologia, que entregou este ano a quinta edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, hoje comercializado com sucesso pela Editora Global e, na última sessão plenária, entregou o *MiniVôlp* que será igualmente colocado à disposição do público, em especial dos estudantes do segundo grau. Ao seu lado atuaram Eduardo Portella e Alfredo Bosi. Por razões de saúde o diretor da *Revista Brasileira*, João de Scantimburgo, com tantos serviços prestados à Casa, teve o apoio permanente do Acadêmico Lêdo Ivo e a *Revista* não sofreu solução de continuidade, com suas oito edições neste biênio. Na Comissão de Contas, sempre rigorosos, os ex-presidentes e experientes na administração da Casa, Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha. E na Comissão de Publicações, Antonio Carlos Secchin, José Murilo de Carvalho e José Mindlin realizaram excelente trabalho com o lançamento de mais de 60 títulos em dois anos.

Todos serviram à Academia assim como os outros colegas o fizeram, sempre que convocados para colaborar na administração. E não poderia ser de outra forma, pois estamos nesta Casa, para servi-la e não para nos servir dela ou para afagar os nossos egos. É um princípio de honra, um compromisso de dignidade legado pelos fundadores e pelos que, no correr dos anos, os sucederam. Servi-la, e não servir-se dela. E ao servi-la, realizamos juntos tarefa importante: contribuir para o desenvolvimento da cultura brasileira sem xenofobia, aberta às boas influências do exterior, mas na defesa da língua portuguesa e da literatura nacional.

Não poderia deixar de lembrar também a contribuição indispensável que o corpo de funcionários deu ao bom andamento dos trabalhos acadêmicos.

Como é da tradição, e por mérito, este muito obrigado a todos os que nos ajudaram, das funções mais humildes aos assessores da cúpula da administração, é dirigido à nossa querida, unanimidade entre os Acadêmicos, a jovem Maria Carmen de Oliveira, decana entres os funcionários, com 43 anos de serviços dedicados à Casa.

O relatório lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira já nos disse o suficiente sobre o que realizamos em 2009. Mas toda a obra que hoje floresce e alcança repercussão, no Brasil e no exterior, tem suas raízes no passado. Sempre é bom lembrar que as sólidas bases da nossa vida econômica e financeira foram estabelecidas pela geração de Acadêmicos que, liderada por Austregésilo de Athayde, construiu um patrimônio indispensável à realização de um sonho. E nas palavras do então Presidente Athayde na inauguração do palácio que hoje leva o seu nome, por sugestão de Evaristo de Moraes Filho, a realidade tornou-se maior que o sonho. Após a sua morte, os presidentes seguiram seus passos no contínuo processo de construção da Academia, a saber, Josué Montello, Antonio Houaiss, Nélida Piñon, Arnaldo Niskier, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva, Ivan Junqueira e Marcos Vinícios Vilaça. Presenças exponenciais na vida intelectual brasileira, eles se debruçaram sobre os problemas administrativos com atenção e zelo, e a eles e suas diretorias devemos não só a constância nos trabalhos de que nos falava Machado, mas também o carinho e o afeto com que administraram a engenharia da convivência e amizade entre os Acadêmicos, indispensável à nossa vida nesta Casa.

Minhas amigas, meus amigos,

Em alguns instantes tomará posse pela segunda vez na presidência da Academia o querido e fraternal amigo Marcos Vinícios Vilaça. Na cerimônia realizada neste *Petit Trianon*, há dois anos, quando o sucedi, afirmei, e agora reafirmo que Vilaça, leitor de Vieira, aprendeu dele que de todos se há de pedir contas do que fizeram, mas muito mais do que deixaram de fazer. Vilaça fez. Não se omitiu. Nos dois anos de sua presidência, quando tive a honra de servir no cargo de Secretário-Geral, acompanhei a atividade desenvolvida de forma próxima da ubiquidade do então Ministro do Tribunal de Contas da União, sempre atento ao seu Recife, às viagens de serviço ao exterior e, ao mesmo tempo, eficiente

Presidente da Academia Brasileira de Letras. Sempre atento também, ao lado de Maria do Carmo, à intensa vida social e de representação da ABL. De que forma conseguiu fazer tanto? Não me perguntem: é um mistério!

Mistério marcado pela presença do amor de Maria do Carmo, a nossa querida baronesa do Limoeiro, do soneto de Odilo Costa, filho, e de toda a família, onde ele encontra conforto, apoio e repouso. Com tudo isso, a certeza de que repetirá, na presidência da ABL, sua exemplar administração de 2006/2007 não é só minha, mas de toda a Casa que o elegeu por unanimidade. E agora com mais tempo, pois não será mais obrigado às cansativas viagens semanais a Brasília, sua presença constante no Rio de Janeiro, cidade que já o adotou como cidadão honorário, tenho certeza que apoiado em sua excelente diretoria, tentará voos mais altos para a nossa ABL, neste ano dedicado à memória de Joaquim Nabuco, mas também de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, de Rachel de Queirós, de Carlos Chagas, e de Miguel Reale.

Não creio que exista no Brasil, neste momento, tarefa tão grata aos que amam as nossas letras do que servir à Academia Brasileira de Letras seja no plenário, nas comissões, ou na diretoria. Todos somos servidores. Mais do que um dever, trata-se de um privilégio concedido a raros, os *happy few* da nossa batalha de São Crispim, não para conquistar a França, mas pela cultura brasileira.

Não quero alongar-me nesta despedida da presidência da Academia. Deixo-a, ao lado dos meus companheiros da diretoria que aqui também se despedem, com a consciência do dever cumprido. Deixamo-la certos de termos contribuído, na medida das nossas forças, na defesa da língua e da literatura nacional como ordena nosso estatuto e, ao lado disso, na ampliação do campo da cultura alcançando o vasto território das humanidades.

Deixamo-la entregue às mãos competentes e experientes de Marcos Vinícios Vilaça e dos seus companheiros de diretoria, Ana Maria Machado, Murilo Melo Filho, Domício Proença Filho e Luiz Paulo Horta, todos vocacionados para a defesa dos perenes interesses da Casa, intelectuais da primeira linha da inteligência brasileira, que já provaram, em diretorias anteriores, em funções executivas ou no assessoramento da diretoria, dedicação e competência.

Ao aproximar-me célere dos 75 anos, não vislumbro o ócio com dignidade e não sei se concordo com o poeta Mário Quintana para quem o trabalho é a farra dos velhos. Um pouco cruel, o nosso poeta gaúcho, para com os aposentados obrigados a trabalhar até o fim da vida para mantê-la com dignidade, num país incapaz de proporcionar um mínimo de vida confortável aos que se aposentam. E nos momentos de preguiça, penso que gostaria de compartilhar da opinião do humorista inglês Jerome K. Jerome, para quem “nada me fascina mais do que o trabalho; posso passar horas a fio a contemplá-lo”.

Nem farra de velho, nem passar horas a observar o trabalho alheio. Apenas o desejo de prosseguir em atividade, neste vestibular da senectude em que me encontro e enquanto a senilidade não chega. E seguir o exemplo de confrades e confeitras octogenários, nonagenários ou até mesmo a meio caminho dos cem anos, ativos, produtivos, alegres, confiantes e sempre a lembrar os versos de Calderon com que encerro esta despedida:

“Que é a vida? um frenesi; / que é a vida? uma ilusão, / uma sombra, uma ficção, / e o maior bem é pequeno; / pois toda vida é sonho, / e os sonhos, sonhos são / ... / Mas seja verdade ou sonho, obrar bem é que importa: / se fosse verdade, por sê-la, / se não, para ganhar amigos / quando despertarmos.”

Muito obrigado.

## DISCURSO DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

*Proferido na sessão do dia 17 de dezembro de 2009*

“Aqui estou com mais sonhos do que em 2005 — para sonhar não há limites — porém, e sobretudo, com os acrescidos calos da vida. Sonho como Bandeira: “Com que sonho? Não sei não./ Talvez com me bastar, feliz / — Ah feliz, como jamais fui”. / A volta enseja caminhar sem demasiadas surpresas. A gente conhece melhor armadilhas e atalhos. Deus, como fez no passado, haverá de me guiar e meus confrades não me deixarão sozinho. / Não volto para reforçar currículo ou servir à biografia. Não faria isso. / Volto para os fazeres do bem, dos bem-fazeres. / A exemplo de Machado de Assis, dirijo-me desde logo aos confrades, / repetindo-o: / “Reinvestido-me no cargo de presidente, agora, vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.” / Não me soando bem a palavra volta, prefiro servir-me de um toque arcaico que melhor pode se ajustar ao sotaque pernambucano (que no meu caso talvez seja discreto) e digo: / Obrigado por me darem este momento de retornança. / O tempo encontra o tempo. Outra vez na vida declaro-me pronto para um novo depois. / Tenho alguma vantagem em suceder a Cícero Sandroni. Encontro a Casa absolutamente em ordem, seus anos de serviço à Academia são relevantes, mas desafiam na sucessão. Dos seis anos em que foi Diretor da Casa — Tesoureiro, Secretário-Geral, Presidente — estivemos muito próximos. Foi bom para mim. Vivi seu amor à Academia, sua disposição de servir às causas da Cultura mas, principalmente, confirmei seu caráter de homem leal e probó. Ninguém dê limites à nossa amizade. / Numa palavra: fizemo-nos amigos. E, para mim, ami-

zade é via de mão dupla. / Tudo farei para ser seu sucessor do jeito que ele foi meu sucessor. / Torna-se fácil perceber que me declaro seu continuador. Machado de Assis, novamente ele – sempre ele – distinguia continuidade de continuísmo. Essa clave tinha em mente ao abrir a sessão inaugural de 1897. Breve – como se intuisse a regra do *twitter* – nosso Fundador conclama os confrades do tempo e os vindouros a se manterem fiéis à tradição e à dinâmica do tempo. / Lutarei para que se ampliem os trajetos no sentido de que a Academia seja ainda mais vista e ouvida. / Todos acompanhamos a geração que parece ter nascido com controle remoto e *mouse* à mão. Basta um clique e a tela muda. É vital que nos afinemos com os moços. / Examinaremos mais opções na Internet, *twitter*, *e-books*, para habituais transeuntes nestas nossas paredes. / A continuar aprendendo com Machado, parodiemos o conceito do Mestre: Nem tudo se faz com o patrimônio dos antigos, nem tudo se faz com os haveres do moderno, mas com os dois constrói-se o começar comum. / A Academia não existe para entesourar cultura, mas para socializá-la. / Mais de um século separa as obras, por exemplo, de um Degas, da era digital. No entanto, em muitos museus estão ambos integrados em perfeita combinação artística. O *Kindle* faz com que precisemos de pouco espaço para até milhares de livros, não é sem razão que a venda de livros eletrônicos cresceu cerca de 500% neste ano. Não serão superados os incomparáveis prazeres táteis e cerebrais dos livros de papel, mesmo que o *Kindle* possa argumentar que o leitor com ele se dispõe a carregar nas mãos cerca de 3.500 livros. Claro está que, se não preenche o imaginário da leitura literária, não nos enganemos da força que exercerá no futuro em relação ao livro didático. / Desde a adoção do alfabeto fonético da Grécia antiga, passando pela invenção da imprensa com os tipos móveis no Renascimento, não há nada mais revolucionário que a chegada do digital. É verdade, passamos do imediatismo da oralidade do *nheengatu* à complexidade da comunicação internáutica. / Especialistas da comunicação temem que o homem esteja a inaugurar uma cultura autodestrutiva – uma cultura da incultura. É possível que haja nisso alguma razão. É também possível que haja algum exagero. / Até ontem, toda plataforma para ler era modulada de forma passiva e indireta pela luz do sol ou da lâmpada. / Agora, o fundo emite luz e nós teclamos sobre o fluxo de luz. O fundo sobre o qual aparecem letras e imagens é fonte de luz ativa. / Senhoras, Senhores / Nada anula a atração de elucidar o alcance dos novos usos. / Uma Academia de

Letras também está obrigada, na contemporaneidade, a refletir sobre linguagem e tecnologias, do contrário ficará como sombra, ao perder a fonte de irradiação. / Não é legítimo imobilizar-se na repetição do passado. Perdemos muito no Brasil no retardo em usar Gutemberg. Passaram 320 anos até que estivesse a nosso serviço. No México, já em 1539, e no Peru em 1584, no Brasil, só em 1747. O Brasil é um país a não mais poder perder tempo, nunca mais. / O tempo presente nos põe em alerta sobre o que significam para a Cultura as instantaneidades da comunicação. / É fácil perceber que Cultura não é algo sucessivo, mas simultâneo. A Cultura carece ser entendida em sua forma alargada, algo que começa antes e termina depois. **Antes e depois** de datas, de arautos, de fronteiras, de movimentos. A Cultura pode ser múltipla, mas sempre será como mais de uma. Obra simultânea em continuação. / Cultura, realidade dinâmica, envolve movimento, tradição e criação. / Cultura é compreender, conviver com o Outro, de fragmentação. / Cultura há de ser a unidade dos momentos, o que é bem diferente de ser mera unicidade. / Estabelecemos aliança com o país que ainda está chegando. Sem esse enlace, no futuro não haverá como preservar a tradição. Seremos pó. / Fazer a ligação fundamental entre a tradição e a modernidade, sem concessões ao modernoso, é ato de bom senso. / O professor Luiz Otávio Cavalcanti fala que o tempo se compõe de duas lâminas, a que corta por fora tem a transparência das cores, a que opera por dentro recupera pelo mergulho nos sentimentos. / A Academia aceita e convive com essas lâminas, também de antenas e raízes. Os meus companheiros de Diretoria são toretutas. A eles compete conduzir o cinzel se o Presidente não souber fazê-lo. Confio nos companheiros e apelo pela ajuda do plenário acadêmico. / Confrades / Administrar é ter um olho no programa e dois olhos no propósito. / A Academia reivindica, por sua representatividade, que nada pode ser decretado pelo governo do País no âmbito da Cultura sem que passe por esta Casa. Dou exemplos: direito autoral é assunto que deveremos afinar; a Internet não pode aparecer como plataforma hostil ao arrepio dos direitos do usuário; a proteção à obra não pode inibir a sua apropriada divulgação no equilíbrio do interesse econômico e do interesse público. Com isto, digo que a base conceitual no campo dos direitos de autor não caberia mais à superada Convenção de Berna, de 1886. / Como presidente da Academia, no que toca à proteção da propriedade intelectual, manifesto solidariedade à Declaração de Hamburgo, de junho último. Os *sites*

poderosos devem compartilhar recursos econômicos obtidos pela publicidade divulgada em suas páginas de notícias, que usem conteúdo produzido por empresas de comunicação. A Internet deve respeitar a lei. / Estimamos que o autor brasileiro tenha viabilizada sua presença em bibliotecas virtuais, mas respeitada a autoria e quebrada essa quase exclusividade que parece reservada aos USA, Canadá, Reino Unido e Austrália. / Senhoras, Senhores / A Academia entende que aos intelectuais compete lutar para que se impeça concentração de poder, com amargo sabor totalitário. Democracia não é só o voto na urna, mas, igualmente, o acesso cotidiano à justiça e à repartição dos frutos do crescimento econômico e do desenvolvimento social. / Por isso, a legitimidade do protagonismo da Academia permite, sem coerção alguma, nossa autoridade institucional. Somos uma gente portadora de valores compartilhados. / Neste século não há lugar para espectadores que não se sintam atores. A Academia não senta na plateia para se ausentar do palco. / Sem deixarmos de ser gente, queremos ser a Academia. Não permitiríamos a atitude tribal de fechar a Academia. Há muito já fizemos a abertura. Sua claridade tem que estar em movimento. Irreversivelmente. / De outra parte, ninguém imagina que o Presidente viria para ser imobilizado por eventuais concepções arcaizantes, por regras revogadas pelo bom senso. Isso seria no mínimo ilusão de ótica. Não são pedras, são espumas. / Também ninguém desconhece que compreendo a minha função como parte da orquestra. Não posso ser um presidente solista, não permaneceria presidente para ser um presidente solitário. / Não me arreio de enfrentar os custos de tratar do futuro, pois já soube o que custou a muitos administradores presos ao passado ficarem estrebuchando diante das novidades. Não me faltarão paciência, resistência e resiliência. / Em 2010, a UNESCO vai se dedicar ao que chamou o “Ano da aproximação das Culturas”. Nada mais aliciante. A indiferença no que toca às diferenças culturais mata a capacidade de compreender. A diversidade é fator de enriquecimento mútuo. Nada de amnésia. A memória alimenta a capacidade criadora. Para a melhoria da compreensão mútua temos que aperfeiçoar a capacidade de nos colocarmos no lugar do Outro. Essa compreensão, esse conhecimento, põe-nos aptos a fazer da Cultura um fator de emancipação, de descobrimento, de justiça e de coesão, ensina mestre Guilherme d’Oliveira Martins, grande intelectual europeu da atualidade. / Amim Maalouf em seu *Mundo sem Raízes*, admirável obra deste ano, adverte para o risco de

confundir a globalização com a uniformização. / No ano vindouro, “Ano das Aproximações”, teremos instigantes datas a comemorar. Entre outros registros, os centenários de Nabuco, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Chagas, Miguel Reale. De Tolstói, Sócio Correspondente. De Tancredo Neves, sócio da Academia de Minas. De Noel Rosa, acadêmico do samba. Os octogenários Acadêmicos Afonso Arinos, filho e José Sarney. / Comemorações que faremos, como é do estilo da Casa, sem zumbaias e foguete de lágrima, mas com reflexões sérias, intercâmbios, numa vertente de recriação. / Essas comemorações ornamentarão tudo o mais a se fazer, como a ligação da Academia com a Cultura e a Língua, a língua certa do povo, que vem na forma gostosa de português do Brasil. No plano de atividades vitais, releva a constatação de que a Academia não carece só de atos de gerência, nestes nossos mandatos tão curtos, mas de todo um novo processo de gestão que somente se viabilizará com necessária e urgente atualização regimental. / Entrego-me de corpo e alma, sem sobras, sem mínguas, às diretrizes da minha Diretoria. Sugeri ao Plenário a composição do corpo dirigente, em ato bifronte, como Janus dos tempos modernos, numa face a fundura do afeto, na outra, a admiração objetiva às qualidades que os fazem tão notáveis. A Academia concordou, em decisão unânime. / Há tanto por fazer. Convoco afetuosamente os confrades, responsáveis pela tarefa que me atribuíram. Apelo aos servidores que amem a Casa a que se dedicam tão orgulhosamente. / Agradeço a Deus por ter me trazido lá das barrancas do Capiberibe, meu rio, “espelho do meu sonhar” até aqui. Agradeço à legião dos amigos que se abraçam comigo nesta hora, apoiantes solidários. / Agradeço, sobretudo, à família que tenho. Mãe, mulher, filhos e netos. Que Carmo não me falte nunca com o poderoso sopro de vida com que me protege e me suporta. Suportar é o tempo mais longo, versejou Sophia de Mello Brayner. / Há tanto por fazer. / Vamos trabalhar. / Temos um presente que resultou de muito trabalho dos Acadêmicos. O *curriculum* de dignidades desta Casa é o nosso maior tesouro. / É imensa a obra realizada. A *no-minata* dos presidentes que me antecederam em trabalho e dignidade me põe em brios. / Diante do que já foi feito, sinto-me obrigado a repetir: Há tanto por fazer. Não deveremos ficar na espera a comer pétalas de rosa e a beber café como Fermina Daza, do livro de Gabriel Garcia Marques. Vamos trabalhar... Vamos cuidar dos fazeres do bem, dos bem fazeres. ”

## BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLIV – N.º 21

*Em 02 de julho de 2009*

CICLO “A FRANÇA NO BRASIL” – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, terá início no dia 7 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o quinto Ciclo de Conferências da Academia, que versa sobre “A França no Brasil”. A primeira conferência será ministrada pelo escritor Silviano Santiago sobre “A importância da literatura e da língua francesas no Brasil”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 14 de julho estará a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “O pensamento político, filosófico e estético francês na cultura brasileira”; dia 21 de julho, a conferência será proferida por Manuel Correa do Lago, que falará sobre “Música francesa: estilo que marcou o Brasil”; no dia 28 de julho, a conferência será ministrada por Mary del Priore, que discorrerá sobre “Cafés, livrarias, cocotes-modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros.”; e no dia 4 de agosto a conferência estará a cargo do Acadêmico Sábato Magaldi, que abordará o tema “A presença do teatro francês na sociedade brasileira”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – Comemora-se no próximo dia 5 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que ocupa a Cadeira 40 do Quadro dos Membros Efetivos.

“EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS 70 ANOS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA” – No próximo dia 16 será aberta, no 1.º andar do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a “Exposição comemorativa dos 70 anos do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Comemora-se no dia 5 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Ivo Pitanguy, que ocupa a Cadeira 22 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir a palestra “Profundamente Bandeira”, dia 3 de julho, no Café Literário Prosa & Verso, em Paraty.

PRÊMIO SESC DE LITERATURA – Como convidado especial, o Acadêmico Moacyr Scliar discursou na cerimônia de entrega do Prêmio SESC de Literatura, no dia 29 de junho, segunda-feira, na Sala José de Alencar, no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras.

OS JUDEUS DE NILÓPOLIS – No próximo dia 12 de agosto, às 16h, no Teatro R. Magalhães Jr., será apresentada a *avant-première* do filme “Os judeus de Nilópolis”, de Radamés Silva.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar fará hoje, no Instituto dos Advogados de Porto Alegre, às 20 horas, uma conferência sobre *Fausto*, de Goethe.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara proferiu na última segunda-feira, dia 29, palestra na Faculdade Politécnica de Uberlândia, para uma plateia de quase 500 professores e estudantes universitários sobre os problemas do Acordo Ortográfico. Ontem, dia 1.º, em Brasília, proferiu palestra para os funcionários do Ministério da Educação, que será retransmitida para oito países de Língua Portuguesa sobre uma sistematização das bases do Acordo Ortográfico.

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL DE 2009 – Ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi concedida a “Medalha do Mérito Cultural – 2009” pelo Festival Literário Internacional de Pernambuco. O ato solene de entrega dessa láurea será em setembro próximo.

ANO XLIV – N.º 22

*Em 09 de julho de 2009*

CICLO “A FRANÇA NO BRASIL” – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 7 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o quinto Ciclo de Conferências da Academia, que versa sobre “A França no Brasil”. A primeira conferência será ministrada pelo escritor Silviano Santiago sobre “A importância da literatura e da língua francesas no Brasil”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 14 de julho estará a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “O pensamento político, filosófico e estético francês na cultura brasileira”; dia 21 de julho, a conferência será proferida por Manuel Correa do Lago, que falará sobre “Música francesa: estilo que marcou o Brasil”; no dia 28 de julho, a conferencista será Mary del Priore, que discorrerá sobre “Cafés, livrarias, cocotes-modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros”; e no dia 4 de agosto a conferência estará a cargo do Acadêmico Sábado Magaldi, que abordará o tema “A presença do teatro francês na sociedade brasileira”.

HOMENAGEM AO ESCRITOR URUGUAIO MARIO BENEDETTI – Realiza-se hoje, dia 9, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni, mesa-redonda em homenagem ao escritor uruguaio Mario Benedetti. Participam o Acadêmico Moacyr Scliar, os Srs. Eric Nepomuceno, Mário Pontes e o Cônsul do Uruguai, Alberto Guani.

“O PENSAMENTO DO SUL” – No dia 14 de julho, às 11 horas, sob a coordenação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, realiza-se, com tradução simultânea, a conferência do Prof. Edgar Morin na Sala José de Alencar, sobre “O pensamento do Sul”.

“EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS 70 ANOS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA” – No próximo dia 16 será aberta, no 1.º andar do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a “Exposição Comemorativa dos 70 anos do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça”.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “A FRANÇA VOLTA AO *PETIT TRIANON*” - De 20 a 23 de junho realiza-se, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, sob a coordenação do Presidente Cícero Sandroni, o ciclo “A França volta ao *Petit Trianon*”. No dia 20 de junho falarão, às 10h, Didier Lemaire – “*Versailles ou la Bastille: quelle France a nourri l’imaginaire brésilien?*”; e às 11h 20min, Emmanuel Renault – “*Où est la théorie critique?*”; Dia 21, falarão, às 10h, Xavier North – “*Comment peut-on être francophone?*” e às 11h 20min, Henriette Walter – “*Le Français et le Portugais parmi les langues romanes*”; dia 22 falarão, às 10h, Henri-Pierre Jeudy – “*Fiction théorique*”, e às 11h 20min, Pierre Rivas – “*Le Brésil et le “modèle” français*”; Dia 23 falarão, às 10h, Jacqueline Penjon – “*Perdition et découverte presse et librairies d’origine française*”, e às 11h 20min, Roger Chartier – “*L’Histoire, représentation du passé et mesure du temps*”.

HOMENAGEM A AMÉRICO JACOBINA LACOMBE – A Fundação Casa de Rui Barbosa realizou nos dias 7 e 8 de julho um Seminário em homenagem a Américo Jacobina Lacombe, comemorando o centenário do seu nascimento. O Acadêmico Alberto Venancio Filho participou desta homenagem.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi eleito Membro-Correspondente da Academia de Letras da Bahia. No dia 15 de julho, às 18h30, na Estação

das Letras, dará a palestra “Modernidade brasileira e poesia”. No dia 19 de julho, às 20h 30min, o programa “Leituras”, da TV Senado (canal 008), exibe entrevista com o Acadêmico.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Sábado, 4 de julho, o Acadêmico Ivo Pitanguy participou da “Festa Literária Internacional de Paraty” falando sobre “A visão francesa de beleza e felicidade”, na Casa Jornal do Brasil. Domingo, dia 26, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em São Paulo para fazer uma conferência sobre “A Formação do Cirurgião Plástico” durante o “XXVII Congresso Brasileiro de Cirurgia”, organizado pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

ANO XLIV – N.º 23

*Em 16 de julho de 2009*

CICLO “A FRANÇA NO BRASIL” – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 7 de julho, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o quinto Ciclo de Conferências da Academia, que versa sobre “A França no Brasil”. A primeira conferência foi ministrada pelo escritor Silviano Santiago sobre “A importância da literatura e da língua francesas no Brasil”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 14 de julho esteve a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “O pensamento político, filosófico e estético francês na cultura brasileira”; dia 21 de julho, a conferência será proferida por Manuel Correa do Lago, que falará sobre “Música francesa: estilo que marcou o Brasil”; no dia 28 de julho, a conferencista será Mary del Priore, que discorrerá sobre “Cafés, livrarias, cocotes-modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros”; e no dia 4 de agosto a conferência estará a cargo do Acadêmico Sabato Magaldi, que abordará o tema “A presença do teatro francês na sociedade brasileira”.

APOSIÇÃO DE RETRATO – Será aposto hoje, dia 16, às 15 horas, o retrato do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, na Sala dos Presidentes, no 4.º andar do Centro Cultural da ABL.

“EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS 70 ANOS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA” – Hoje, dia 16, será aberta, no 1.º andar do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a “Exposição Comemorativa dos 70 anos do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – Comemora-se no próximo dia 21 de julho o aniversário natalício do Acadêmico Marco Maciel, que ocupa a Cadeira 39 do Quadro dos Membros Efetivos.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “A FRANÇA VOLTA AO *PETIT TRIANON*” - De 20 a 23 de junho realiza-se, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, sob a coordenação do Presidente Cícero Sandroni, o ciclo “A França volta ao *Petit Trianon*”. No dia 20 de julho falarão, às 10h, Didier Lemaison – “*Ver-sailles ou la Bastille: quelle France a nourri l’imaginaire brésilien?*”; e às 11h 20min, Emmanuel Renault – “*Où est la théorie critique?*”; Dia 21, falarão, às 10h, Xavier North – “*Comment peut-on être francophone?*” e às 11h20min, Henriette Walter – “*Le Français et le Portugais parmi les langues romanes*”; dia 22 falarão, às 10h, Henri-Pierre Jeudy – “*Fiction théorique*”, e às 11h20min, Pierre Rivas – “*Le Brésil et le “modèle” français*”; Dia 23 falarão, às 10h, Jacqueline Penjon – “*Perdition et découverte presse et librairies d’origine française*”, e às 11h20min, Roger Chartier – “*L’Histoire, représentation du passé et mesure du temps*”.

HOMENAGEM AO DR. PINOTTI – Na missa de 7.º dia em homenagem à memória do Dr. Aristodemo Pinotti, na Igreja N. S. do Brasil, em São Paulo, a ABL foi representada pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

ALMOÇO OFERECIDO AO EMBAIXADOR BAHADIAN – Realizou-se no dia 10 de julho, no *Petit Trianon*, uma almoço oferecido ao Embaixador

Adhemar Bahadian e Senhora. O Presidente da Academia, Acadêmico Cícero Sandroni e Senhora receberam a Acadêmica Ana Maria Machado, o Acadêmico Ivan Junqueira e Senhora, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e Senhora, o Acadêmico Sábado Magaldi e Senhora, e os Acadêmicos Lêdo Ivo, Alberto da Costa e Silva, Luiz Paulo Horta, Evanildo Cavalcante Bechara e Antonio Carlos Secchin, a Senhora Michèlle Corrêa da Costa e o jornalista Antonio Carlos Austregésilo de Athayde.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Domingo, dia 26, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em São Paulo para fazer uma conferência sobre “A Formação do Cirurgião Plástico” durante o “XXVII Congresso Brasileiro de Cirurgia”, organizado pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

ANO XLIV – N.º 24

*Em 23 de julho de 2009*

SESSÃO COMEMORATIVA DOS 112 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ABL – Comemoram-se na sessão solene de hoje, dia 23 de julho, os 112 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras. O orador oficial é o Acadêmico Tarcísio Padilha. Durante a solenidade serão entregues os seguintes prêmios: Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, a Salim Miguel; Prêmio ABL de Poesia a Denise Emmer, pelo livro *Lampadário*; Prêmio ABL de Ficção a Silviano Santiago, pelo livro *Heranças*; Prêmio ABL de História e Ciências Sociais a Gisele Sanglard pelo livro *Entre os Salões e o Laboratório: Guilberme Guinle, a Saúde e a Ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*; Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História literária a José Maurício Gomes de Almeida, pelo livro *Machado, Rosa e Cia.*, e Menção Honrosa na mesma categoria a Maria Janaína Botelho Correia, pela obra *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX, Práticas e Representação Social*; Prêmio ABL de Literatura Infantojuvenil a Francisco Salles Araújo autor do livro *Cordelinho* e ao ilustrador da mesma obra, Ciro Fernandes; Prêmio ABL de Tradução a Paulo Bezerra, pela tradução do livro *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski; e Prêmio ABL de Cinema a Rafael Conde, pelo roteiro do filme “Fronteira”.

CICLO “A FRANÇA NO BRASIL” – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 7 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o quinto Ciclo de Conferências da Academia, que versa sobre “A França no Brasil”. A primeira conferência foi ministrada pelo escritor Silviano Santiago sobre “A importância da literatura e da língua francesas no Brasil”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 14 de julho esteve a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “O pensamento político, filosófico e estético francês na cultura brasileira”; dia 21 de julho, a conferência foi proferida por Manuel Correa do Lago, que falou sobre “Música francesa: estilo que marcou o Brasil”; no dia 28 de julho, a conferencista será Mary del Priore, que discorrerá sobre “Cafés, livrarias, cocotes-modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros”; e no dia 4 de agosto a conferência estará a cargo do Acadêmico Sábato Magaldi, que abordará o tema “A presença do teatro francês na sociedade brasileira”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – No próximo dia 31 do corrente, o Acadêmico Ivan Junqueira ministrará no Auditório do Tribunal de Justiça de Goiás, em Goiânia, a conferência “Machado de Assis e a arte do conto”, ocasião em que também autografará sua última coletânea de ensaios, *Cinzas do Espólio*, publicado pela Editora Record

ALMOÇO OFERECIDO AO PRESIDENTE DO BNDES – Realizou-se no dia 13 de julho, no *Petit Trianon*, uma almoço oferecido ao Presidente do BNDES. O Presidente da Academia, Acadêmico Cícero Sandroni, recebeu o Dr. Luciano Coutinho acompanhado de dois assessores, juntamente com a Acadêmica Nélida Piñon, os Acadêmicos Ivan Junqueira, Arnaldo Niskier, Alberto Venancio Filho, Candido Mendes de Almeida, Tarcísio Padilha, Carlos Nejar, Murilo Melo Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, José Murilo de Carvalho, Hélio Jaguaribe e Domício Proença Filho, e o Sr. Fernando Sandroni.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Domingo, dia 26, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em São Paulo para fazer uma conferência sobre “A Formação do Cirurgião Plástico”, durante o “XXVII Congresso Brasileiro de Cirurgia”, organizado pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

PASSO FUNDO – Na “13.ª Jornada Literária de Passo Fundo (RS)”, na última semana de agosto, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “A atualidade em Euclides da Cunha”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Realiza-se no dia 6 de agosto, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, a projeção do filme de Douglas Machado “O Retorno do Filho”, sobre Da Costa e Silva e Alberto da Costa e Silva e, às 18h30min, no *Petit Trianon*, a noite de autógrafos do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, *O Quadrado Amarelo*, seguida de coquetel.

ANO XLIV – N.º 25

*Em 30 de julho de 2009*

POSSE DO ESCRITOR DIDIER LAMAISSON NO QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 6 de agosto, no Salão Nobre da Academia, a sessão solene da posse do escritor Didier Lamaison na Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras. O discurso de recepção será proferido pelo Acadêmico Ivan Junqueira.

CICLO “A FRANÇA NO BRASIL” – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 7 de julho, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o quinto Ciclo de Conferências da Academia, que versa sobre “A França no Brasil”. A primeira conferência foi ministrada pelo escritor Silviano Santia-

go sobre “A importância da literatura e da língua francesas no Brasil”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 14 de julho esteve a cargo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “O pensamento político, filosófico e estético francês na cultura brasileira”; dia 21 de julho, a conferência foi proferida por Manuel Correa do Lago, que falou sobre “Música francesa: estilo que marcou o Brasil”; no dia 28 de julho, a conferencista foi Mary del Priore, que discorreu sobre “Cafés, livrarias, cocotes-modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros”; e no dia 4 de agosto a conferência estará a cargo do Acadêmico Sábato Magaldi, que abordará o tema “A presença do teatro francês na sociedade brasileira”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Amanhã, dia 31 do corrente, o Acadêmico Ivan Junqueira ministrará no Auditório do Tribunal de Justiça de Goiás, em Goiânia, a conferência “Machado de Assis e a arte do conto”, ocasião em que também autografará sua última coletânea de ensaios, *Cinzas do Espólio*, publicada pela Editora Record.

ALMOÇO NO *PETIT TRIANON* – Realizou-se no dia 20 de julho, no *Petit Trianon*, um almoço oferecido aos escritores franceses convidados pela ABL. O Presidente da Academia, Acadêmico Cícero Sandroni, acompanhado de sua Senhora, D. Laura Sandroni, receberam os escritores Roger Chartier, Didier Lamaison, Emmanuel Renault, Henri-Pierre Jeudy e Sra. Pierre Rivas, Henriette Walter, Jacqueline Penjon e Xavier North, os Acadêmicos Ivan Junqueira, Arnaldo Niskier, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Carlos Heitor Cony e Domício Proença Filho e as Sras. Mirian Jacobson, Celeste Garcia e Cristina Reis.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Realiza-se na próxima terça-feira, dia 4 de agosto, às 18h 30min, no *Petit Trianon*, o lançamento da *Poesia Reunida* do Acadêmico Carlos Nejar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Realiza-se no dia 6 de agosto, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, a projeção do filme de Douglas Machado “O Retorno do Filho”, sobre Da Costa e Silva e Alberto da Costa e Silva e, às 18h 30min, no *Petit Trianon*, a noite de autógrafos do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, *O Quadrado Amarelo*, seguida de coquetel.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon foi convidada pela “14.<sup>a</sup> Feira Internacional do Livro de Lima”, no Peru, que elegeu o Brasil como país homenageado e ela escolhida para inaugurar a referida Feira, ocasião em que proferiu a palestra de abertura.

EUCLIDES DA CUNHA – No dia 10 de agosto, às 18 h, no Teatro R. Magalhães Jr., será aberta a Maratona Escolar Euclides da Cunha, organizada pela Secretaria Municipal de Educação. Os Acadêmicos Cícero Sandroni e Eduardo Portella falarão sobre o autor de *Os Sertões* para uma plateia de professores e alunos da rede pública.

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA INAUGURA CENTRO CULTURAL – O Centro Cultural da Unisuam será inaugurado a 3 de agosto com palestra do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que é professor *honoris causa* daquela Universidade. O Centro disporá de sala para exposições, biblioteca e teatro.

ANO XLIV – N.º 26

*Em 06 de agosto de 2009*

POSSE DO ESCRITOR DIDIER LAMAISSON NO QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES – Realiza-se hoje, dia 6 de agosto, no Salão Nobre da Academia, a sessão solene da posse do escritor Didier Lamaison na Cadeira I do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras. O discurso de recepção será proferido pelo Acadêmico Ivan Junqueira.

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, a Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo que terá início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min, com a conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Realiza-se hoje, dia 6 de agosto, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, a projeção do filme de Douglas Machado, “O Retorno do Filho”, sobre Da Costa e Silva e Alberto da Costa e Silva e, às 18h 30min, no *Petit Trianon*, a noite de autógrafos do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, *O Quadrado Amarelo*, seguida de coquetel.

EUCLIDES DA CUNHA – No dia 10 de agosto, às 18h, no Teatro R. Magalhães Jr., será aberta a Maratona Escolar Euclides da Cunha, organizada pela Secretaria Municipal de Educação. Os Acadêmicos Cícero Sandroni e Eduardo Portella falarão sobre o autor de *Os Sertões* para uma plateia de professores e alunos da rede pública.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CELSO LAFER – Comemora-se amanhã, dia 7 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Celso Lafer, que ocupa a Cadeira 14 do Quadro dos Membros Efetivos.

CORDEIRO DE FARIAS – Por ato do Comandante da Escola Superior de Guerra, o Acadêmico Arnaldo Niskier foi agraciado com a Medalha Marechal Cordeiro de Farias, pelos relevantes serviços prestados à ESG. A entrega será no dia 20 de agosto de 2009.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar esteve em Campos dos Goytacazes (RJ), onde deu palestra sobre José Candido de Carvalho.

LIVRO DE ARTE *HOTEL GLÓRIA* – Foi lançado segunda-feira, no Museu Histórico Nacional, o livro de arte *Hotel Glória*, com textos de apresentação dos Acadêmicos José Sarney e Marcos Vilaça. Na obra há fotos e narrativas relacionadas à vida da Academia Brasileira de Letras, sempre em destaque.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Dia 7, sexta-feira, o Acadêmico Ivo Pitanguy fará uma cirurgia ao vivo para correção de Orelhas em Abano, como parte do programa científico da “28ª Jornada Carioca de Cirurgia Plástica”, que se realiza no Hotel Sofitel, de 5 a 8 de agosto. No mesmo dia, às 17h, fará uma conferência sobre “Minha História na Cirurgia Plástica”. No dia 15, sábado, das 11h às 11h 30min, participará da “Maratona Urológica do Rio de Janeiro”, que acontecerá no Hotel Sofitel. Na ocasião, falará sobre “Envelhecer com Dignidade”.

MARATONA – Hoje, às 15h30min, a Secretária Municipal de Educação, Claudia Costin, visitará a Academia Brasileira de Letras para formalizar o início da “Maratona Escolar Euclides da Cunha”, destinada a alunos da rede municipal.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara viaja hoje, dia 6, no fim da tarde, para Salvador, a fim de representar a Academia Brasileira de Letras na Universidade Federal da Bahia, ocasião em que fará conferência sobre o Novo Sistema Ortográfico Oficial.

ANO XLIV – N.º 27

*Em 13 de agosto de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coorde-

nado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, o ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h 30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”; no dia 13, mesa-redonda sobre “Língua e Estilo em Euclides da Cunha,” coordenação do Acadêmico Evanildo Bechara com a participação do Acadêmico Arnaldo Niskier e Nelson Rodrigues Filho. No dia 18, a conferência do ciclo estará a cargo do Acadêmico José Murilo de Carvalho que falará sobre “Euclides da Cunha e o Exército”; no dia 25, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco discorrerá sobre o tema “Euclides da Cunha e o Itamaraty”. O ciclo terá prosseguimento até o dia 27 de outubro.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO LUIZ PAULO HORTA – Comemora-se amanhã, dia 14 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Luiz Paulo Horta, que ocupa a Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos.

CORDEIRO DE FARIAS – Por ato do Comandante da Escola Superior de Guerra, o Acadêmico Arnaldo Niskier foi agraciado com a Medalha Marechal Cordeiro de Farias pelos relevantes serviços prestados à ESG. A entrega será no dia 20 de agosto de 2009.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy, no dia 15, sábado, das 11h às 11h 30min, participará da “Maratona Urológica do Rio de Janeiro”, que acontecerá no Hotel Sofitel. Na ocasião, falará sobre “Envelhecer com Dignidade”.

CLÓVIS BEVILÁQUA - O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realizará no próximo dia 12 de agosto, quarta-feira, uma sessão em homenagem ao sesquicentenário de Clóvis Beviláqua. Falarão na ocasião o Ministro Célio Borja, o Professor João Baptista Villela e o Acadêmico Alberto Venancio Filho.

EXPOSIÇÃO “EUCLIDES, UM BRASILEIRO” – De 27 a 30 de agosto, terá início a exposição “Euclides, um Brasileiro”, comemorativa do centenário de morte do escritor, no 1.º andar do Centro Cultural do Brasil.

MUSEU JUDAICO – No dia 18 de agosto, às 18h, na sede do Museu Judaico do Rio de Janeiro (Rua México, 90 sala 110), o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “O Padre Antônio Vieira e os judeus”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Juntamente com o Acadêmico Antonio Carlos Secchin e o poeta Antônio Cícero, o Acadêmico Ivan Junqueira participará no dia 30 de agosto, no âmbito da “Bienal Internacional do Livro de Curitiba”, de uma mesa-redonda em que se irá discutir o tema “Verso, reverso, transverso: ainda se ouve o eco poético do que houve?”

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA NA TV – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi um dos entrevistadores do Governador Sérgio Cabral, no programa da TV Bandeirantes, no último domingo. Ocupou-se, entre outros assuntos, das comemorações que a ABL fará do Centenário de Joaquim Nabuco, em 2010.

PAIOL LITERÁRIO – O Acadêmico Carlos Heitor Cony foi o convidado do Paiol Literário, que aconteceu em 11 de agosto no Teatro Paiol. Na ocasião, o Acadêmico conversou com o jornalista José Castello sobre a importância da literatura na vida do cidadão brasileiro. O evento faz parte do projeto realizado pelo jornal literário *Rascunho*, em parceria com o Sesi Paraná e a Fundação Cultural de Curitiba.

ANO XLIV – N.º 28

*Em 20 de agosto de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, o ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h 30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”; no dia 13, mesa-redonda sobre “Língua e Estilo em Euclides da Cunha,” coordenação do Acadêmico Evanildo Bechara com a participação do Acadêmico Arnaldo Niskier e Nelson Rodrigues Filho. No dia 18, a conferência do ciclo esteve a cargo do Acadêmico José Murilo de Carvalho que falou sobre “Euclides da Cunha e o Exército”; no dia 25, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco discorrerá sobre o tema “Euclides da Cunha e o Itamaraty.” O ciclo terá prosseguimento até o dia 27 de outubro.

EXPOSIÇÃO “EUCLIDES, UM BRASILEIRO” – De 27 a 30 de agosto, terá início a exposição “Euclides, um Brasileiro”, comemorativa do centenário de morte do escritor, no 1º andar do Centro Cultural do Brasil.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Juntamente com o Acadêmico Antonio Carlos Secchin e o poeta Antônio Cícero, o Acadêmico Ivan Junqueira participará no dia 30 de agosto, no âmbito da “Bienal Internacional do Livro de Curitiba”, de uma mesa-redonda em que se irá discutir o tema “Verso, reverso, transverso: ainda se ouve o eco poético do que houve?”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar participou do Salão Literário de Parnaíba (Piauí), no dia 12 de agosto, com uma palestra sobre criação literária.

MARATONA ESCOLAR – No dia 19 de agosto, quarta-feira, das 14h às 16h, no Colégio Estadual Rachel de Queiroz, o Acadêmico Marcos Viniçios Vilaça participou da “Maratona Escolar sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha”. Uma promoção da Secretaria Municipal de Educação com apoio cultural da Academia Brasileira de Letras.

CENTENÁRIO DE JOAQUIM NABUCO – O Acadêmico Marcos Viniçios Vilaça foi indicado presidente da Comissão Estadual do Centenário de Joaquim Nabuco pelo Governador Sérgio Cabral. Igual indicação também foi feita pela Arquidiocese do Rio de Janeiro (Comissão de Cultura), que comemorará o centenário do autor.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho pronunciou, nos primeiros dias do mês de agosto, conferências sobre “A ABL e o Acordo Ortográfico” na Academia Lusó-Brasileira de Letras e no Clube Elos, de Teresópolis. Falou também, na Ilha de Paquetá, sobre “A influência da literatura”. Participou ainda, como representante da ABL, da Comissão encarregada do Prêmio ABL/Fundação Conrado Wessel – Rachel de Queiroz 2009.

PRIMEIRA ELEIÇÃO DA ABL – No dia 8 de agosto de 1898, realiza a Academia a sua primeira eleição, reunindo-se no Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, sob a presidência de Machado de Assis. É eleito JOÃO RIBEIRO para a Cadeira 3I do Quadro dos Membros Efetivos.

MARATONA ESCOLAR – No dia 19 de agosto, quarta-feira, das 14h às 16h, na Casa do Marinheiro, os Acadêmicos Antonio Carlos Sechin e Domício Proença Filho participaram da “Maratona Escolar sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha”. Uma promoção da Secretaria Municipal de Educação com apoio cultural da Academia Brasileira de Letras.

ANO XLIV – N.º 29

*Em 27 de agosto de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha”. Sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, o ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h 30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”; no dia 13, mesa-redonda sobre “Língua e Estilo em Euclides da Cunha,” coordenação do Acadêmico Evanildo Bechara com a participação do Acadêmico Arnaldo Niskier e Nelson Rodrigues Filho. No dia 18, a conferência do ciclo esteve a cargo do Acadêmico José Murilo de Carvalho que falou sobre “Euclides da Cunha e o Exército”; no dia 25, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco discorreu sobre o tema “Euclides da Cunha e o Itamaraty.” O ciclo terá prosseguimento até o dia 27 de outubro.

EXPOSIÇÃO “EUCLIDES, UM BRASILEIRO” – Terá início, hoje, dia 27 de agosto, a exposição “Euclides, um Brasileiro”, comemorativa do centenário de morte do escritor, no 1.º andar do Centro Cultural do Brasil.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Designado pelo terceiro ano consecutivo como presidente do júri do Concurso Internacional de Monografias Machado de Assis, patrocinado pelo Ministério das Relações Exteriores, o Acadêmico Ivan Junqueira estará em Brasília no próximo dia 9 de setembro, quando serão indicados os vencedores daquele concurso, que em 2009 escolheu como tema a vida e a obra do escritor alagoano Graciliano Ramos. Ao primeiro colocado caberá a quantia de 25 mil dólares.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Sechin fará a conferência de abertura do “VI Encontro de Português/Língua Estrangeira do Rio de Janeiro”, intitulada “Onde andarás Iracema?”, na Faculdade de Letras da UFRJ, no dia 2 de setembro.

MÉRITO CORDEIRO DE FARIAS – No dia 20 de agosto, na Escola Superior de Guerra, o Acadêmico Arnaldo Niskier recebeu do Ministro Nelson Jobim a Medalha do Mérito Marechal Cordeiro de Farias. Ele é da Turma de 1976 da Escola Superior de Guerra.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – “Sábado Magaldi - e a heresia do teatro” é o título da tese de doutorado de Maria Assunção, apresentada no dia 21 de agosto na UniRio. Fizeram parte da banca: Prof. Dra. Beatriz Rezende, orientadora; Prof. Dr. Luiz Camilo Osório (PUC); Prof. Dra. Maria Helena Vicente Werneck (UniRio); Prof. Dr. Renato Cordeiro Gomes (PUC), Prof. Dr. Sérgio Carvalho (USP); Prof. Dr. Denilson Lopes (UFRJ) e Prof. Dra. Tatiana Motta Lima (UniRio).

FUNDAÇÃO EVA KLABIN – No dia 21 de setembro, às 19h, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência na Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, sobre a atuação do Padre Antônio Vieira no Brasil.

MARATONA ESCOLAR – No dia 20 de agosto, quinta-feira, no Auditório do Conselho Regional de Educação, os Acadêmicos Domício Proença Filho e Moacyr Scliar participaram da “Maratona Escolar sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha”. Uma promoção da Secretaria Municipal de Educação com apoio cultural da Academia Brasileira de Letras.

PRÊMIO CIEE – No dia 24 de setembro, às 15h 30min, serão entregues na ABL os Prêmios Universitários CIEE de Literatura. O tema é “Acordo Ortográfico: valeu a pena?”.

ANO XLIV – N.º 30  
*Em 03 de setembro de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da

Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h 30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”. Prosseguindo, no mês de setembro, a conferência do dia 1.º foi proferida pelo Prof. José Maurício Gomes de Almeida sobre “*Os Sertões*: uma epopeia dos vencidos”; no dia 8, a conferência do ciclo estará a cargo da Professora Nísia Trindade Lima, que falará sobre “Euclides da Cunha e o pensamento social brasileiro”; no dia 15, o Professor Francisco Foot Hardman discorrerá sobre “Euclides e a Amazônia”; no dia 22, a conferência sobre “Confluências de linguagem em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa” será proferida pelo escritor Per Johns; e no dia 29 a conferência estará a cargo do Prof. Ricardo Ventura Santos sobre “A antropologia de *Os Sertões*”. O ciclo terá prosseguimento até o dia 3 de novembro.

EXPOSIÇÃO “EUCLIDES, UM BRASILEIRO” – Foi inaugurada no dia 27 de agosto a exposição “Euclides, um Brasileiro”, comemorativa do centenário de morte do escritor, no 1.º andar do Centro Cultural do Brasil.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Comemora-se na próxima terça-feira, dia 8 de setembro, o aniversário natalício do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que ocupa a Cadeira 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

MARATONA ESCOLAR – No dia 21 de agosto, a Acadêmica Nélida Piñon participou da “Maratona Escolar Euclides da Cunha”, organizada pela Secretaria Municipal de Educação, falando sobre o autor de *Os Sertões* para alunos e professores da rede pública de Rocha Miranda.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MINDLIN – Comemora-se no dia 8 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico José Mindlin, que ocupa a Cadeira 29 do Quadro dos Membros Efetivos.

MEDALHA JK – No dia 12 do corrente, em Diamantina (MG), o Acadêmico Arnaldo Niskier receberá do Governador Aécio Neves a Grande Medalha JK, criada para homenagear o ex-presidente, na data do seu aniversário.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Néli-da Piñon foi homenageada no 4.º Concurso Literário “El Brasil de los Sueños”, promovido pelo Instituto de Cultura Brasil-Colômbia e a Embaixada do Brasil, em Bogotá. O concurso, que tinha os contos da autora como tema, atraiu mais de mil participantes. Quando da entrega dos prêmios, no dia 20 de agosto, foi apresentado um DVD da autora falando sobre a ilusão da arte.

VOZES DO DESERTO – Acaba de sair nos Estados Unidos, pela Editora Random House, traduzido por Cliff Landers, o romance *Vozes do Deserto*, da Acadêmica Néli-da Piñon.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 24 a 26 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará no Hotel Ferradura de Búzios, onde será realizado o “5.º Encontro Internacional da Associação dos Ex-Alunos do Professor Ivo Pitanguy (Aexpi)”, da qual é o presidente de honra.

JOAQUIM NABUCO – O Presidente Cícero Sandroni falará sobre o Centenário de Joaquim Nabuco no próximo dia 23, às 10h, no auditório da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

ANO XLIV – N.º 31  
 Em 10 de setembro de 2009

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero

Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h 30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”. Prosseguindo, no mês de setembro, a conferência do dia 1.º foi proferida pelo Prof. José Maurício Gomes de Almeida sobre “*Os Sertões*: uma epopeia dos vencidos”; no dia 8, a conferência do ciclo esteve a cargo da Professora Nísia Trindade Lima, que falou sobre “Euclides da Cunha e o pensamento social brasileiro”; no dia 15, o Professor Francisco Foot Hardman discorrerá sobre “Euclides e a Amazônia”; no dia 22, a conferência sobre “Confluências de linguagem em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa” será proferida pelo escritor Per Johns; e no dia 29 a conferência estará a cargo do Prof. Ricardo Ventura Santos sobre “A antropologia de *Os Sertões*”. O ciclo terá prosseguimento até o dia 3 de novembro.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – O Acadêmico Lêdo Ivo está no México. Participa do “V Festival Internacional Chihuahua, um encontro de escritores e poetas latino-americanos e europeus”. Na Cidade do México, fez uma leitura de seus poemas no Palácio de Bellas Artes, seguida de uma sessão de autógrafos com *Réquiem* e a antologia bilíngue *Poesia em General*, publicados recentemente naquele país. Na Cidade de Juarez (Estado de Chihuahua), atua em palestras e recitais poéticos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélida Piñon inaugurou no dia 1 de setembro a sala de leitura que leva seu nome, no Colégio Estadual Compositor Luis Carlos da Vila, em Manguiños, na Zona Norte do Rio. Estavam presentes a Secretária de Educação, Thereza Porto, e os patrocinadores, Editora Record e Banco Modal. Trata-se da primeira unidade escolar no Rio a fazer parte, neste ano, do projeto “Leitura para Todos”, uma iniciativa do Instituto Oldenburg de Desenvolvimento.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco prefaciou o livro de Roberto Saturnino Braga *O Curso das Ideias – História do pensamento Político no Mundo e no Brasil*, lançado na Academia Brasileira de Letras.

POSSE DO ESCRITOR PORTUGUÊS ARNALDO SARAIVA – Está marcada para o dia 24 do corrente a posse do escritor português Arnaldo Saraiva na Cadeira 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes. Será recebido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin.

FUNDAÇÃO EVA KLABIN – No dia 21 de setembro, às 19h, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência na Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, sobre a atuação do Padre Antônio Vieira no Brasil.

JOSUÉ MONTELLO, 92 ANOS – Foi homenageado em São Luiz pela Casa de Cultura Josué Montello com o lançamento do seu livro póstumo *Areia do Tempo – Crônicas sobre a Cultura Francesa e seus Autores*, anteriormente publicadas no *Jornal do Brasil*, no período de 1955 a 1993, em comemoração do Ano da França no Brasil.

EUCLIDES – O Acadêmico Arnaldo Niskier faz hoje, dia 10, às 14 horas, uma conferência sobre Euclides da Cunha “Contrastes e Confrontos”, no 10.º CRE da Secretaria Municipal de Educação, na Av. Padre Guilherme Decaminada, n. 71, Santa Cruz. É parte da Maratona Escolar sobre o autor de *Os Sertões*.

PRÊMIO CIEE – No dia 24 de setembro, às 15h 30min, serão entregues na ABL os Prêmios Universitários CIEE de Literatura. O tema é “Acordo Ortográfico: valeu a pena?”.

ANO XLIV – N.º 32  
Em 17 de setembro de 2009

SESSÃO DE SAUDADE DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Realiza-se hoje, às 16 horas, a Sessão de Saudade do Acadêmico Antonio Olinto, que faleceu sábado, dia 12 do corrente, às 4h 15min da madrugada,

em sua residência. O Acadêmico Antonio Olinto ocupava a Cadeira 8 do Quadro dos Membros Efetivos.

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”. Prosseguindo, no mês de setembro, a conferência do dia 1º foi proferida pelo Prof. José Maurício Gomes de Almeida sobre “*Os Sertões*: uma epopeia dos vencidos”; no dia 8, a conferência do ciclo esteve a cargo da Professora Nísia Trindade Lima, que falou sobre “Euclides da Cunha e o pensamento social brasileiro”; no dia 15, o Professor Francisco Foot Hardman discorreu sobre “Euclides e a Amazônia”; no dia 22, a conferência sobre “Confluências de linguagem em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa” será proferida pelo escritor Per Johns; e no dia 29, a conferência estará a cargo do Prof. Ricardo Ventura Santos sobre “A antropologia de *Os Sertões*”. O ciclo terá prosseguimento até o dia 3 de novembro.

POSSE DO ESCRITOR PORTUGUÊS ARNALDO SARAIVA – Está marcada para o dia 24 do corrente a posse do escritor português Arnaldo Saraiva na Cadeira 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes. Será recebido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E NABUCO – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça proferiu conferência sobre o centenário da morte de Joaquim Nabuco, a transcorrer no próximo ano, em sessão magna da Associação Comercial. Foi saudado pelo Presidente Luís Alqueres e teve como debatedores o embaixador Marcílio Marques Moreira e os Srs. Rui Barreto e José Tomás Nabuco.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 24 a 26 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará no Hotel Ferradura de Búzios, onde será realizado o “5.º Encontro Internacional da Associação dos Ex-Alunos do Professor Ivo Pitanguy (Aexpi)”, da qual é o presidente de honra.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA NA BAND – O Acadêmico Marcos Vilaça foi entrevistado, no último dia 14, no programa “Rio: Capital do Conhecimento”, da Rede Bandeirantes de Televisão. Falou sobre “Joaquim Nabuco, 160 anos de cidadania”.

CNC – No Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, no dia 22, às 17h 30min, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência sobre “A vida e a obra de Euclides da Cunha”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Ontem, dia 16 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin esteve em São Paulo, integrando o júri do Prêmio Portugal Telecom. No mesmo dia, às 16 horas, no Rio de Janeiro, em evento da União Brasileira de Escritores, Marcus Vinicius Quiroga proferiu a conferência “A poética do diálogo na obra de Antonio Carlos Secchin”, na Avenida General Justo, 172. No dia 23 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará no Instituto Central de Educação Isaias Alves, em Salvador, onde profere palestra no âmbito do Ano Joaquim Nabuco.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni, no dia 23 de setembro, quarta-feira, às 10 horas, estará em São Paulo, no Auditório da Secretaria Estadual de Educação, ocasião em que fará uma palestra sobre Joaquim Nabuco.

CONFERÊNCIA E DEBATE SOBRE EUCLIDES - Falando numa Maratona Escolar, promovida pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, o Acadêmico Murilo Melo Filho pronunciou uma conferência para professores e alunos do Centro de Ensino Médio de Campo Grande sobre

“A importante influência de *Os Sertões* na literatura brasileira” e participou de um debate no auditório.

ANO XLIV – N.º 33

*Em 24 de setembro de 2009*

POSSE DO ESCRITOR PORTUGUÊS ARNALDO SARAIVA – Realiza-se hoje, dia 24 do corrente, a posse do escritor português Arnaldo Saraiva na Cadeira 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes. Será recebido pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin.

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”. Prosseguindo, no mês de setembro, a conferência do dia 1º foi proferida pelo Prof. José Maurício Gomes de Almeida sobre “*Os Sertões*: uma epopeia dos vencidos”; no dia 8, a conferência do ciclo esteve a cargo da Professora Nísia Trindade Lima, que falou sobre “Euclides da Cunha e o pensamento social brasileiro”; no dia 15, o Professor Francisco Foot Hardman discorreu sobre “Euclides e a Amazônia”; no dia 22, a conferência sobre “Confluências de linguagem em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa” foi proferida pelo escritor Per Johns; e, no dia 29, a conferência estará a cargo do Prof. Ricardo Ventura Santos sobre “A antropologia de *Os Sertões*”. O ciclo terá prosseguimento até o dia 3 de novembro.

POSSE DE MARLY MOTA – Na segunda-feira passada, tomou posse na Academia Pernambucana de Letras a escritora Marly Mota, viúva do saudoso Acadêmico Mauro Mota. Foi recebida pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA É HOMENAGEADO – Na última terça-feira, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi homenageado pela Assembleia Legislativa de Pernambuco por conta dos seus anos de vida pública. Foi saudado pelo deputado Augusto Coutinho, que ressaltou estar falando “pela unanimidade do povo pernambucano”, presente em grande número no Palácio Joaquim Nabuco.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado participou de diversas atividades na “Bienal do Livro do Rio de Janeiro” esta semana: sessões de autógrafos, mesa-redonda com Ruth Rocha, homenagem pelos 40 anos de carreira de ambas no Café Literário e palestra no Fórum de professores. Durante todo o mês de setembro está também ministrando um curso na Casa do Saber sobre sua obra e os bastidores da criação literária.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar deu palestra na “Bienal do Livro no Rio de Janeiro” sobre “Imaginação literária” e falou para alunos da Escola Alcides de Gasperi sobre leitura. A convite da Embaixada Brasileira nos EUA, dará palestras em Washington e Chicago.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélida Piñon vai participar do recital de Márcia Taborda, no Paço Imperial, nos dias 25 a 27 do corrente. A Acadêmica fará a leitura do capítulo 90 do seu último livro *Coração Andarilho*, que foi gravado e será reproduzido em cena.

BIBLIOTECA CELSO FURTADO – O Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento tem o prazer de comunicar a inauguração da Biblioteca Celso Furtado, amanhã, dia 25 de setembro, às 16h30min, em sua sede.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLO SECCHIN – No dia 28 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin presidirá a banca de

acesso ao mestrado e ao doutorado em Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFRJ. No dia 29 de setembro, às 10h, participa da mesa-redonda “Tradição e tradução em Euclides da Cunha”, no âmbito do Seminário Internacional “100 anos sem Euclides”, na Faculdade de Letras da UFRJ.

QUATRO ANOS SEM SERGIO CORRÊA DA COSTA – Será celebrada no dia 29 de setembro, às 12 horas, na Igreja de Santa Luzia, missa pela alma do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, falecido nessa data há quatro anos.

ANO XLIV – N.º 34  
*Em 1.º de outubro de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra “O Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min, com uma conferência da Professora Walnice Nogueira Galvão sobre “Os desafios de editar Euclides da Cunha”. Prosseguindo, nos meses de outubro e novembro, a conferência do dia 6 de outubro será proferida pelo Prof. José Carlos Barreto Santana sobre “Os fundamentos científicos de Euclides da Cunha”; no dia 13, a conferência do ciclo estará a cargo do Acadêmico Moacyr Scliar, que falará sobre “A medicina nos tempos de Euclides da Cunha”; no dia 15, realiza-se mesa-redonda, também coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e da qual participam como expositores Márcio José Lauria, José Arthur Rios e Gláucia Villas Bôas. No dia 20, o Acadêmico Cícero Sandroni discorrerá sobre “Euclides da Cunha jornalista”; no dia 27, a conferência sobre “A recepção de *Os Sertões*” será proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho; e, finalmente, no dia 3 de novembro, outra mesa-redonda sobre “A Canudos de Euclides da Cunha: um tratado sobre milenarismo. Expositores: Padre João Batista Libânio, Maria Clara Bingemer, e os Acadêmicos Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – No dia 25 de setembro passado, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara fez uma palestra sobre o Acordo Ortográfico no auditório da Universidade Federal da Paraíba. No mesmo dia proferiu, no auditório do Liceu, uma conferência sobre Joaquim Nabuco e, na oportunidade, recebeu o título de Cidadão Paraibano. No dia 27 partiu para Portugal a fim de participar do “7.º Colóquio de Lusofonia em Bragança”, de 29 a 4 de outubro. Entre os dias 5 e 6 de outubro participará do “Colóquio de Lexicografia Galego-Portuguesa” em Santiago de Compostela. De 7 a 9 estará no encontro, em Coimbra, com a Comissão encarregada de preparar uma edição crítica de *Os Lusíadas*, com a participação da Universidade de Coimbra e a Academia Brasileira de Letras.

SUCESSO – No dia 21 de setembro, na Escola SESC do Ensino Médio, num âmbito de um grande projeto inovador situado na Barra da Tijuca, o Acadêmico Eduardo Portella falou a 350 estudantes e professores sobre o significado de Joaquim Nabuco para a cultura brasileira. Foi aplaudido de pé.

UMA PAIXÃO – No dia 8 de outubro, no *Petit Trianon*, será lançado o livro *Língua Portuguesa: uma Paixão*, do Acadêmico Arnaldo Niskier (Editora A União). A distribuição será gratuita, mediante a apresentação do convite.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – A Câmara Municipal de São José do Rio Pardo concedeu, por unanimidade, ao Acadêmico Cícero Sandroni o título de Visitante Ilustre, que lhe será entregue no próximo dia 9 do corrente, ocasião em que profere a conferência oficial da Semana Euclídiana.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos participará do lançamento do Instituto Victor Nunes Leal, do qual faz parte como membro fundador. A cerimônia ocorreu no dia 30 de setembro de 2009, na Biblioteca do Supremo Tribunal Federal “Ministro Victor Nunes Leal”, em Brasília.

CONFERÊNCIA DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO SOBRE NABUCO – Em Natal, na sede da Academia Norte-Rio-grandense de Letras, o Acadêmico Murilo Melo Filho pronunciou uma conferência sobre a “Maratona Escolar pelo Centenário da Morte de Joaquim Nabuco”, que transcorrerá em janeiro de 2010. Estavam presentes, além do Professor Rui Pereira, Secretário de Educação do Rio Grande do Norte, professores e alunos de cinco escolas públicas do Estado.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve em Natal dias 28 e 29 de setembro, onde fez uma conferência e participou de mesa-redonda sobre atividades integrantes do “3.º Seminário Potiguar – Prazer em Ler”, organizado pelo Instituto de Desenvolvimento da Educação, com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura.

ANO XLIV – N.º 35

*Em 8 de outubro de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra o “Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min. Prosseguindo, nos meses de outubro e novembro, a conferência do dia 6 de outubro foi proferida pelo Prof. José Carlos Barreto Santana sobre “Os fundamentos científicos de Euclides da Cunha”; no dia 13, a conferência do ciclo estará a cargo do Acadêmico Moacyr Scliar, que falará sobre “A medicina nos tempos de Euclides da Cunha”; no dia 15, realiza-se mesa-redonda, também coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e da qual participam como expositores Márcio José Lauria, José Arthur Rios e Gláucia Villas Bôas. No dia 20, o Acadêmico Cícero Sandroni discorrerá sobre “Euclides da Cunha jornalista”; no dia 27, a conferência sobre “A recepção de *Os Ser-*

tões” será proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho; e, finalmente, no dia 3 de novembro, outra mesa-redonda sobre “A Canudos de Euclides da Cunha: um tratado sobre milenarismo?”. Expositores: Padre João Batista Libânio, Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

UMA PAIXÃO – Realiza-se hoje, dia 8 de outubro, no *Petit Trianon*, o lançamento do livro *Língua Portuguesa: uma Paixão*, do Acadêmico Arnaldo Niskier (Editora A União). A distribuição será gratuita, mediante a apresentação do convite.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Comemora-se hoje, dia 8 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Eduardo Portella, que ocupa a Cadeira 27 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – A Câmara Municipal de São José do Rio Pardo concedeu, por unanimidade, ao Acadêmico Cícero Sandroni o título de Visitante Ilustre, que lhe será entregue amanhã, dia 9 do corrente, ocasião em que profere a conferência oficial da Semana Euclidiana.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado encontra-se nos Estados Unidos, onde fez uma palestra e participou de uma sessão discutindo seus livros, na “8.ª Conferência Regional da Organização Internacional do Livro Infantil”, IBBY, em Saint-Charles, Illinois, realizada de 2 a 4 do corrente. Esta semana tem programada uma série de leituras e debates sobre sua obra de ficcionista, com estudantes e professores universitários, organizadas pelo Consulado Geral do Brasil em Chicago. Em seguida, vai para Nova Iorque, onde representa a ABL no “Encontro Internacional de Escritoras”, de 13 a 16 de outubro, organizado pelo *Brazilian Endowment for the Arts*.

## ESPAÇO CULTURAL E CAFÉ LITERÁRIO EVANILDO BECHARA –

Realiza-se no dia 13 do corrente, às 20 horas, na Rua Martins Costa, 36 – Piedade (entrada lateral da Universidade Gama Filho), a inauguração do “Espaço Cultural e Café Literário Evanildo Bechara”, onde haverá o lançamento do *Minidicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*.

## NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – A

convite da *Fundación Cultural Hispano-Brasileña*, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir, na semana de 12 a 16 de outubro, quatro conferências sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto nas cidades de Salamanca, Madri, Barcelona e Sevilha.

## NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A escritora Nélida

Piñon viajou para Nova Iorque, onde lançou e promoveu o seu livro *Vôzes do Deserto*, pela Editora Randon House, traduzido por Clifford E. Landers. Houve lançamento público no dia 15 de setembro, no auditório do *Americas Society*, com leitura de um trecho pela renomada atriz da Broadway, Maria Tucci, seguida por palestra e debate com a autora. A escritora também deu entrevistas para programas de TV, rádio e jornais. Participou também, dia 30 de setembro, da “Maratona Escolar Joaquim Nabuco”, fazendo a palestra de abertura do evento no Rio de Janeiro, no auditório do Colégio Estadual Júlia Kubitschek.

ANO XLIV – N.º 36

*Em 15 de outubro de 2009*

## CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia

Brasileira de Letras celebra o “Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min. Prosseguindo, nos meses de outubro e novembro, hoje, dia 15 de outubro, realiza-se mesa-

-redonda, também coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e da qual participam como expositores Márcio José Lauria, José Arthur Rios e Gláucia Villas Bôas. No dia 20, o Acadêmico Cícero Sandroni discorrerá sobre “Euclides da Cunha jornalista”; no dia 27, a conferência sobre “A recepção de *Os Sertões*” será proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho; e, finalmente, no dia 3 de novembro, outra mesa-redonda sobre “A Canudos de Euclides da Cunha: um tratado sobre milenarismo?”. Expositores: Padre João Batista Libânio, Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Comemorou-se no dia 13 de outubro o aniversário natalício do Acadêmico Murilo Melo Filho, que ocupa a Cadeira 20 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado encontra-se em Nova Iorque, onde representa a ABL no “Encontro Internacional de Escritoras”, de 13 a 16 de outubro, organizado pelo *Brazilian Endowment for the Arts*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 21 do corrente, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin participa do “I Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena – Andanças prodigiosas da literatura”, na UFRJ, com palestra sobre a poesia de Alphonsus de Guimaraens. No dia 28 de outubro, na “Jornada Literária de Passo Fundo”, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin profere a conferência “Poetas em família: Bandeira, Drummond e Cabral”.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon viajou para Espanha, onde está fazendo a promoção do seu livro *Coração Andarilho*, recém-publicado pela Editora Alfaguara. Percorrerá as cidades de Madri, Santiago de Compostela, Barcelona e Múrcia. No dia 8 de outubro dialogou com o jornalista Juan Cruz, do *El País*, durante o “Festival Vivamérica” (de Arte de Madri), que se realizou na Casa de América.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho proferiu conferência no X Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ sobre “O novo Acordo Ortográfico e a Lusofonia”. Representou também a ABL, por delegação do Presidente Cícero Sandroni, na sessão de saudade da Academia Carioca de Letras em homenagem a Antonio Olinto. Participou de encontro de cultura na Ilha de Paquetá, com palestra seguida de debates sobre o tema “A importância da literatura”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar, durante o mês de setembro de 2009, proferiu conferências sobre Joaquim Nabuco em Porto Alegre, Vitória e Fortaleza, com grande participação de público.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar ministrou palestra no “Festival de Literatura Brasileira”, promovido em Washington pela Embaixada Brasileira e a Universidade Georgetown. A convite do Embaixador João Almino, titular do Consulado Brasileiro em Chicago, ministrou palestra na Universidade de Chicago e no Instituto Cervantes. Fez a palestra inaugural no Ciclo “Literatura e Jornalismo”, promovido pelo SESC de Curitiba. Proferiu palestras também na cidade de Joinville, SC.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO P.E.N. CLUB FRANÇAIS - O Acadêmico Lêdo Ivo, que se encontra em Paris, filiou-se, no dia 8 último, ao P.E.N. Club Français e à *Fédération des P.E.N. Clubs*. A filiação, na condição de membro titular, se fez a convite e por proposta do seu presidente, o poeta Sylvestre Clancier, e ocorreu em solenidade a que compareceram numerosos escritores e poetas da França.

ANO XLIV – N.º 37

*Em 22 de outubro de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras celebra o “Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Esse ciclo teve início no dia 11 de agosto, terça-feira, às 17h30min. Prosseguindo, nos meses de outubro e novembro, no dia 15 de outubro, realizou-se mesa-redonda, também coordenada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e da qual participaram como expositores Márcio José Lauria, José Arthur Rios e Gláucia Villas Bôas. No dia 20, o Acadêmico Cícero Sandroni discorreu sobre “Euclides da Cunha jornalista”; no dia 27, a conferência sobre “A recepção de *Os Sertões*” será proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho; e, finalmente, no dia 3 de novembro, outra mesa-redonda sobre “A Canudos de Euclides da Cunha: um tratado sobre milenarismo?”. Expositores: Padre João Batista Libânio, Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

“13.ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA DA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO” – O Presidente da Academia, Acadêmico Cícero Sandroni, estará nos dias 26 e 27 do corrente em Passo Fundo participando da “13.ª Jornada Nacional de Literatura” daquela cidade. No dia 27 fará uma conferência sobre “Euclides da Cunha Jornalista.”

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Comemora-se hoje, dia 22, o aniversário natalício do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que ocupa a Cadeira 7 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer está participando do “Colóquio Internacional” sediado na Universidade de Turim, Itália, que celebra o centenário do nascimento de Norberto Bobbio. Falou, na abertura do Colóquio, no dia 15 de outubro, no painel “Os

ideais de Bobbio: balanço e perspectivas”, abordando o tema “Paz e Guerra no Terceiro Milênio”. Hoje, dia 22 de outubro, encontra-se em Paris, no Instituto da União Europeia para Estudos de Segurança, participando da Conferência “Organizando um Mundo Pós-Crise”, onde participa do painel sobre “Construção da Paz, Justiça Internacional e Direitos Humanos: Princípios para um Esforço em Comum”. Ainda em Paris, participará, amanhã, dia 23 de outubro, na CERI-Sciences Po, da Conferência “1989 – Um Evento Mundial”, que discutirá a queda do muro de Berlim. Será o coordenador da mesa-redonda que abordará o tema “A Repercussão Mundial do Ano de 1989”. Encerrará sua viagem em Marrakech, onde participará, de 30 de outubro a 1º de novembro, da “Conferência Mundial sobre Política Internacional”, promovida pelo Instituto Francês de Relações Internacionais, voltado para discutir os desafios da governança mundial.

GRANDE COLAR DO MÉRITO SERZEDELO CORREIA – O Tribunal de Contas da União concedeu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o grande colar do Mérito Serzedelo Correia. Na ocasião, também foi conferida igual honraria ao Vice-Presidente José Alencar, ambas por unanimidade de votos do Colegiado de Ministros.

MEDALHA SANTOS DUMONT – Os Acadêmicos Ivan Junqueira e Affonso Arinos de Mello Franco estarão na cidade de Santos Dumont, MG, no próximo dia 26 do corrente, para receber da mão do Governador Aécio Neves a “Medalha Santos Dumont”, no Grau Ouro.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon participou nos dias 15, 16 e 17, em Lisboa e em Penafiel, das celebrações e entrega do Prêmio José Saramago, de que foi jurada e onde também falou sobre a obra do autor.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira estará em Fortaleza de 6 a 8 de novembro próximo na condição de presidente do júri do Prêmio Gerardo Mello Mourão, promovido pelo

Ideal Clube e que contemplará com R\$ 30.000,00 o melhor livro inédito de poesia cearense publicado neste ano.

EMPREENDEDORISMO – Hoje, dia 22, na Associação Comercial do Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre “Empreendedorismo e Educação”.

ANO XLIV – N.º 38

*Em 29 de outubro de 2009*

CENTENÁRIO DE MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA – A Academia Brasileira de Letras está celebrando desde o dia 11 de agosto o “Centenário de Morte de Euclides da Cunha” com um ciclo de conferências sob a coordenação geral do Presidente Cícero Sandroni e coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Este ciclo será encerrado no dia 3 de novembro com uma mesa-redonda sobre “A Canudos de Euclides da Cunha: um tratado sobre milenarismo?”. Expositores: Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Luiz Paulo Horta e Tarcísio Padilha.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO – Comemora-se no dia 31 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico João de Scantimburgo, que ocupa a Cadeira 36 do Quadro dos Membros Efetivos.

O SONHO POSSÍVEL – Hoje, dia 29 de outubro, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará na *Columbia University*, Nova York, sobre “Brasil 2016: educação de qualidade, um sonho possível”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Comemora-se no próximo dia 3 de novembro o aniversário natalício do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral da ABL, na qual ocupa a Cadeira 37 do Quadro dos Membros Efetivos.

MEDALHA RUI BARBOSA – A Fundação Casa de Rui Barbosa conferiu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a Medalha Rui Barbosa, destinada a homenagear personalidades que se destacaram na prestação de serviços à cultura do país.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 23 a 28 de outubro o Acadêmico Ivo Pitanguy esteve em Seattle, Washington, participando do “*Facial Symposium*” e do “*Annual Meeting of the American Society of Plastic Surgeons*”. No dia 23 falou sobre a sua experiência na Cirurgia da Face com o tema: “*Personal Experience in Facial Rejuvenation*”. No dia 26, apresentou a *Maliniac Lecture* a convite da Organização da *American Society of Plastic Surgeons* em homenagem a seu fundador, Dr. Jacques Maliniac. Hoje, dia 29 do corrente, o Acadêmico Ivo Pitanguy encontra-se em Nova Iorque, onde, a convite da *Columbia University*, proferirá conferência sobre: “*Brazil as an Emerging Player in Science & Medicine*”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – A *Folha de S. Paulo* publicou o artigo “Montenegro é valor absoluto do teatro”, do Acadêmico Sábato Magaldi, sobre os 80 anos da atriz Fernanda Montenegro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar, a convite da Secretaria de Cultura de Caçapava, proferiu, no dia 21, conferência sobre a criação literária. No dia 26 de novembro fará conferência sobre Cecília Meireles na Casa Fernando Pessoa, em Portugal.

REPRESENTANTE DA ABL NO CENTENÁRIO DA ACADEMIA MINEIRA – Representando a ABL e o seu Presidente Cícero Sandroni, esteve em Belo Horizonte o Acadêmico Murilo Melo Filho, que discursou durante a comemoração do Centenário de Fundação da Academia Mineira de Letras, constante de uma sessão solene na Assembleia Legislativa, sob a presidência do Acadêmico Alberto Coelho e com a presença de numerosos deputados. Agradecendo a homenagem, falou o Acadêmico Murilo Badaró, presidente da AML.

## NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

– De 23 de outubro a 5 de novembro, o Acadêmico Evanildo Bechara encontra-se em Portugal para participar de atividades em representação da ABL. Em Coimbra falará, a convite, na Universidade, no Centro de Língua e Literatura, sobre a reforma ortográfica, as normas técnicas que presidiram a confecção da 5.ª edição do *VOLP*, a participação dos principais órgãos da imprensa brasileira na adoção das Bases do Acordo, bem como das relações entre a 5.ª ed. do *VOLP* e o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Porto Editora, lançado em Lisboa, em 21 de outubro, elaborado com a participação do prof. Dr. João Malaca Casteleiro, integrante da Comissão da Academia das Ciências de Lisboa, que redigiu o novo Acordo Ortográfico.

ANO XLIV – N.º 39

*Em 05 de novembro de 2009*

## LANÇAMENTO DA POESIA BILÍNGUE DE NICANOR PARRA E VINICIUS

*DE MORAES* – Será apresentada no dia 7 do corrente, na Feira do Livro de 2009, em Santiago do Chile, a edição bilíngue da *Poesia de Nicanor Parras e Vinicius de Moraes*, edição da Academia Brasileira de Letras e da *Academia Chilena de la Lengua*. Estarão presentes o atual Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, o ex-Presidente Marcos Vinicius Vilaça e o Acadêmico Carlos Nejar, que fez a introdução e a tradução de Nicanor Parra.

## ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS

*DE MELLO FRANCO* – Comemora-se no próximo dia 11 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que ocupa a Cadeira 17 do Quadro dos Membros Efetivos.

FOTOBIOGRAFIA DE MARCOS VILAÇA – Segunda-feira, dia 9 de novembro, será lançada a fotobiografia *Marcos Vilaça, Singular e Plural*, às 19 horas, na Livraria Argumento, Rua Dias Ferreira, 4.170, Leblon. A edição é da Casa da Palavra. Coordenação de José Mário Pereira e texto introdutório

de Luciano Trigo. Constam do livro depoimentos de acadêmicos, ministros e jornalistas. O produto das vendas será destinado ao Retiro dos Artistas e os Acadêmicos receberão, na ocasião, os seus exemplares.

#### NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

– O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara encontra-se em Vila Real participando do Congresso patrocinado pela Sociedade de Historiografia Linguística, no qual falará amanhã, dia 6, sobre Manuel de Melo (1834-1884), filólogo português autor de *Da Gótica em Portugal*, começado em 1871 e só publicado postumamente, em 1889, no Rio de Janeiro, embora esteja na folha de rosto a data de 1872.

#### NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO

– Foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ, a tese de mestrado “Sociologia Jurídica e Mudança Social em Evaristo de Moraes Filho”, de autoria de Jefferson Almeida Silva, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Gláucia Villas Boas.

#### NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco participou de debate no “Simpósio Internacional Universidade Santa Úrsula 2009” sobre “A Justiça na Mundialização”.

#### MEMORIAL DE LÊDO IVO

– Por iniciativa do Governo do Estado de Alagoas, foi criado e está sendo instalado em Maceió, no antigo Palácio Floriano Peixoto (tombado como monumento histórico nacional), o Memorial de Lêdo Ivo, que vai reunir e guardar vasta documentação sobre a vida e a obra do Acadêmico alagoano. Além de sua dimensão cultural e educacional, o referido Memorial, a ser inaugurado pelo governador Teotônio Vilela dentro de alguns meses, vai figurar no roteiro turístico do Estado de Alagoas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De hoje a 7 de novembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy está no México para ser homenageado pela “*Asociación Mexicana de Cirugía Plástica, Estética y reconstructiva*”. Na ocasião, o Acadêmico Ivo Pitanguy falará sobre Filosofia e Experiência na Cirurgia do Contorno Corporal e receberá prêmio em reconhecimento às suas contribuições cirúrgicas, pesquisa e ensino da especialidade e atendimento a pacientes carentes na Santa Casa de Misericórdia do RJ.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 28 passado, na “Jornada Nacional de Literatura”, em Passo Fundo, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu a conferência “Bandeira, Drummond, Cabral: poetas em família”. No dia 29, proferiu, na Faculdade CCAA, a palestra “Euclides da Cunha”. Ontem, dia 4, fez a conferência de abertura do “XV Congresso da Associação de Estudos da Linguagem, na UFRJ: A cidade dos poetas: São Paulo, de Mário de Andrade e de Caetano Veloso”.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve participando da Feira do Livro em Porto Alegre, dia 3 passado, quando se apresentou para um encontro com leitores no projeto Autor no Palco, seguido de uma sessão de autógrafos. Dia 9 estará em Vitória para o lançamento do programa “Leia, Espírito Santo”, organizado pela Secretaria Estadual de Educação.

ANO XLIV – N.º 40

*Em 05 de novembro de 2009*

ENCONTRO DAS ACADEMIAS BRASILEIRA DE LETRAS E DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – Realiza-se nos dias 17 e 18 do corrente, às 10 horas, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o Encontro entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Representando a Academia das Ciências de Lisboa estão o Prof. Doutor Adriano José

Alves Moreira, Presidente da Classe de Letras e Vice-Presidente da ACL, e a Professora Doutora Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira – Acadêmica Efetiva da Seção de Filosofia e Linguística da Classe de Letras da mesma Academia.

CELEBRAÇÃO DOS CINQUENTA ANOS DA MORTE DE VILLA-LOBOS – Teve início no dia 10 do corrente o “Ciclo 50 anos de morte de Villa-Lobos”, sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni. A coordenação esteve a cargo do Acadêmico Luiz Paulo Horta, que discorreu sobre o tema: “Villa-Lobos: síntese do Brasil”. Sob a coordenação do Acadêmico Luiz Paulo Horta, realizam-se mais duas conferências: no dia 17, a cargo de José Miguel Wisnik, sob o título “Villa-Lobos e o Modernismo”; e, no dia 24, Jocy de Oliveira falará sobre “Villa-Lobos: sua presença na cultura moderna do Brasil”.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Dia 3, passado, em cerimônia presidida pelo Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Aloísio Teixeira, a UNESCO (Paris) e o Fórum de Ciência e Cultura da Praia Vermelha homenagearam o Acadêmico Eduardo Portella pelos seus dez (10) anos à frente do Comitê “Caminhos do Pensamento”, reunindo personalidades expressivas da França, do Brasil e da América Latina.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon durante sua estada na Europa participou da Feira Regional del Libro de Múrcia, onde proferiu palestra sobre “A Imigração na Literatura Hispano-Americana” e também autografou seu livro *Corazón Andariego*, recém-lançado na Espanha pela editora Alfaguara. De volta a Madrid, continuou a promover o seu livro até seu retorno ao Brasil. Segue no dia 19 de novembro para Buenos Aires, onde participará do “X Foro Iberoamérica”, de que é membro fundador e que é presidido por Carlos Fuentes e pelo ex-presidente do Chile, Ricardo Lagos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 7, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu a conferência “Per-nambuCabral”, na Feira Literária de Porto de Galinhas (FliPorto). No dia 10 participou, em São Paulo, do júri final do Prêmio de Literatura Portugal Telecom. Em 18 de novembro, vai proferir a conferência “Canudos, Euclides, poesia”, na Universidade Estadual de Feira de Santana. No mesmo dia, em Salvador, será empossado como membro correspondente da Academia de Letras da Bahia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 13 a 17 de novembro, o Acadêmico Pitanguy participará do “46.º Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica”, em São Paulo. Falará sobre a “Importância Estética da Mama - Experiência em torno de 10.796 casos”. A Regional São Paulo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, da qual o Acadêmico é o patrono, o homenageará nomeando uma das salas da nova sede da entidade: “Sala Professor Ivo Pitanguy”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira encontra-se hoje em Fortaleza, devendo permanecer ali até o dia 15 de novembro na condição de presidente do júri do Prêmio Gerardo Mello Mourão, promovido pelo Ideal Clube, que contemplará com R\$ 30.000,00 o melhor livro de poesia cearense publicado neste ano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo vai receber no próximo domingo, em Maceió, durante as festividades comemorativas do 15 de novembro, a Medalha do Mérito da República Marechal Deodoro da Fonseca. É a mais alta condecoração do Estado de Alagoas e lhe foi conferida pelo Governador Teotônio Vilela, “como reconhecimento à sua notável contribuição à cultura de Alagoas e do país”.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado encontra-se em Toronto, Canadá, de 11 a 14 de novembro, para a Reunião de Cúpula sobre Leitura e Democracia, organizada

pelo Ministério da Educação local. Além de participar das discussões para a formulação de uma política pública para o setor, com plano de metas para os próximos três anos, fez a conferência de abertura do encontro, sobre o tema: “Leitura além da alfabetização”.

ANO XLIV – N.º 41

*Em 19 de novembro de 2009*

CENTENÁRIO DA MORTE DE LÚCIO DE MENDONÇA – Celebra-se hoje, dia 19 de novembro, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., com uma mesa-redonda, o centenário da morte de Lúcio de Mendonça. Coordenada pelo Acadêmico Cícero Sandroni, participarão o Acadêmico Alberto Venancio Filho e a escritora Cecília Junqueira.

CELEBRAÇÃO DOS CINQUENTA ANOS DA MORTE DE VILLA-LOBOS – Teve início no dia 10 do corrente o “Ciclo 50 anos de morte de Villa-Lobos”, sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni. Falou o Acadêmico Luiz Paulo Horta sobre o tema: “Villa-Lobos: síntese do Brasil”. Sob a coordenação do Acadêmico Luiz Paulo Horta, realizou-se no dia 17 uma conferência a cargo de José Miguel Wisnik sob o título “Villa-Lobos e o Modernismo” e, no dia 24, a conferência será proferida por Jocy de Oliveira sobre “Villa-Lobos: sua presença na cultura moderna do Brasil”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer participou, em João Pessoa, PB, no período de 9 a 10 de novembro, do “V Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB”, na qual proferiu a conferência “Norberto Bobbio: Democracia, Direitos Humanos e Relações Internacionais”, dedicada ao centenário do nascimento de Bobbio e promovido pela Universidade Federal da Paraíba. Ministrou a conferência de abertura do Seminário, no dia 9 de novembro, abordando o tema “Paz e guerra na primeira década do século XXI: os ideais e os conceitos de Bobbio, balanço e perspectivas”. No dia 10 de novembro participou, como

debatedor, de mesa-redonda, integrada pelos professores Marco Aurélio Nogueira, Rubens Pinto Lyra e pelo Ministro Paulo Vannuchi, que discutiu “Democracia e Direitos Humanos em Bobbio”.

**NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO** – Foi inaugurada na Ilha de Paquetá, por iniciativa da comunidade, a Biblioteca Volante Acadêmico Domício Proença Filho, aberta à consulta pública. Saiu, pela Editora Record, o livro de sua autoria, *Nova Ortografia da Língua Portuguesa (Guia Prático)*. O Acadêmico participou, na última semana, da 55.ª Feira do Livro de Porto Alegre. Encaminhou também à Editora José Olympio texto de apresentação da nova edição do romance *Pureza*, de José Lins do Rego.

**NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA** – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça será homenageado com o diploma de “Personalidade da Neolatinidade de 2009”, pelo “3.º Festival Internacional de Culturas, Línguas e Literaturas Neolatinas”, que reúne 27 países, dia 24, no Recife.

**AS NOVAS PROFISSÕES** – No dia 17, na Escola Superior de Guerra, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou conferência sobre “As novas profissões do petróleo e gás”.

**NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON** – No dia 24 de novembro, terça-feira, a Acadêmica Nélide Piñon receberá, em cerimônia pública, o prêmio “Escritora da Neolatinidade 2009”, outorgado pelo “Festival Internacional de Culturas, Línguas e Literaturas Neolatinas”. Nesta ocasião, fará uma palestra. O encontro se estende até o dia 27 de novembro.

**10 ANOS SEM ANTONIO HOUAISS** – Realiza-se no *Petit Trianon*, no dia 26 de novembro, quinta-feira, de 10h às 12h 30min, o seminário “10 anos sem Antonio Houaiss”, sob a coordenação de Cícero Sandroni, com a participação dos Acadêmicos Ivan Junqueira, Evanildo Cavalcante Bechara, Affonso Arinos de Mello Franco e dos Senhores Dr. Renato Diniz Kovach, Roberto Amaral e Mauro Villar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira estará, no próximo dia 29, no Sesc-Pompeia, em São Paulo, onde fará uma conferência sobre o tema “A arte de Baudelaire” em seminário organizado por aquela instituição.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva foi eleito Acadêmico Correspondente da Academia Nacional de História da Argentina.

ANO XLIV – N.º 42  
*Em 26 de novembro de 2009*

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO - Realiza-se no próximo dia 3 de dezembro a apresentação da prestação de contas e proposta orçamentária para o exercício de 2010. No dia 10, será realizada a eleição da Diretoria para o exercício de 2010. No dia 17 de dezembro, terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o chá oferecido às senhoras e viúvas de Acadêmicos; e às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria eleita para 2010.

10 ANOS SEM ANTONIO HOUAISS – Realizou-se no *Petit Trianon*, hoje, dia 26 de novembro, de 10h às 15h 30min, o seminário “10 anos sem Antônio Houaiss”, sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni, com a participação dos Acadêmicos Ivan Junqueira, Evanildo Cavalcante Bechara, Affonso Arinos de Mello Franco e dos Senhores Dr. Renato Diniz Kovach, Francisco de Mello Franco, Roberto Amaral e Mauro Villar.

“1939 – O TRÓPICO, REFÚGIO DE INTELLECTUAIS E ARTISTAS EUROPEUS” – Terá início no dia 1.º de dezembro, terça-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., sob a coordenação geral do Acadêmico Cícero Sandroni, o ciclo de conferências “1939 – O Trópico, Refúgio de

Intelectuais e Artistas Europeus”. No primeiro dia do ciclo a coordenação será da Acadêmica Ana Maria Machado. O Acadêmico Ivan Junqueira falará sobre Otto Maria Carpeaux, a escritora Bárbara Freitag sobre Stefan Zweig e o Acadêmico Lêdo Ivo sobre George Bernanos.

**MEDALHA TIRADENTES** – A Academia Brasileira de Letras recebe no próximo dia 7 de dezembro a Medalha Tiradentes, que lhe foi outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, por proposta do deputado Armando José. A cerimônia de entrega do diploma ao Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, será realizada nessa data, às 18h 30min, no Plenário Barbosa Lima Sobrinho, do Palácio Tiradentes.

**“III FESTLATINO”** – A Comissão Organizadora do “III Festlatino” convidou o Presidente da Academia para pronunciar a conferência de abertura na sessão solene do dia 24 de novembro, realizada no Salão Nobre do Gabinete Português de Leitura do Recife. Naquela ocasião foram homenageados, recebendo o Diploma de “Personalidade da Neolatinidade 2009”, os Acadêmicos Cícero Sandroni e Marcos Vinícios Vilaça. A Acadêmica Nélida Piñon recebeu o prêmio “Escritora Símbolo da Neolatinidade – 2009”.

**NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA** – O Acadêmico Ivan Junqueira estará, no próximo dia 29, no Sesc-Pompeia, em São Paulo, onde fará uma conferência sobre o tema “A arte de Baudelaire” em seminário organizado por aquela instituição.

**ENTREGA DO PRÊMIO RACHEL DE QUEIROZ** – Realiza-se hoje, no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h 30min, a entrega do Prêmio Rachel de Queiroz, no concurso realizado pelos Fuzileiros Navais.

**NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO** – Em sua visita à Maceió, o Acadêmico Lêdo Ivo esteve presente à solenidade de entrega da medalha com seu nome, instituída pela Assembleia Legislativa do Estado de Alagoas e atribuída anualmente a personalidades que se tenham destacado na área

cultural. Neste ano, o primeiro de sua atribuição, a Medalha Lêdo Ivo coube à historiadora Lêda Guerra e ao escritor Carlito Lima.

#### NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

– O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara esteve representando a Academia Brasileira de Letras no “Congresso de Língua Portuguesa”, realizado pela Academia de Letras de Brasília, nos dias 19, 20 e 21. Nessa ocasião proferiu palestra sobre a Língua Portuguesa no Brasil.

LIVROS PARA OS VENCEDORES – Os cinco alunos selecionados como vencedores da “Maratona Escolar Euclides da Cunha”, promovida pela Secretaria Municipal de Educação, receberam livros editados pela Academia Brasileira de Letras, entre os quais o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, a Coleção *Teatro Antonio Callado* e o *Almanaque Machado de Assis*.

ANO XLIV – N.º 43  
*Em 03 de dezembro de 2009*

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO - Realiza-se hoje, dia 3 de dezembro, a apresentação da prestação de contas e da proposta orçamentária para o exercício de 2010. No dia 10 será a eleição da Diretoria para o exercício de 2010. No dia 17 de dezembro terá lugar, na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria eleita para 2010.

REFLEXÕES SOBRE DOIS CENTENÁRIOS – Realiza-se hoje, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr. a mesa-redonda “Reflexões sobre dois centenários: Norberto Bobbio e Isaiah Berlin”. Com moderação do Acadêmico Alberto Venancio Filho, participarão os Acadêmicos Celso Lafer e Sérgio Paulo Rouanet.

LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, dia 3 de dezembro, às 19h, na Livraria Argumento da Rua Dias Ferreira, 417, Leblon, o lançamento da *Nova Ortografia da Língua Portuguesa*, do Acadêmico Domício Proença Filho.

“1939 – O TRÓPICO, REFÚGIO DE INTELLECTUAIS E ARTISTAS EUROPEUS” – Teve início no dia 1º de dezembro, terça-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., sob a coordenação geral do Acadêmico Cícero Sandroni o ciclo de conferências “1939 – O Trópico, Refúgio de Intelectuais e Artistas Europeus”. No dia 8 de dezembro, este ciclo será coordenado pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e terá a participação de Alessandra Vanucci sobre Ruggero Jacobi, de Bárbara Heliódora sobre Ziembinski e de Vera d’Horta sobre Lasar Segall. O encerramento no dia 15 de dezembro, no mesmo horário, estará sob a coordenação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, com a participação de Jacó Guinsburg sobre Anatol Rosenfeld, de Felipe Fortuna sobre Paulo Rónai e de Ignácio Loyola Brandão sobre Curt Meyer-Clason.

ENTREGA DO PRÊMIO EUCLIDES DA CUNHA – Realiza-se no próximo dia 8 do corrente, às 15 horas, na Sala José de Alencar, a entrega do Prêmio Euclides da Cunha à Sra. Elaine Tennant, viúva do premiado professor norte-americano Frederic Amory, recentemente falecido. O Sr. Leopoldo Bernucci fará na ocasião uma curta palestra sobre o tema: “Processo de organização e pesquisa da biografia e os critérios adotados para a sua escritura”.

NABUCO – No dia 10 de dezembro, na Confederação Nacional do Comércio, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará uma conferência sobre Joaquim Nabuco, com o título “O abolicionista”.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA NO IPHAN – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça teve seu nome reconduzido para o novo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, por ata do Governo Federal, com mandato de quatro anos.

LANÇAMENTO DA SÉRIE ESSENCIAL – Realiza-se no próximo dia 10 de dezembro, às 17h 30min, no *Petit Trianon*, o lançamento da Série Essencial, nova coleção que propõe oferecer informações básicas sobre cada um dos ocupantes das 40 Cadeiras da ABL ao longo da História, bem como sobre os patronos da instituição. Serão lançados nesta Série 10 títulos: 1. *Oswaldo Cruz* – Moacyr Scliar; *Antônio Houaiss* – Afonso Arinos, filho; 3. *Peregrino Júnior* – Arnaldo Niskier; 4. *João do Rio* – Lêdo Ivo; 5. *Gustavo Barroso* – Elvia Bezerra; 6. *Rodolfo Garcia* – Maria Celeste Garcia; 7. *Pedro Rabelo* – Ubiratan Machado; 8. *Afonso Arinos de Melo Franco* – Afonso Arinos, filho; 9. *Laurindo Rabelo* – Fábio Frohwein de Salles Moniz; e 10. *Arthur Azevedo* – Sábato Magaldi.

DIREITO E LITERATURA – O Núcleo de Debates entre Direito e Literatura do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul convidou o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, para o encerramento das suas atividades de 2009, no dia 11 de dezembro, às 18 horas, no Palácio Piratini, quando fará uma palestra sobre “Euclides da Cunha, o jornalista”. Às 17h 30min haverá a solenidade de Outorga da Comenda Ordem do Poncho Verde do Governo do Estado do Rio Grande do Sul aos Acadêmicos Cícero Sandroni, Carlos Nejar e Moacyr Scliar.

ANO XLIV – N.º 44  
*Em 10 de dezembro de 2009*

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO - Realiza-se hoje, dia 10 de dezembro, a eleição da Diretoria para o exercício de 2010. No dia 17 de dezembro terá lugar, na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria eleita para 2010.

**CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS -TOMO II- 1870 - 1889 –**  
Realiza-se hoje, 10 de dezembro, às 17h 30min, no *Petit Trianon*, o lançamento da *Correspondência de Machado de Assis – Tomo II - 1870 – 1889*, coordenação e orientação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério.

**ANTOLOGIA POÉTICA –** Realiza-se hoje, dia 10 de dezembro, às 17h 30min, no 1.º andar do Centro Cultural do Brasil, da ABL, o lançamento da *Antologia Poética*, de Izacyl Guimarães Ferreira. O livro tem apresentação dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Ivan Junqueira.

**“1939 – O TRÓPICO, REFÚGIO DE INTELLECTUAIS E ARTISTAS EUROPEUS” –** Teve início no dia 1.º de dezembro, terça-feira, às 17h30min, no Teatro R.Magalhães Jr., sob a coordenação geral do Acadêmico Cícero Sandroni, o ciclo de conferências “1939 – O Trópico, Refúgio de Intelectuais e Artistas Europeus”. No dia 8 de dezembro, este ciclo foi coordenado pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e teve a participação de Alessandra Vanucci sobre Ruggero Jacobi, de Bárbara Heliadora sobre Ziembinski e de Vera d’Horta sobre Lasar Segall. O encerramento no dia 15 de dezembro, no mesmo horário, estará sob a coordenação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, com a participação de Jacó Guinsburg sobre Anatol Rosenfeld, de Felipe Fortuna sobre Paulo Rónai e de Ignácio Loyola Brandão sobre Curt Meyer-Clason.

**NABUCO –** Hoje, dia 10 de dezembro, na Confederação Nacional do Comércio, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará uma conferência sobre Joaquim Nabuco, com o título “O abolicionista”.

**LANÇAMENTO DA SÉRIE ESSENCIAL –** Realiza-se hoje, dia 10 de dezembro, às 17h30min, no *Petit Trianon*, o lançamento da Série Essencial, que propõe oferecer informações básicas sobre cada um dos ocupantes das 40 cadeiras da ABL ao longo da História, bem como sobre os patronos da instituição. Serão lançados nesta Série 10 títulos: I. *Oswaldo Cruz – Moacyr*

Scliar; *Antônio Houaiss* – Afonso Arinos, filho; 3. *Peregrino Júnior* – Arnaldo Niskier; 4. *João do Rio* – Lêdo Ivo; 5. *Gustavo Barroso* – Elvia Bezerra; 6. *Rodolfo Garcia* – Maria Celeste Garcia; 7. *Pedro Rabelo* – Ubiratan Machado; 8. *Afonso Arinos de Melo Franco* – Afonso Arinos, filho; 9. *Laurindo Rabelo* – Fábio Frohwein de Salles Moniz; e 10. *Arthur Azevedo* – Sábato Magaldi.

DIREITO E LITERATURA – O Núcleo de Debates entre Direito e Literatura do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul convidou o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, para o encerramento das suas atividades de 2009, no dia 11 de dezembro, às 18 horas, no Palácio Piratini, quando fará uma palestra sobre “Euclides da Cunha, o jornalista”. Às 17h 30min haverá a solenidade de Outorga da Comenda Ordem do Poncho Verde do Governo do Estado do Rio Grande do Sul aos Acadêmicos Cícero Sandroni, Carlos Nejar e Moacyr Scliar.

HOMENAGEM A RACHEL DE QUEIROZ – Por sugestão da Secretária de Educação do Município do Rio de Janeiro, Cláudia Costin, será realizada em 2010 a “Maratona Escolar Rachel de Queiroz”, para comemorar o centenário de nascimento da autora de *O Quinze*. É um concurso de redações para jovens das escolas da rede pública de ensino.

MARATONA – Eis os nomes dos alunos vencedores da “Maratona Escolar Nacional sobre Joaquim Nabuco”, validada pela ABL, com a colaboração da Caixa Econômica Federal: Ana Rita Araújo (Paraíba), Geysiane Barbosa Prado (Pernambuco), Geraldo Pereira Neto (Rio de Janeiro), Jadher Assunção Cambeú Alves (Bahia) e Júlia Bortoloto de Albuquerque (São Paulo). A menção honrosa foi dada à redação do aluno Diego César Soares Ribeiro (Rio de Janeiro). A premiação é em viagens.